COLLECTION: LACUNA COIL PLAYLIST: ESPECIAL STRESS

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Os muitos mundos do

KREATOR

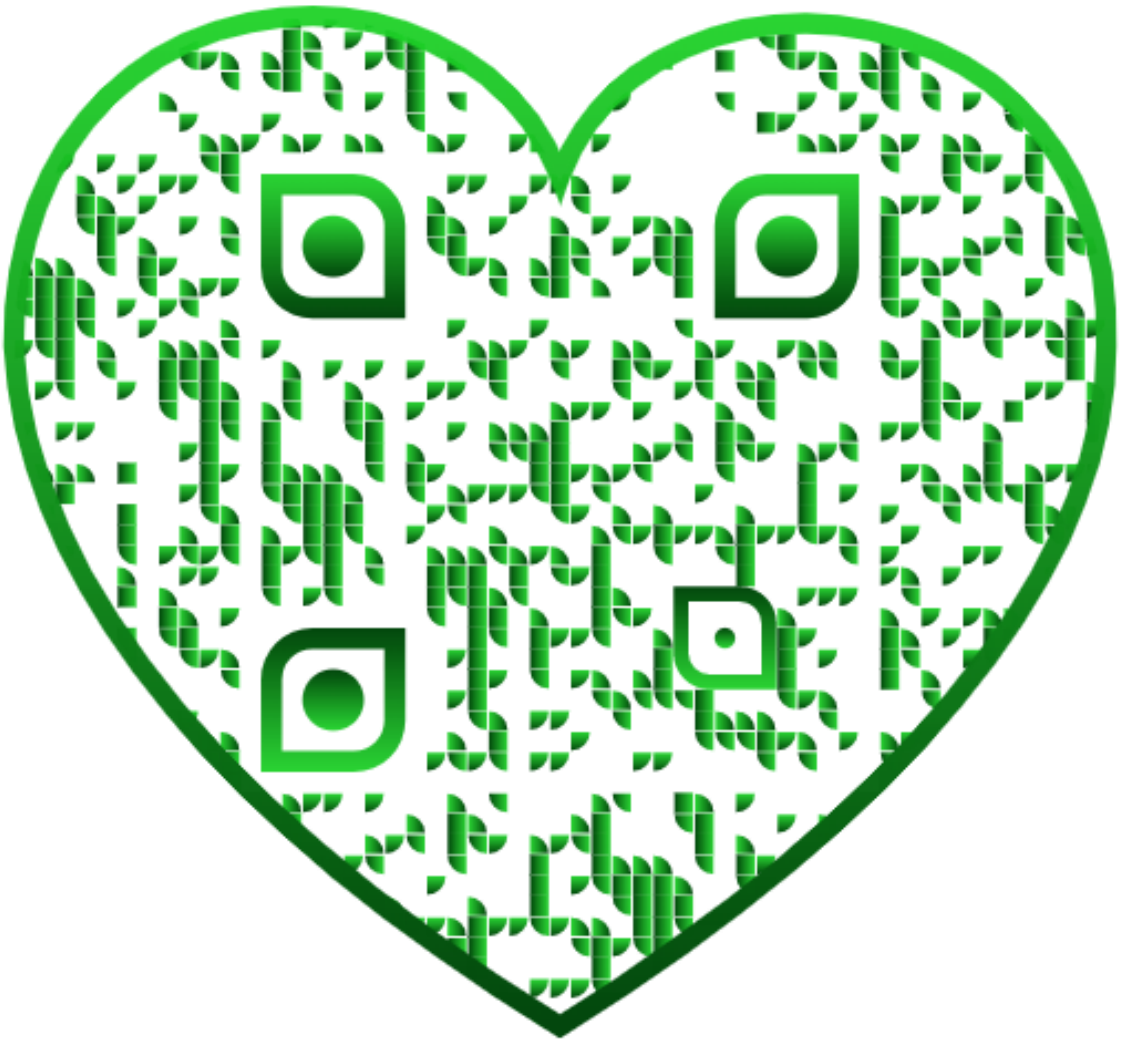
O thrash, o melódico, o industrial e o gótico unidos no mesmo disco

HALESTORM

MAIS PESADO, MAS SEM PERDER A TERNURA

ENTREVISTAS:

EVERGREY | VOIVOD | VIO-LENCE
UDO DIRKSCHNEIDER | MANEGARM
NAZARETH | TONY MARTIN
HIBRIA | THE TROOPS OF DOOM
WATAIN | SKULL FIST | 8 KALACAS



Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.
Acesse t.me/BrasilRevistas

Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

NOSSO PRIMEIRO SEMESTRE FOI COM MUITAS VITÓRIAS E A COMEMORAÇAO É COM VOCÊS!

www.noturnall.com.br

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

HONORSOUNDS

PRESENTS:

MAX & IGGOR CAVALERA

RETURN TO ROOTS

25 YEARS

July 21 - Monterey, MX
July 22 - Mexico City, MX
July 23 - Leon, MX
July 24 - Querétaro, MX
July 26 - San José, CR

July 28 - Bogotá, CO
July 30 - Lima, PE
July 31 - Santiago, CL
August 2 - Brasília, BR
August 4 - Curitiba, BR

August 5 - Rio De Janeiro, BR
August 6 - Ribeirão Preto, BR
August 7 - Sao Paulo, BR

Hoffman & O'Brian
DANGER STEEL PROD.
BTS!! PRODUCCIONES
BLACK LINE PRODUCTIONS
alter ego

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/ROADIECREWREVISTAS

ÍNDICE

06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 KREATOR
26 HALESTORM
30 HIDDEN TRACKS
Bodine
32 NAZARETH
34 SKULL FIST
36 PLAYLIST
Roosevelt Bala (Stress)
38 VOIVOD
42 COLLECTION
Lacuna Coil
44 EVERGREY
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Steve Vai - Fire Garden
55 ROCK AVERAGE
Helloween - Chameleon
62 VIO-LENCE
64 BLIND EAR
Marcelo Loss (Loss)
66 WATAIN
70 ETERNAL IDOLS
Peter Green (Fleetwood Mac)
72 THE TROOPS OF DOOM
74 TONY MARTIN
78 UDO DIRKSCHNEIDER
80 CLASSICREW
Scorpions, UK Subs, Saduse e Opeth
82 BACKGROUND
Golpe de Estado (Parte 3)
86 HEADPHONES IN FURY
Ricardo Carbonero (Brave)
88 8 KALACAS
90 MANEGARM
92 HIBRIA
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood
98 PROFILE
Renato Gimenez (Vazio)

FOTOS:
Kreator: Christoph Voy • **Halestorm:** Divulgação

BEHIND THE STAGE

A temporada de grandes eventos efetivamente pegou e temos visto, seja presencialmente, através de transmissões de streaming em tempo real, ou em postagens nas mídias sociais, a alegria dos fãs, músicos e de todos que trabalham na área do entretenimento. Entre alguns dos destaques, podemos citar a "The Stadium Tour" (EUA/CAN), com Joan Jett, Poison, Mötley Crüe e Def Leppard; o retorno do "Sweden Rock Festival" (SUE), que conta com a resenha publicada em nosso site pelo colaborador e amigo Jayme Alexandre de Lima; o "Hellfest" (FRA), com seu cast gigantesco, além de "Copenhell" (DIN), "Inferno Festival" (NOR), "Graspop Metal Meeting" (BEL), "ProgPower USA XXI" (EUA) e o cruzeiro "MORC", entre outros.

No caso do evento realizado em Clisson (FRA), chamou atenção a homenagem feita ao saudoso Lemmy Kilmister, com uma estátua gigantesca erguida nas dependências do evento e a cerimônia oficial, que ocorreu no dia 23 de junho. Diferentemente de outras áreas, o heavy metal não só tem memória como faz questão de exaltar os feitos de seus heróis. Neste ponto, outro gigante da música pesada, Ronnie James Dio, teve seu documentário exibido no festival In-Edit, do qual tive a honra de participar comentando uma das sessões. Por sinal, de tantas homenagens prestadas ao baixinho, não seria impensável ter uma estátua erguida para ele em um grande evento.

E já que o assunto é este, os fãs se animaram com a confirmação da realização do festival alemão "Summer Breeze Open Air" pela primeira vez no Brasil em 2023. O evento, marcado para os dias 29 e 30 de abril de 2023, será realizado no Memorial da América Latina (SP).

E você sabia que o Kreator, matéria de capa desta edição, se apresentou pela segunda vez no Brasil em um festival chamado "Super Metal", realizado em 1994 no ginásio da Portuguesa de Desportos (SP) com Krisiun, P.U.S., Korzus, The Mist e Volkana? O grupo, que passou outras vezes por aqui, atualmente promove o álbum *Hate Über Alles*. Na entrevista, Mille Petrozza disseca o novo trabalho, a importância das letras e exalta sua paixão pelo metal. "Quando era garoto e ouvi metal pela primeira vez, ele tocou fundo em mim, me fez sentir que eu não era vazio, que podia ser alguém de fato."

Esta edição também apresenta, além das tradicionais seções, entrevistas com Halestorm, Nazareth, Skull Fist, Voivod, Evergrey, Vio-Lence, Watain, The Troops of Doom, Tony Martin, Udo Dirkschneider, 8 Kalacas, Manegarm e HIBRIA. Boa leitura.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 269
JUL-AGO/2022
ANO 25

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com
Valtemir Amler - valtemir.amler@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Écio Souza Diniz, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite , Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior e Thiago Prata

Fotógrafos: Roberto Sant'Anna, Marta Ayora

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

MANIFESTO 28 ANOS

APRESENTA

AIRBOURNE

WORLD TOUR 2022

ABERTURA:

RF FORCE

28/08/22 - SÃO PAULO

LOCAL: FABRIQUE

RUA BARRA FUNDA 1071 / ABERTURA DA CASA: 17HS

WWW.MANIFESTOBAR.COM.BR

INGRESSOS: bilheto

Entre no nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

TITO FALASCHI
DIANTE DO ESPELHO DAS ALMAS

Com toda a experiência que veio acumulando ao longo de décadas de trabalho na música pesada, era de se esperar que *Mirror of Souls*, primeiro álbum solo do multi-instrumentista Tito Falaschi, fosse algo acima da média. Porém, o toque especial que faz deste disco algo diferente e memorável é seu alcance, já que vai do pop ao metal em segundos. "Gosto de colocar influências mais variadas e, como amo os anos 80 do metal até o pop, quis colocar isso tudo junto", nos contou o vocalista, que arremata: "*Mirror of Souls* tem influências de Helloween, Iron Maiden, Yes e Dire Straits até Tears for Fears e David Bowie". Confira o que mais você vai encontrar nesse trabalho.

Divulgação

Vendo a sua biografia, percebi que você incluiu Tears for Fears, banda de que sou fanático, dentre suas influências. Não posso perder a oportunidade de perguntar qual sua relação com a banda inglesa e qual foi a principal referência deles na sua jornada?

Tito Falaschi: Bom, assim como você, sou fanático pelo Tears for Fears, pois eles sempre foram geniais em criação de harmonias e melodias absurdamente lindas, diferente de muitas bandas dos anos 80. Sendo assim, sempre procurei analisar tudo o que eles faziam com relação a melodias, arranjos, timbres e principalmente no teclado, na guitarra, no baixo e na voz. E quando componho sempre acabo usando essas referências.

Por fim, você acumulou uma experiência enorme na produção musical, trabalhando ao lado de muita gente ao longo dos anos.

Tito: Verdade. O que mais percebi é que o produtor, além de conhecer equipamentos, deve saber muito bem como ajudar os músicos caso eles precisem dessa ajuda. Se um guitarrista manda um riff que não seja bom, você pede outra ideia e ele estiver sem ideias, o produtor tem que saber sobre harmonia, notas, escalas etc. para poder dar esse suporte realmente bem feito. E isso serve para todos os instrumentos. Logo, se um produtor não souber nada disso, ao meu ver, não pode ajudar de fato. Por isso, desde os 17 anos venho praticando e estudando bateria, baixo, guitarra, teclado e canto para poder facilitar e ajudar os músicos. Outro fator importante é o produtor perceber o estilo da banda e de cada integrante, tentar manter o mais perto do original e não tentar transformar a banda em algo que eles não são.

Qual foi a sua motivação para lançar carreira solo? O que a jornada solo oferece de mais atrativo para você?

Tito: Eu venho compondo ao longo dos anos e não havia lançado nada, pois estava muito ocupado com as produções e sempre deixava para depois. Então, veio a pandemia e as pessoas começaram a me pedir muito para eu lançar meu CD solo, que estavam com saudades de me ouvir cantando. Como eu tinha esse sonho de infância de gravar todos os instrumentos, resolvi começar. Sobre a motivação, a principal é as coisas sairem exatamente da sua maneira, pois numa banda, o ideal é várias pessoas opinarem e às vezes algo pode até não ser do seu agrado, mas precisa agradar a todos, né?

Dito isso, como você trabalhou o processo de composição de *Mirror of Souls*, do aspecto instrumental ao lírico? Você contou com parcerias na composição ou, como multi-instrumentista que é, preferiu trabalhar nas ideias por si mesmo?

Tito: As músicas eu vim compondo sozinho ao longo dos anos e, quando dei por mim, abri minha pasta de músicas compostas e tinha mais de quarenta lá (risos). Foi difícil escolher, mas pelo menos já tenho o segundo CD composto. E, como disse, eu gravei todos os instrumentos e chamei o Demian Tiguez para solar em *Fight for Freedom* porque queria que fosse ele, que pra mim é um dos melhores guitarristas do mundo, além de um amigo. Em *Silent Terror* chamei meu irmão, Edu Falaschi, para cantar comigo e foi legal, relembrou a época do Symbols. E sobre as letras, criei o conceito mais para o lado psicológico das coisas, sobre a visão que eu tenho etc. Como eu queria letras escritas de forma mais profissional, convidei minha amiga Mischa, que canta na minha outra banda, Zaltana, pois o inglês dela é totalmente fluente, então ela me ajudou muito nisso, pois não queria algo escrito meia boca.

Falando um pouco sobre as letras, *Fight for Freedom* apresenta o medo e a depressão como prisões que limitam nossa percepção das possibilidades à nossa volta. Fale-nos um pouco sobre ela.

Tito: *Fight for Freedom* fala sobre sentir-se preso, não conseguir evoluir como pessoa, lutar para sair de uma depressão, o medo, as armadilhas mentais, mas tentando perceber que uma saída para isso tudo pode ser muito mais fácil do que parece, usando exemplos, pessoas, animais ou qualquer coisa que ajude a enxergar essa saída.

Outra que desperta a atenção, por sua conexão com o momento atual, é *Like an Angel*. Fale mais sobre essa canção.

Tito: Essa é a minha preferida por vários motivos. Primeiro, pelo tema triste, que é a covid-19. A primeira parte da letra fala sobre coisas que a pessoa que está internada passa, todo o sofrimento dela e da família, que, muitas vezes, perde essa pessoa para a doença. Já a segunda estrofe fala sobre o lado dos enfermeiros e médicos que foram fundamentais nessa luta toda se doando ao máximo para salvar as pessoas. Outro motivo de ser a minha preferida é o fato de ter feito os arranjos bem anos 80, desde o teclado do início, o solo etc. Amo essa música!

Outra conectada à vida atual é *Mesmerized*. Gostaria que falasse sobre a ideia por trás dessa música.

Tito: Essa também eu gosto bastante. O tema é sobre o mundo em que vivemos hoje em dia, com as pessoas totalmente dominadas pela tecnologia, redes sociais, filtros, likes etc., sendo que isso é totalmente ilusório e todos parecem escravos disso tudo. Um exemplo aconteceu recentemente, quando algumas redes saíram do ar e quanto voltaram vi o desespero das pessoas por ter ficado um dia sem isso. (risos) Isso é deprimente!

Com esse primeiro álbum lançado e sua boa recepção, quais são os próximos passos na sua jornada?

Tito: Eu estou vendo com a MS Records sobre fazermos uma miniturnê, e espero que dê certo, pois vou adorar cantar *Mirror of Souls* completo ao vivo, mais algumas músicas do Symbols e versões também de músicas que adoro, como fiz no meu canal do YouTube, como Tears for Fears, The Police etc. Para o final do ano, também quero começar a gravar meu segundo disco. Agradeço pela entrevista, muito obrigado pelo espaço nessa revista que sempre adorei e leio desde sempre!

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

RF FORCE
A FORÇA DA VELHA ESCOLA

Rodrigo Flausino é um guitarrista conhecido pelo seu canal no YouTube (no qual já tem mais de 150 mil inscritos) e por fazer parte do Children of the Beast, uma das maiores bandas cover de Iron Maiden. Não satisfeito, resolveu lançar o RF Force – que, ele avisa, apesar de ter suas iniciais no nome, não é um projeto solo, mas uma banda que conta com Marcelo Saracino (vocal), Daniel Iasbeck (guitarra), Ricardo Flausino (baixo) e Lucas Emidio (bateria). Calcado no heavy metal old school, o RF Force atualmente promove o debut, autointitulado, e esse foi o tema principal esta entrevista – além de uma série de outros assuntos, como seu canal no YouTube e a eterna rixa entre música autoral e covers.

Xtudo Ohze

Daniel Iasbeck, Ricardo Flausino, Marcelo Saracino, Lucas Emidio e Rodrigo Flausino: álbum *RF Force* lançado no Brasil pela Classic Metal e na Europa pela Black Lion Records

O RF Force é um trabalho solo, um projeto ou uma banda?

Rodrigo Flausino: O RF Force é uma banda. Eu coloquei o RF porque, como consegui uma boa audiência no meu canal do YouTube, quis aproveitar pelo menos parte dela para divulgar o material da banda. E deu certo, porque teve um bom engajamento. Então, ao invés de colocar, sei lá, Rodrigo Flausino como nome da banda, que ia soar como um cantor latino, tipo Julio Iglesias (risos), preferi colocar algo que soasse mais metal. E RF Force é meio que um nome metal, né? Tem o Rising Force do Malmsteen, G-Force do Gary Moore...

Fica claro que o estilo de vocês é o heavy metal tradicional. Esse é o gênero que move sua carreira?

Rodrigo: Temos influências de muitas coisas e as principais acredito que sejam heavy metal e hard rock. Só que para ter mais chance de formar um público mais específico, preferimos deixar claro qual é o estilo do som e focamos no metal mais tradicional, que é uma das coisas que a gente mais curte.

Imagino que a faixa *Old School Metal* seja pra deixar isso bem evidente a quem por acaso ainda tiver alguma dúvida...

Rodrigo: Eu sempre curti esse nome, old school! Sabe aquela coisa, você está assistindo um filme policial americano moderno, aparece o Bruce Willis e a galera fala: 'Nossa, esse cara é totalmente old school!' (risos) É tipo isso. E eu gosto mais do termo old school do que metal de tiozão (mais risos). Mas é para deixar claro que o heavy metal que a gente curte é aquele com melodia, que tem muita influência do blues, diferente do metal considerado mais moderno, com afinações superbaixas, pouca melodia e reforçando a parte rítmica. A gente curte mais esse heavy metal tradicional old school com melodias, solos de guitarra, vocais com drive, melódicos e tudo mais.

Você diz no material de divulgação que a letra do primeiro single, *Fallen Angel*, 'foi inspirada por uma mensagem aleatória que recebi de madrugada me alertando que, apesar de não acreditar no Satanás, ele existe.' Você chegou a conversar com ele em pessoa?

Rodrigo: (muitos risos) Na verdade, recebi uma mensagem de um cara no meu WhatsApp falando: 'Você não acredita em Satanás, mas ele existe!' Porque eu fiz um vídeo no meu canal do YouTube falando de bandas de alguma forma relacionadas a pacto com o diabo, mas eu deixava meio que implícito que não acreditava nessas coisas. Só que aí recebi a mensagem de um cara qualquer aí falando isso, que existe o 'anjo caído'. E em cima disso, fui desenvolvendo a letra até que rápido, porque já tinha a base da música. Foi bem inspirador receber essa mensagem, mas continuo não acreditando no Satanás, só que o tema é muito heavy metal. Tem que aproveitar (risos).

Apesar de você estar à frente da banda e ser guitarrista, o RF Force tem outro guitarrista, Daniel Iasbeck. Isso não é muito comum em se tratando de discos de guitarristas, concorda? Por que optou por ter uma dupla de guitarristas no grupo?

Rodrigo: Na verdade, eu sou aquele cara que agita, mas somos uma banda de amigos. É nisso que acredito. Lógico que todo mundo tem que fazer seu papel, profissionalmente falando, mas é uma banda de amigos. No caso do Iasbeck, nós temos o mesmo peso, porque não é uma banda solo e nem eu sou o guitarrista principal, a gente trabalha as guitarras como se fosse Iron Maiden, em que os caras dividem tudo. Lógico que há bandas legais com só uma guitarra solo, mas quando tem duas surgem mais ideias e a música fica mais rica. Além disso, o Daniel, além de guitarrista, é produtor do nosso trabalho. Ele mixou e masterizou, muito da sonoridade do disco é por causa dele, do som que ele levantou. E também é um cara que contribui muito na parte de composição, de arranjos e de backing vocals. Então, a gente divide as atividades e faz o melhor possível para deixar as músicas legais.

Você também faz parte do Children of the Beast, uma das principais bandas cover do Iron Maiden. Então, a pergunta se torna inevitável: como se posiciona diante da eterna discussão entre 'bandas de som autoral' e 'bandas covers'?

Rodrigo: Não acho que tenha que existir rixa entre cover e autoral porque são públicos diferentes. Vamos supor que passe a ser proibido existir banda cover. A galera que saía de casa para ver a banda cover que toca as músicas que ela gosta não vai sair de casa automaticamente para ver a banda autoral. Para você gerar interesse das pessoas no autoral você tem que trabalhar muito pensando no marketing e no conteúdo, coisas que são complicadas e complexas. E o papel do cover também é importante: o cara que não conhece muito de rock vai ter o primeiro contato através da banda cover tocando. Ali ele vai conhecer, sei lá, *Enter Sandman*, *Sweet Child O'Mine*, *Perfect Strangers*. 'Olha só que legal esse som!' E aí vai lá ver aquele som é do Deep Purple e descobre que a banda tem dezenas de álbuns. Então, acho que a gente tem que ver isso de uma maneira positiva e não de forma negativa para criar briga e um querer derrubar o outro, porque isso não faz sentido.

Você tem um canal no YouTube com uma grande audiência e lá você posta vídeos dos mais diversos assuntos: tem dicas de técnicas e equipamentos, entrevistas e, é claro, temas polêmicos. Diversificar é o caminho para fidelizar a audiência?

Rodrigo: Eu não acho que temas polêmicos sejam o caminho para fidelizar. O ideal é você fazer algo em que acredita, dar o seu melhor e gerar um conteúdo. A questão polêmica vai servir para você atrair as pessoas. Quem trabalha hoje no YouTube tem que prender a atenção das pessoas, sendo que tem um monte de gente fazendo isso. Então, quando você começa conseguir views para caramba, o próprio YouTube vai sugerindo seu vídeo. E pra isso acontecer você tem que fazer as pessoas assistirem seus vídeos e por bastante tempo.

Antonio Carlos Monteiro

re em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

RED DEVIL VORTEX
PROMESSA DE NOVA ERA DE GLÓRIAS

Depois que se mudou para os Estados Unidos em 2015, o paranaense Gabriel Connor (baixo e vocal) fundou, em meados do ano seguinte, o Red Devil Vortex, juntamente com o guitarrista Pablo Kravicz e o baterista Iago Marcondes, todos remanescentes da extinta banda Livin Garden. Em pouquíssimo tempo, o trio figurou nas paradas da Billboard, graças ao sólido EP de estreia, *Something Has to Die* (2018). Uma gama de obstáculos veio em seguida, mas, sob a égide da perseverança de Connor, o grupo seguiu forte e, com uma nova formação – com o guitarrista Luis Kalil e o batera Eduardo Baldo (ex-HIBRIA) –, vai em busca de novas conquistas com o novo EP, *Dark Secrets*. Saiba mais sobre essa história a seguir.

Divulgação
Luis Kalil, Gabriel Connor e Eduardo Baldo: uma nova era para o Red Devil Vortex

Pouco tempo depois de sua criação, o Red Devil Vortex já mostrava a que veio. A ótima repercussão do EP *Something Has to Die* fala por si, já que o álbum entrou na Billboard (16º lugar da Heatseekers Chart e 49º na Independent Albums Chart). Chegou a ser uma surpresa?

Gabriel Connor: A repercussão foi de fato muito boa, principalmente por ser um trabalho independente. Sentíamos ter criado algo especial, mas não tínhamos expectativas. Já estávamos contentes por ter feito aquele disco. Por outro lado, queríamos divulgar nosso trabalho ao máximo e ver o quão longe conseguiríamos levar nossa música. Para uma banda independente vinda de Curitiba, buscando uma carreira internacional em Los Angeles, a cidade mais competitiva da indústria musical, estrear na Billboard americana foi algo muito especial.

Depois, vocês passaram por momentos complicados, sobretudo pela morte de Augustus 'Gus' Cryns, que, além de produtor, era um grande amigo. O quão difícil foi para vocês aquele momento? Sobretudo quando pegamos *Dark Secrets*, cientes de que se trata de parte do legado dele...

Gabriel: Perder o Gus foi algo imensurável nas nossas vidas. Ele era uma pessoa muito especial. Vê-lo trabalhando, compondo e produzindo era algo surreal. Posso dizer que aprendi muito com ele; era muito talentoso e rápido no processo criativo, era jovem, tinha nossa idade, uma pessoa muito legal, tinha um coração enorme. O que me resta hoje é a gratidão de termos sido bons amigos, trabalhado juntos e deixado essas músicas que, como você disse, são parte do legado dele.

Houve também a saída de Pablo Kravicz em meio às gravações do segundo EP. Por outro lado, Luis Kalil se juntou ao time. E teve ainda a recente entrada de Eduardo Baldo (ex-Hibria) no lugar de Iago Marcondes, que gravou os dois EPs. Como foi o primeiro contato com os novos integrantes, incluindo os ensaios?

Gabriel: Eu já conhecia Luis e Eduardo fazia alguns anos. Desde que nos mudamos para cá, fizemos várias festas no nosso apartamento e acabamos criando um círculo grande de amigos em LA. O Luis se juntou ao RDV depois de termos feito algumas músicas juntos no fim de 2020, sem compromisso, e percebemos que nossa parceria estava dando certo. O Baldo chegou a trabalhar com a gente nos bastidores e na produção de shows e vídeos, então já conhecia todo nosso trabalho. Foi tudo muito natural.

Luis Kalil: Conheço Gabriel desde a semana em que me mudei para LA, em 2017. Sempre fomos amigos muito próximos, mas em 2020, durante a pandemia, me juntei a ele para escrevermos sem pretensão. Acabei descobrindo que tínhamos uma química muito profunda para trabalhar juntos. Em um período em que estava desmotivado com a música, trabalhar somente com a internet me deixou exausto mentalmente e me mostrou que não é isso que busco. Pela própria falta de shows e de trabalhar em grupo, senti que precisava de algo a mais. Foi assim que tudo começou.

E como é para você, Gabriel, tocar o barco com novos parceiros e depois de tudo que já ocorreu neste início de trajetória do grupo?

Gabriel: Tem sido excelente, para falar a verdade. Agora que estabelecemos essa formação nova e estamos focados, tudo tem ocorrido muito bem. Nosso entrosamento como banda só melhora, os shows estão cada vez melhores, o Red Devil Vortex está crescendo constantemente e o fato de já termos tido um relacionamento antes mesmo de sermos banda ajuda muito. Enquanto divulgamos *Dark Secrets*, também estamos em estúdio gravando o primeiro full-length da banda com o (produtor) Adair Daufembach (Kiko Loureiro, Project46).

Falando de *Dark Secrets* em si, trata-se de um álbum com a assinatura do Red Devil Vortex, mas algo que me chamou bastante atenção é que cada faixa traz uma peculiaridade, umas mais melódicas, outras mais pesadas e até um acento pop em *Psycho*. Podemos dizer que o novo EP é um mosaico dessas facetas da banda?

Gabriel: Acredito que sim. E é parte de nossa evolução como banda. A ideia, quando entramos em estúdio, era fazer uma continuação do *Something Has to Die*, com músicas fortes, diretas e que causassem impacto. Claro que você nunca sabe exatamente o que vai sair. Então, ao mesmo tempo em que tínhamos uma visão, deixamos as músicas se desenvolverem por si mesmas. Quisemos nos aventurar e explorar alguns sons diferentes e deixar cada música soar de maneira única e que mantivesse a identidade da banda como um todo.

O quão desafiador e/ou prazeroso é compor músicas tão distintas, como a pesada *Viper* e a melódica *Ready*? E, ao mesmo tempo, manter a identidade da banda e a química já apresentada em *Something Has to Die*, ciente também que daqui para a frente trata-se de outra formação?

Gabriel: Na composição dos dois EPs, a busca sempre foi por uma vibe, por criar canções que nos fizessem sentir algo e nos movessem. *Ready* é uma música que quisemos experimentar e fizemos questão de que nenhuma parte fosse repetida. Ela é uma constante evolução musical, tudo se encaixa e muita coisa acontece em menos de três minutos. *Psycho* teve uma versão com guitarra distorcida, mas soou melhor e mais pesada com todos os elementos eletrônicos. *Viper* era mais complicada e simplificamos bastante no estúdio para dar mais ênfase ao peso e à percussão. *Alive* é quase idêntica à demo original, então buscamos compor sempre de maneira que soe natural e autêntica para o que cada música pede.

E quanto às turnês?

Gabriel: Temos uma tour agendada para maio e início de junho por Califórnia, Arizona e mais alguns estados da Costa Oeste (dos EUA). Estamos confirmando mais datas. Neste ano pretendemos fazer o maior número possível de shows enquanto terminamos o disco novo.

Thiago Prata

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

CLAUSTROFOBIA

UNLEECHED

O sétimo album do **Claustrofobia** já está disponível: "Unleeched" é o disco mais brutal, bem produzido e pesado da carreira da banda.

O CD físico acompanha também a faixa bônus "Força Além da Força": uma versão em português da música "Strength Beyond Strength", do Pantera.

CDs e camisetas disponíveis online via Wikimetal Store

www.wikimetalstore.com.br

WIKIMETAL

LANÇAMENTOS DO SELO WIKIMETAL MUSIC

João Gordo
Fuscão Preto

VIPER
Under the Sun
Freedom of Speech

Impavid Colossus
Prologue

www.wikimetal.com.br
wikimetalbr

Leia em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

INSANEWOLF
OS INSANOS LOBOS DAS TREVAS

Antes da Insanewolf existia a Nightwolf, e foi uma profunda mudança de atitude que motivou a mudança de nome: "Com a Nightwolf a ideia era tocar covers, e para isso precisávamos de mais músicos, pois nosso repertório era muito variado: tocávamos Queen, Whitesnake, Europe", conta o baixista Jonathan Barros. "Depois de algum tempo, a banda ficou somente com três membros e passamos para um repertório voltado para o metal tradicional e o power metal: Iron Maiden, Judas Priest, Helloween, e devido à complexidade das músicas, sentimos necessidade de mais uma guitarra. Foi quando convidamos Natã Dias, ainda como Nightwolf". Segundo Jonathan, a mudança de nome veio não com as mudanças de formação, mas com o início do processo de composição autoral. Confira mais dessa história diretamente com o baixista.

Consta que a banda nasceu em 2019, mas só se consolidou em 2020. Como foi consolidar a banda justamente quando o mundo entrava em pandemia, com lockdowns e cancelamento de eventos?

Jonathan Barros: A Insanewolf nasceu em 2019 e a mudança de mentalidade da banda para a questão de focar no autoral foi o principal fator para a consolidação que veio em 2020, com a ideia de compor e trabalhar nas composições o máximo possível. A pandemia e a questão de ficar sem tocar em eventos contribuíram para dar total atenção na composição e gravação do disco.

Gostaria que comentasse como funcionou a escolha do repertório do álbum de estreia. As músicas são novas ou existem ideias antigas que ganharam 'novas cores'? Como tudo funcionou?

Jonathan: O processo de composição já tinha sido iniciado, Melquiades tinha composto algumas das faixas desde a época da Nightwolf. Com a Nightwolf, a música *Wolf from Darkness* já tinha sido escrita e até tocada. Porém, modificamos alguns detalhes, e essa era a única que já tínhamos praticamente pronta, pois todo o restante são músicas inéditas. Quanto às letras, das sete músicas (N.R.: o álbum também conta com uma intro instrumental), seis letras e suas bases foram compostas por Melquiades e a outra, por Natã Dias – no caso, *Beautiful Star*. Tínhamos as bases das músicas e as letras, o que facilitou a criação das ideias e dos detalhes. Trabalhamos uma a uma até a finalização antes de iniciarmos a próxima, com o intuto de dedicar atenção total a todos os detalhes, canção por canção.

O álbum de estreia, *Insane*, foi lançado no ano passado e traz em seu DNA muito da sonoridade clássica do heavy metal, especialmente aquela da segunda metade dos anos 80 e início dos 90. A intenção era buscar essa cara 'retrô', mas com a sonoridade dos dias atuais?

Jonathan: Sim, com certeza, especialmente devido às influências serem exatamente essas: o mretal clássico e tradicional dos anos 80. Trabalhamos com total atenção nos arranjos, harmonias e timbragem nas nossas influências, adicionando, é claro, nossas próprias características. Aquela mudança de mentalidade que culminou na mudança de nome da banda refletiu também no profissionalismo, tanto na parte técnica como no marketing digital, como por exemplo ocorre com divulgação, parceria com a gravadora, criação de capa feita por um designer e fotos profissionais, que são algumas das principais ferramentas da atualidade.

Uma das coisas que mais me agradaram em *Insane* é o fato de ninguém soar 'sufocado' ou abafado, pois se ouve claramente cada instrumento, com ótimas partes de cada músico em todas as faixas.

Jonathan: A ideia sempre foi exatamente que cada um tivesse sua participação destacada sem pressão ou algum tipo de regra. Todas as ideias foram bem discutidas sempre entre todos e isso com certeza é o reflexo do nosso ótimo relacionamento e do entrosamento de muitos anos. Tínhamos reuniões quase que diariamente para discutirmos sobre tudo no álbum, e os arranjos saíram naturalmente, sem pressão alguma.

Um exemplo disso está em *Wolf from Darkness*. Mesmo quando a guitarra parte para o solo, os outros instrumentos soam claros e límpidos, e não intencionalmente 'sufocados' para a guitarra brilhar. Como trabalharam para garantir esse equilíbrio?

Jonathan: *Wolf from Darkness* é um ótimo exemplo. Como foi citado anteriormente, ela é a única canção que veio da antiga banda, e na primeira versão ela era bem diferente, era longa e possuía grandes solos individuais. Como pensamos no disco e nas canções serem abertas para ideias de todos, para que todos apareçam e tenham destaque, colocamos nessa nova versão dois solos individuais bem diferentes em todos os sentidos e deixamos a linha de baixo destacada e timbrada para não perder o peso. A bateria, por sua vez, também conta com grande variação de pedal duplo e no dueto das guitarras pode-se perceber todas as influências e ideias de cada um. Também inserimos uma base de teclado para preencher todos os espaços, quer dizer, nossa ideia no disco é exatamente essa: que cada um consiga colocar o que tem de melhor sem soar maçante.

O que pode nos contar sobre a faixa-título, *Insane*?

Jonathan: Essa canção levou o título do disco devido à complexidade e à sonoridade destacarem exatamente o que queríamos. Ela trata sobre a ideia de levar nosso som o mais longe possível, tocar em grandes eventos, mostrar nossas influências e o grande amor que temos pela música. Tudo que já fizemos pela música e pela vontade de estar nos palcos é muito insano. Ela retrata completamente a nossa banda.

Falando sobre alguns destaques, a longa *Beautiful Star* vai por um caminho diferente e único, tem clima de power ballad oitentista e ganha com diferentes movimentos e dinâmicas.

Jonathan: Bem, essa canção foi inteiramente composta por Natã Dias e foi inspirada em seu pai, Rodney Batista Barros, que faleceu. Ela retrata harmonicamente a principal influência que seu pai, como violonista clássico incrível que era, gostava de trabalhar e compor. A letra que foi escrita por Natã com intuito de homenagear tanto lírica quanto harmonicamente seu pai.

Para encerrar, fale-nos sobre os próximos objetivos e o que esperam realizar ainda este ano?

Jonathan: Nossos planos estão pautados em divulgar muito nosso trabalho de forma que a gente possa apresentá-lo muitas vezes ao vivo. Estamos trabalhando várias ideias de vídeos e também produzir a gravação do nosso disco ao vivo. A Insanewolf agradece a oportunidade de passar um pouco da nossa história. Estamos juntos pra levar a cena sempre à frente!

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

STARFORSAKEN
ENCARE A TEMPESTADE

Formado por músicos que já possuem longa experiência no underground e com referências musicais extensas e variadas, a Starforsaken é um dos nomes mais promissores a aparecer no nosso cenário. E eles surgiram há pouco tempo: a banda nasceu em 2020 em Curitiba (PR), mas logo de cara vem chamando a atenção por seu ritmo de trabalho e criatividade. Produtiva, a banda tem seu primeiro EP pronto para lançamento, ao passo que já preparam o primeiro álbum completo. Como há muito a ser dito, vamos direto à nossa conversa com a Starforsaken.

Fotos: Divulgação

Vocês citam suas referências musicais vão do heavy ao djent, coisa que é perceptível ao ouvir sua música. Com influências tão abrangentes e variadas, qual é a chave na hora de compor para manter a coesão e não se perder em algo muito vago?

Leandro Pimenta: Ser honesto com as intenções do que cerca a música em que estamos trabalhando. Quando uma nova ideia surge, ou mesmo quando se deseja compor baseado em uma intenção, é preciso dialogar com o que a ideia sugere. Daí algum elemento diferenciado pode complementar e interagir com os elementos principais. Às vezes esta sugestão vem de primeira, em outros casos podemos imaginar uma intenção que complemente em nosso acervo mental, mas, definitivamente, o bom senso é mandatório. As concordâncias e divergências são tratadas chegando-se a um denominador comum, pois se trata de uma construção que envolve toda a banda. Nesse processo, precisamos nos desvencilhar de amarras sentimentais que possam frear o processo criativo, visando o resultado, por isso conseguimos enriquecer as músicas com elementos e intenções coesas sem parecer uma mera colagem.

Falando de sua mistura musical, a primeira mostra dela veio em janeiro, com o single *Face the Storm*. Além de um instrumental refinado, curti bastante a abordagem vocal, que fica em um meio termo entre o extremo e o melódico, mas sem nunca cair no típico metalcore. Como gostam de trabalhar os vocais, da linha melódica até a voz propriamente dita?

Rodrigo "Digão" Zanlorenzi: Eu sempre procuro criar linhas vocais que fujam do óbvio em relação à melodia do instrumental. A maioria das músicas começa com uma ideia instrumental que vou ouvindo em loop até entender o que elas querem dizer ou onde querem chegar, e a partir daí começo a esboçar ideias de letras. Essa questão da variação entre um vocal mais rasgado e um mais limpo e melódico sempre foi na intenção de dar personalidade própria à Starforsaken. Então, em praticamente todas as músicas que temos preparadas até agora sempre buscamos manter presentes essas variações: refrãos, linhas melódicas e até mesmo pontes ou pré-refrãos sempre podem surpreender, saindo de um rasgado para um momento mais calmo e com melodias mais marcantes.

Pelo que li, este primeiro single inicia uma espécie de conceito que deverá ganhar mais capítulos. Podem nos falar sobre o conceito que cerca sua música?

Digão: Basicamente, as quatro músicas conversam entre si e contam uma história. *Face the Storm* traz o momento e o desespero de se estar num barco à deriva, perceber uma tempestade gigantesca vindo e ainda pensar na segurança e na integridade dos outros ocupantes. Lá pelo refrão temos que 'a sobrevivência da nação depende de a gente enfrentar a tempestade'. *Down to Decay* volta um pouco no tempo e fala sobre a tal nação (que não pretendemos datar ou mapear) que era escravizada e vivia às margens de uma sociedade. Em algum momento eles percebiam que 'deveriam pensar em como se defender/proteger'. E aí surge um plano de fuga num barco construído por eles em segredo. Eles sabiam que tudo tinha muita chance de dar errado, e por isso o refrão diz que 'mesmo na chuva, mesmo com medo e fome, eu estarei com você'. As duas primeiras músicas são um pano de fundo para problemas que qualquer pessoa pode ter na vida. *Face the Storm* não é sobre um naufrágio iminente, é sobre um problemão que está vindo e você vai ter que ter força pra encarar. *Down to Decay* é aquele momento em que você analisa possibilidades de como resolver crises e é uma injeção de ânimo nas pessoas que vão passar pelo problema com você. Já as próximas (que eu, pessoalmente, não vejo a hora de lançar) falam sobre o momento exato da fuga do povo 'personagem'. Ela se chama *Scurry*, que é uma palavra que pode ser traduzida como 'fugindo em passos rápidos e sem fazer barulho'. É aquela madrugada em que, como diz o primeiro verso, 'peguem suas coisas e deixem tudo o que vocês não precisam pra trás!' Ela fala sobre ter medo do que vem pela frente, mas agora sob uma nova perspectiva, a de quem vai crescer ao enfrentar um grande problema. E para fechar essas quatro músicas temos *Before We Are One*, que é uma música que surgiu bem no auge da pandemia. Ela fala que quando as coisas dão errado, cada um vai para um lado e reforça a ideia de que juntos somos mais fortes. Dentro da história narrada, ela é a última parte, em que, depois do naufrágio, as pessoas que estavam no barco tentam encontrar os sobreviventes na areia da praia e enterrar os corpos do que se foram para enfim declarar que possuem agora uma terra só deles depois de terem enfrentado tirania, escravidão e naufrágio, e agora podem respirar aliviados.

O que mais podem nos falar sobre os planos futuros da Starforsaken?

Rafael Gonçalves: Estamos pretendendo lançar o álbum em breve, inclusive ele já tem nome: *Reverse Midas King*. Vamos escolher pelo menos dez das composições que já temos para trabalharmos em cima. O EP sairá entre julho e agosto e vai estrear com um clipe da canção *Scurry* no canal oficial da banda, onde também queremos lançar uma série 'SF Behind the Scenes'. Nela, vamos mostrar os bastidores das gravações das músicas e dos clipes, alguns ensaios, incluindo o teste que fizemos com o Leandro, e, em breve, queremos lançar uma versão ao vivo de *Face the Storm*.

Para encerrar, existe alguma conexão do nome da banda com a icônica canção do In Flames?

Rafael: Sim! *Starforsaken* é a terceira faixa do álbum *Lunar Strain*, de 1994! Gostamos muito do In Flames, de todas as fases, cada um de nós tem uma música preferida deles e eles marcam a história da Starforsaken pois, lá em 2005, Rodrigo e eu íamos juntos para o ensaio da Blaze Bayley Cover ouvindo In Flames e Children of Bodom no carro com o som mais alto possível. Além disso, o nosso amigo e produtor Gio Fergom batizou o estúdio de Whoracle Records, também por causa do In Flames. Nos pareceu justa a homenagem aos nossos suecos favoritos!

Valtemir Amler

Leia em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

TONELADA
GROSSERIA CROSSOVER

Vindo do interior do Mato Grosso do Sul, o Tonelada é mais um dos bons representantes do crossover nacional, que desde os anos 80 vem revelando ótimas bandas para o mundo. Como tantos outros, o grupo foi atrapalhado pela pandemia e precisou esperar para começar a colher os frutos do seu primeiro álbum completo, *Ignorante*. Porém, com o retorno aos palcos veio o retorno da vitalidade, e eles já preparam novas músicas para suceder o primeiro disco. Enquanto aguarda as novas músicas, confira *Ignorante*.

Divulgação

Em 2014, vocês lançaram o EP de estreia, intitulado *Grosso*. Aquela foi a primeira experiência profissional de vocês em estúdio?

Luan Mendes: Cada integrante já havia gravado com outros projetos. Luan Mendes tem um álbum instrumental intitulado *Liberty for Guitar,* lançado em 2012 – confiram! Mas entrar em estúdio com a banda, ver ali seus amigos tocando e um sonho se realizando é algo surreal. Desde o início nós passamos muita verdade ali, tanto em shows quanto nos ensaios, sempre com a mesma energia. Nas gravações não foi diferente. *Grosso* foi gravado em um espaço que nosso guitarrista tinha na época e quem produziu foi nosso baixista, Renan Gobi. Tudo no 'faça você mesmo'. Totalmente independente. Depois foi mixado e masterizado por Cássio Zambotto, em Natal (RN). O resultado foi essa pancada! Ficamos muito surpresos quando vimos nossa música sendo tocada em vários países, era algo que não imaginávamos que poderia acontecer tão rápido assim. Não é e nunca foi fácil ter uma banda com um som mais extremo no Brasil. Imagine, então, ser de Dourados, interior do Mato Grosso do Sul, e tocando metal/HC em português? Somos quatro sul mato-grossenses vivendo uma verdade absoluta que é tocar o que gostamos e ir onde esse som nos levar.

Como você disse, o EP contou com uma recepção bastante forte no underground, destacando a música *Cria Sua*, que teve até repercussão internacional.

Luan: Sim, quando lançamos o EP em não tínhamos noção de como seria a reação da galera. As músicas são bem diretas e pesadas e algumas não pediram solo de guitarra, como é o caso da *Cria Sua*. Essa faixa se destacou e com o lançamento do clipe no canal Hardcore World Wide ela teve um alcance no mundo todo. *Cria Sua* foi o primeiro som que a Tonelada compôs, todos os integrantes trabalharam em cada detalhe para ser um som pesado não só no instrumental, mas na mensagem que a letra passa! E ela se encaixa tanto em um pai que abandona o filho quanto em um governo que abandona sua população. É um protesto.

Também gostaria que falassem da versão de vocês para *Pitando no Kombão,* dos Raimundos, que aqui ganha uma versão muito mais pesada e intensa, caindo como uma luva no repertório da Tonelada.

Luan: Nós somos grandes fãs dos Raimundos. É uma banda brasileira que contribuiu muito para o cenário nacional e que nós curtimos muito. Já tivemos a honra de abrir um show deles no festival Panta no Rock, em Dourados, e conhecemos eles. A ideia de gravar a versão da *Pitando no Kombão* surgiu através de uma brincadeira em estúdio, sempre que íamos começar um som, o Luan Mendes batia nas cordas abafadas da guitarra, do jeito que *Pitando* começa na versão original. A partir daí veio a ideia de fazer uma versão 'mais grossa' dela. Gravamos e o resultado foi muito foda. Os Raimundos e o próprio Canisso compartilharam nas redes sociais na época. Um sonho realizado.

Falemos agora do primeiro full de vocês, *Ignorante*. Para começar, a capa é incrível e gostaria que falassem sobre ela.

Luan: Ela foi feita pelo artista Kin Noise, do Trampa Studio, de Recife (PE). É o mesmo artista que fez a arte do *Grosso* e *Ignorante* é uma continuação dele. Na arte, um índio já velho e cansado, está etiquetado como se estivesse sido vendido e com os olhos costurados, mostrando que não vê mais nada e não sabe mais nada. Fizeram dele um ignorante. Onde antes tinha um milharal, hoje estão prédios com mensagens de 'obedeça' e sangue escorrendo – mensagem que é passada na faixa *Medalha de Sangue*. Em um dos prédios temos a folha da ayahuasca, que é um alucinógeno utilizado por tribos brasileiras e da América Latina. E por fim, no topo do prédio ao lado esquerdo temos um homem com pensamentos suicidas, retratado com o corpo todo em cinza, que é uma cor morta e depressiva. Essa parte em especial é a mensagem que passamos na música *Cabreiro*. Tentamos passar em alguns minutos uma mensagem para as pessoas que sofrem com depressão e em nossos shows pedimos para quem se identificar com a letra procurar ajuda e também conscientizar as pessoas caso tenham algum amigo se afastando ou se isolando, para dar a devida atenção e incentivar a buscar ajuda.

Fale-nos sobre a faixa-título, seu um ótimo riff crossover/thrash.

Luan: É um som que escrevemos intencionalmente para o álbum. É interessante dizer aqui já tínhamos o nome escolhido para esse disco desde que lançamos o EP. A partir daí, começamos as composições e a música *Ignorante* foi moldada para ser a faixa-título. Ela passa uma mensagem de protesto e tentamos mostrar que os políticos do país só querem poder para usar em benefício próprio. Enquanto isso, a população padece com o total descaso.

Sabemos que vocês tiveram a turnê de divulgação desse primeiro disco atrapalhada pela pandemia. Como tem sido esse tempo para vocês e como está esse início de retomada das apresentações?

Luan: No início de tudo, quando paramos de trabalhar e de sair de casa, a ideia era que iríamos compor muito, deixar muito material pronto, mas foi muito diferente disso. Com o distanciamento social e o principal que foi estar fora dos palcos, a gente simplesmente não conseguiu produzir, foram dois anos parados em que a cabeça não funcionava, ficamos sem inspiração nenhuma pra compor, e o medo de não poder mais fazer um som foi forte e impactante. Isso nos impossibilitou de aproveitar o tempo ocioso e pra piorar tudo nós tínhamos acabado de lançar um álbum! Por outro lado, voltamos com força total, com shows foda por algumas cidades do país e isso nos trouxe de volta. Estamos compondo muito material novo e valorizando demais cada show e cada breja que tomamos com a galera! A banda está mais madura e com músicas ainda mais pesadas, conseguimos chegar num resultado excelente na mixagem também. Podemos adiantar que pra quem curte peso e pancadaria de verdade: os sons novos serão um prato cheio! Já temos cinco músicas novas e durante o segundo semestre lançaremos mais um EP.

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

"RECIPE OF HATE"

NOVO ÁLBUM DO DROWNED

COM A MESMA FORMAÇÃO QUE GRAVOU O "BONEGRINDER"!

DISPONÍVEL APENAS 500 CÓPIAS EM CD
COM BONUS, SLIPCASE E POSTER

CONTATO PARA SHOWS: RAFAEL - (31) 98899-2364 | booking@drowned.com.br

FACEBOOK: drownedmetal | INSTAGRAM: drowned_band

VOICE MUSIC
Distribuído nos EUA por GREYHAZE RECORDS
COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com
Spotify DEEZER MUSIC Google Play Music YouTube

VENDAS: COGUMELORECORDS.LOJA2.COM.BR OU FACEBOOK.COM/COGUMELORECOFICIAL

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

IGOR STEINER
PODER & LIBERDADE

"Power and Freedom é um álbum que foi feito de forma bem tranquila", nos conta o guitarrista e vocalista Igor Steiner. "Compus as músicas em basicamente um mês e uma curiosidade é que utilizei o meu pedal Old Rock nas gravações. Para as composições, como geralmente faço, simplesmente toquei o que sentia vontade de tocar. É um álbum que fiz sem pensar muito, apenas quis me divertir fazendo músicas novas." E foi isso. Com toda simplicidade e naturalidade de quem sabe o que está fazendo, ele nos entregou um belo disco de rock, e não uma indulgente ode às guitarras. Para garantir o melhor dos efeitos, ele foi inteligente ao optar pela inclusão de linhas vocais, o que fez toda a diferença: "Em relação ao vocal, posso dizer que antigamente me cobrava por não ter uma voz aguda. Atualmente, acho que é até uma característica interessante e nesse álbum cantei em uma região confortável." Confira o que mais ele tem a nos dizer.

Sua jornada na música começou aos 10 anos de idade, tocando piano. Naquela época, sua educação musical era voltada ao erudito ou você já se interessava pela música popular? Como um estudante de piano, você estava mais para os lados de Mozart e Rubinstein ou mais para Jon Lord e Rick Wakeman? (risos)

Igor Steiner: Nessa época, minha educação musical era mais voltada ao erudito, mas não por minha escolha. Basicamente, era o que a professora de música ensinava (risos). Ainda não conhecia nomes como Lord e Wakeman, mas provavelmente estaria mais para o lado deles! De uma forma geral, ainda não tinha um gênero musical favorito, mas me interessava mais pela música popular. Lembro que assistia muito os programas de videoclipes da MTV. Aos poucos, fui conhecendo a sonoridade do rock.

Existe uma história curiosa dessa época, sobre o seu contato com a obra de Jimi Hendrix e de como ela foi fundamental para a sua passagem para a guitarra.

Igor: Conheci o Hendrix de uma forma interessante: através do Red Hot Chili Peppers! Eu era muito fã da banda e lembro de ter comprado mais ou menos em 2003 o CD remaster do álbum *Mother's Milk* (1989). Esse álbum tem músicas muito boas e uma delas, chamada *Fire*, chamou minha atenção. Um dia, ao ler o encarte, descobri que era de um tal de Jimi Hendrix. Além dessa música, essa versão do álbum traz *Castles Made of Sand* e *Crosstown Traffic*, também do Hendrix. Algum tempo depois, encontrei um CD dele ao vivo no Royal Albert Hall em 1969. Não pensei duas vezes e comprei! Ao ouvir o riff de *Voodoo Child (Slight Return)*, realmente minha relação com a música mudou. Até tentava tocar algo no piano, mas pensei: 'O que estou fazendo? Isso precisa ser tocado na guitarra!' Inclusive, minha primeira guitarra foi uma Stratocaster.

Como foi essa migração de instrumentos para você? Você chegou a viver aquela fase de loucura em que queremos descobrir as possibilidades que cada encordoamento e cada pedal nos oferece? (risos) Como foi seu desenvolvimento como guitarrista?

Igor: Essa migração de instrumentos foi tranquila e de certa forma diria até necessária, porque a guitarra é realmente o instrumento que eu mais gosto. Sobre as possibilidades, na verdade não (risos). Em mais de quinze anos de guitarra, quase não tive pedais e comecei a me interessar mais somente em 2020. Sempre fui muito do 'plugar e tocar' e ainda acho uma opção válida com um bom amplificador. Essa aproximação maior aos pedais de efeitos foi interessante porque no final de 2021 lancei meu pedal de guitarra signature chamado Old Rock Turbo Distortion, em parceria com a TCR HM Pedals (tcrhmpedals.com), empresa nacional de pedais 'handmade' que vem crescendo no mercado nacional e internacional.

Imagino que ao mesmo tempo em que se desenvolvia como instrumentista, você também ia encontrando novas referências musicais, bandas e instrumentistas que o influenciavam. Por favor, trace um paralelo entre seu desenvolvimento e as suas referências em cada época.

Igor: Depois de Jimi Hendrix, uma banda que fez toda a diferença na minha formação musical foi o Kiss. Inclusive, considero o Ace Frehley minha maior influência na guitarra. O Kiss me fez conhecer novas sonoridades, novas possibilidades de composição e performance. O show deles é um verdadeiro espetáculo que tive a oportunidade de ver ao vivo mais de uma vez. Em termos de riffs, considero o Tony Iommi um mestre. Outras bandas clássicas, como Deep Purple, AC/DC, Queen, Judas Priest, Iron Maiden, Whitesnake e Europe, entre outras, também são referências importantes.

Um bom exemplo dessas referências todas é *Sensation*, faixa de abertura de *Power and Freedom*. Ela esbanja vigor e aquela atitude típica do rock clássico.

Igor: Ótima descrição da faixa. *Sensation* é bem simples: praticamente toda a música só tem três acordes! É o tipo de rock que gosto: simples e direto. Considerei que seria ideal como faixa de abertura: é curta (tem menos de três minutos), mas cumpre o que promete já nos primeiros segundos. E os solos mostram minha influência de Ace Frehley.

Outra que gostaria que comentasse, e que traz uma atitude bem hard'n'heavy, é *Sign of the Times*.

Igor: Essa música apresenta uma sonoridade clássica, mas com mais caraterísticas do heavy metal. Tentei trazer bons riffs e um refrão marcante. Recebi bons comentários a respeito dela. Em relação ao vocal, talvez as pessoas estejam mais acostumadas a ouvirem uma voz aguda nesse tipo de sonoridade, mas essa é a minha voz! Não vou me limitar e deixar de compor só por isso. O importante é fazer música.

Outro destaque é *Love Conquers All*, que altera a dinâmica do álbum ao adicionar doses cavalares de blues ao caldeirão hard rock da sua música.

Igor: Gosto bastante dessa música! Sendo sincero, esse lado blues não foi intencional. Acho que tem um pouco de tudo: um pouco de hard rock, de blues, de Black Sabbath... (risos)

Gostaria que aproveitasse o espaço para nos atualizar sobre seus próximos passos. Quais seus planos para os próximos meses e quando deveremos ter um sucessor para *Power and Freedom*?

Igor: Eu que agradeço pelo espaço. *Power and Freedom* foi ótimo e fiquei muito feliz com os elogios, mas já estou compondo novas músicas e pretendo lançá-las ainda este ano! O álbum também será gravado com o pedal Old Rock. Quem ainda não conhece o meu trabalho pode acessar as principais plataformas de música e, em breve, vai poder acompanhar esse novo lançamento!

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PAULO IDE
CAMINHANDO ENTRE DIFERENTES SONORIDADES

As coisas são feitas de maneira tão simples quanto poderiam ser. Paulo (ou Paulo IDE, como você preferir chamar) é dono de longa experiência no mundo da música. Contando desde os primeiros dias, são mais de duas décadas dedicadas à música pesada e nos mais variados estilos e manifestações. Dos anos atuando no cenário não autoral com o Comarage ao hardcore extremamente melódico do Skamycases, Paulo foi construindo nome e reputação no underground, mas, principalmente, foi acumulando experiências, lembranças que mais tarde serviriam de base para um novo projeto musical. Esse novo projeto acabou vindo da maneira mais pessoal possível através de uma banda solo. E da maneira mais simples possível, com ele gravando praticamente sozinho. Confira mais nas palavras do próprio músico.

Fotos: Divulgação

Em sua biografia vimos que você atua há mais de vinte anos no mundo da música, tendo sua primeira banda de metal ainda em 1999. Gostaria que contasse um pouco sobre o seu desenvolvimento como fã de música pesada e como chegou naquela primeira banda.

Paulo IDE: Olá, tudo bem? Então, no caso da música pesada, eu escutei pela primeira vez em 1997 o CD *Black Sabbath*, do Black Sabbath. Foi ali meu primeiro lance com a música pesada. Já sobre minha primeira banda, foi através de amigos que na época (em 1999) me indicaram para fazer um teste em um grupo de nome Comarage. Fiquei até 2003, quando a banda acabou. Foi uma pena... Tocávamos covers de gente como Angra, Dream Theater, Iron Maiden, Ozzy Osbourne e Black Sabbath.

Consta que pouco depois disso você integrou a banda Skamycases, com uma orientação mais voltada ao hardcore. Você chegou a gravar *Cabeça de Guidão*? Como foi a sua experiência nessa banda e como ela ajudou naquilo que você faria em seguida?

Paulo: Isso mesmo, foi um grande desafio para mim. Éramos banda autoral e tocávamos alguns covers de bandas de hardcore também. Por volta de 2002 gravamos uma demo chamada *Cabeça de Guidão* ('homenagem' aos caubóis, sertanejo universitário da época) e, sim, fui eu que gravei esse trabalho, que inclusive está no Spotify. Foi uma experiência diferente da banda anterior, pois, além do estilo e do público diferentes, estávamos tocando em vários lugares, como no antigo Volcana, em São Bernardo do Campo (SP). Porém, a banda acabou em 2003, também por problemas internos. Infelizmente, pois tinha muito potencial.

Apenas alguns anos atrás, você resolveu seguir adiante com seu próprio nome e o primeiro passo nesse sentido foi o EP *O Começo do Fim*. É fácil perceber nele um retorno para a sonoridade heavy rock/metal. O que o guiou suas escolhas nessa época (carreira solo, orientação musical e a gravação do EP)?

Paulo: Sim, após longos anos em hiato resolvi retomar em carreira solo, e as influências vêm muito do que eu estava ouvindo, inclusive até hoje: muita coisa de metalcore, progressive metal e outras coisas. A carreira solo foi mais viável pois é difícil na minha região encontrar músicos com a mesma visão ou que queiram fazer um trabalho sério, mais profissional para o público do metal.

O grande passo seguinte veio no ano passado, com o full *O Nome*. Primeiro, fale um pouco sobre a arte que adorna a capa: o que ela simboliza no contexto da obra como um todo?

Paulo: Ela foi feita pelo artista Traços da Fé e teve como base a passagem bíblica 'os seus cabelos são brancos como a lã e seus olhos são como chamas de fogo' (Apocalipse).

Agora gostaria que comentasse duas músicas em especial daquele álbum: a primeira é *Venha*, que parece retomar algo do hardcore; a outra é *Amanhã*, com riffs mais voltados ao heavy rock.

Paulo: A música *Venha*, que aliás vamos regravar ao vivo ainda esse ano, é muito especial pra mim, uma das que mais gosto. Tem um estilo meio punk rock, mas a letra fala de uma grande realidade do nosso dia a dia. Já *Amanhã* vem numa pegada totalmente diferente, inclusive nesse trabalho há alguma diversidade de estilos.

Fale-nos um pouco sobre *Hipócritas*: o que te motivou a criar essa canção?

Paulo: *Hipócritas* surgiu do nada, depois ver algo na internet ou na televisão sobre alguns escândalos entre políticos e religiosos que estavam com tramoias, algo horrível. Daí como forma de dar voz a minha revolta, criei a canção e a letra numa pegada mais forte.

Chama a atenção o ritmo de lançamento de novo material, já que um novo registro já desponta em 2022. Você poderia nos contar como funciona seu processo de composição?

Paulo: Funciona basicamente comigo trabalhando quase só. Nos meus trabalhos tive ajuda do guitarrista que me acompanha, mas a bateria foi feita por plug-ins no computador no meu home-studio. É dessa forma que tenho trabalhado.

Falemos um pouco sobre o novo registro, intitulado *3 da Tarde*. Primeiro, o que significa o título, que também é o nome de uma das faixas do álbum?

Paulo: *3 da Tarde* significa que aquela foi a hora crucial, a hora em que Jesus Cristo morreu. Ela é seguida por outras com esse mesmo tema, inclusive uma canção que se chama *Não* conta a história pela ótica de Pedro.

Fale-nos também sobre *Dias Confusos* e *Sem Medo Nenhum*, duas canções com dinâmicas bem diferentes.

Paulo: A letra de *Dias Confusos* foi composta por um amigo poeta chamado Alexandre Messias. Daí compus o instrumental pesado, pois era o que a letra pedia. Já *Sem Medo Nenhum* é uma balada que fala a respeito de alguém que entendeu a mensagem que foi entregue a ele e saiu divulgando por todas as nações: mesmo correndo risco de vida, o cara seguiu em frente.

Por fim, diga-nos qual é seu planejamento para os próximos meses, e deixe uma mensagem para os nossos leitores. Muito obrigado pela entrevista!

Paulo: Tenho algumas coisas planejadas para o futuro. Estou em pré-produção de dois trabalhos diferentes. O primeiro que será um registro do tipo 'live session' que iremos gravar ao vivo no estúdio com canções que já foram lançadas. Esse nós planejamos lançar no final do ano. Já o segundo é um trabalho que estou dando 'start' em parceria com o produtor musical e multi-instrumentista Michel Oliveira. Ele fará parte de um projeto chamado Tenebrae Project, com temas específicos, relacionado a males como ansiedade e depressão, pessoas que vivem, convivem e já saíram disso. Ele está previsto para 2023. E digo para os leitores: fiquem firmes, mantenham a cabeça boa, pensem sempre em coisas boas e não deixem de ter esperança. Fé em Deus, saúde a todos.

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

JERUSALEM'S LOT
A HORA DO VAMPIRO

Divulgação

Qualquer leitor sabe que a relação do escritor norte-americano Stephen King com o rock é extremamente explicitada em sua obra, que esbanja referências aos grandes clássicos do gênero. Por outro lado, não faltam bandas de rock retribuindo o carinho, baseando canções ou até mesmo nomeando a banda com alguma referência à extensa obra do escritor torcedor dos Red Sox – que o digam os fãs de Ramones e Pennywise, por exemplo. No caso do Jerusalem's Lot, a influência do autor vai ainda mais longe, como você confere nas palavras do vocalista Ed "Wolfman" Ross, que completa o time ao lado do guitarrista Marc Torrance e do baixista Mr. D.

Vamos começar atacando cada uma das frentes na arte da Jerusalem's Lot. Comecem nos falando sobre a sua história na música. Como descobriram o seu gosto pela música pesada, quais foram as primeiras bandas que cativaram a atenção de vocês?

Ed "Wolfman" Ross: Eu e o Marc nos conhecemos na cena underground de Salvador, ainda na década de 90. Ele era guitarrista de uma banda chamada Carnified, que recentemente retomou as suas atividades, e eu fui vocalista das bandas Veuliah e Tharsis. Depois de muitos anos, nos reunimos e resolvemos montar um projeto que envolvesse duas das nossas paixões: a obra de Stephen King e o gothic metal. Este foi o embrião da Jerusalem's Lot, que segue a linha estética de bandas como Paradise Lost, Rotting Christ e Swallow the Sun.

Naqueles dias iniciais, vocês já admiravam música gótica, em especial o gothic rock? Como se conectaram ao lado extremo da música gótica?

Ed: Eu sempre gostei de bandas como The Cure, Joy Division e Dead Can Dance, mas foi quando conheci o Paradise Lost que minha vida mudou completamente. Aliás, Amorphis e Paradise Lost foram e continuam sendo minha escola. Álbuns como *Gothic*, *Draconian Times* (ambos do Paradise Lost) e *Tales from the Thousand Lakes* (Amorphis) são obras atemporais e que revisito todo ano.

E quanto à literatura, como chegou aos clássicos do horror e da fantasia gótica? Lembra qual foi o primeiro livro que realmente cativou sua imaginação?

Ed: 'Carrie, A Estranha', de 1974. Este foi o primeiro contato que tive com a obra do mestre King. A partir daí, foram diversos os livros que passei a consumir de forma voraz. Mas foi o mestre King que me jogou neste mundo obscuro de fantasia! Obviamente que Bram Stoker, Edgar Allan Poe e Mary Shelley também são grandes referências pra mim, mas minha admiração e predileção são pela vida e pela obra de Stephen King.

Fale-nos um pouco sobre os primeiros dias da banda: como ela nasceu e como chegou ao seu line-up?

Ed: Como mencionei, eu e Marc somos velhos amigos e amantes de literatura voltada para o horror e o gótico. Nos reunimos, escrevemos um single juntos e resolvemos lançá-lo – sem pretensões, só para ver o que os formadores de opinião achariam dele. Hoje contamos com o baixista Mr. D, que é um músico experiente e líder de uma excelente banda chamada Ynys Wydryn. Estamos escrevendo coisas novas, sem pressões externas, apenas pelo prazer de estarmos juntos.

Jerusalem's Lot é um nome tirado de uma das obras mais aclamadas do principal autor de terror vivo, Stephen King. Fale-nos sobre a sua relação com a obra do autor do Maine e como ele influenciou na elaboração da arte de vocês.

Ed: Minha história de vida se confunde com as criações do mestre King. Eu não me recordo de nenhuma fase que eu tenha passado que não estivesse lendo algo escrito por ele. Como você mencionou, o nome Jerusalem's Lot foi extraído da obra 'A Hora do Vampiro', de 1975, segundo romance publicado pelo mestre King. Inclusive, usamos alguns trechos da adaptação cinematográfica de 1979, traduzida no Brasil como 'A Mansão Marsten', no nosso primeiro single.

Acabamos de conhecer a primeira amostra musical de vocês, o single *Eva Prunier*, canção também ligada à segunda obra de King. Fale-nos um pouco sobre essa música: seu processo de composição, sua temática etc.

Ed: 'A Hora do Vampiro' me marcou muito porque também tive contato com o filme de 1979, quando ainda era garoto. Então, quando pensamos na primeira canção, o tema da letra meio que se impôs. Foi uma lembrança vívida e imediata, daí busquei uma personagem secundária da trama e lhe dei protagonismo, como uma espécie de licença poética. A intenção aqui não é apenas homenagear o mestre King com as nossas músicas, mas, também e principalmente, conceder novos ângulos de visão para as suas escritas.

Gostaria também que comentasse a opção de conectar a canção diretamente à adaptação cinematográfica clássica de 'Salem's Lot', de 1979.

Ed: Na verdade, a conexão foi com a obra literária de 1975. Como já notei que você, assim como eu, é um grande fã de Stephen King, tem que concordar que nenhuma das adaptações cinematográficas fez jus aos livros. Alguns destes filmes me deram vergonha alheia e acho que o autor deveria ter mais controle sobre o padrão de qualidade destas produções. 'A Hora do Vampiro' é um clássico absoluto, o que já o credencia para figurar atrelada à nossa arte.

Com esse primeiro single lançado, fica a questão: vocês já estão trabalhando em mais material de estúdio? Esse material também deverá vir conectado à obra de King?

Ed: Jerusalem's Lot existe apenas porque a obra de Stephen King existe! Simples assim! Absolutamente tudo que lançarmos em nossa carreira será atrelado à bibliografia dele. E, sim, já estamos compondo material novo e nos reuniremos ainda neste ano para registrarmos um EP. Este material vai ser lançado como split CD, ao lado da banda irmã Before the Sun, no início de 2023, através da nossa gravadora Eternal Hatred Records.

E quanto aos palcos, vocês imaginam algo especial para as futuras apresentações ao vivo? Pretendem criar algo para destacar o caráter conceitual da sua obra? O que devemos esperar nos próximos meses?

Ed: Este projeto não foi pensado para ser levado para os palcos. Eu sigo a máxima dos mestres Fenriz (Darkthrone) e Quorton (Bathory) que se não tiver algo realmente especial em termos de estrutura para mostrar, melhor deixar como está no imaginário das pessoas. Mas nunca diga nunca, não é mesmo?

Para encerrar, um pequeno desafio: gostaria que recomendasse três livros ou filmes de terror e o álbum que serviria como trilha sonora perfeita para a leitura/ambientação deles.

Ed: 'Carrie, A Estranha', de 1974, 'A Hora do Vampiro', de 1975 e 'O Iluminado', de 1977. A banda perfeita para acompanhar a leitura seria This Mortal Coil, com o álbum *Blood*, de 1991.

Valtemir Amler

LANÇAMENTOS CLASSIC METAL RECORDS

Clássicos do Metal Nacional que fazem parte do projeto Memórias Metálicas da Classic Metal Records!

- Capa dupla / Vinil 12' transparente
- Encarte com letras

- CD duplo / Encarte com letras

- Digipack quádruplo
- 3 CDs e 1 DVD
- Encarte com letras

- MAMMOTH -
- Digibook
- Encarte de 40 páginas com a história da banda
- Fotos e depoimentos históricos

- MAMMOTH -
- Também disponível em acrílico com slipcase
- Encarte de 20 páginas

- TOKYO BLADE -
- Deluxe Edition
- CD duplo com encarte
Night Of The Blade + The Night Before

- UNDERTIME -
- Digipack com encarte contendo letras

Design: JCCV - http://julioccvalente.wix.com/jccv-design

Classic Metal Records
www.classicmetal.com.br
sac@classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado, entre em contato no e-mail: sac@classicmetal.com.br / WhatsApp (12) 98269-2446

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PORTAL ROADIE CREW DESTAQUES ONLINE

ENTREVISTA
TRIBAL SCREAM
Legado sagrado

Amaury Vazaki

Após passagens por Krisiun, Torture Squad, Matanza e Matanza Inc., o guitarrista Mauricio Nogueira nutria a necessidade de iniciar um projeto: "com a pandemia, não havia muita alternativa a não ser compor. Inicialmente, pensei num disco solo, e o primeiro vocalista seria o Vitor". A reação do ex-Torture Squad e do Voodoopriest aos primeiros sons foi o estopim para uma "mudança de planos": "Maurício me pediu para escolher uma música para cantar. Só que eu simplesmente adorei todas". Pronto, veio à luz uma nova banda, que atualmente promove *Sacred Legacy* (2021). Em entrevista ao jornalista Thiago Prata, Mauricio Nogueira, Vitor Rodrigues e Vinnie Savastanno (baixo, ex-Playriff, Army e Rygel) falaram sobre o Tribal Scream, que é completado pelo baterista Otavio Ranthum (UnderVoice).

ENTREVISTA
BERNIE MARSDEN
Resgatando as origens

Divulgação

O jornalista Antonio Carlos Monteiro falou com ex-guitarrista do Whitesnake, Bernie Marsden, que atualmente promove o álbum *Chess*, parte da "Inspiration Series", dedicada homenagear os pioneiros do blues. Além de falar sobre a sua adoração pelo blues e pelo rhythm'n'blues, Marsden falou sobre Whitesnake e comentou sobre o hit *Here I Go Again*. "Eu percebi que tínhamos feito algo diferente e original. Mas o grande Jon Lord assim que ouviu falou: 'Isso é um hit!'", comentou.

MEMÓRIA
RC #167

Ricardo Ferreira

"Tudo para mim tem a ver com Ronnie James Dio! A influência em meu estilo vocal e meus papos com ele serviram como uma mudança de vida para mim", Leather Leone sobre a influência de Dio.

YOUTUBE
Ranking Crew
Discografias comentadas

A Roadie Crew está movimentando o canal no YouTube e agora traz o Ranking Crew. Nele, membros da equipe fazem um ranking e comentam sobre discos. Já estão no ar os do Slayer e Mötley Crüe.

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Editor)
Porcupine Tree - *Closure/Continuation*
Halestorm - *Back from the Dead*
Parkway Drive - *Reverence*

Tony Monteiro (Redator)
Shaman - *Rescue*
Kreator - *Hate Über Alles*
Runaways - *Queens of Noise*

Mario Regatieri Filho (Leitor)
Winger - *Pull*
Alias - *Alias*
Alleycat Stratch - *Deadboys in the Trash City*

Leandro de Oliveira (Editor de Arte)
Chastain - *Sick Society*
Kreator - *Hate Über Alles*
Halestorm - *Back from the Dead*

Leonardo de Abreu dos Santos (Leitor)
Powerwolf - *The Sacrament of Sin*
Queensrÿche - *Operation LiveCrime*
Star One - *Revel in Time*

Alexandre Castro Lupi (Leitor)
Halestorm - *Back from the Dead*
Claustrofobia - *Unleeched*
Spiritibox - *Eternal Blue*

OUÇA A NOVA COLETÂNEA COM REMIXES DOS MAIORES SUCESSOS DA BANDA

Incluindo

HERE I GO AGAIN - IS THIS LOVE

e muito mais.

WarnerMusicLegends

warnermusic.com.br

WARNER MUSIC BRASIL

Christoph Voy

As muitas faces de uma

Lenda Germânica

Misturando elementos de todas as suas fases, Kreator apresenta seu novo álbum, *Hate Über Alles*

Por Valtemir Amler

A maior parte dos músicos de todas as gerações e diferentes gêneros musicais costuma dizer que não existe uma fórmula para fazer boa música. Embora tudo indique que essa afirmação é verdadeira, se existirem fórmulas para o sucesso instantâneo, certamente o Kreator usou todas elas ao longo de suas quatro décadas de carreira. Guiados sempre pelo talento e pela vontade férrea do vocalista e guitarrista Mille Petrozza e seu eterno parceiro Jürgen "Ventor" Reil (bateria), a banda alemã de Essen nasceu firmemente calcada no thrash metal e lançou bases sólidas para o metal extremo em geral, sendo eternamente mencionada entre as influências principais de muitos gigantes do black e death metal. Depois disso, eles enveredaram por caminhos diferentes nos anos 90, caminharam pelo industrial e até pelo gótico, retomaram o thrash nos anos 2000 e criaram uma fusão única e instantaneamente reconhecível de thrash e metal tradicional em seus álbuns mais recentes, sempre mantendo uma qualidade indiscutível, motivo principal de o grupo se manter crescendo mesmo após tantos anos de carreira. Em 2022, como que para testemunhar todas essas transformações, Mille e Cia. aparecem com *Hate Über Alles*, que mantém como estrelas principais o vigor do thrash e as melodias do heavy, mas que mergulha fundo naqueles elementos experimentais que marcaram a jornada da lendária banda alemã nos anos 90. Comentando todos os elementos que marcam o novo registro, temos o "líder do culto": Mille Petrozza!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Todos crescemos vendo o Kreator como uma das bandas mais ativas e atuantes de todo o cenário, sempre com novidades no estúdio e na estrada. Então, como foram esses dois últimos anos para vocês?

Mille Petrozza: Não vou mentir, foram muito quietos, muito mais quietos do que gostaríamos, muito mais do que poderíamos imaginar. Acho que foi mais ou menos a mesma coisa para todas as bandas nesse período, mas fico feliz em poder dizer que passei todo este tempo saudável, não adoeci em nenhum momento e tive sorte o bastante de poder me manter seguro nesses dias, o que me ajudou a manter uma postura positiva mesmo nos momentos mais escuros. Porém, é claro que sentimos falta da estrada. É como você disse, o Kreator sempre esteve na estrada desde que eu era um garoto e, de repente, estávamos todos em casa, sem poder fazer muito além de trabalhar no novo álbum e nos concentrar nas nossas futuras aventuras.

Sim, percebi que vocês se mantiveram muito ativos, apesar das turnês não serem uma opção.

Mille: Somos uma banda muito afortunada, pois temos fãs que demandam de nós tudo aquilo que podemos produzir. Durante esses dois anos nós trabalhamos no novo álbum, mas também dedicamos bastante tempo aos relançamentos do nosso catálogo, podendo dedicar atenção máxima a cada detalhe do processo. Quer dizer, estivemos ocupados e procurei me manter trabalhando todo o tempo. Não estive tão ocupado quanto costumo e nem talvez da maneira que gostaria, pois faltava algo, mas não posso reclamar, pois pude continuar permanentemente trabalhando com música, que é o que amo.

E os shows estão começando a voltar, justamente a tempo de coincidir com o novo álbum.

Mille: É verdade. Bem, precisamos ir com calma nesse momento, sei que todos estamos ansiosos por cair na estrada e abraçar o mundo depois de tanto tempo sem essa chance, mas cuidados ainda são necessários e tudo ainda não está equilibrado em todos os lugares. Quer dizer, não vamos ser negativos, as coisas estão melhores e vamos aproveitar isso, mas não a ponto pôr a perder tudo o que conquistamos até aqui. Então, vamos analisando as oportunidades que aparecem, vamos equilibrando as coisas e retomando aos poucos. Uma semana atrás tocamos na Noruega e, vou lhe falar: foi uma experiência incrível! As pessoas realmente estão empolgadas com a chance de verem suas bandas favoritas ao vivo, nós estávamos empolgados em finalmente ter a chance de tocar em frente a uma plateia de verdade novamente (risos). Foi ótimo participarmos da edição desse ano do Inferno Festival. As coisas estão melhorando e espero que possamos seguir nesse caminho.

Da última vez que conversamos, o Kreator estava a apenas alguns dias do lançamento do seu então mais novo single, *666 – World Divided*, em 2020. Qual era o plano original para ele?

Mille: Cara, hoje é até estranho falar isso, mas dois anos atrás, quando lançamos aquela música, ela supostamente seria o primeiro single do nosso novo álbum, uma espécie de 'notificação' para o novo disco do Kreator. Como você pode perceber, não foi bem isso que aconteceu (risos). Bem, não estávamos com pressa de soltar um novo trabalho naquele momento, mas queríamos lançar a ideia de um novo registro com algo bem interessante, e então soltamos *666*. Além disso, ela serviria como um cartão de visitas para a turnê que estávamos lançando na época, a State of Unrest Tour, com o Lamb of God. Claro que tivemos que adiar a turnê, que deve acontecer agora em 2022, com Kreator, Lamb of God, Gatecreeper e Thy Art Is Murder. Quer dizer, no fim das contas, *666 – World Divided* foi o primeiro single de um novo disco que acabou não entrando no disco e o cartão de visitas de uma turnê que ainda não aconteceu. Nada mal (risos gerais).

> "Sentimos que nos dias de hoje as pessoas estão ocupadas demais gritando umas com as outras e preferem dar mais atenção para as coisas que odeiam do que para as que amam"

Mas é uma ótima música.

Mille: É verdade, é sim (risos). Certamente vamos tocá-la nos shows, mas sentimos que seria estranho incluir no novo disco um single lançado dois anos antes (risos). E acho que ela acabou não encaixando com o restante do material que escrevemos para *Hate Über Alles*, que acabou tendo uma vibração diferente. Ou seja, ela acabou sendo lançada em formato físico, como um single, e é assim que continuará, a não ser que alguém inclua numa edição especial, sei lá (risos gerais).

Isso seria legal, já que ela acabou sendo a primeira gravação de estúdio do Kreator com o baixo de Frédéric Leclercq (Sinsaenum, Loudblast, ex-DragonForce).

Mille: É verdade, tem mais esse atrativo. Bem, quem prestou atenção nessa primeira amostra já sabia o grande músico que ele é, e o tipo de performance que ele entregaria no novo álbum. O cara é sensacional!

Quanto às sessões de gravação do novo disco, elas começaram logo depois do lançamento de *666 – World Divided*, certo?

Mille: Sim, foi logo depois. Bem, a verdade é que o lockdown começou naquela época, então isso meio que ditou o que faríamos a seguir. Começamos a gravar algumas demos naquele período e esperávamos que o lockdown terminaria na segunda metade de 2020. Não terminou. Quando começou o segundo lockdown, cerca de 80% do álbum estavam escritos e então decidimos que não voltaríamos ao estúdio até que o lockdown terminasse. Acabamos jogando as gravações para cerca de um ano depois e começamos a trabalhar seriamente nisso entre setembro e outubro do ano passado. Então foi uma sensação estranha, pois tínhamos todas aquelas músicas prontas, tínhamos tempo de sobra e podíamos ficar sentados esperando a hora de lançar o disco. Cara, isso não é algo que costuma acontecer (risos).

Sim, posso imaginar.

Mille: Pois é, tínhamos todo aquele tempo nas nossas mãos e no cenário perfeito poderíamos ter pensado: 'Vamos lá, que tal escrever mais umas dez canções?' Mas eu já tinha cerca de vinte músicas e tive que escolher as dez melhores no corte final, nós sentíamos que o nosso material mais forte já estava pronto, então que sentido fazia continuar empilhando mais e mais material? Quer dizer, sou uma pessoa criativa, estou sempre escrevendo músicas, mas vi uma ótima oportunidade de fazermos algo diferente dessa vez: em vez de empilhar mil outras canções que talvez nunca usássemos, que tal nos debruçarmos com mais cuidado sobre o material mais forte que já tínhamos, tornando-o ainda mais forte e coeso? Quer dizer, tínhamos muito tempo extra e não precisávamos dele, poderíamos ficar sentados olhando um para a cara do outro sem fazer nada ou poderíamos trabalhar novamente em alguns arranjos, testar tudo com calma, comparar como cada versão soava, essas coisas. Cara, mergulhamos fundo nos detalhes nesse álbum, sem contar que

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

a banda estava mais afiada do que nunca quando finalmente entramos no Hansa Studios, em Berlim. Acho que isso tem muito a ver com a maneira como o disco soa.

Eu ia chegar nesse ponto. Aliás, me agrada muito perceber que, apesar do clima em que vivemos nesse período, o Kreator não está soando como uma banda de funeral doom no novo disco...

Mille: Pois é, não conseguimos encapsular tanta depressão (risos gerais). Veja, acho que isso tem a ver com a decisão de deixarmos a gravação para depois do lockdown, acho que se tivéssemos gravado no pior momento, certamente isso afetaria a forma como soamos e talvez tivesse uma energia meio funeral doom (risos). Estávamos animados quando gravamos, as coisas estavam amenizando na Alemanha, tínhamos feito alguns poucos shows na Espanha, Áustria, Hungria e tal, estávamos realmente aliviados e esperançosos, e acho que o disco traz essa energia positiva. São músicas pesadas e violentas, mas são animadas (risos).

E nada como começar animando as coisas logo de cara, chamando o álbum de 'ódio acima de tudo'.

Mille: Ah, é que existem muitas maneiras de estar animado (risos gerais).

O título faz referência ao hino alemão, *Deutschland Über Alles*?

Mille: De forma indireta sim, mas nossa real intenção era fazer uma homenagem a uma banda que gostamos demais, o Dead Kennedys (N.R.: a banda punk californiana liderada pelo polêmico vocalista Jello Biafra lançou em 1980 seu clássico debut *Fresh Fruit For Rotting Vegetables*, que tinha como um dos seus carros-chefes a canção *California Über Alles*). Nunca nos vimos como uma banda política, mas sempre abordamos temas que versam sobre a injustiça humana. Isso sempre esteve ali e a faixa-título fala sobre comunicação, sobre como nos comunicamos com os outros. Sentimos que nos dias de hoje as pessoas estão ocupadas demais gritando umas com as outras e preferem dar mais atenção para as coisas que odeiam do que para as que amam. Hoje é tudo sobre aquilo que você odeia e contra o que você se coloca, e às vezes sem nenhuma maldita razão, é simplesmente 'porque sim', 'porque eu posso odiar', e isso é tudo. Para nós isso meio que reflete a época em que vivemos, é tanta negatividade, é tanto conflito, é tanta vontade de ficar gritando uns com os outros, ninguém está disposto a ouvir o outro e pensar sobre o que ele diz.

Sim, todos parecem ter tanta certeza de estar 'do lado certo da história' que sequer se dão ao trabalho de questionar, o que costumava ser uma qualidade humana.

Mille: Sim, e por isso regredimos tanto, por isso estamos nessa sociedade mergulhada em ódio. Quando eu era garoto, nos anos 80, tinha convicções firmes sobre tudo o que estava ao meu redor, mas nem por isso eu negava aos outros o direito de falar. Eu tenho minhas convicções extremamente fortes sobre aspectos sociais e políticos, mas não nego o seu direito de discordar de mim, não nego o seu direito de se expressar, e se você quiser explicar a sua visão sobre esses assuntos eu vou ouvi-lo com atenção, sem precisar declará-lo meu inimigo. Porém, hoje em dia é preto ou branco, não existe meio termo. De onde vem tanta imaturidade? Não existe discussão, não existe mais espaço para conversa, é puramente 'você está comigo ou está contra mim'.

De fato, são tempos sombrios.

Mille: Sim, e acho que isso reflete o instinto humano de caminhar para a destruição. É meio que parte do ser humano, é um comportamento que se repete ao longo da história, estamos sempre errando e repetindo os erros. As discussões perdem o foco, não se discute mais que essa ou aquela tragédia foi culpa da nossa ignorância e da nossa maldade, que tal coisa jamais poderá acontecer de novo. Hoje tudo que interessa é saber se as pessoas que causaram aquilo eram 'de direita' ou 'de esquerda'. Mas que porra é essa? Foda-se o lado, não é isso que deveríamos

Christoph Voy

Hate Über Alles marca o primeiro álbum completo com Sami Yli-Sirniö, Mille Petrozza, Frédéric Leclercq e Ventor

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

estar discutindo. No fim, pessoas como nós, que têm um pensamento esclarecido, precisamos nos manter firmes e mostrar que ainda existe uma esperança, existe uma saída, por mais que os tempos sejam difíceis e sombrios. Mas esta saída só pode vir da conversa, da troca de ideias, da comunicação... Precisamos nos comunicar ao invés de só gritar uns com os outros, e é basicamente essa a ideia que evocamos no título do novo álbum.

Bem, além dessa mensagem forte, a faixa-título também traz um instrumental cuidadoso, pesado e fortemente melódico, características comuns ao Kreator, e foi escolhida como primeiro single do novo álbum.

Mille: Sentimos que precisávamos de uma declaração forte para apresentar o novo álbum e essa música simplesmente tinha tudo o que queríamos. Quer dizer, ela realmente é forte, tem ótimos riffs e boas melodias, é quase uma música típica do Kreator, não deve ser algo que assustará alguém que nos segue há algum tempo. E tem a mensagem que comentamos, e precisávamos colocar isso à frente também, em destaque. Bem, acho que ela é a faixa mais pesada do disco, não consigo lembrar de outra que seja tão agressiva quanto ela. Queríamos esse 'chute na cara' logo no início da experiência, e nosso próximo single seguirá por um caminho diferente, pois queremos evidenciar essa diversidade que buscamos em *Hate Über Alles*. Esse novo álbum é assim, dinâmico e variado; eu não diria que é 'experimental', mas definitivamente tentamos algumas coisas diferentes aqui.

Por que não 'experimental'?

Mille: Eu não sei, mas acho que não é a palavra certa porque não trouxemos elementos de fora do universo musical do Kreator. As coisas que estão aqui são evoluções de elementos que já estiveram em nossa música, então a 'experiência' já aconteceu há tempos, acho que aqui evoluímos a fórmula e acertamos certos pontos.

Parece justo. Você mencionou o segundo single, *Strongest of the Strong*, e aqui precisamos falar das linhas de guitarra, que são incríveis em todos os aspectos.

Mille: Ah, muito obrigado, cara! Pois é, trabalhamos muito duro nessa (risos). Quando começamos, eu tinha apenas aquele primeiro verso e não tinha certeza para onde aquela música seguiria, nem sabia se de fato viria a ser uma música, já que era apenas um fragmento. Mas ela cresceu muito, especialmente depois que começamos a tocar juntos, como banda. Ela tem essa vibração positiva, tem aquele groove bem evidente, é uma música para ser tocada nos shows, então fico feliz que tenha surgido como surgiu, da nossa interação como banda. Ela reflete o que amo na música pesada, exala alma, poder e esperança. Quando

> "Quando era garoto e ouvi metal pela primeira vez, ele tocou fundo em mim, me fez sentir que eu não era vazio, que podia ser alguém de fato"

era garoto e ouvi metal pela primeira vez, ele tocou fundo em mim, me fez sentir que eu não era vazio, que podia ser alguém de fato. Se o mundo fosse governado por fãs de metal, ele seria um lugar melhor. É esse sentimento que tento colocar na minha música. A mensagem dessa música é que você é perfeito sendo você mesmo e não precisa ser alguém que não é apenas para agradar os outros. Seja você mesmo, pois ninguém mais poderá sê-lo.

Evidenciando ainda o lado dinâmico desse álbum, há *Crush the Titans*.

Mille: Sim, nós definitivamente tentamos cobrir todo o espectro da música que amamos, e uma das coisas que eu mais gostava quando moleque era de ouvir aqueles riffs lentos e esmagadores de Tony Iommi nos primeiros discos do Black Sabbath. *Crush the Titans* não é uma faixa doom, mas definitivamente buscamos por esses riffs mais cadenciados, influenciados pelo velho Sabbath.

Isso é bem legal, e em *Become Immortal* você canta o verso 'remember where you came from' ('lembre-se de onde você veio') em uma música movida por riffs heavy metal, que é basicamente de onde você veio, certo?

Mille: Exato, e você foi um dos poucos que pegou a referência exata do que dizemos aqui (risos). Eu adoro criar música, mas amo criar letras e acredito que às vezes elas têm o poder de elevar uma música, dar um sentido para ela, e é isso que fazemos aqui. A música está o tempo todo correndo atrás do que a letra diz, é só prestar atenção. Essa

HATE UBER ALLES
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Fotos: Marc Hansen Michael Jagla

"Você é perfeito sendo você mesmo e não precisa ser alguém que não é apenas para agradar os outros. Seja você mesmo, pois ninguém mais poderá sê-lo"

definitivamente é uma canção em que a letra ditou o caminho do instrumental e é uma homenagem ao Mille que ouvia seus discos do Iron Maiden e Judas Priest no começo dos anos 80. Que bom que você destacou esse ponto nessa conversa, pois isso mostra que cheguei onde queria com essa música!

Paralelamente a essas canções mais 'tradicionais', você tem outras como *Midnight Sun*, em que temos vocais femininos, e *Pride Comes Before the Fall*, na qual você segue caminhos diferentes na abordagem vocal. Ambas têm uma forte referência gothic rock, certo?

Mille: Com certeza têm, e as coisas aconteceram meio que sem intenção, quer dizer... Bem, há apenas alguns dias foi relançado *Endorama* (N.R.: disco de 1999, com fortes referências no gothic rock) e ele disco já diz tudo sobre minha relação com a música gótica (risos gerais). Quer dizer, é um dos meus gêneros musicais favoritos, e sei que um dos seus também, então essa vai passar a ser uma 'conversa caseira'... (risos gerais) Lembra como foi legal pegar pela primeira vez em suas mãos um daqueles discos do Fields of the Nephilim ou The Sisters of Mercy e colocar para tocar? Você lembra a sensação?

Claro, foi como se aqueles caras estivessem entrando na minha mente e explorando tudo o que eu tentava esconder do mundo exterior.

Mille: Exatamente isso! A música daqueles caras vinha de um lugar diferente, conversava com uma parte diferente de nós, como você disse, uma parte escondida... Eu amo aquilo, cara! Joy Division, The Cure, aquelas músicas me faziam sentir vivo, me lembravam de coisas importantes para mim, sentimentos que me tornavam quem sou de verdade, e eu nunca deixei isso para trás, nunca abandonei esses discos, então acho *Hate Über Alles* perfeito para reintroduzir isso no nosso mundo. Em *Midnight Sun* temos os vocais de Sofia Portanet, que não é uma vocalista de música gótica, mas que tem nela uma de suas principais referências. Ela ainda é tão jovem, mas já traz todo esse peso em sua alma. Basicamente, ouvi a voz dela em *Freier Geist* (N.R.: disco lançado pela cantora teuto-espanhola em 2020), sabia que ela era a pessoa certa para trazer de volta essa parte da música do Kreator. Simples assim. Já em *Pride Comes Before the Fall*, resolvi eu mesmo buscar esse ponto de diferença nos vocais. Pensei: 'Poxa, eu mesmo deveria ser capaz de fazer isso' (risos gerais). Que bom que funcionou, pois adoro testar até onde consigo chegar com novas ideias. Especialmente hoje, um álbum como este só foi possível por conta da qualidade dos músicos que estão ao meu lado. Todos compreendem tão fácil onde quero chegar, todos elevam o nível do que estamos fazendo. Não acho que *Hate Über Alles* seria possível em uma outra época, simplesmente porque não seriam esses caras ao meu lado.

Como um velho fã de filmes de faroeste, não posso deixar de perguntar sobre o título da introdução deste novo álbum, *Sergio Corbucci Is Dead*. Por que decidiu por esse título? (N.R.: Sergio Corbucci, falecido em 1990, foi um diretor de cinema italiano, conhecido especialmente por seus filmes de faroeste, como *Django*, de 1966).

Mille: Ah, isso é muito legal (risos). Cara, eu cresci também como um grande fã de filmes de faroeste, os italianos são os melhores, nada como um belo western, um 'western-spaguetti', para aliviar uma chata tarde de domingo, não é mesmo? (risos gerais). Em primeiro lugar, é um tributo à obra dele, você percebe na estrutura da música que ali tem algo de faroeste e tal. Mas também tem um outro sentido, pois nos filmes dele – não tanto nos posteriores, de comédia, mas especialmente nos faroestes – existia muita crítica social, seus roteiros eram sempre antifascismo, ele batia de frente contra a opressão, seus personagens principais eram antagonistas dos opressores. A música tem a ver com isso, pois acho que a arte deveria cumprir esse papel de questionar as injustiças, dar voz aos oprimidos, um papel do qual tem fugido nos tempos atuais. Então, também por isso dizemos *Sergio Corbucci Is Dead* ('Sergio Corbucci está morto'), pois está morta a coragem de bater de frente, de encarar o desafio com coragem, de dialogar com o problema, algo que tem a ver com o conceito geral de *Hate Über Alles*.

NOVO SINGLE / NOVO VIDEOCLIPE
NOVA FORMAÇÃO

WHEN CALLS THE DEATH

A DRINK WITH THE DEATH [2021]

USURPER OF SOULS [2020]

OUÇA NO Spotify

FROM HELL [2018]

CONSUMATUM EST [2017]

PRIEST FROM HELL

WHEN CALLS THE DEATH

VEJA NO YouTube

USURPER OF SOULS

A DRINK WITH THE DEATH

BORRACHARIA IGLESIA

VIOLENT TOUR 2022

23/07/22
A PARTIR DAS 20 HORAS

FACES OF DEATH

DEATHGEIST

LA IGLESIA - RUA JOÃO MOURA, 515 GALPÃO 6 - PINHEIROS - SP
INGRESSOS ANTECIPADOS: CLUBEDOINGRESSO

INGRESSOS:R$40
+ 1K DE ALIMENTO

BORRACHARIA IGLESIA

AUDIOCLUB STUDIO

ASE MUSIC

WWW.FACESOFDEATH.COM.BR

FUNERAL RECORDS

CORUN RECORDS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Divulgação

HALESTORM

VIVO E NERVOSO

Halestorm lança novo trabalho depois de quatro anos, e Lzzy Hale explica por que *Back from the Dead* é o disco mais pesado e surpreendente da banda

Por Daniel Dutra

Arte é uma forma de expressão, e isso explica a razão de o Halestorm ter feito de *Back from the Dead*, o quinto álbum de estúdio, seu trabalho mais pesado até hoje. Pesado, nervoso e surpreendente, mesmo para uma banda com talento ímpar para inserir elementos pop e modernos ao hard rock (e ao heavy metal, claro). E foi a simpática Lzzy Hale - guitarrista e vocalista do quarteto que conta ainda com Joe Hottinger (guitarra), Josh Smith (baixo) e Arejay Hale (bateria) – quem explicou que expressões ela buscou colocar para fora. E com sucesso. Leia a entrevista e ouça o disco!

Como você tem passado esses dias que, espero, sejam um indício de pós-pandemia?

Lzzy Hale: Eu estou bem, e estamos felizes porque teremos turnês em breve. É ótimo poder voltar aos palcos, é ótimo finalmente lançar música nova, e realmente parece que é um novo dia. Não acho que podemos dizer que nosso planeta é normal, mas estamos seguindo adiante, o que é algo que gosto muito e sou grata por poder fazer.

E já se passaram quase quatro anos desde *Vicious* (2018), com uma pandemia e lockdowns no meio. Acredito que tudo isso teve um impacto no Halestorm, e não estou falando apenas da música *The Steeple*...

Lzzy: Realmente teve um impacto. Esse disco seria bem diferente do que é se o mundo não tivesse mudado (risos), e em ambos os sentidos: bom ou ruim. Para mim, a fresta de esperança, e não me refiro apenas à pandemia, mas ao modo como as coisas acontecem no mundo em geral, é que esse álbum foi uma grande ferramenta para nós usarmos durante esse período. Foi a única que podíamos realmente controlar, era a única arma que eu dispunha no meu arsenal para combater tudo o que estava acontecendo. Não há como evitar sentir tudo o que acontece, e sem shows, turnês e a camaradagem dos colegas de banda, você só tem uma opção, que é compor. Estou muito orgulhosa desse trabalho, porque é tipo uma história de sobrevivência de várias formas, não apenas para o mundo, mas para nós, particularmente. Parece que estamos do outro lado de alguma coisa depois de compor esse disco. É um lindo momento para estar numa banda de hard rock!

Perguntei isso porque, embora eu tenha assistido ao videoclipe de *Back from the Dead* meses antes de ouvir o novo álbum, posso dizer que você estava furiosa, talvez com raiva, enquanto compunha e gravava.

Lzzy: (rindo) Sim! Temos que canalizar isso de alguma forma, e não havia meios para fazer isso, para extravasar esses sentimentos, então escolhi gritar num microfone em vez de quebrar copos ou chutar mesas! (risos) Foi bastante terapêutico. Interessante você fazer essa observação, porque não foi o único a perceber e comentar a agressividade ou o peso desse disco. Creio que nós somente percebemos que fizemos um álbum pesado depois que ele estava pronto.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Estávamos ouvindo várias mixagens de todas as músicas antes de mandá-las para a masterização, e me lembro de ter comentado com os caras: 'Será que fizemos nosso disco mais pesado?', e sim, nós fizemos! E é uma relação de causa e efeito, porque não era apenas eu agindo assim nas letras e nos vocais, mas os rapazes também. Assim que pudemos entrar no estúdio, não havia o que ou quem pudesse nos segurar. Arejay tocou insanamente, e Joe também. Acredito que, no fundo, mesmo que tivéssemos esperança de as coisas melhorarem e de que pudéssemos voltar ao palco, por termos ficado tanto tempo sem isso, na nossa cabeça pensávamos: 'Bem, talvez jamais pisemos num palco novamente, então devemos colocar tudo nesse disco'. Então, ninguém se conteve. Todo mundo pegou firme nesse álbum, para que fosse o melhor e mais alto Halestorm que podemos ser! (risos)

É claro que não é algo que vocês não tenham feito antes, mas o lado mais pesado do novo álbum é muito mais intenso, e sua performance vocal mostra isso.

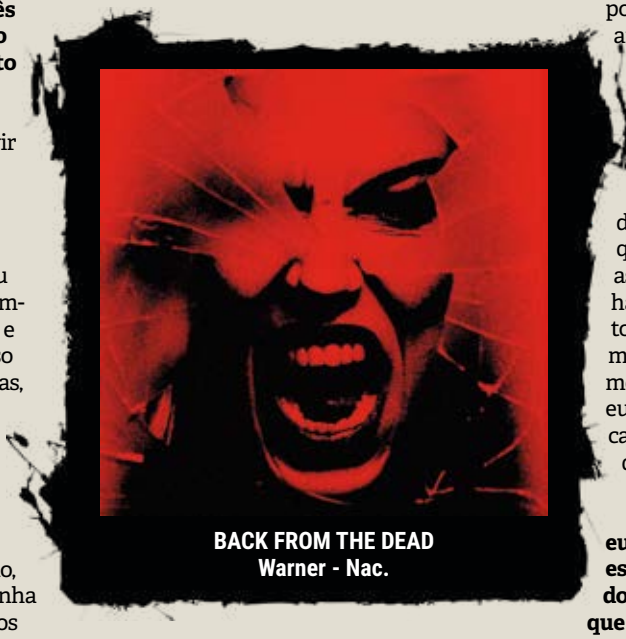
Lzzy: Muito obrigada. É bom ouvir isso, porque gosto de ir com o meu melhor 'pé direito', e ele geralmente é a minha boca! (risos) Foi um grito de guerra para mim, e, com processo de composição do disco e a pandemia, eu aprendi muito sobre mim mesma. Também redescobri por que amo compor e por que preciso compor. Acho que isso também aconteceu com várias pessoas, não apenas comigo, mas redescobri que uso a composição como ferramenta para juntar as peças do quebra-cabeça que é a minha mente, para tentar entender com o que estou lidando, se é algo pessoal ou se é, novamente, o peso do mundo. Então, compor é a minha ferramenta, é a minha arma, e era a única coisa que podíamos controlar. O fato de termos chegado ao outro lado me deixa orgulhosa. De fato, teria sido um disco totalmente diferente se nada disso tivesse acontecido no mundo.

E pegue a música *Brightside* e sua letra, por exemplo. A frase "I'm over all the bullshit and the fucked-up world I'm living in" resume bem o que muitas pessoas estão sentindo...

Lzzy: Exatamente. Acho que todos se sentem desamparados em algum momento com relação às merdas do mundo, toda a pequenez com relação às coisas importantes para a vida, todo o ódio sem sentido, tudo o que há de errado com a humanidade atualmente. Todos sentem que devem fazer algo, mas, ao mesmo tempo, se sentem desamparados. A única coisa que tenho controle sobre e posso fazer é escrever, e escrever sobre isso. E é engraçado como *Brightside* é, sim, uma das faixas mais sombrias (risos). Às vezes, sou sarcástica demais (risos), mas, novamente, esse desamparo é algo que não dá para controlar. Perdi a conta de quantas vezes comecei a conversar entre amigos e em três minutos já estávamos falando sobre desgraças, pandemia, guerra, toda a merda acontecendo na internet... Não há como escapar dessa negatividade. Por isso, acredito que, em vez de tentar fugir dela, temos de aceitar e falar a respeito, levantar o dedo do meio para tudo isso de alguma forma.

Ainda sobre as letras, o trecho 'for this is my church and these are my people', de *The Steeple*, é bem representativo. Isso e todo o refrão são muito legais.

Lzzy: Quando estávamos no estúdio compondo, essa era a minha forma de recriar essa 'igreja', recriar a amizade e a unidade. Sabe quando você vai a um show e fica ombro a ombro com estranhos, mas ao mesmo tempo não são estranhos? São pessoas como você, com quem pode cantar junto! Isso é algo muito bonito de fazer parte, e a música é essa forma de comunhão e amizade. Em *The Steeple*, quis falar sobre isso, e foi muito importante poder fazê-lo porque de muitas formas, mesmo que não tenhamos vivido isso nos últimos dois anos, eu podia ver minha comunidade e minha família e todas essas pessoas on-line, então quis me lembrar disso e, também, lembrar as pessoas disso. A relação que temos com os fãs, e nem devíamos chamá-los assim, porque são bem mais do que isso, não se trata de eles ficarem ouvindo e nós fazendo palhaçada no palco sendo 'rock stars'. É, sim, como uma família, e por essa razão temos que cuidar uns dos outros.



BACK FROM THE DEAD
Warner - Nac.

Bem, eu poderia mencionar todas as músicas, mas não há tempo suficiente para isso (riso). Então, escolhi mais duas, e a primeira é *Terrible Things*, porque é uma linda balada acústica, mas não é uma música de amor... E foi isso o que mais gostei nela.

Lzzy: Ah, muito obrigada! Sim, e é algo novo para mim, também! (risos) Originalmente, ela se chamava 'I Am Terrible Things' e falava sobre como podemos ser depreciativos sobre nós mesmos, mas foi reescrita sobre as coisas terríveis que acontecem no mundo. É algo com o qual eu tenho dificuldade de lidar, e creio que inúmeras pessoas também têm: olhar para nós mesmos, enquanto seres humanos, e perceber como somos violentos, sobre como estamos assistindo à história se repetir sem termos aprendido nada com os nossos erros. Na verdade, acho que até apreciamos os erros, e isso nos faz andar para trás na evolução. Observar tudo isso pode nos deprimir, e em *Terrible Things* eu quis falar sobre essas coisas, quis tentar manter a fé e a esperança na humanidade porque acredito que devemos continuar tentando melhorar e evoluir. Tem tanta coisa ruim acontecendo, tantas pessoas que estão sofrendo, e ao mesmo tempo há tantas pessoas com raiva de coisas desnecessárias, se preocupando com bobagens, então preciso manter a esperança de que podemos fazer melhor do que isso. Isso também se tornou um assunto interessante, porque eu nunca havia falado a respeito, talvez tenha tocado de leve nesse assunto noutras músicas, mas dessa vez foi um desabafo, mesmo. E do ponto de vista musical, se eu estarei gritando até explodir a minha cabeça numa canção, é bom ficar mais quieta em outra (risos).

E tem *Raise Your Horns*. Enquanto eu ouvia o álbum pela primeira vez, eu esperava que ela fosse um encontro do Halestorm com metal extremo, mas que surpresa incrível ela se mostrou...

Lzzy: (rindo) Isso é culpa minha! (risos) Essa é uma música que começou durante o lockdown, porque eu tenho um piano aqui em casa. Lembro-me de ligar para os caras dizendo: 'Eu tenho essa ideia, de uma música que vai se chamar *Raise Your Horns*, mas não haverá bateria, não haverá guitarra (risos). Será apenas voz e piano', e eles basicamente disseram: 'Você vai confundir todo mundo!' (risos). Foi uma pegadinha minha. A ideia por trás dela é falar sobre o que essa frase significa para mim. Não é apenas 'Yeah, estou num show de metal!-, mas sim a unidade, a viagem, e é também um pouco sobre sanidade mental, de que somos todos iguais e não estamos sozinhos em nenhuma das nossas batalhas na vida. Quando fomos para o estúdio para gravá-la, fiquei um pouco emocionada e, ao mesmo tempo, meio besta. Tipo 'eu não acredito que estou emocionada com uma música chamada *Raise Your Horns*' (risos).

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

E sempre soubemos que, assim como *Back from the Dead* era para abrir o disco, *Raise Your Horns* era para fechá-lo.

Mudando um pouco de assunto, antes de terminarmos, você conhece uma banda britânica chamada Inglorious?

Lzzy: Sim, conheço.

Eles gravaram uma versão incrível de *I Am the Fire* para o álbum *Heroine* (2021), que tem apenas músicas cantadas e escritas por artistas femininas que eles admiram. E foi uma ótima ideia...

Lzzy: E ficou incrível! Os vocais são incríveis em ambas as versões, elétrica e no piano, e essa é uma música difícil de toca, até mesmo para mim, e olha que fui eu quem a compus. (risos) Eu nunca facilito para mim mesma, sempre dificulto bastante, e *I Am the Fire* é desafiadora tanto para mim quanto para outra mulher cantar, e para um homem, então... Tradicionalmente, poucas pessoas conseguiriam, então me senti muito honrada por terem escolhido uma música nossa para um cover.

E a melhor parte é que a banda doa uma libra de cada cópia vendida em seu site para a Women's Aid, organização que apoia mulheres e meninas vítimas de violência doméstica e de todos os outros tipos de agressão. Faltam mais iniciativas como essa...

Lzzy: Totalmente! Eu os recomendo muito porque, sendo mulher, e não apenas uma mulher nesse ramo, mas em geral, eu acho maravilhoso estar cercada de homens que são nossos aliados, que nos enxergam e, mesmo que não entendam os obstáculos que enfrentamos em nossas vidas, e nos apoiam. Ter esse tipo de apoio, de torcida, é muito bonito, porque muitas vezes parece que isso geralmente fica sob responsabilidade de outras mulheres. O fato de eles terem tomado a decisão não apenas de fazer esse tributo a maravilhosas artistas mulheres, mas principalmente de doar para uma grande causa, é incrível e maravilhoso. Espero que vejamos mais disso acontecer.

Aqui está algo legal que li em algum lugar na internet e que gostaria de compartilhar com você: "Lzzy é a versão feminina de Steven Tyler, pelo jeito que ela grita! Eu a amo!". O que você acha disso?

Lzzy: Fala sério... Isso é um grande elogio! Steven Tyler foi o primeiro vocalista que ouvi, e agradeço demais ao meu pai por isso. É claro que uso essa influência em algum lugar, mas que baita elogio! Não apenas Steven Tyler é um dos melhores vocalistas masculinos do rock, mas também é uma personalidade. Mesmo que você cante bem, mesmo que você consiga cantar uma música do Aerosmith, ninguém faz isso como Steven Tyler faz.

E olha que a pessoa fez esse elogio antes de escutar o novo álbum (risos).

Lzzy: E essa pessoa terá uma grande surpresa! (risos)

Muito obrigado pela entrevista, Lzzy, e o espaço é todo seu para acrescentar o que quiser.

Lzzy: Eu é que agradeço o tempo cedido, e você foi ótimo! Fico muito feliz que tenha gostado do disco. Aos nossos fãs brasileiros, muito obrigada por manter contato, obrigada por amar a banda e hastear a bandeira do Halestorm tão alto enquanto estávamos longe. Prometo que iremos vê-los muito em breve. Estamos vendo isso nesse exato momento, e mal posso esperar para que de fato aconteça, porque os fãs brasileiros de rock são os melhores do mundo! Todo mundo sabe disso, embora nem todo mundo admita. (risos)

"TEM TANTA COISA RUIM ACONTECENDO, TANTAS PESSOAS QUE ESTÃO SOFRENDO, E AO MESMO TEMPO HÁ TANTAS PESSOAS COM RAIVA DE COISAS DESNECESSÁRIAS, SE PREOCUPANDO COM BOBAGENS, ENTÃO PRECISO MANTER A ESPERANÇA DE QUE PODEMOS FAZER MELHOR DO QUE ISSO" – LZZY HALE

Josh Smith, Lzzy Hale, Arejay Hale e Joe Hottinger: como reflexo da pandemia, o disco mais pesado da carreira

Divulgação

TWILIGHT AURA

Leo Loebenberg
KEYBOARDS

Claudio Reis
DRUMS

Daiza Munhoz
VOCALS

Andre Bastos
GUITAR

Filipe Guerra
BASS

Rodolfo Elsas
GUITAR

TWILIGHT AURA - FOR A BETTER WORLD

Construindo um mundo melhor através da música

Com participações especiais de:

JEFF
SCOTT SOTO

ALESSANDRO
DEL VECCHIO

RAFAEL
BITTENCOURT

HUGO
MARIUTTI

LUIS
MARIUTTI

arte/projeto: www.joaoartedesign.com

CD FÍSICO À VENDA NAS MELHORES LOJAS DO GÊNERO E TAMBÉM NO SITE WWW.METALRELICS.COM.BR

DISPONÍVEL EM TODAS
AS PLATAFORMAS DIGITAIS:

Spotify · DEEZER · amazon Prime Music · Available on iTunes · METAL RELICS

www.twilightaura.com

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

HIDDEN TRACKS

BODINE

ORIGEM:
Holanda

ÉPOCA:
Anos 80

ESTILO:
Heavy metal/hard rock

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Jay van Feggelen (vocal), Rheno Xeros (guitarra), Armand van der Hoff (baixo) e Gerard Haitsma (bateria)

DISCOGRAFIA:
Bodine (1981), Bold as Brass (1982) e Three Times Running (1983)

Por Ricardo Batalha

Quando se fala em metal holandês da década de 80, o primeiro nome que surge é o Picture. Porém, havia outras formações de impacto, como é o caso do Bodine, criado pelo baterista Gerard Haitsma e pelo guitarrista Rene Rijsdijk. Após algumas jams em uma despensa de um estacionamento subterrâneo, a dupla se uniu ao baixista Armand van der Hoff e estava criado o Doreen. Convencidos de que tinham potencial, os músicos fizeram um anúncio na revista OOR buscando um vocalista. Depois de audições infrutíferas, alguém os avisou sobre um cantor que residia em Amsterdã. Era Jan 'Jay' van Feggelen, ex-vocalista do Crowdy Corner e do Parklane, que havia lançado em 1976 o compacto *Connection* sob o nome artístico de Solomon Kane.

As peças se encaixaram. O Doreen não só estava completo, mas tinha um vocalista competente, com um estilo indo de Otis Redding a Paul Rodgers. E foi Jay quem sugeriu a mudança de nome para Bodine. A ideia veio porque certa vez ele foi apresentado a uma francesa em um bar de Amsterdã, que lhe disse: "Oi, eu sou Bodean." Ele ficou tão impressionado com a aparência dela que depois ligou aos outros integrantes. Como não soletrou, seus companheiros anotaram o nome "Bodine" no papel. E assim ficou.

Entre 1979 e 1980, o grupo chegou a abrir shows do Diesel e do Herman Brood & Wild Romance, banda do vocalista, músico, pintor, ator e poeta Hermanus Brood. Na época, Rene Rijsdijk e Jan van Feggelen assumiram os nomes artísticos Rheno Xeros e Jay van Feggelen. Para Rene, a falsa identidade grega seria para atrair a atenção de gravadoras. Para isso, gravaram uma demo e a apresentaram ao DJ Alfred Lagarde. "Enviamos a fita, mas não deu em nada. Então pensei: vou à emissora NOS e não vou sair antes que ele ouça. Lagarde levou a fita, mas sumiu por meses. Estávamos começando a desistir dele, mas certo dia recebemos um telefonema. Três dias depois, estávamos em estúdio gravando nosso primeiro LP com Alfred e Okkie Huijsdens", contou Haitsma.

Gravado no estúdio de Chiel Montagne, dono do selo Rhinoceros, que tinha parceria com a WEA, o debut, *Bodine* saiu em 1981. A gravadora organizou uma campanha, através do agente Gerard Du Prie, com uma estratégia inusitada, pois as emissoras receberam uma cópia do LP presa em um tijolo de concreto para enfatizar o peso da música. O "Bodinism", termo criado pela banda sugerindo que a música seria propagada como um evangelho, estava se espalhando e o álbum foi resenhado até no jornal diário Volkskrant.

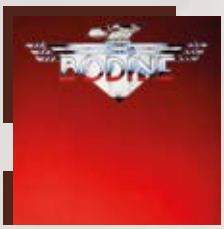
Após uma aparição no programa de Lagarde e shows com o Krokus, ocorreram mudanças na formação. E é aí que surge uma figura que ficou muito conhecida tempos depois: Arjen Anthony Lucassen. Além do guitarrista, ainda sob o pseudônimo Iron Anthony, o saudoso Axel Joseph Langemeijer se tornou o vocalista. "O debut do Bodine foi o melhor lançamento na época, principalmente por causa de Jay. Quando ele saiu, fiz o teste para entrar como vocalista, mas fui contratado como guitarrista, o que secretamente tinha sido minha intenção", disse Arjen, que chegou a contar com Feggelen no terceiro álbum do Ayreon, *Into the Electric Castle* (1998).

Com a nova formação saiu *Bold as Brass*, em 1982, um disco mais voltado ao metal, inclusive com as letras de *Rock Machine* e *Heavy Metal Heart* exaltando o estilo. Porém, mais uma mudança veio com a saída de Armand van der Hoff, mas a banda não o substituiu para a gravação de *Three Times Running* (1983), já que as partes de baixo foram tocadas por Lucassen. Para os shows, foi recrutado Jeroen "Jeronimo" Bos.

Para Arjen, o lado hard rock das faixas *Shout*, *The Force* e *Hard Times* e a produção de *Three Times Running* merecem destaque. No entanto, o guitarrista saiu para integrar o Vengeance e o Bodine ficou parado até 1989, quando Jeroen Bos e Haitsma uniram forças com os guitarristas Oscar Holleman (Vengeance) e Erik van de Ven.

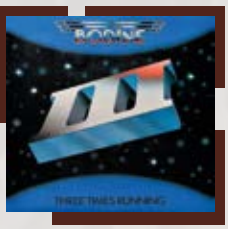
Em 1991, Robert Soeterboek (vocal, ex-Vulture) se juntou à formação, mas o trabalho não evoluiu. No ano seguinte, houve uma tentativa com Jay van Feggelen, mas depois de uma demo e alguns shows, o grupo se desfez.

Com o fim da banda, ocorreram alguns relançamentos, com destaque ao box lançado pelo selo Pseudonym em 1992, contendo os três discos, além de pôster, encarte com quarenta páginas e um CD bônus com raridades intitulado *Bodinism*.



Bodine (1981)

Bold as Brass (1982)



Three Times Running (1983)

Apresentação Canal no Telegram: t.me/BRASILRESISTA

MS METAL AGENCY BRASIL

APRESENTA:

arte: www.jduartedesign.com

UMA DAS GRANDES REVELAÇÕES DO HARD ROCK NACIONAL!
O GUITARRISTA ÍTALO-BRASILEIRO IGOR STEINER ENTREGA UM DOS TRABALHOS MAIS CATIVANTES DO SEGMENTO, ELEVANDO O NÍVEL DE COMPOSIÇÃO, BALIZADO PELOS ÍCONES DR. SIN E KAMIKAZE.
Álbum extremamente indicado para fãs dos melhores momentos das carreiras do Kiss, Van Halen e ZZ Top.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

Jimmy Murrison, Pete Agnew, Carl Sentance e Lee Agnew, reassumindo o vigor hard rocker

Nazareth

Sobrevivendo à lei!

Pete Agnew fala sobre o novo dia-a-dia da banda escocesa e o segundo álbum com os vocais de Carl Sentance

Por Valtemir Amler

O mundo tem suas surpresas e a maneira como você reage a elas é diretamente proporcional à quantidade delas às quais você foi exposto. Simplificando: quanto mais "macaco-velho" (ou "maduro", se assim preferir), menor é a chance de você ser pego com as "calças na mão". O baixista escocês Pete Agnew é um músico tarimbado, experiente, acostumado ao louvor e ao sucesso extremo, e também às pesadas críticas. Ou seja, não é qualquer surpresa que vai fazê-lo parar. Ainda assim, muitos pensaram que não apenas Pete, mas o Nazareth como um todo cessaria atividades em 2013, quando, para surpresa de todos, foi anunciada a saída do vocalista e parceiro fundador Dan McCafferty, que cantou em todos os álbuns clássicos da banda. Mas eles seguiram em frente, e em grande estilo, com a chegada do vocalista Carl Sentance. Assim, em 2018, lançaram *Tattooed on My Brain*, o primeiro com o novo vocalista, e, pasmem, era um ótimo álbum! Nem todas as surpresas são tão boas, nem todas deixam tão boas marcas, mas a experiência foi grandiosa o bastante para gerar um novo capítulo, que chega agora com o novíssimo álbum, *Surviving the Law*. Embora a pandemia tenha sido a "surpresa" que faltava para parar o Nazareth, eles já estão prontos para retornar aos palcos, e com repertório novo em folha! Confira mais nas palavras do carismático Pete Agnew.

Olá, Pete! Como estão as coisas por aí?

Pete Agnew: Tudo bem, estou muito bem, obrigado por perguntar. É muito bom falar com você novamente, depois desses anos de loucura. Você sabe, as coisas foram difíceis em muitos níveis, especialmente no começo, com toda a incerteza, o medo, a falta de vacinas, essas coisas. Não havia outra opção além de ficar trancado em casa e ouvir todas aquelas notícias horríveis na TV. Foi complicado, mas ajudou muito o fato de que pelo menos pudemos manter contato com nossos amigos ao redor do mundo através da internet. Acho que conversei mais com algumas pessoas nesses dois anos do que em todo o resto da minha vida (risos).

Imagino que em relação à pandemia as coisas na Escócia tenham sido semelhantes à Inglaterra.

Pete: Sim, a Grã-Bretanha seguiu basicamente o mesmo modelo, então os lockdowns foram bastante severos e se repetiram muitas vezes ao longo de 2020 e 2021, enquanto o sistema de saúde tentava conter o avanço do vírus e atender todas as pessoas infectadas. Durante todo esse tempo, não tivemos muitas opções de entretenimento, pois todos estavam presos em casa, e foi uma sorte que estivéssemos começando a pensar em novas músicas justamente nessa época. Ficamos em casa e começamos a escrever algumas músicas no início de 2020, continuamos escrevendo enquanto

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

a pandemia se arrastava, e como ela não terminava nunca, acabamos com um monte de novas canções nas mãos (risos). As coisas continuam estranhas, ainda existem muitas restrições, mas já dá para perceber que existe uma mudança para melhor no cenário geral. Ainda bem!

Da última vez em que conversamos, vocês estavam lançando *Tattooed on My Brain*, o álbum que dissipou de vez as dúvidas em relação ao Nazareth com um novo vocalista. O disco recebeu ótimas resenhas na época, então qual é sua opinião hoje sobre ele?

Pete: Sim, a opinião geral sobre aquele álbum foi muito positiva e eu penso hoje sobre ele o mesmo que pensava naquela época: ele não é apenas um grande álbum do Nazareth com Carl Sentance, ele é um dos melhores discos da carreira do Nazareth! Isso é realmente o que eu sinto, estou sendo totalmente sincero com você. Sabe, ao longo de todos esses anos e com tantos discos lançados, poucas foram as vezes em que senti que um álbum não tem nenhuma música forçada, em que todas elas têm algo realmente forte que a destacam no repertório. *Tattooed on My Brain* é assim, tanto que sentimos certa pressão na hora de começar a trabalhar no novo disco. E isso é engraçado, pois, apesar de termos um novo vocalista na época, entramos leves na gravação de *Tattooed...*, a pressão veio toda agora, na hora de fazer o seu sucessor (risos).

Posso imaginar a sensação, o frio na barriga, algo que é incrível de se sentir após tanto tempo de banda.

Pete: É verdade, foi uma sensação incrível olhando por esse ponto de vista... Esse é o nosso álbum número 25, certo? São cinco décadas tocando rock'n'roll ao redor de todo o mundo e se você ainda consegue sentir um frio na barriga na hora de gravar um novo disco acho que definitivamente você está na carreira certa e fazendo a coisa do jeito certo. E foi assim, existia essa empolgação extra, esse sentimento de: 'Como vamos manter o padrão que alcançamos com o anterior?' Bem, você sabe como funciona.

E como superaram isso, para conseguir a tranquilidade necessária na hora de compor e gravar o disco que ouvimos em *Surviving the Law*?

Pete: No começo não foi fácil. É como se existisse uma 'lei' na indústria fonográfica, ou no mundo da música, já que falar em 'indústria' hoje chega a ser bizarro (risos). Essa regra diz basicamente que, se você atingiu o sucesso, deve manter a fórmula – repetir-se, basicamente. Porém, o que sentimos é que, se tentássemos repetir o que fizemos em *Tattooed...*, falharíamos miseravelmente, seria um fracasso total. Você não pode simplesmente replicar o mesmo disco depois de um par de anos e esperar que ninguém note isso (risos). O que fizemos foi mudar completamente a abordagem, mudar totalmente a forma de pensar nas novas músicas. Decidimos que, para sobreviver à lei da indústria da música (N.R.: ele faz um trocadilho com o nome do álbum), esse novo álbum teria que ser uma entidade totalmente nova, e não ser uma cópia ou uma continuação do seu antecessor. Porém, ele ainda é o Nazareth tocando hard rock clássico, então ainda conectado ao anterior.

E também muito mais conectado àquilo que fizeram nos anos 70.

SURVIVING THE LAW
Frontiers/Shinigami - Nac.

Pete: Definitivamente gosto de falar com você, você é um rapaz bem inteligente (risos gerais). É verdade, você tocou em um ponto importante. Acho que com *Tattooed on My Brain* nós resgatamos algo do velho espírito 'hard rocker' do Nazareth, e isso foi uma experiência muito boa para nós e para os nossos fãs. Concordo que isso acontece também no novo álbum e fico muito feliz com isso. É por isso também que *Tattooed...* e *Surviving...* são álbuns que me agradam tanto, eles têm força e garra, eles têm atitude e algo que muitos sentiram falta nos nossos discos dos anos 80 e 90, que foram tempos diferentes para nós, musicalmente. Esses novos álbuns são repletos de músicas que gosto de ouvir, que gosto de tocar, que me fazem sentir que ainda somos uma banda tão relevante quanto fomos no início da carreira, e por isso me empolgam tanto. Sim, tem algo de Nazareth setentista aqui, mas com nova roupagem, adequada aos novos tempos. Ou seja, você fez uma ótima provocação, mas até que me saí bem na resposta, certo? (risos gerais)

Sim, muito bem (risos). Bem, como você disse antes, vocês tiveram mais tempo e paz para compor esse novo disco, já que não precisaram dividir o tempo com as turnês, certo?

Pete: Isso mesmo. Basicamente, tivemos que interromper a turnê de *Tattooed...* e voltar para a Escócia antes do planejado porque as coisas começaram a ficar bem estranhas. Lembro que pouco tempo antes tínhamos tocado no Brasil, foi no final de 2019, e então voltamos para a Europa. Tínhamos uma grande turnê já em janeiro de 2020, fizemos alguns shows sozinhos, depois fomos para a Alemanha com Uriah Heep e Wishbone Ash e depois seguimos adiante sozinhos novamente, tocando em fevereiro na Rússia e na Ucrânia. Depois fomos para a Eslovênia em março, que foi quando o lockdown começou de verdade. Voltamos para casa e ficamos com todo o nosso equipamento retido na Eslovênia por seis meses, estávamos morrendo de medo com o que viria em seguida. E a coisa piorou! Vivemos dos nossos shows e todo o restante da turnê de 2020 teve que ser cancelado; 2021 começou com novos cancelamentos, desde setembro no ano passado conseguimos fazer apenas sete shows. Poxa, nós tivemos que acelerar as coisas na Rússia e na Ucrânia em 2020 por causa da pandemia. Agora em fevereiro voltaríamos para a Ucrânia e em março para a Rússia, mas tivemos que cancelar tudo por conta dessa guerra! O mundo está uma loucura, mas amaríamos tocar no Brasil, soube que as coisas estão melhores por aí. Então, se tiver algum amigo promotor de shows, pode dizer que estamos prontos para voltar!

Depois do que falou sobre Rússia e Ucrânia, e considerando que no novo álbum vocês têm uma música chamada *Waiting for the World to End* ('esperando o mundo acabar'), terei que pensar sobre isso, não transmite muita segurança. Na verdade, se vocês vierem, talvez seja melhor que simplesmente fujamos (N.R.: trocadilho com outra canção do álbum, *Runaway*).

Pete: Ah, para com isso (risos gerais). Cara, é muita má sorte, mas essas coisas no Leste não têm nada a ver conosco (rindo muito). Podem nos chamar para tocar no Brasil, são décadas de boas experiências com nossos fãs brasileiros, prometo que não causaremos problemas e nem o fim do mundo (risos). Cara, adoro você, obrigado por essa entrevista. Fez meu dia valer a pena (risos gerais).

Sharon Elman

JJ Tartaglia ,Zach Slaughter e Casey Slade mantendo a NWOBHM viva

SKULL FIST

PAGANDO O PREÇO!

Superando as críticas ao terceiro álbum, banda canadense apresenta seu mais novo registro, *Paid In Full*

Por Valtemir Amler

Você provavelmente conhece toda uma nova geração de bandas que tentam revitalizar aquela sonoridade clássica do heavy metal oitentista, e, se conhece, certamente sabe que boa parte delas provém de solo canadense. Metalian, Axxion, Cauldron, Midnight Malice, Evil Survives, Striker e muitos outros colocam a nação norte-americana lado-a-lado com a Suécia como os maiores 'produtores' da nova escola do heavy metal tradicional, e é sempre bom saber que o Skull Fist vem sendo um dos líderes dessa cena desde que lançou seu debut *Head öf the Pack* em 2011. Porém, você sabe como as coisas funcionam no mundo da música e provavelmente também sabe que, não importa o quão profissional seja, o mundo pessoal sempre transparecerá naquilo que você faz, principalmente se o seu trabalho é criar arte. Vivendo um mau momento em sua vida, o vocalista/guitarrista Zach "Slaughter" Schottler acabou guiando o grupo por caminhos musicais indesejados pelos seus fãs no recente *Way of the Road* (2018), álbum que pela primeira vez rendeu críticas negativas na jornada dos canadenses. Com a lição devidamente aprendida, Zach e o Skull Fist estão de volta aos velhos tempos com um novo e fortíssimo álbum nas mãos, *Paid in Full*. Confira mais nas palavras da principal mente criativa da banda.

Vamos começar pelo princípio: o Skull Fist nasceu em Toronto em 2006, uma região do Canadá fortemente conectada ao metal e ao rock em geral. Como era a cena em que você cresceu?

Zach "Slaughter" Schottler: Bem, as coisas foram um pouco mais tímidas do que você poderia imaginar, e vou te explicar a razão: eu me mudei para Toronto em 2006, justamente para conseguir montar o Skull Fist. Quer dizer, eu não sou de Toronto, então nunca tive uma conexão pessoal com o cenário local, eu não cresci nele. Eu venho de uma cidadezinha muito pequena, bem ao norte do Canadá, onde não havia absolutamente nenhuma cena metal. Na minha cidade, acho que éramos uns três headbangers na época (risos). Mesmo em Toronto, as coisas não estavam muito boas em 2006. Lembro que cheguei com grandes esperanças, esperando achar uma cena musical em que fosse me encaixar, mas a verdade é que não havia um cenário heavy metal, existiam muitos fãs de metal, mas as coisas pendiam para estilos mais extremos. Na verdade, foi bem difícil conquistar nosso espaço naquele cenário, eu particularmente lembro de uma experiência, acho que era por volta de 2006 ou 2007, nós éramos a banda de abertura para o Municipal Waste e ninguém lá queria nos ver (risos). Foi uma época bem estranha. Lembro que nem gigantes como o Iron Maiden estavam conseguindo algo realmente empolgante por aqui naqueles dias, lembro deles tocando para um público que não preenchia nem um terço do estádio, algo bem diferente de hoje, em que os ingressos se esgotam em poucas horas. Nossos primeiros quatro anos foram de pura ago-

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

nia, era quase como se não existíssemos. Nós simplesmente plugávamos nossos instrumentos e tocávamos qualquer merda que desse vontade, pois ninguém se importava com o que fazíamos. Foi um tanto desanimador, mas por outro lado, ajudou a formar nosso caráter como banda, pois você pode trabalhar com muita liberdade quando os holofotes não estão sobre você.

É verdade. E faz sentido o que você diz, lembro que naqueles dias as bandas canadenses que realmente chamavam atenção além das fronteiras eram na sua maioria conectadas ao death metal, com Kataklysm e Gorguts puxando a fila.

Zach: Sim, o metal extremo era o que geralmente conseguia se estabelecer por aqui e esse sempre foi um cenário bem underground, sem uma exposição gigante, por assim dizer. Lembro que tocando um metal mais tradicional por essas bandas tínhamos o Goat Horn e outra banda de uma cidade pequena, o Betrayer. Quer dizer, eu só lembro de duas bandas que naquela época estavam fazendo algo similar ao que fazíamos, além é claro de bandas bem antigas. O Canadá sempre teve uma conexão muito forte com o death e o thrash metal, especialmente na região de Quebec, mas não parecia que isso se estenderia até nós naquela época.

Você ainda acompanha o cenário de Toronto?

Zach: Não, não mais. Sendo bem honesto com você, eu nem faço mais ideia de como as coisas estão por lá. Há uns três anos me mudei de Toronto, hoje eu basicamente vivo nas montanhas, bem isolado, com pouco contato com o mundo exterior. Não tenho tido muita força para acompanhar o que está rolando, mas continuo ouvindo muito metal em casa, apenas não tenho estado tão envolvido com o cenário. Estou parecendo um daqueles ermitões que ficam vagando pelas montanhas com seus cães, como que participando de um 'reality show' de sobrevivência no gelo (risos gerais).

Cara, isso é legal, mas também pode ser bem brutal...

Zach: Na verdade, a pessoa vem aqui procurando por paz e tranquilidade, mas pode encontrar uma bela maneira de acabar morto (risos). Você nunca sabe, pode acabar sendo caçado por um urso nas montanhas, como o pobre do Leonardo DiCaprio em 'O Regresso' (risos gerais). Tudo o que você quer é ganhar o seu Oscar em paz, mas acaba em uma situação em que tem que beber sua própria urina para se manter aquecido e hidratado (rindo muito). Não, nada disso, tenho me mantido fora disso (risos).

Bem, essas dificuldades que você mencionou, elas foram as principais razões de terem demorado até 2011 para lançar *Head öf the Pack*?

Zach: Sim, basicamente. Mas, aquela foi uma experiência realmente incrível para nós, você mal pode imaginar. Quer dizer, foi uma experiência muito legal desde quando estávamos compondo as músicas, quando ensaiávamos, quando fomos para o estúdio gravar, tudo era muito divertido e empolgante, pois sabíamos que estávamos preparando nosso primeiro álbum! Depois, quando ele finalmente ficou pronto e eu estava diante do toca-discos, pela primeira vez na vida segurando um disco composto e gravado por mim, aquela é uma experiência absolutamente incrível, uma das mais fortes que vivi na minha vida inteira. Foram ótimos tempos e ainda tocamos músicas desse disco ao vivo, ele meio que ganhou certa importância no cenário.

PAID IN FULL
Atomic Fire - Imp.

Há algum outro momento memorável daqueles dias que gostaria de mencionar?

Zach: Sim, e esse tem a ver com vocês: em 2013 fomos pela primeira vez para o Brasil com a *No False Metal Tour*. Belo nome para uma turnê! (risos gerais) Cara, aquela foi a maior coisa que tínhamos feito até então! Todos crescemos ouvindo as histórias do Brasil, sobre os shows do Exciter por aí nos anos 80, ouvimos tantos discos ao vivo gravados por aí e as outras bandas sempre comentavam como vocês reagem a um show de metal. Então estávamos ansiosos, pois era uma viagem muito grande até aí e teríamos uma turnê também grande, vários shows em solo brasileiro. E, cara, aquilo foi incrível, memorável! Ainda tenho essa forte conexão com o seu país, é um dos lugares do mundo de que mais gosto e mal vejo a hora de tocar por aí novamente!

Isso seria ótimo, especialmente agora que isso está voltando a ser possível. Bem, seguindo adiante, vocês continuaram lançando discos aclamados até 2018, quando veio o álbum *Way of the Road*. O que de fato aconteceu naquela época?

Zach: Ah, cara, naquela época eu estava bancando o estúpido! Espera, deixa eu explicar melhor: antes dele, tínhamos lançado *Chasing the Dream* (2014). Eu gosto dele, mas nunca curti como meus vocais soam naquele álbum. Então, a primeira coisa que aconteceu é que eu queria mudanças em *Way of the Road*. Mas aconteceu que foram mudanças demais (risos). Vou ser completamente sincero com você: o principal problema é que eu estava em um lugar muito ruim mentalmente. Estava acontecendo muita merda na minha vida pessoal e eu simplesmente não estava conseguindo lidar com isso. Logo antes das gravações eu passei por duas cirurgias, estava emotivo e destruído demais quando *Way of the Road* foi gravado. De fato, ele não soa como um álbum típico do Skull Fist, mas aquele tampouco foi um momento típico para nós. Foi um momento péssimo, mas na época eu decidi que ele era bom o suficiente para ser lançado, então aceito todas as críticas negativas que ele recebeu. Foi decisão minha, então tenho que lidar com isso e pagar o preço.

Esse é o sentimento geral que você traz em *Paid in Full* ('totalmente pago')?

Zach: De certa forma sim, não poderia negar. Muita gente criticou o álbum anterior, mas mesmo esses continuaram apoiando a banda, pois entenderam que ele foi um momento no tempo. Quando comecei a trabalhar nesse novo disco, eu já estava mentalmente melhor, mais seguro e reconfortado, então acho que as coisas definitivamente voltaram para os trilhos. Entendemos as críticas e entendemos o que estava errado, agora todos já podem curtir o Skull Fist no seu melhor novamente, isso é o que trazemos em *Paid in Full*. Temos algumas ótimas canções aqui, e julgando pela faixa-título, não é um álbum superfeliz, do tipo 'passamos pelo pior, agora vamos celebrar'. Eu escrevo sobre as coisas que conheço e que acontecem comigo, então é um tanto sombrio, com algo denso, emocionalmente falando. Ainda assim, acho que muita gente vai gostar, o que espero que aconteça, afinal, é mais um passo no caminho.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PLAYLIST

40 ANOS ESPECIAL STRESS

Por Antonio Carlos Monteiro • Foto: Ricardo Ferreira

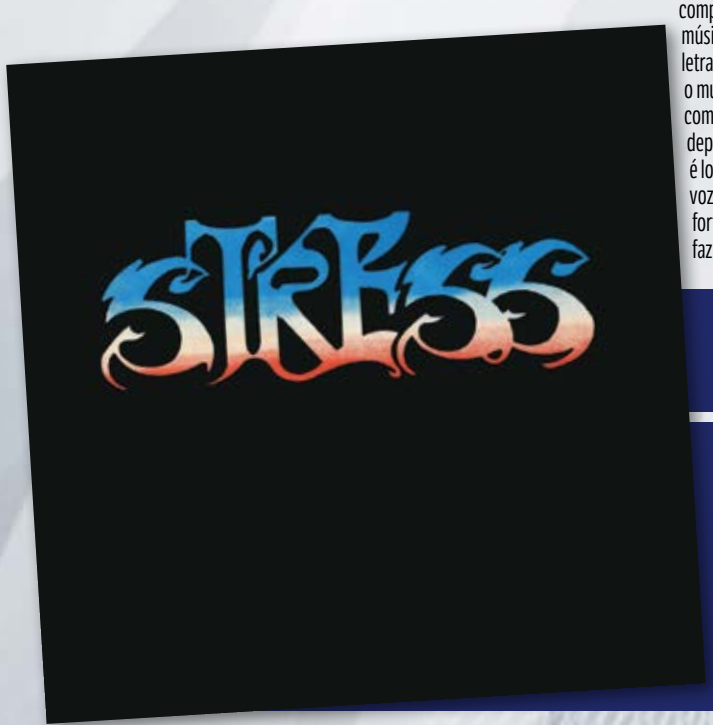
► **Sodoma e Gomorra:** "Queríamos fazer a música mais pesada do mundo! Acho até que conseguimos para o ano de 1980, quando ela foi composta. Eu comecei com o riff e o instrumental, fizemos os arranjos e ela estava realmente pesadona. Faltavam o arranjo vocal e a letra. Reunidos no estúdio, depois do ensaio, nos inspiramos num tio do André Chamon (bateria), que era um libanês forte e corpulento e que quando resolvia 'escrotear' com seus funcionários a voz vinha igual um trovão. Chegamos a elegê-lo o primeiro vocalista de thrash gutural do mundo (risos). Imaginamos um tema pesado para a letra, a música pedia isso. Pensamos: em que situação qualquer um de nós ficaria o mais puto possível, numa indignação extrema? Chegamos à conclusão de que ninguém ficaria mais consternado se fosse para um motel com uma garota e descobrisse lá na hora que era um travesti! Seria o fim da picada, literalmente (risos). Assim, cada um foi contribuindo com uma ideia para a letra. A primeira estrofe foi: "Sai, some daqui! / Veado, és um travesti / Sai pra lá, eu vou te broxar / Tu não és mulher que eu já descobri." Assim a letra foi saindo, era muito pesada e engraçada, pra ser cantada aos gritos de revolta mesmo (mais risos). O primeiro título da música foi 'Memórias de um Cabocão (caboclo bravo do norte) Quando Descobriu que Tinha Ido pro Motel com um Traveco' (risos). Era isso mesmo, enorme assim. Obviamente que a letra foi censurada em Brasília e o André Chamon teve de refazer tudo. Então, o tema também mudou: passou a ser a destruição das duas cidades bíblicas, Sodoma e Gomorra. Ficou muito melhor na versão oficial do disco, um tema sério, como é o trabalho da banda. Um detalhe importante: naquela época não havia o politicamente correto de hoje, quando não se pode mais ter bom humor com temas polêmicos. A garotada deixava as ideias fluírem. E a censura a gente driblava."

► **A Chacina:** "Música muito pesada, na batida rápida que queríamos que fosse nossa marca registrada. Riffs simples e diretos, a lá Saxon. Seu nome original era 'A Curra,' pois, tratava de uma situação em que um cara fictício abusava de uma garota. Claro que era uma crítica veemente a essa prática, um alerta sobre esse tipo de crime repugnante. O tema, pesadíssimo, dava uma dramaticidade a mais na canção. Foi mais uma que não passou na censura de Brasília. O André teve de trocar algumas palavras, deixando meio que camuflado, nas entrelinhas, a mensagem original. Então, ela passou com o título de *A Chacina*."

► **2031:** "Uma canção com uma introdução bem trabalhada, cada instrumento entrando em sequência, culminado com uma frase de teclados bem marcante. A levada é mais compassada em relação às primeiras músicas, mas sem perder o peso. A letra é maravilhosa, o André descreve o mundo na época em que nascemos e compara com o 'atual', cinquenta anos depois, em 2031. O solo de guitarra é longo e marcante, a melodia da voz também é ótima e o refrão é bem forte. 'Mas, tudo é diferente agora, faz meio século que tudo mudou!'"

► **Oráculo de Judas:** "Uma levada meio Sabbath, arrastada e pesada, riff poderoso na intro, seguido de um solo marcante. O título original era 'Corpus Christi' e falava da doutrinação de pastores e da igreja sobre os fiéis. Foi censurada, algumas palavras foram trocadas e ela passou: 'Cheguei na metade da missa (vida) / Do que restou Corpus Christi (nada existe) / Falsos profetas nos guiam (sob a luz da estrela guia)' e por aí foi. Ela teve uma importância fundamental na nossa história, porque foi a música escolhida pela rádio Fluminense, do Rio de Janeiro, para entrar na programação normal, e não só em programas especializados. Quando fizemos o primeiro show no Circo Voador, em abril de 83, a casa quase vem abaixo quando soaram os primeiros acorde do riff. Todos conheciam! É a música que fecha o lado A do álbum, com um solo de blues fantástico de Pedro Valente. Antológico!"

► **Stressencefalodrama:** "Essa pode ser considerada o marco zero das nossas composições, foi a primeira que me atrevi a fazer. Eu mal sabia fazer alguns acordes no violão, que aprendi vendo Pedro Valente tocar, e ficava fuçando sozinho em casa, meu ouvido é muito bom. O fato é que eu não sabia, mas já tinha o dom da criação, isso é uma coisa que



ROOSEVELT BALA

► **NOME COMPLETO:**
Roosevelt de Miranda Cavalcante

► **NASCIMENTO:**
23 de janeiro de 1961

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Stress, Smeryl e Zona Rural

até hoje não sei explicar, tenho muita facilidade para compor, mesmo não sendo um bom instrumentista. A ideia que eu sempre tenho antes de começar a compor é: 'Vou fazer algo que gostaria que alguém fizesse e tocasse pra eu ouvir.' Deve ser por isso que muitos rockers se identificam com nossas canções, pois pensamos e sentimos muito parecido com eles – afinal, somos igualmente headbangers. Como primeira composição, posso dizer que é uma música muito bem trabalhada, cheia de partes e batidas diferentes. A melodia vocal eu me baseei em *Rock'n'Roll*, do Led Zeppelin – peguei mais a tonalidade do que a melodia em si. Sempre tive, e tenho até hoje, a preocupação de não soar parecido com algo já existente. As influências de Led, Sweet, Judas Priest, Saxon e Iron Maiden nos ajudaram a moldar nosso som, lá no início. Hoje posso dizer que temos nosso estilo consolidado. Tenho muito carinho por essa música, por ter sido a nossa 'primogênita'. Só mais uma curiosidade: incialmente, ela tinha letra em Inglês. Era assim: 'I feel my brain is burning inside my head / I feel my head below my feet / Hurry... I've got a dirty mind, hot and bad / I know... I know... I'm completely horny!' Uma besteirada meio sem sentido (risos), criada pelo Leonardo Renda (tecladista), o único que sabia bem inglês na banda. Mas a gente achava foda! (mais risos) Depois que mudamos para o português, a mensagem passou a ser sobre tortura e assassinato nas câmaras de gás. É um grito pela liberdade que, infelizmente, continua ameaçada nos dias de hoje."

► **O Viciado:** "Essa tem muita influência de Judas Priest, nossa banda predileta, junto com Led, Deep Purple e Sweet. Rápida e pesada, na levada da NWOBHM. Tínhamos muita sintonia com esse movimento, mesmo não sabendo que se tratava de uma tendência britânica para o rock pesado/rock pauleira. Era assim que chamávamos na época, pois ainda não conhecíamos a denominação heavy metal. A letra fala sobre a despersonalização do indivíduo, como o sistema o conduz para ser apenas mais uma peça na engrenagem global, um viciado no cotidiano. Porém, há alguns que não se deixam domar, como diz o refrão: 'Bento a ferro e fogo, não me deixo acorrentar / Quero ser livre, quantas vezes eu quiser!' Sensacional isso! O solo de Pedro Valente é longo e maravilhoso, André arrebenta na bateria. Grande obra!"

► **Mate o Réu:** "Lembro que foi a nossa segunda música, logo depois de *Stressencefalodrama*. Muitos não sabem, mas, como já comentei, nossas primeiras letras eram em inglês, e essa música chamava-se *Go to Hell*, com letra do Leonardo Renda. Assim como muitos, achávamos que o 'rock pauleira' combinava com a língua Inglesa, o que faz muito sentido. No início, de 77 a 79, éramos uma banda cover, muitos iam aos nossos shows porque achavam uma façanha algum músico local tocar músicas de Black Sabbath, Led, Purple, Sweet, UFO, ELP ... Realmente, era algo inconcebível pra época a gente conseguir tocar até bem parecido com nossos ídolos. Entretanto, dois anos depois começaram os rumores de que o Stress estava vindo com trabalho autoral. Havia uma grande expectativa pra ver e ouvir como seriam nossas composições, qual o nível delas. Aproveitamos uma apresentação em um festival de música para apresentar, além da música que estávamos defendendo, nossas duas primeiras composições, *Stressencefalodrama* e *Go to Hell*. A receptividade foi excelente, todos adoraram as músicas, era rock pesado e bem trabalhado. Porém, muitos vieram nos perguntar sobre o que tratavam as letras, pois ninguém manjava nada de inglês na época. Na mesma hora conversamos e resolvemos que nossas letras seriam, a partir dali, em português. *Got to Hell* virou *Mate o Réu*, com a letra falando da Santa Inquisição. É um dos maiores hits da banda, um verdadeiro hino do metal brasileiro."

► **O Lixo:** "Fizemos essa música para participar de um festival de música popular de um tradicional colégio de freiras aqui de Belém. Para classificá-la, enviamos uma gravação em cassete somente com baixo, bateria, teclado e voz. Fomos classificados e chegamos na semifinal, em que as defesas seriam ao vivo. Então, no dia da apresentação, levamos todos os amplificadores que tínhamos – os concorrentes fizeram todos apresentações acústicas, com violão, percussão, gaita, pandeiro...-. Mas, nós queríamos 'agredir', chocar, quebrar as regras! (risos) Tocamos a versão que está no LP, com solos maiores ainda. Só lembro das caras feias dos jurados, repugnando aquela apresentação. Resultado: fomos desclassificados! (mais risos) Já sabíamos disso, estava tudo dentro do previsto. Só que a reação positiva da plateia – só de adolescentes, como nós – levou os organizadores a nos convidarem a fazer um show completo na grande final. Foi perfeito! Sentamos o cacete, com clássicos do Rock. Detonamos! Ah, lembrei que rolou um 'porradal' nessa final: rockeiros de fora vieram nos assistir e não se deram bem com os 'playboyzinhos' do colégio de elite. Cadeiras e mesas voadoras tomaram conta do ambiente! (risos) Essa faixa é muito cultuada aqui na nossa cidade no meio rocker, um blues pesado e arrastado. A letra, retratando a degradação do ser humano, é muito forte. Foi censurada, também, pois não poderíamos dizer 'Lixo Humano', que era o título original, nem expor a figura do miserável, segundo os censores. Aí, André Chamon resolveu dar um drible e, aos invés de escrever 'Lixo Humano', ele colocou 'Lixo, Mano', que cantado junto soa igualzinho. E assim foi aprovada! (risos) André é quem canta essa música e nos shows faz um solo de batera. Ela encerra o primeiro álbum de metal do Brasil."

Daniel "Chewy" Mongrain, Denis "Snake" Bélanger, Michel "Away" Langevin e Dominic "Rocky" Laroche: química forte e mais um disco irretocável

CatherineDesjardins

VOIVOD

MAIS UM PASSO À FRENTE

Ao falar do novo álbum da banda canadense, Michael "Away" Langevin explica como a pandemia afetou o trabalho e conta a origem do título *Synchro Anarchy*

Por Daniel Dutra

Um grupo que definiu um gênero - o sci-fi metal, que pode ser traduzido para technical thrash metal - e, 40 anos depois de seu nascimento, continua absolutamente relevante. Este é o Voivod, que em seu 15º disco de estúdio, *Synchro Anarchy*, mostra que ainda pode surpreender tanto no estilo do qual é pioneiro quanto no metal em geral. Batemos um papo com o batera Michel "Away" Langevin – Denis "Snake" Bélanger (vocal), Daniel "Chewy" Mongrain (guitarra) e Dominic "Rocky" Laroche (baixo) completam o time - sobre como o novo álbum tomou forma durante a pandemia, a música do quarteto e a força de a formação que está junta desde 2014.

***Synchro Anarchy* chega quatro anos depois de *The Wake*, então me pergunto de que forma a pandemia afetou o álbum, para o bem e para o mal...**

Michael "Away" Langevin: Ah, afetou em muitos aspectos. Não fosse pela pandemia, é claro que o teríamos lançado antes, mas o ano de 2020 foi terrível, então focamos em lançar álbuns ao vivo e material que havíamos gravado durante a turnê do *The Wake*. Por causa do distanciamento social, gravar o novo disco foi como montar um quebra-cabeça, então creio que isso deu a ele uma estrutura meio fraturada. E foi por isso que o batizamos de *Synchro Anarchy*, um termo que achamos muito representativo do mundo em que estamos vivendo agora. Quanto às letras, eu perguntei ao Snake sobre o que ele gostaria de escrever, e ele disse que não queria falar de Covid, mas eu consigo sentir o isolamento e a alienação em algumas partes das letras, com certeza. Foi como quando gravamos *Killing Technology* (1987) e *Dimension Hatröss* (1988), porque a situação envolvendo o Muro de Berlim teve uma influência sobre as músicas (N.R.: o processo de reunificação da Alemanha aconteceu com a queda do muro no dia 9 de novembro de 1989, depois de mais dois anos de pressão para que Mikhail Gorbachev, líder da então União Soviética, derrubasse, literalmente, o símbolo de uma divisão política e econômica de quase 40 anos entre o Oriente e o Ocidente). Desta vez, a situação com o coronavírus causou um efeito geral no trabalho.

Gostaria de falar sobre a capa do álbum, até porque você é a pessoa certa para isso (risos). Minha primeira interpretação é de como estamos vendo nosso planeta sendo destruído, e sendo destruído por nós mesmos. Mas o que realmente significa?

Away: Quando finalmente entramos no RadicArt Studio para gravar o disco, no verão passado, foi quando os festivais voltaram a acontecer na província de Quebec, então tocávamos em festivais nos fins de semana e gravávamos durante a semana, em várias sessões de junho a setembro. Durante esse período, fiz uns desenhos improvisados baseados nas músicas ou nas letras ou no que estava rolando

dentro do estúdio. Ao fim do processo de gravação, eu tinha um desenho para cada canção, e eram uns desenhos meio enigmáticos, e eu queria que parecessem gravuras antigas em preto e branco. Quando chegou a hora de criar a capa, mantive o raciocínio e tentei capturar o sentimento geral do álbum, ao passo que este tentava representar o sentimento geral do planeta. Assim, tentei expressar essa sensação de desgraça iminente, de esperar que algo aconteça sem saber se esse algo será bom ou não. Até pensei em fazer a capa com algumas cores, mas não faria sentido com o restante dos desenhos do encarte, então mantive tudo em preto e branco e torci para que as pessoas gostassem. Até agora, a reação do público tem sido ótima!

Devo dizer que eu realmente adorei a capa somente em preto e branco...

Away: Ah, muito obrigado! Fiquei com medo de as pessoas acharem que eu fui preguiçoso (risos), mas, particularmente, por termos batizado o disco de *Synchro Anarchy*, a palavra "anarquia" me fez pensar na influência que as bandas de punk rock tiveram sobre mim. Grupos como Conflict, Crass, Doom e Discharge tinham capas em preto e branco que causaram grande influência visual em mim quando adolescente.

E a capa do álbum inspirou um vídeo animado incrível para a também incrível música *Planet Eaters*. Como foi o processo para chegar ao conceito?

Away: A ideia surgiu no começo de 2021, quando um vídeo feito por um fã para uma música nossa, *Nothingface*, apareceu on-line. Esse clipe foi feito há 30 anos, no começo dos anos 1990, num computador Amiga por um cara chamado Pierre Menetrier, quando ele ainda estava na escola. Achei o resultado fenomenal, porque trabalhei com aquele tipo de computador nas décadas de 1980 e 1990, então sei o quão difícil era fazer arte animada nele. Eu nunca tinha assistido ao vídeo até o cara que o criou postar no YouTube, então entrei imediatamente em contato com ele para que fizesse o primeiro videoclipe do novo disco. Dei ao Pierre os desenhos que eu havia feito para o encarte, e ele também pediu outros desenhos em preto e branco que eu tivesse feito ao longo dos anos, assim entreguei tudo o que havia desenhado desde 1993. Eu estava convencido de que o vídeo ficaria ótimo por causa do talento dele, mas fiquei realmente surpreso com o que Pierre fez. Ficou fantástico!

Partindo para a parte musical, eu gostaria de compartilhar meus sentimentos sobre quatro canções para você comentar, explicar ou dizer o que quiser sobre o processo criativo. A primeira é *Paranormalium*, porque é o Voivod no seu melhor, com um trabalho brilhante de guitarra e aquelas mudanças de tempo peculiares. E a última parte instrumental, pouco antes do 'breakdown', é fantástica!

Away: Do começo ao fim, essa foi uma ideia do Chewy, e creio que, inicialmente, ele tinha em mente que seria a faixa de abertura do disco, porque os primeiros acordes dela são os mesmos acordes do fim de *Sonic Mycelium*, última faixa do *The Wake*, como se fosse uma progressão de acordes. Ele queria que o novo álbum fosse mais pesado do que o anterior, então essa música é esmagadora.

A segunda é a faixa-título. A seção instrumental na segunda metade de *Synchro Anarchy*, logo depois do refrão, é fantástica.

SYNCHRO ANARCHY
Century Media - Imp.

Away: Ah, para *Synchro Anarchy*, eu tive a ideia de pular uma batida a cada 16 batidas. No geral, acho o novo trabalho bastante cativante, e Snake e Chewy fizeram muitos backing vocals, o que ajudou o disco a ficar, de certa forma, mais psicodélico. A faixa-título tem esse tempo quebrado, mas com groove, e esse é o meu principal objetivo: gosto de tocar rock progressivo, mas mantendo um ritmo. Nela, eu tive um flash de quando estávamos no estúdio, no começo de 2020, antes do lockdown, tentando criar material novo, e era isso de pular a batida a cada 16 batidas. Quando falei para os caras 'Olhem só o que eu pensei!' e me levantei para ir até a bateria, tropecei no cadarço do meu tênis e quase caí em cima da bateria. Todo mundo riu porque a minha ideia era pular uma batida, mas eu acabei pulando um passo (risos). Tudo faz parte da 'sincronicidade anárquica' da letra do Snake (risos).

A terceira música é *Mind Clock*, que me lembrou do som mais crossover dos primeiros anos do Voivod, mas é algo que se transformou no som único que a banda desenvolveu...

Away: Escolha interessante, porque essa é uma música interessante pela construção da introdução. É uma canção viajante que depois passa para uma batida mais thrash metal com hardcore, e não tivemos medo de fazer essa transição de uma velocidade para outra. Pelo contrário. Queríamos explorar o máximo possível, porque não há barreiras para a criatividade, e por sorte as pessoas têm gostado. A recepção desde o primeiro single desse disco (N.R.: *Planet Eaters*) tem sido ótima. É difícil para nós dar um passo para trás e olhar se está bom ou não, porque tínhamos definido o objetivo de lançar um álbum tão bom quanto ou melhor que *The Wake*, então posso dizer a você que estávamos sob pressão.

Por último, *Sleeves Off*, que soa menos complexa e intrincada do que as outras músicas do álbum. Até consigo ouvir algo de The Offspring nela, algo mais pop para os parâmetros do Voivod. E a música é ótima.

Away: De fato, é uma canção mais na veia do punk alternativo, menos complexa e menos progressiva do que as demais, e é nela que Snake tentou expressar que ele faz tudo do seu jeito, vive a própria vida. Isso é, também, como o Voivod se move, porque compomos as músicas que queremos tocar ao vivo, o que às vezes não está em sincronia com o que é popular. Discos como *Angel Rat* (1991) e *The Outer Limits* (1993), que foram lançados no auge do grunge, não foram muito notados na época, mas hoje em dia são praticamente adorados pelos fãs do Voivod. E nós somos respeitados por esses trabalhos. Fazemos o que temos vontade, e é isso que eu recomendo às bandas novas, que encontrem sua assinatura e trabalhem no desenvolvimento próprio o máximo possível.

***Synchro Anarchy* é o segundo álbum com Rocky, que fez um trabalho incrível. Mas o que você pode dizer sobre o relacionamento depois de quase nove anos de turnês e gravações com ele?**

Away: Rocky, Chewy e eu entramos no modo heavy metal fusion, que eu gosto demais e é um desafio para mim. É por isso mesmo eu adoro, e eles têm um estilo que eu chamo de "pergunta e resposta", ou seja, quando as partes se intercalam. Inicialmente, parece que é só um monte de notas soltas, mas depois tudo faz completo sentido. E o tom do baixo do Rocky em *Synchro Anarchy* é o meu favorito de todos os discos do Voivod!

É a primeira vez desde 2009 que o Voivod grava dois álbuns em sequência com a mesma formação, e agora fica claro que o ambiente interno é realmente muito bom.

Away: A química entre nós é incrível! A formação atual é explosiva, e essa também foi a razão de querermos documentar a turnê do *The Wake*. Quando nos pediram para tocar no Montreal Jazz Festival e no Quebec City Summer Festival, vimos a oportunidade de gravar esses shows, e foi assim que pudemos lançar o EP *The End of Dormancy* (2020) e o ao vivo *Lost Machine: Live* (2020). Eu estive em todas as formações do Voivod, e esta é a quinta no geral, e tenho muito orgulho de cada uma delas. Mas a atual tem uma química tão grande que, acredito, é o que colabora muito para o aprimoramento dos discos.

O ano de 2022 marca o 35º aniversário de *Killing Technology*, um marco na carreira de Voivod e um dos trabalhos mais criativos lançados nos anos 1980. Quais são as suas lembranças do processo até o lançamento do disco?

Away: Foi a nossa primeira experiência gravando em Berlim, o que foi incrível! Gravamos o primeiro álbum, *War and Pain* (1984), na cidade onde crescemos, Montreal, num estúdio onde costumávamos gravar jingles para a rádio. Em seguida, fizemos o *Rrröööaaarrr* (1986) sem nenhum dinheiro, porque éramos praticamente uma banda de escola! (risos) Então, *Killing Technology* foi o nosso primeiro álbum profissional,

> FAZEMOS O QUE TEMOS VONTADE, E É ISSO QUE EU RECOMENDO ÀS BANDAS NOVAS, QUE ENCONTREM SUA ASSINATURAE TRABALHEM NO DESENVOLVIMENTO PRÓPRIO O MÁXIMO POSSÍVEL.
>
> AWAY

com um produtor de verdade, o Harris Johns, e com bons equipamentos, então foi mesmo um marco na carreira do Voivod. Foi nesse disco que ficamos um pouco mais progressivos, também. Não sei se faremos uma grande turnê este ano, porque ela começaria em fevereiro e tem sido constantemente adiada, mas adianto a você que devemos voltar a fazer as Hypercube Sessions, com shows on-line, então revisitaremos o *Killing Technology* para celebrar seu aniversário de 35 anos.

De volta ao presente e olhando para o futuro, há um documentário em andamento. O que você pode adiantar sobre ele?

Away: O documentário é de Felipe Belalcazar, que fez o "Death By Metal" (2016), sobre o Death. Ele já tem boa parte do trabalho pronto, e nosso objetivo é lançá-lo ainda este ano, embora as viagens estejam muito difíceis de planejar neste momento. Ainda temos algumas entrevistas para fazer com Jason Newsted, Snake e eu, mas boa parte do material já está pronto (N.R.: "We Are Connected" é o título do documentário, cujo lançamento está previsto para o dia 10 de agosto).

Obrigado pela entrevista, Michael, e o espaço final é todo seu.

Away: O que nós mais gostamos é sair para tocar, ver velhos amigos e conhecer novos, então mal podemos esperar para sair em turnê novamente e encontrar todos os "voivodianos" (risos). Vamos manter os dedos cruzados!

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

LANÇAMENTOS

NEW MODEL ARMY
BETWEEN WINE AND BLOOD

URIAH HEEP
OFFICIAL BOOTLEG VOL. 2

LANÇAMENTOS

SAVATAGE
RETURN TO WACKEN

H.E.A.T
TEARING DOWN THE WALLS

EM BREVE

EM BREVE

DEEP PURPLE
LIVE AT THE ROYAL ALBERT HALL

DIO
LIVE IN LONDON
HAMMERSMITH APOLLO 1993

RAINBOW
LIVE IN JAPAN

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

H.E.A.T
FORCE MAJEURE

LONG DISTANCE CALLING
ERASE

STRATOVARIUS
SURVIVE

SKID ROW
THE GANG'S ALL HERE

11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

Lacuna Coil

Por Valtemir Amler

Surgido em Milão em meados dos anos 90, o Lacuna Coil passou por várias "experiências" até se firmar no cenário, incluindo-se na lista mudança de nome, de integrantes e até migrações musicais, essas talvez as mais evidentes e marcantes. Porém, a banda, que sempre contou com o baixista e principal compositor Marco Coti Zelati e Andrea Ferro e Cristina Scabbia nos vocais, nunca fez questão de surfar na onda do sucesso de seus compatriotas italianos. Não se aproximou do power metal sinfônico do Rhapsody, do prog metal do Eldritch e também se manteve a parte do metal mais orientado ao extremo de Mortuary Drape e Bulldozer ou mesmo do versátil Death SS. Apostando primeiramente em uma sonoridade emotiva e orientada ao gótico, eles não se demoraram por essas paragens até adicionar toneladas de groove e um tom moderno. Sua música, no entanto, ainda mantém forte ligação lírica com o passado e segue versando sobre sentimentos, emoções e experiências da vida real e cotidiana, algo bem trabalhado na interpretação única de seus vocalistas. Com fãs espalhados pelo mundo e turnês sempre crescentes, o Lacuna Coil é um dos nomes mais importantes do cenário italiano, uma posição que não pensa em largar.

A formação clássica, com Andrea Ferro, Cristiano Mozzati, Marco Biazzi, Cristina Scabbia, Cristiano Migliore e Marco Coti Zelati

IMPERDÍVEIS

COMALIES (2002)

Lançado exatos vinte anos atrás, o terceiro álbum completo foi, sem sombra de dúvida, o primeiro grande ponto de virada na carreira do Lacuna Coil. É engraçado pensar que parte do sentimento de torpor e angústia que transformam esse no disco mais denso de sua discografia advém das dificuldades que a banda vivia na época, como o vocalista Andrea Ferro contou naqueles dias em entrevista para a ROADIE CREW: "Foi um período muito estranho para nós, parecia que estávamos em estado de coma mental. Estávamos satisfeitos, contentes pela boa turnê, o álbum, a ida aos EUA, mas também tivemos muitos problemas financeiros e na vida pessoal. Estávamos contentes e tristes ao mesmo tempo, foi por isso que demos ao álbum o nome de *Comalies*." O repertório é irretocável em todos os sentidos. Para começar, ele abre com um dos maiores clássicos da banda, a intensa, vibrante e emocionalmente densa *Swamped*, que vem seguida por outra canção inevitável, *Heaven's a Lie*, até hoje presente nos shows. Ainda como destaques podemos incluir *Daylight Dancer*, *Self Deception*, *Tight Rope* (belo riff), *Unspoken*, *Entwined* e a soberba faixa-título, em que Cristina dá um show à parte mesclando vocais em italiano e inglês. "Wandering from you / Falling at your side" – sério, não tem como ouvir esse refrão e não amar o disco, o favorito de onze entre dez fãs.

KARMACODE (2006)

Lançado quatro anos após seu antecessor, este *Karmacode* pode sim ser considerado o sucessor natural de *Comalies*, já que é exatamente isso que ele é. Porém, existe um universo de diferença entre esses dois álbuns. Se dissemos que *Comalies* foi o primeiro ponto de virada na carreira do grupo italiano, *Karmacode* foi a virada definitiva, o trabalho que transformou o Lacuna Coil na banda que é hoje. A capa, simples e até feia, em nada entregava o conteúdo do disco, que dessa vez assumia um tom inegavelmente moderno, no qual o groove intenso carregado pelas linhas de guitarra e baixo ganhava a frente em composições que ainda carregavam aquele DNA tipicamente emotivo, mas com uma atitude completamente nova. Como uma introdução rápida para esse "novo som", experimente ouvir *To the Edge*, segunda faixa e que mostra muito bem a nova dinâmica entre o baixo de Marco e as guitarras da dupla Cristiano Migliore e Marco Biazzi. Se a dinâmica agradar, continue na mesma pegada com *Devoted* e *What I See* (essa uma faixa injustiçada do catálogo), deixando para o final as clássicas *Our Truth* e *Within Me*. Um álbum tão bom que até a versão para *Enjoy the Silence*, do Depeche Mode, se torna em algo indispensável. Sucesso absoluto, *Karmacode* foi também o último disco dos italianos ao lado do produtor polonês Waldemar Sorychta.

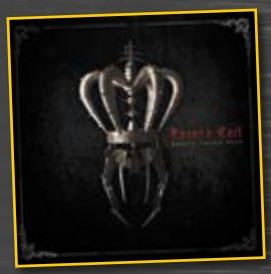
EXCELENTES

DARK ADRENALINE (2012)

Quando uma banda passa por um período muito longo de constante crescimento, é natural que venham algumas derrapadas pelo caminho. Foi mais ou menos isso que aconteceu com o Lacuna Coil após conquistar o mundo com a sequência *Unleashed Memories*, *Comalies* e *Karmacode*. Não que as turnês tenham amenizado após *Shallow Life*, mas o álbum de 2009 acabou não atingindo o mesmo patamar de qualidade de seus antecessores e por isso é pouco lembrado. Seu sucessor recolocaria a banda de Milão sob os holofotes do cenário e faria isso com músicas mais densas e sombrias, como contou Cristina para a ROADIE CREW: "O próprio processo de composição nos encaminhou para músicas mais pesadas, sombrias e energéticas. Acho que a sequência das faixas revela um lado realmente bem obscuro e dramático do Lacuna Coil. Chega a ser épico e cinematográfico em alguns pontos." Não só tudo isso é verdade como você pode comprovar ouvindo *Trip the Darkness*, *Give Me Something More*, *End of Time* e *I Don't Believe in Tomorrow*. E, claro, não esqueça as melhores do disco, em sequência: *Against You* (ótimos refrão, riffs e solo) e a eterna *Kill the Light*.

BROKEN CROWN HALO (2014)

O Lacuna Coil muito rapidamente se tornou uma banda grande demais para o circuito underground, e é inegável que desde *Karmacode* seus álbuns vinham sendo trabalhados com vistas no mercado norte-americano. Isso se refletiu na nova sonoridade e até na equipe de trabalho, com *Swallow Life* e *Dark Adrenaline* sendo produzidos por Don Gilmore (Linkin Park) e o então novíssimo *Broken Crown Halo* com produção assinada por Jay Baumgardner (Godsmack, Papa Roach, Coal Chamber). Ponto para a banda, que soube migrar para uma nova sonoridade sem perder as características mais caras à sua música, como a emotividade e o espírito sombrio. Cristina deixou claro que a banda seguia no novo álbum o caminho do anterior: "Eu diria que esses dois discos seguem o mesmo estilo e definem o tipo de música que fazemos, porque mostram um equilíbrio perfeito entre o que fazíamos no início de nossa carreira e o que somos hoje." Novamente, você pode conferir a verdade dessas palavras. Ouça *Die & Rise*, *I Forgive (But I Won't Forget Your Name)* e aquela que é a canção mais emblemática do repertório dos italianos, *Nothing Stands in Our Way*.



BLACK ANIMA (2019)

Depois de todos os eventos que envolveram os dias após o lançamento de *Broken Crown Halo*, foi bom para os fãs de longa data perceber que o Lacuna Coil não havia apenas sobrevivido, mas retomado o ápice após outra escorregada. O mais recente trabalho de estúdio dos milaneses foi lançado em 11 de outubro de 2019 e teve até turnê promocional que passou por aqui, transformando-os em um dos últimos gigantes internacionais a tocar em solo brasileiro antes da pandemia. Pois bem, musical e liricamente este *Black Anima* seguia o caminho mais sombrio e sinistro dos últimos lançamentos. "Definitivamente existem elementos e uma vibração gótica nesse álbum, algo que vem do tema abordado e não de uma influência musical", Cristina nos disse na época. E quanto ao tema, ele versava sobre a dualidade da luz e treva, o apelo que a escuridão exerce sobre o ser humano: "Ser atraído por isso não significa que você é uma pessoa negativa. Significa apenas que você sabe que são yin e yang, que existem dois lados para tudo", explicou ela, arrematando: "Todos têm um lado obscuro, quer admitam ou não." Confira *Reckless* e *Layers of Time*.

BONS

IN A REVERIE (1999)

Depois de passarem anos tocando juntos ou em diferentes bandas mais como brincadeira e em busca de experiência do que de fato pensando em conquistar algo, finalmente eles adotaram o nome Lacuna Coil em 1997 e começaram a conquistar resultados mais sólidos do que etéreos. Embora fatos importantes tenham acontecido antes, o primeiro grande passo em relação ao profissionalismo aconteceu entre outubro e novembro de 1998, quando Cristiano Migliore (guitarra), Marco Coti Zelati (baixo), Cristiano Mozzati (bateria) e os vocalistas Andrea Ferro e Cristina Scabbia adentraram o estúdio Woodhouse para gravar seu primeiro full-length, *In a Reverie*. Além da inexperiência, coloque também na balança a gana de um grupo que tinha vontade e potência para conquistar o mundo, e fazer isso jogando contra as regras comuns para as bandas do seu país na época: o extremo ou o melódico. Com referências góticas óbvias, o álbum abre com a ótima *Circle*, com um show de Scabbia. Com repertório inspirado e boa produção, o álbum destaca ainda *To Myself I Turned*, uma das melhores do repertório.

UNLEASHED MEMORIES (2001)

Certo, estamos falando aqui de material clássico e de um dos favoritos dos fãs, e o segundo álbum completo faz muito para merecer tamanho status. Para começar, a boa produção (mencionada no álbum anterior) se repete aqui, inclusive pelas mesmas mãos, do polonês Waldemar Sorychta (Moonspell, The Gathering, Sentenced, Samael e muitos outros). Quanto ao repertório, é quase chover no molhado. Afinal, nenhum disco se torna clássico a troco de nada. O início já é marcante, com a contida e sombria *Heir of a Dying Day*. Mas as coisas vão melhorando mais e mais conforme a audição avança: *To Live Is to Hide* traz reminiscências do gothic rock oitentista e *Purify* é lírica e musicalmente uma das peças mais lúgubres e belas em toda a jornada do grupo. Para boa parte dos fãs, inclusive de fora da Itália, *Senzafine* se tornou uma espécie de hino e referência obrigatória dessa época, ao passo que *1:19* foi tão amada pelos fãs 'die hard' que mereceu uma homenagem futura, como você certamente já conectou os pontos. Ouça ainda a tristonha *Cold Heritage* e o fechamento com *Lost Lullaby*.

CUIDADO

DELIRIUM (2016)

Falamos antes sobre "escorregadelas" e é legal constatar que ao longo de suas quase três décadas de história o Lacuna Coil deslizou pouquíssimas vezes, e mesmo quando isso aconteceu, nunca foi o suficiente para se estatelarem no chão. *Delirium*, penúltimo álbum de estúdio, é certamente o ponto mais baixo na discografia dos italianos e um olhar frio e distanciado de "fã das antigas" mostra que existiam motivos óbvios para isso. É até simples, já que, embora o trio de compositores principais estivesse mantido, toda a dinâmica da banda como um todo havia sido fortemente alterada após o lançamento de um de seus melhores trabalhos, *Broken Crown Halo*, época em que os guitarristas Marco Biazzi e Cristiano Migliore, juntos desde 1998, resolveram abandonar o barco. Também o baterista Cristiano Mozzati pulou fora, e de repente o Lacuna Coil precisou passar pela maior reformulação de sua história. Apesar de tudo isso, *Delirium* tem boas composições – confira o groove intenso de *Ghost in the Mist*, a ótima *Blood, Tears, Dust* e a faixa-título. Apenas não é memorável como os anteriores.

OUTROS: Mesmo ativo e produtivo há mais de duas décadas, o Lacuna Coil possui apenas um outro álbum completo de estúdio, o anteriormente mencionado *Shallow Life* (2009), primeiro trabalho em que eles deixaram para trás um produtor estritamente conectado ao mundo do metal underground (Sorychta) para trabalhar com um profissional do mainstream (Don Gilmore). Apesar de pouco memorável, ele traz as ótimas *I Wont Tell You*, *Unchained*, *I Like It* e *Spellbound*, essa última um tema que se encaixaria como uma luva em qualquer álbum de qualquer fase da banda milanesa. Adquirindo a coletânea *The EPs* (2005) você terá acesso aos EPs *Lacuna Coil* (1998) e *Halflife* (2000), lançados antes e depois do álbum de estreia, respectivamente. De vídeos, procure *Visual Karma* (2008) e o ótimo *The 119 Show – Live in London* (2018).

Evergrey

RETRATO DA INSPIRAÇÃO

Caipirinha, futebol, churrasco e... Música. Tom Englund coloca o Brasil na linha de frente ao falar do excelente novo álbum do Evergrey

Por Daniel Dutra

Talvez não seja coincidência que o próprio Tom Englund ressalte o fato de a base de fãs do Evergrey estar concentrada, em sua maioria, de meados dos anos 2014 em diante. O fato é que o quinteto sueco - completado por Henrik Danhage (guitarra), Johan Niemann (baixo), Rikard Zander (teclados) e Jonas Ekdahl (bateria) – realmente atingiu um incrível nível de qualidade desde então. E *A Heartless Portrait (The Orphean Testament)*, o novo álbum, é a mais recente prova, então falamos com o vocalista, guitarrista e compositor sobre isso e mais um pouco, como Brasil e a guerra na Ucrânia.

A situação está melhorando aos poucos, mas como você tem passado essa pandemia?

Tom Englund: Honestamente? Melhor do que nunca. Tenho estado tão criativo que chega a ser ridículo! Com todo esse tempo nas mãos, pela primeira vez na vida tenho feito muita música, porque consegui respirar um pouco. Fiz dois discos do Evergrey; dois com o Silent Skies (N.R.: *Satellites*, 2020, e *Nectar*, 2022); um com o Redemption (N.R.: o ao vivo *Alive in Color*, 2020); um com o Dovorian (N.R.: *The Light & Dark*, 2021), da Inglaterra; e compus trilhas para quatro videogames... Ufa! É ótimo ter tempo para fazer tanta coisa, mas agora eu só preciso sair e tocar (risos). Fizemos alguns shows na Suécia, mas sinto falta de viajar, de voar para lugares como o Brasil, ou onde quer que seja! Sinto falta da interação com os fãs, porque gravar um disco e lançá-lo é 50% do trabalho, e é quando suas músicas são tocadas ao vivo que o ciclo se completa. Mal posso esperar para retornar aos palcos.

E voltando um pouco ao primeiro dos dois discos com o Evergrey, *Escape of the Phoenix*, como foi lançar um álbum tão incrível enquanto o mundo estava fechado para as bandas saírem para tocar ao vivo?

Tom: Eu não cheguei a refletir sobre isso, sinceramente, porque nunca pensamos que a pandemia duraria tanto. Se o mundo soubesse que as restrições e os lockdowns durariam dois anos e meio, acho que ficaríamos mais loucos do que já somos. Mas se eu tenho uma qualidade, é a de me adaptar a qualquer situação. Tínhamos essa situação mundial, então o que faríamos? Lançamos *Escape of the Phoenix* e no dia seguinte tivemos uma reunião, e foi quando pensamos: 'Muito bem,

A HEARTLESS PORTRAIT
Napalm - Imp.

não poderemos fazer turnê desse disco durante pelo menos um ano. Fomos muito inteligentes nessa, uma coisa rara (risos), então vamos começar a compor o próximo imediatamente?'. Voltamos aos nossos estúdios pessoais por seis semanas e depois disso, quando nos reunimos novamente, tínhamos 50 ideias de músicas. Compositores sempre temem bloqueios criativos ou que sua inspiração morra, mas percebi que quanto mais eu componho, mais inspirado eu fico. E quanto mais inspirado, mais músicas eu conseguirei compor, e músicas que entrarão nos discos. É matemática simples, no fim das contas (risos), mas respondendo à sua pergunta, eu não cheguei a pensar 'Caralho, fizemos um puta disco e ninguém vai ouvir!', porque ainda não o tocamos ao vivo. Assim, quando formos ao Brasil na próxima vez, vocês terão dois grandes álbuns para celebrarmos! Será um show de oito horas! (risos)

No fim das contas, são dois novos discos, uma vez que os fãs ainda não ouviram nada do *Escape of the Phoenix* ao vivo.

Tom: Exatamente, e é um privilégio ter dois álbuns incríveis e novos para apresentar. Atualmente, o nosso maior problema é definir um setlist, sendo que a banda completa 30 anos em 2023. Já temos 13 discos, e 70% dos nossos fãs vêm do *Hymns for the Broken* (2014) para frente, o que significa que demos uma guinada, certo? Sendo assim, além dos dois novos trabalhos, também teremos de tocar músicas dos cinco álbuns anteriores e talvez não tanto o material antigo. Já estivemos cinco vezes no Brasil tocando as canções mais velhas, então agora precisamos trazer os novos fãs, fazê-los se sentirem à vontade, como todo show deve ser.

Então seria interessante fazer um -An evening with Evergrey-, tocando *Escape of the Phoenix* e *A Heartless Portrait (The Orphean Testament)* na íntegra.

Tom: Ah, sim! E em seguida iríamos para um hospício! (risos)

Continuando no novo álbum, é interessante que os dois primeiros videoclipes (N.R.: das músicas *Save Us* e *Midwinter Calls*) e singles sejam as duas primeiras faixas. A ordem do disco foi bem planejada ou foi apenas uma coincidência?

Tom: É uma coincidência, mesmo. A primeira música foi escolhida por nós e pelo selo, mas dentro da banda cada um tinha a sua música favorita, então pergun-

tamos aos nossos amigos mais próximos qual deveria ser, e cada um disse uma diferente. Então perguntamos à gravadora, que também escolheu músicas diferentes (risos), e nós já estávamos tipo 'mas que merda! O que faremos?' (risos). Foi aí que perguntamos ao pessoal mais jovem que trabalha no selo, aqueles com menos de 30 anos de idade, e todos disseram *Blindfolded*, que virou o terceiro single e vídeo, mas o primeiro na trilogia de clipes.

Bom, eu perguntei porque duas das minhas canções favoritas, *Call Out the Dark* e *Reawakening*, são comercialmente mais palatáveis...

Tom: E a primeira ideia da banda foi usar *Call Out the Dark*, mas o pessoal da gravadora nunca a mencionou. Perguntamos: 'Que tal *Call Out the Dark*?', mas eles ficaram meio que 'É uma boa música, mas é muito old school', e eu, 'Como assim?' (risos). Ao mesmo tempo, eles achavam que deveríamos fazer de *Heartless* o primeiro single, especialmente nos Estados Unidos. Esse é um ótimo problema para ter, porque significa que há sete ou oito singles em potencial num disco de dez faixas. Eu também adoro *Reawakening*, por exemplo, e perguntei a minha filha, que tem 2 anos, e a minha esposa, que também é bem jovem, porque eu tenho uma nova esposa agora (risos), e ambas responderam *Blindfolded*. Tem algo diferente para cada pessoa no novo trabalho, com certeza.

Eu ouvi o álbum diversas vezes, mas apenas uma com as letras em mãos. Dito isso, foi em *Blindfolded* que disse a mim mesmo 'Ok, o conteúdo lírico é mais pessimista do que a parte musical aparenta'. Isso faz sentido para você?

Tom: Você conhece a história por trás de *Born in the USA*, de Bruce Springsteen? Não tem uma letra positiva, pelo contrário, mas a sonoridade a faz parecer gloriosa. Ele fala sobre como se está infeliz, como nada parece evoluir, e é mais ou menos a ideia que eu tive para *A Heartless Portrait*, mas sem pensar na perspectiva de *Born in the USA*, porque ela só me ocorreu depois. *Dancing in the Dark*, por exemplo, é muito animada e up-tempo, mas a letra fala 'estou preso aqui, sem futuro', porque pensei em mim e em como me vejo posicionado num mundo ao qual sinto que não pertenço. Nunca senti que pertencia, mas agora me vejo num mundo que está ficando exponencialmente mais hostil, mais violento, mais egoísta, com pessoas pensando a curto prazo, de forma imediatista, e eu não quero ser parte disso. É um mundo onde os jovens se educam via TikTok, Instagram e Facebook, têm essas redes sociais como líderes. Isso não funciona para mim. Acredito que é importante dizer às pessoas: 'Você deve ter certeza de quem você é antes que alguém diga como você tem de ser', porque essas empresas multimídia e multimilionárias vivem disso, de dizer quem e como devemos ser, o que comprar e por quê. E por falar em babacas egoístas, temos agora esse lunático na Rússia (N.R.: Vladimir Putin) começando a Terceira Guerra Mundial, e espero que alguém o mate o mais rápido possível, porque ele está apavorando a Europa inteira, piorando a economia como um todo e empurrando o mundo para uma situação ainda pior de pobreza e confusão.

> **"Compositores sempre temem bloqueios criativos ou que sua inspiração morra, mas percebi que quanto mais eu componho, mais inspirado eu fico."**
> **Tom Englund**

E a guerra está na sua vizinhança, especialmente com a possibilidade de a Suécia se juntar à Otan (N.R.: a aliança militar do Ocidente).

Tom: Nós não estamos tão longe assim, porque são 500 quilômetros, e os aviões russos passam aqui, ameaçando nosso espaço aéreo. As conversas agora estão entre Suécia e Finlândia de se unirem à Otan, mas da última vez que a Rússia tentou foder com a Finlândia, os finlandeses mataram todos eles. Hoje, se você perguntar aos ucranianos o que é importante na vida, você terá respostas muito honestas sobre sobreviver mais um dia, sobre ter seus entes queridos perto de você. Não é sobre TikTok, Instagram e bobagens do tipo. Esse tipo de mídia pode ter um papel muito importante na disseminação de informação, tanto que a Rússia controla tudo isso. E devemos deixar claro que o povo russo não tem nada com isso. É Putin e o exército dele. O povo comum, a grande massa, não recebe informações, então pensa que

Divulgação

Henrik Danhage, Johan Niemann, Tom Englund, Rikard Zander e Jonas Ekdahl: o Evergrey em mais um trabalho de excelência

tudo não passa de um "exercício militar" necessário na Ucrânia. É claro que vejo muito poder nas redes sociais para o uso de maneira positiva e construtiva, mas não vejo as pessoas tendo esse interesse. O que vejo são essas pessoas sendo mandadas sobre o que fazer, sobre o que rir, sobre o que chorar, sobre o que comprar, sobre o que comer. Não há mais pensamento livre. Eu falo isso de maneira exagerada, mas se você ficar rolando a tela do seu telefone durante oito horas por dia, é esse o melhor uso do seu tempo? Provavelmente não. E ao falar dos mais jovens, me refiro àqueles que, acredito, tenham tido a chance de frequentar uma universidade ou estudar e ter uma educação baseada no fato de que é necessário criticar a informação que recebemos, criticar a mídia, ter certeza de quem é que está dizendo o que e por quê. E se você estiver certo de quem você é, então consegue pelo menos separar o que não lhe serve e o que não ressoa com sua moral e seus valores. Atualmente, no entanto, a maioria dos jovens não tem isso e não está interessada nisso.

Eu estive no primeiro show do Evergrey no Rio de Janeiro, em 2005, e também no último, em 2019, e tem algo que sempre quis debater com você: a sua evolução como vocalista, o que é um elogio...

Tom: E eu espero mesmo ter evoluído (risos), porque comecei a cantar algumas semanas antes do primeiro disco, e minha intenção não era me tornar vocalista. Agora eu conto com 30 anos de experiência, e se em 30 anos alguém não se tornar bom no que faz, então deve fazer outra coisa. Imagine jogar futebol por 30 anos e piorar! (risos) Se bem que todo mundo que envelhece pode piorar, fisicamente falando, e neste caso os vocalistas estão excluídos daquela equação (risos).

Sem dúvida, mas me atrevo a dizer que *Heartless* tem a sua melhor performance vocal até agora.

Tom: Agradeço suas palavras. Trabalho continuamente para isso, e trabalho pesado. Para cada música, levo pelo menos dez dias para apresentar uma ideia, cantar nela, aperfeiçoá-la, alterar as letras, cantar novamente, retirar coisas que ficaram ruins... Tudo isso faz parte do pacote da performance, e é isso que importa para mim. Não posso pensar em mais ninguém quando estou fazendo isso. Não penso nos fãs, não penso na imprensa, não penso na gravadora. Preciso me fazer feliz, por isso sou um perfeccionista quando se trata de compor os vocais, e é por isso que acredito ter me tornado bastante decente ao cantar.

Obrigado pelo papo, Tom, e espero vê-lo em breve no Brasil novamente com o Evergrey.

Tom: O Brasil é sempre maravilhoso! Não podemos mais esperar para voltar, tocar para uma plateia incrível, passear nas praias, beber caipirinhas (risos)... O pacote completo! Vamos fazer isso acontecer logo.

Eu sempre acho incrível essa paixão por caipirinha (risos).

Tom: Houve uma vez em que estivemos aí que nós mesmos compramos uma garrafa de cachaça e fizemos nossa própria caipirinha na piscina. Depois fomos jogar futebol com uns brasileiros, comemos churrasco... É isso que eu quero da vida: futebol, bebida, mulheres e, talvez, alguma música (risos)!

Ok, quanto futebol, podemos armar de eu levá-lo a uma partida no Maracanã...

Tom: Ah, eu tenho esse sonho! Adoraria assistir a um jogo no Maracanã! Mas tem que ser antes do show: futebol na quarta-feira, bebidas na quinta e show na sexta! (risos)

> **"(...) me vejo num mundo que está ficando exponencialmente mais hostil, mais violento, mais egoísta, com pessoas pensando a curto prazo, de forma imediatista, e eu não quero ser parte disso."**
>
> **Tom Englund**

Divulgação

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

EM 2022 A EXCURSÃO ESTÁ SOLD OUT!

17.08. 20.08.

SUMMER BREEZE 2022

THE RETURN STRONGER THAN EVER!

25TH ANNIVERSARY

HEAVEN SHALL BURN · BLIND GUARDIAN · ARCH ENEMY

EISBRECHER · WITHIN TEMPTATION · ELECTRIC CALLBOY

ALESTORM · FEUERSCHWANZ · HÄMATOM · AMORPHIS

HYPOCRISY · TESTAMENT · AVATAR · CANNIBAL CORPSE · JINJER

JBO · BURY TOMORROW · DARK TRANQUILLITY · LORD OF THE LOST

FINNTROLL • KORPIKLAANI • DARK FUNERAL • BEAST IN BLACK
DIE APOKALYPTISCHEN REITER • PARADISE LOST • ORDEN OGAN
EMIL BULLS • IGORRR • ANY GIVEN DAY • NAPALM DEATH • CALIBAN
MADBALL • EXODUS • MR. HURLEY & DIE PULVERAFFEN • INSOMNIUM
ENSIFERUM • FIDDLER'S GREEN • DEATH ANGEL • COMEBACK KID • TURBOBIER
COMBICHRIST • FLESHGOD APOCALYPSE • LORNA SHORE • GHØSTKID
PRIMAL FEAR • DER WEG EINER FREIHEIT • BENEDICTION • PARASITE INC.
BRAINSTORM • EISREGEN • MISERY INDEX • CYPECORE • OMNIUM GATHERUM
DARKEST HOUR • MASS HYSTERIA • BENIGHTED • BROTHERS OF METAL
LANDMVRKS • AVATARIUM • HUMANITY'S LAST BREATH • GUTALAX
INFECTED RAIN • BLOODYWOOD • NEKROGOBLIKON • ANGELUS APATRIDA
CYTOTOXIN • CRISIX • BORN FROM PAIN • THUNDERMOTHER • DEBAUCHERY
VOLA • LIK • ACRANIUS • ENFORCED • WARKINGS • SERENITY • PALLBEARER
AGRYPNIE • NECROTTED • DAGOBA • VENDED • PALEFACE • HANGMAN'S CHAIR
DISTANT • SLOPE • SPASM • DEFOCUS • LÜT • VULTURE • HAMMER KING
SIAMESE • CONJURER • SVALBARD • DJERV • OUR PROMISE • SKYEYE • URNE
HAGGEFUGG • KVAEN • MISSION IN BLACK • SEASONS IN BLACK • NYRST
TEMPTATIONS FOR THE WEAK • DANGERFACE ...and many more

EXCURSÃO ROADIE CREW - SUMMER BREEZE 2023

Escreva para travel@roadiecrew.com e adquira seu pacote.
WhatsApp 47 99916-8002

FUNDED BY:
Die Beauftragte der Bundesregierung für Kultur und Medien
NEUSTART KULTUR
GEMA

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

NUCLEAR BLAST
A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

KREATOR

EM BREVE!

BELPHEGOR
THE DEVIL

NUCLEAR BLAST

@NuclearBlastRecords

Entre em nosso Canal no Telegram | no BRASIL REVISTAS

HATE ÜBER ALLES

15º ÁLBUM DE ESTÚDIO DA LENDA DO THRASH METAL ALEMÃO E PRIMEIRO COM FRÉDÉRIC LECLERQ (EX-DRAGONFORCE, SINSAENUM) NO BAIXO. COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE PATRIK BABOUMIAN, DETENTOR DO TÍTULO "O HOMEM MAIS FORTE DA ALEMANHA", NOS BACKING VOCALS DA FAIXA 'STRONGEST OF THE STRONG'.

anúncio: www.jduartedesign.com

EM BREVE!

MUNICIPAL WASTE
ELECTRIC BRAIN

www.ShinigamiRecords.com.br

Shinigami 死神 Records

KREATOR

HATE ÜBER ALLES

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Primeiro você tem a banda que revolucionou o mundo da música com o seu thrash bruto e sujo de *Pleasure to Kill* (1986), depois a que refinou sua fórmula thrash com *Coma of Souls* (1990), e então veio algo industrial em *Renewal* (1992) e um bocado de gótico em *Endorama* (1999)... Depois, veio o retorno ao thrash/heavy em *Violent Revolution* e a consolidação desta fórmula de sucesso (com doses extras de melodia) em *Phantom Antichrist* (2012). Pronto, agora pegue isso, misture bem, e o resultado será *Hate Über Alles*, o mais completo álbum de toda a jornada do Kreator, pois repassa todas as suas fases!

Sim, estou afirmando que existe algo de *Endless Pain* e *Pleasure to Kill* neste novo registro, mas vamos com calma, que o bicho não é tão feio assim. Mesmo quando caminha pelos lados mais crus do thrash, o Kreator hoje conta com uma produção límpida e cristalina, além de músicos muito mais experimentados e evoluídos, coisas que somadas praticamente excluem aquele 'vigor descerebrado' que é necessário para criar uma *Flag of Hate*, infelizmente. Porém, *Killer of Jesus*, *Demonic Future* e a faixa-título garantem o torcicolo, especialmente pelo trabalho do baterista Ventor. Se você é daqueles que curtem um som mais arrastado e extremamente denso, *Crush The Tyrants* deve ser seu ponto de entrada. Se ama boas melodias de guitarra, *Strongest of the Strong*, *Conquer and Destroy* e *Become Immortal* são pedidas certas. *Pride Comes Before The Fall* e *Midnight Sun* são góticas em essência, e a rica e elaborada *Dying Planet* resgata aquelas boas ambientações do industrial. Um passeio por uma das discografias mais ricas do metal, e executado primorosamente em onze novas canções.

Valtemir Amler

MICHAEL MONROE

I LIVE TOO FAST TO DIE YOUNG

SILVER LININGS - IMP.

8,5

A carreira do sessentão Michael Monroe fala por si, mas quem diria que ele cunharia mais um ótimo trabalho em 2022? Punk, glam e hard se mesclam de forma perfeita em seu 12º disco solo. Se temos punk em *Murder The Summer of Love* e nas aceleradas *All Fighter* e *Pagan Prayer*, *Derelict Palace* vem em uma vibe pós-punk anos 80, mas é totalmente Alice Cooper, um dos heróis de Monroe. O hardão energético *Young Drunks - Old Alcoholics* capta o baixão vibrante de Sami Yaffa, enquanto *Can't Stop Falling Apart* vem num clima festivo bem Stones anos 70. Outra na velha escola é *No Guilt*, mas a coisa acelera de novo na faixa-título, bem rocker e que conta com um solo de Slash. Produzido pela banda ao lado do engenheiro de som Erno Laitinen, o repertório de *I Live Too Fast To Die Young* se encerra com *Dearly Departed*, que vem bem diferentona e com algo de Alice Cooper e Iggy Pop. Além disso, dá para sentir novamente a presença do New York Dolls, uma das referências do finlandês que fez fama no Hanoi Rocks e estreou solo com *Nights Are So Long*, em 1987.

Ricardo Batalha

DEF LEPPARD

DIAMOND STAR HALOS

BLUDGEON RIFFOLA/MERCURY - IMP.

8,0

Existem bandas que mesmo que cometam equívocos na discografia, me deixam curioso a cada novo lançamento. O Def Leppard é um exemplo. Ainda que tenha vacilado em *Slang* (1996) e em *X* (2002), o grupo inglês não precisa provar mais nada para ninguém. No caso de *Diamond Star Halos* – título extraído da letra de *Get It On*, do T-Rex –, pode ser que não entre na lista dos álbuns preferidos de grande parte dos fãs, mas, mesmo com algumas escorregadelas, garante bons momentos. A trinca inicial, com as contagiantes *Take What You Want*, *Kick* e *Fire it Up*, essa um mix do álbum *Slang*, com o groove dos hits *Let's Get Rocked* e *Pour Some Sugar On Me* e o despojamento de um Roxette, refletem o alto astral que o Leppard desfruta nessa fase de sua longeva carreira. A balada *This Guitar*, primeira de duas canções a contar com a cantora e musicista de bluegrass-country Alison Krauss, que em 2021 gravou um álbum em parceria com Robert Plant, não é ruim, mas inserida após três faixas tão explosivas quebrou o clima. *S.O.S. Emergency* volta a tremer o quarteirão, enquanto que *Liquid Dust* o fisga com cadência e partes orquestradas. Outros bons 'rockões' são *U Rock Mi*, *Gimme A Kiss* e a 'moderninha' *Unbreakable*. Voltando a falar de balada, as melhores são *Goodbye For Good This Time*, a semi-balada *All We Need* e *Lifeless*, outro duo bacana entre Joe Elliott e Krauss. De dispensável apenas as tediosas *Open Your Eyes* e *From Here to Eternity*. Pode até não ser comparável aos álbuns clássicos, mas *Diamond Star Halos* mostra que esses veteranos ainda soam joviais e relevantes.

Leandro Nogueira Coppi

SOULFLY

TOTEM

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC

9,0

Desde os seus primeiros dias, o Soulfly nunca foi o tipo de banda que se preocupou em criar belas harmonias para flutuar nas ondas do rádio. Tampouco foi daqueles grupos que estão toda hora inventando 'novas viagens artísticas' para justificar algumas ideias 'atravessadas' aqui e ali. O lance aqui sempre foi grosseiro, pesado, infernal, ou seja, as coisas foram basicamente do jeito que Max Cavalera gosta que sejam. E você já sabe exatamente do que ele gosta: riffs duros e ressonantes, repletos de groove e atitude, fúria e um bom gosto. Com o Soulfly sempre foi assim, mas não há como negar que foi há dez anos, com *Enslaved* que eles começaram a alcançar o seu ápice de agressividade, migrando entre o thrash e o death com maestria. Dito isso, coloque na balança também o fato de que havia certa dúvida recaindo sobre esse novo álbum, já que é o primeiro em muito tempo a não contar com a guitarra de Marc Rizzo. Pois bem, jogue todas as desconfianças no chão e curta esse álbum, pois aquele mergulho ora thrash ora death repleto de groove continua aqui, e com alguns outros elementos muito interessantes, diga-se. *Superstition* é um ótimo e explosivo início, e *The Damage Done* é aquela canção midtempo que todo mundo espera, com um riff monolítico de tão pesado. A faixa-título é bem groove, e será um pandemônio nos shows, ao passo que *Ecstasy Of Gold* é uma das maiores constelações de bons riffs de 2022! Atente também para o fato que esse é o álbum do Soulfly com mais elementos atmosféricos em muito tempo, alcançando a primazia em *Spirit Animal*.

Valtemir Amler

SUB ROSA

11:11

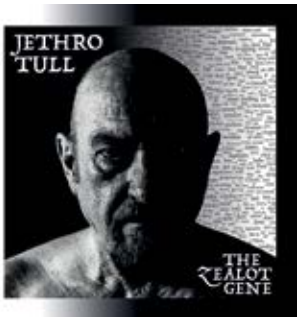
PROGRESSIVE ROCK WORLDWIDES - NAC.

7,0

Rock progressivo é um estilo que a gente sempre olha com desconfiança, principalmente com relação às bandas novas. Os "velhões" de plantão sabem que, na hora de escolher um vinil de banda desconhecida nos sebos da vida, se o disco foi lançado nos anos 70, dificilmente a surpresa será desagradável. Por outro lado, o neo prog há tempos tem apresentado gratas surpresas. E, após diversas audições para captar a sua sonoridade, o Sub Rosa entrou na minha lista. O que encontramos nesse álbum duplo, com 11 faixas em cada CD, são composições de rock progressivo inspiradas na biografia do artista e filósofo das ruas Eduardo Marinho, nos 22 arcanos do tarot e nos arquétipos de Jung. A banda é tão empenhada na proposta que o próprio título *11:11* e a quantidade de músicas estão em contexto com o conceito. Pecou um pouco na produção, principalmente pelo timbre da guitarra. Melodias intimis-

tas e inspiradoras mereciam uma produção primorosa. As músicas são variadas, algumas mais modernas e outras mais na linha de clássicos progressivos. *Carnation*, por exemplo, me lembrou o Moon Safari pela melodia suave. Nessa linha também temos *Less Than Two* e *Hanging On*. Entre todas, *The Men Behind the Curtains*, por ser mais caótica e com um ar "gótico", ganhou minha predileção. Para alguns, esse segundo álbum do Sub Rosa pode soar pretensioso, mas, tenho certeza que os membros não vão ligar para isso.

Ivanei Salgado



JETHRO TULL

THE ZEALOT GENE
INSIDEOUT - IMP.

8,5

Havia quase duas décadas que Ian Anderson não estampava o nome do Jethro Tull num disco de estúdio, sendo que o último, *The Jethro Tull Christmas Album* (2003), foi uma mistura de canções inéditas e, como o título indica, tradicionais de época. Precisou o vocalista, flautista e líder se sentir numa banda novamente para que isso mudasse. Ao lado dos guitarristas Joe Parrish-James e Florian Opahle (este apenas em estúdio) e de David Goodier (baixo), John O Hara (teclados) e Scott Hammond (bateria), Anderson fez de *The Zealot Gene* um trabalho mais acústico e introspectivo para ressaltar a beleza da música do grupo inglês. Canção mais elétrica do disco, a faixa-título traz um pouco do JT dos anos 1970 com o lado mais acessível que viria no fim década de 1980 e início da de 1990; e o acento pop bem agradável especialmente pelas melodias grudentas de flauta e, mais ainda, pelos teclados de *Mrs. Tibbets* destoa do restante do álbum. Isso porque são obras como *Mine is the Mountain* (com uma atmosfera assustadora), *Where Did Saturday Go?* e *The Betrayal of Joshua Kynde* que dão o tom do CD. Mas não pense que se trata de um disco depressivo. Comprove ouvindo *Jacob's Tales* (com leve trejeito folk), a cativante *Shoshana Sleeping* e a intrincada *Barren Beth, Wild Desert John* (com um quê musical brasileiro, diga-se).

Daniel Dutra

GRAVE DIGGER

SYMBOL OF ETERNITY
ROAR! ROCK OF ANGELS - IMP.

8,5

Com *Symbol of Eternity*, o Grave Digger volta ao mundo dos cavaleiros templários, que retratou em *Knights of the Cross* (1988). Chris Boltendahl (vocal), Axel Ritt (guitarra), Jens Becker (baixo e teclados) e Marcus Kniep (bateria) mantêm o padrão alto da veterana banda alemã, que é daquelas que não investe em inovações, ainda que ultimamente tivesse exagerado em doses épicas. O que temos aqui é metal clássico, pesado, cheio de refrãos marcantes, conforme os fãs preferem. Atente para a bela arte da capa, pintada por Uwe Jarling. E quem comprar o CD verá o layout do encarte criado pelo brasileiro Wanderley Perna (Genocidio). A instrumental *The Siege of Akon*, composta por Kniep, introduz *Battle Cry*, que já provoca dor no pescoço como só Grave Digger consegue fazer. A alta qualidade e o peso empolgante continuam em *Hell Is My Purgatory*, *King of the Kings*, *Nights of Jerusalem*, *Heart of a Warrior*, *Holy Warfare* e *The Last Crusade*. A surpresa é *Hellas Hellas*, cover do grego Vasilis Papakonstantinou, que faz uma participação especial na faixa. Detalhe: Boltendahl cantou no idioma falado na Grécia. Não tenho conhecimento técnico para avaliar se ele mandou bem em termos de pronúncia, mas garanto que ficou muito bacana.

Alessandro Bonassoli

CORELEONI

III
ATOMIC FIRE - IMP.

7,5

Quando o guitarrista Leo Leoni fundou o Coreleoni em 2018, tinha um objetivo muito simples em mente: honrar o legado de sua banda principal, o clássico ato hard rock suíço Gotthard. Mas calma, a ideia não é tão autoindulgente quando pode parecer em um primeiro olhar, pois ele não queria mais uma banda para correr o mundo com seus grandes hits, a ideia era justamente resgatar as peças menos celebradas do catálogo do Gotthard. E, sim, eles fizeram isso em seu primeiro registro, continuam fazendo em certa medida, mas é muito legal ver que a banda ganhou rumos maiores e vida própria, como mostra este *III*. As coisas não mudaram completamente de figura, a música de Leoni ainda é basicamente hard rock, e fortemente marcada pelo estilo dos grandes clássicos dos anos 70, ou seja: é som de Gibson Les Paul plugada em um amplificador Marshall com o volume esgaçado, simples assim. Mesmo com o passar do tempo, essa fórmula ainda não foi esgotada, como você confere em *Let Life Begin Tonight* (linhas de guitarra ótimas para tocar junto), na 'sujona' *Guilty Under Pressure*, e na pesada *Like It Or Not*. Até a versão para *Jumpin' Jack Flash* (The Rolling Stones) soa legal, pois está nas mãos de alguém que venera e entende o original.

Valtemir Amler

JORN

OVER THE HORIZON RADAR
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,5

Alguns vocalistas do cenário, como Jeff Scott Soto, Steve Overland e Jorn Lande, são como workaholics e produzem materiais seguidamente. Quando você ainda está absorvendo um, chega outro álbum. Agora, após se divertir com a parte 2 do álbum de covers, *Heavy Rock Radio II: Executing The Classics* (2020), o norueguês retorna com um trabalho de músicas autorais ao lado de Tore Moren e Adrian SB (guitarras), Nik Mazzucconi (baixo), Francesco Jovino (bateria) e Alessandro Del Vecchio (teclado). As faixas caminham entre o classic e hard rock, algumas até com algum peso do metal, como em *Black Phoenix* e até uma pontinha na faixa-título. O repertório também traz algo na linha do Millenium, mas com estrutura na escola Rainbow, como em *Ode To The Black Nightshade*. Vale conferir *Believer* e a versão estendida para *Faith Bloody Faith*, composta para o Melodi Grand Prix 2021, disputa norueguesa do Eurovision. Jorn Lande já foi ousado em vários momentos de sua carreira, como no ARK, por exemplo, mas agora está fazendo o "arroz com feijão". *Over The Horizon Radar* é um disco simples, sem nenhum grande destaque imediato, nenhuma música que o fará voltar várias vezes para ouvir, mas que passa sem maiores problemas. Afinal, estamos falando de um vocalista dos mais competentes do nosso meio.

Ricardo Batalha

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

Fotos: Divulgação

KIKO SHRED
(VIPER)

Yngwie Malmsteen's Rising Force - *Rising Force*
Steve Vai - *Passion and Wafare*
Rainbow - *Rising*
Deep Purple - *Made in Japan*
Dokken - *Back for the Attack*

M.MICTIAN
(AFFRONT)

Sepultura - *Beneath The Remains*
Slayer - *Reign in Blood*
Kiss - *Creatures of The Night*
Iron Maiden - *Live After Death*
Kreator - *Coma of Souls*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

RELEASES

THEATRES DES VAMPIRES

IN NOMINE SANGUINIS
SCARLET - IMP.

7,5

Há tempos, na cultura pop, os vampiros deixaram de ser criaturas terríveis para se tornarem românticos melancólicos que bebem sangue em taças de cristal. E, sem dúvida, o estilo que mais bebe nessa taça é o gothic metal. Aos italianos do Theatres Des Vampires, que herdaram essa vibe gótica, adicione elementos teatrais que transmitem sensações de horror e agonia. No geral, não é surpresa para ninguém, mas garante uma audição prazerosa. Entre 10 músicas, ouso apontar a pop *Christina* e *In Nomine Sanguinis* como ótimas audições. A primeira, que gerou um clipe, beira o pop, mas é deliciosa de se ouvir. Já a segunda, é imponente e épica pelos corais e narrações cavernosas. Mas é claro que outras músicas possuem mérito, principalmente *Lady Bathory*, que, para o meu gosto pessoal, é a mais ajeitada, pois é marcial, raivosa e agonizante com vocais de Sonya Scarlet em sofrimento. Esse 11º álbum não chega à altura da poética de um Drácula, mas não cai na breguice de vampiros vegetarianos como Bella e Edward.

Ivanei Salgado

FRIENDS OF HELL

FRIENDS OF HELL
RISE ABOVE - IMP.

8,0

Fresca como pão saído do forno, a banda Doom Friends of Hell, entra em 2022 com seu primeiro registro. Formada por Tas Danazoglou, ex-baixista do Satan's Wrath e da Electric Wizard, a banda, que carrega o nome do segundo disco dos mestres do Witchfinder General, é abrilhantada pela voz de Albert Witchfinder (ex-Reverend Bizarre), uma lenda do doom finlandês. E só por esses nomes você já deve imaginar o que irá ouvir: doom metal clássico setentista/oitentista com influências de Pentragam, Candlemass, Saint Vitus e, logicamente, Witchfinder General. Pesada, arrastada, densa, com vocais dramáticos em reverb e aquela produção que faz o ouvinte se questionar se está mesmo ouvindo um disco de 2022. Talvez para um primeiro registro, falte um toque de identidade própria, mas se encararmos a banda como um verdadeiro tributo aos mestres clássicos do doom, ela soa muito bem. Faixas como a dupla inicial, *Out With the Wolves* e *Shadow of the Impaler*, destacam a interpretação de Albert, que vai dos drives graves aos vocais agudos com um certo esforço que aumentam a tensão nas músicas. Tal esforço é ainda mais nítido em *Friends of Hell*, mas nela são as frases e solos de guitarra que se destacam. Isso, claro, pra não dizer os riffs por todo o disco, mas aí já é obrigação de qualquer banda doom de raiz "sabbhatica". Agora se é para falar da soma de elementos que se completam de forma perfeita em uma única música, *Belial's Bell* é o nome. Uma faixa que parece feita para uma obra de teatro Shakesperiana. Uma boa estreia dos Miguxos do Capiroto, sem grande originalidade, mas perfeita pra quem quer se ver longe de modernidades e bem perto do cheiro de naftalina daquele guarda-roupas velho lá dos anos 1980.

Heverton Souza

WATAIN

THE AGONY & ECSTASY OF WATAIN
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Em suas mais de duas décadas de atividade, o Watain rapidamente chamou a atenção no underground black metal com *Casus Luciferi* (2003) e *Sworn To The Dark* (2007). Também recebeu elogios de todas as esferas metal com o celebrado *Lawless Darkness* (2010), mas também o ódio de parte dos seus fãs por conta da nada discreta injeção de elementos de metal tradicional em *The Wild Hunt* (2013). Pois é, a vida até pode ter sido uma montanha-russa para o grupo sueco, mas é inegável que o Watain passou mais tempo no topo do que na baixada. E também é inegável que é o nome que mais tem chamado atenção no black metal nas últimas duas décadas. Posto isso, nesse novo registro eles estão mais uma vez pendendo para o lado mais alto de sua discografia – confira a brutal abertura, *Ecstasies in Night Infinite*, que traz todos aqueles elementos típicos do black sueco produzido no final dos anos 90. *Serimosa* se destaca por conta de sua ambientação melódica, ao passo que *Leper's Grace* equilibra os elementos das duas antes citadas: é melódica e brutal na medida certa! Mais um bom disco adicionado numa discografia quase infalível.

Valtemir Amler

GRAHAM BONNET BAND

DAY OUT IN NOWHERE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Vida que segue. E que segue muito bem, obrigado. Depois da polêmica separação com o Alcatrazz, Graham Bonnet ficou novamente ao lado do brasileiro Conrado Pesinato (guitarra) e de Beth-Ami Heavenstone (baixo), além de convidados especiais, incluindo os bateras Shane Gaalaas e Levi Dokus, para criar o terceiro álbum de estúdio da Graham Bonnet Band. E fez muito bem, uma vez que *Day Out in Nowhere* é um resumo da carreira do vocalista, mas com um muito bem-vindo resultado contemporâneo. Isso passa pelo hard rock de *Brave New World* (com Roy Z) e pelo heavy rock mais direto de *When We're Asleep* (com Mike e John Tempesta), mas especialmente por *It's Just a Frickin' Song*, um encontro de Rainbow com Deep Purple que conta com a participação de Don Airey, e o heavy metal neoclássico de *Jester*, que tem Jeff Loomis. Esse lado neoclássico ainda é responsável pelas ótimas *David's Mom*, que poderia estar em *Down to Earth*, e *The Sky is Alive*, que remete a Yngwie Malmsteen quando este ainda compunha músicas legais, mas é impossível não destacar *Twelve Steps to Heaven* e *Uncle John*, especialmente pelos excelentes solos de Pesinato, e a bela e emotiva *Suzy*, que soa como trilha sonora de filmes clássicos dos anos 1950 ou 1960, e na qual Bonnet mostra o grande vocalista que é.

Daniel Dutra

MIDNIGHT

LET THERE BE WITCHERY
METAL BLADE - IMP.

7,5

Na ativa desde 2003, a 'one man band' americana chega ao seu quinto álbum, o segundo pela gravadora Metal Blade, mantendo sua proposta: uma combinação de black metal, thrash, punk, rock'n'roll e até de hard rock. Ouvir um disco como *Let There Be Witchery* é como escutar o Venom flertando (mais) com Motörhead, Sodom e também com Kiss. Então, apesar da proposta de um som indo para o "lado negro da força", a banda consegue ser agressivamente divertida. A abertura, com *Telepathic Nightmare*, vai direto na veia punk, com a voz de Athenar lembrando algo de Joel Grind (Toxic Holocaust), porém com um apelo mais dramático. *Frothing Foulness* mantém a pegada, com uma ótima sacada de paradinhas no refrão e um solo que daria orgulho a "Fast" Eddie Clarke. Por falar em Motörhead, *In Sinful Secrecy, Snake Obsession* e *Szex Witchery* deixariam o mestre Lemmy felizão com tamanha influência, apesar de a última também nos trazer um riff classic rock no melhor estilo Ritchie Blackmore. Mas entre todas as 10 faixas do disco, o grande destaque é mesmo *Nocturnal Molestation*, com seu refrão grudento super funcional. Sem querer reinventar a roda e trazendo dezenas de referências clássicas, o Midnight nos presenteia com um disco que pode ser ouvido tanto naquele churras de um motoclube, quanto em meio a um belo festival de metal com direito às rodas se formando entre chutes e pancadas de uma "agressão divertida".

Heverton Souza

SEMBLANT

VERMILION ECLIPSE
FRONTIERS/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Iniciar um álbum com *Enrage* é reafirmar aquilo que a Semblant já havia consolidado em seus três primeiros discos de estúdio (*Last Night of Mortality*, de 2010; *Lunar Manifesto*, de 2014; e *Obscura*, de 2020): o fato de ser uma das potências brasileiras no cenário do dark/gothic mundial. Mas *Vermilion Eclipse* vai além. Se a primeira de suas doze faixas dá uma dica, outros momentos igualmente empolgantes, vide *Destiny in Curse* e *The Human Eclipse*, confirmam uma evolução natural de *Obscura*, em que o estilo ímpar do grupo consegue se metamorfosear em (ou mesclar ao) power metal com maestria. O álbum também flerta com outros gêneros, como o doom e o black metal em alguns momentos da ótima *Heretic* e atinge o auge da "gótica trevosidade" em *Purified*. Para manter a tradição, a Semblant tem em *Black Sun Genesis* e *Bloodred Monarch* as partes VI e VII da saga *Legacy of Blood*, narrada desde o primeiro álbum. Sem dúvida, Mizuho Lin (vocal), Sergio Mazul (vocal), Juliano Ribeiro (guitarra), J. "Guto" Augusto (teclados), Johann Piper (baixo) e Welyntom "Thor" Sikora (bateria) acertaram em cheio novamente.

Thiago Prata

KILLING JOKE

LORD OF CHAOS
SPINEFARM - IMP.

9,0

Embora quase todo mundo goste de pelo menos alguma coisa que o Killing Joke fez ao longo de sua carreira, quase ninguém consegue definir ao certo que diabos de música esses caras tocam, pois sempre houve um pouco de tudo lá: gótico, punk, industrial, rock, blues e o que mais você quiser nomear. Com este novo EP, um dos nomes mais antigos do cenário conhecido como post-punk reafirma as velhas máximas que cercam a banda ao longo das décadas, já que ainda permanece única e indefinível por um único termo. São apenas duas novas músicas neste EP, a primeira delas a faixa-título, que traz muitos elementos daquele industrial que ouvíamos lá pelo final dos anos 80 e início dos 90, com ótimas linhas de guitarra e voz. A outra inédita é *Total*, que já pode ser celebrada como um novo clássico do gothic. É praticamente impossível ouvir as linhas de voz de Jaz Coleman e não cantar junto. Além delas, o EP ainda traz novas versões para *Big Buzz* e *Delete* (aqui com o título *Delete In Dub*), ambas do último álbum completo, *Pylon* (2015).

Valtemir Amler

8 KALACAS

FRONTERA
ATOMIC FIRE - IMP.

8,0

Para o ouvinte desavisado, a sonoridade do 8 Kalacas pode ser um tanto desafiadora, especialmente em uma primeira audição. Embora não seja algo inédito, não é todo dia que se ouve uma banda mesclando guitarras pesadas de metal e hardcore com elementos de ska, incluindo aí trombone e trompete, instrumentos nada usuais na nossa sagrada mistura de baixo/guitarra/bateria/voz. Sim, você pensou no nosso Anjo dos Becos, certo? Bem, colocando *Frontera* para rolar, certamente você vai sentir um calafrio na espinha ao acompanhar a faixa-título e *Pudrete*, mas as guitarras pesadas de *Mutante* e *Esquizofrenia* certamente vão cimentar o solo sob os seus pés. Aí, talvez você comece a ver as reais qualidades escondidas em *Frontera*, que vão ficando cada vez mais 'evidentes' e menos 'escondidas' ao longo da audição, especialmente após audições repetidas. O bom trabalho nos vocais, que nunca apelam para o meloso embora tenham partes limpas, as letras duras e focadas na sociedade, o contraste das guitarras pesadas do hardcore com a calma dos instrumentos de sopro do reggae/ska faz valer a audição atenta.

Valtemir Amler

FRONT COVER

Por Marcelo Vasco*

STEVE VAI
FIRE GARDEN

Voltei no tempo para falar de uma capa que ilustra um disco lançado em um período especial da minha vida: *Fire Garden* (1996). Trata-se do quarto álbum de estúdio do mestre Steve Vai. Nesse mundo mais virtuose, ele sempre foi uma das maiores referências guitarrísticas para mim, ao lado do saudoso Eddie Van Halen e de Paul Gilbert, entre outros gênios.

O disco é fantástico, com Vai sempre se reinventando, mas a capa é a cereja do bolo, porque capta perfeitamente a essência do som. Ou seria o contrário? Não importa, o fato é que alguma mágica acontece. A arte é uma pintura linda com uma pegada surrealista e uma estética inspirada em tatuagens do estilo 'american old school', com contornos pretos limpos, cores vivas e sombreamento minimalista. O responsável foi o talentoso artista de Los Angeles Rob Clayton.

Conceitualmente, a ilustração poderia ser uma representação de um estado extremo de consciência que Vai costuma chamar de 'Ultra Zone' e que, inclusive, deu título ao disco de 1999. A personagem central é supostamente Eva, com seu filho à direita e sua "consciência", ou o diabo, à esquerda. Algo como se ela estivesse travando uma espécie de batalha entre razão e emoção, o bem e o mal, as tentações, mas, no final, é tudo diretamente ligado ao amor – discretamente tatuado em sua mão, em posição de prece.

Claro que é uma visão particular e subjetiva, mas pode ser interpretada dessa forma, principalmente se você analisar a capa ouvindo *All about Eve* e lendo a letra que, para mim, é um dos pontos altos ao lado da emocionante *Brother*. Ambas com Vai ponderado nas virtuoses e colocando sua voz para fora, já que esse foi o disco de que mais participou como vocal principal – duas faixas contam com Devin Townsend, vocalista em *Sex & Religion* (1993).

Rob Clayton, junto com seu irmão, Christian, eram famosos por trabalhar em parceria nas criações artísticas, mas não assinaram muitos trabalhos relevantes na indústria musical. Porém, existe uma curiosidade, já que eles foram responsáveis pela arte de capa de *Radiola* (2004), dos mineiros do Skank.

A capa e a música de *Fire Garden* foram primordiais e acabaram me moldando como músico e artista gráfico. Além do carinho especial, bate aquela nostalgia boa. Enfim, é uma obra de arte de Steve Vai, que também deve ter marcado a vida de outros fãs de música e arte.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

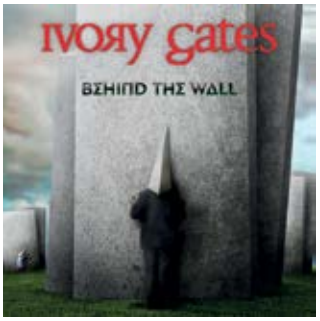
DISBELIEF

THE GROUND COLLAPSES
LISTENABLE - IMP.

7,0

Desde que surgiu em 1990, na Alemanha, tem sido tarefa das mais complicadas encaixar o Disbelief sob uma única 'tag' de gênero, pois veja: a plataforma é basicamente death metal, porém, os riffs tem melodia demais para o 'old school'. Os mesmos riffs tem 'groove' demais para o death melódico, e o groove é muito sludge para o groove/thrash. E assim a coisa continua, pois sempre que você achar que conseguiu classificá-los, um novo elemento despontará no horizonte. Porém, essa esquizofrenia musical não gera discos confusos ou com qualidade menor, como se confere em *The Ground Collapses*. Seguindo ainda com o death metal como base, são canções sólidas como *Killing To The Last* (riff inicial bem groove/thrash), *Soul Destructor* (com partes de puro blast-beat) e *Hologram For The Scum*, outra com ótimas linhas de guitarra. Com qualidades evidentes, *The Ground Collapses* não é um álbum para todos os ouvidos, já que foi concebido na medida para apreciadores de uma sonoridade mais 'moderna' do death metal.

Valtemir Amler



IVORY GATES

BEHIND THE WALL
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O Ivory Gates continua destilando um som refinado, sem soar autoindulgente. Mas a "versão 2022" da banda de Piracicaba (SP) vem com uma musicalidade mais direta, pesada e, ainda assim, mantendo sua aura prog metal. É desta forma que *Behind the Wall*, quarto álbum de estúdio (quinto, se considerarmos o disco de covers/versões *UnKnown Trails*, de 2014), pode ser descrito. Ao todo, são oito faixas que esbanjam toda a categoria de Felipe Travaglini (vocal), Matheus Armelin (guitarra), Hugo Mazzotti (baixo) e Fabricio Felix (bateria), sendo que este último deixou o grupo após as gravações, cedendo o posto a Thiago Siqueira (ex-Ignispace). O play começa com *The Book of Life*, com seus mais de sete minutos e que se destaca por sua versatilidade. O lado mais Fates Warning e Iron Maiden aflora em *Prisoner* e *Yesterday's News*, enquanto a ótima *Fall of Jericho* beira o thrash, a balada *The Leaves of Winter* traz uma baita interpretação de Travaglini, *Good Enough* reúne elementos de power metal, e a instrumental *Duality* apresenta ritmos brasileiros tradicionais. Coube à faixa-título funcionar (muito bem) como compêndio e encerrar o álbum com maestria.

Thiago Prata

EVIL

BOOK OF EVIL
FROM THE VAULTS - IMP.

8,0

Sim, este é o Evil da Dinamarca, que estreou em 1984 com o EP *Evil's Message* e depois ficou muito tempo inativo, retornando somente em 2015 com *Shoot the Messenger*. Embora contando com apenas um dos fundadores, Freddie "Wolf" Pedersen, que era baterista e agora empunha a guitarra ao lado de Nikolaj Ihlemann, o grupo, completado por Martin Steene (vocal, Iron Fire, ex-Force Of Evil), Jakob Haugaard (baixo, Iron Fire) e Henrik Molin (bateria, ex-Shadowspawn), surpreende com seu heavy metal tradicional hiper encorpado. Além disso, a excelente produção, dividida com o renomado Tue Madsen, eleva o padrão do som. Destaque para o vocal de Martin Steene, que por vezes lembra o timbre de Joe Comeau (Duskmachine, Liege Lord, Annihilator e outros) e Sean Peck (Cage). Após a curta *Intro (A Terrible Thing)* entra uma sequência com três pauladas – *Divine Conspiracy*, *Evil Never Dies* e *Future Denied* –, que até vão servir como um teste para ver se o ouvinte consegue ficar inerte e sem bater cabeça. A acelerada *The Raven Throne* traz uma pegada meio Judas Priest, enquanto o resgate do passado vem com a regravação da longa *Evil's Message/Evil*, que abria o EP de 1984. A intenção de Freddie "Wolf" Pedersen em fazer um som anos 80 com uma pegada moderna foi obtida com êxito.

Ricardo Batalha

MSG

UNIVERSAL
ATOMIC FIRE - IMP.

7,5

Se no começo dos anos 80, um disco do MSG "parava o trânsito", hoje você precisa ficar atento para não deixar passar. Não que o guitar hero alemão Michael Schenker deixou de ser relevante, mas a quantidade de material soltado em sequência, tanto pelo MSG ou pelo Temple of Rock e Michael Schenker Fest, deixa o fã até perdido. Celebrando seus 50 anos de carreira, *Universal*, produzido por Michael Voss (Lessmann/Voss, Mad Max e outros), sucede *Immortal* (2021). Ancorado por vários convidados especiais, uma experiente sessão rítmica, com Barend Courbois (baixo, ex-Blind Guardian, Tank) e Bodo Schopf (bateria, Eloy), além das camas de teclado de Steve Mann (Lionheart) e do vocalista chileno Ronnie Romero (Lords of Black, Rainbow, The Ferrymen e Sunstorm), Schenker consegue bons momentos no repertório, como em *Long Long Road*, *Yesterday Is Dead* e *Wrecking Ball*, com Ralf Scheepers (Primal Fear) no vocal. Se *Under Attack* vem sem impacto, outras vêm na cola do Rainbow, como *Emergency* e *A King Has Gone*, que é um tributo para Ronnie James Dio conta com a participação de Michael Kiske, Bob Daisley, Bobby Rondinelli e Tony Carey – nela consta o trecho "watching the rainbow's rising", que reafirma a homenagem. Já o lado Scorpions (*Animal Magnetism*) entra em cena em *Sad Is The Song*, que traz Barry Sparks (baixo) e Simon Phillips na bateria, que efetivamente apavora na acelerada *Au Revior*. Destaque ainda para as faixas bônus *Turn Off The World* e *Fighter*.

Ricardo Batalha

AXEL RUDI PELL

LOST XXIII
SPV/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

7,0

Depois de lançar em 2021 a segunda parte do álbum de covers *Diamonds Unlocked*, agora Axel Rudi Pell ataca de *Lost XXIII*, seu 21° trabalho autoral de estúdio. *Lost XXIII* entrega tudo e tão somente aquilo que os fãs esperam de Rudi Pell, ou seja, um hard rock contagiante e baladas de alto nível. Agora, cá entre nós? O que também atrai a atenção dos fãs é a beleza da voz de Johnny Gioeli e seu talento para criar viciantes linhas melódicas. E ele faz bonito nos hardões *Survive* e *Down on the Streets*, música que relata o quão difícil é viver nas ruas. Gioeli também brilha nas aceleradas *No Compromisse* e *Follow the Beast*, na heavy *Freight Train* e nas baladas *Fly with Me* e *Gone with the Wind*, faixa que aborda a emocionante relação entre Hidesaburō Ueno e seu cão fiel Hachikō, história essa acontecida no Japão entre as décadas de 1920 e 1930, relatada também no filme "Sempre Ao Seu Lado" (2009), estrelado por Richard Gere. Se o guitarrista alemão tivesse gravado apenas as faixas citadas, esse seria um álbum incorrigível, porém as últimas – a instrumental *The Rise of Ankhoor* e *Lost XXIII* –, soam cansativas e descartáveis.

Leandro Nogueira Coppi

EDENBRIDGE

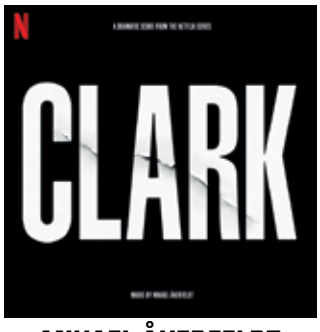
SHANGRI-LA
AFM - IMP.

9,0

É muito difícil uma banda com 24 anos de trajetória e chegando a onze discos de estúdio entregar um trabalho que não seja, no mínimo, acima da média. E o que

acontece com os austríacos do Edenbridge neste seu novo álbum. Mais que isso: *Shangri-La* é consistente e altamente inspirado. Tendo à frente a dupla Sabine Edelsbacher (vocal) e Arne "Lanvall" Stockhammer (guitarra, violão, teclado e produção), ele tem tudo aquilo que se pode esperar de uma banda de metal sinfônico: composições grandiosas, performances vocais e instrumentais irretocáveis e produção de primeira. Mas o mais interessante em tudo isso é que a banda coloca esses atributos em benefício da música, não do ego de seus integrantes. Assim, os vocais belíssimos de Sabine cantam melodias muito agradáveis, enquanto o trabalho das guitarras de Lanvall e de Dominic Sebastian comparece através de ótimas harmonias e belos solos – confira *The Road to Shangri-La* e *Hall of Shame*, por exemplo. Tudo isso pode ser resumido grandiosa faixa que encerra o disco, *The Bonding (Pt. 2)*: Sabine inspirada, Lanvall trocando muito e a banda executando um arranjo muito bem pensado com enorme competência – além de contar com o reforço vocal de Erik Martensson (Eclipse, W.E.T.).

Antonio Carlos Monteiro



MIKAEL ÅKERFELDT

CLARK

MILAN - IMP.

8,0

Sim, este é o mesmo Mikael Åkerfeldt que você conhece como guitarrista e vocalista do Opeth. Porém, este não é necessariamente um disco solo do guitarrista, mas a trilha sonora para a minissérie Clark, da Netflix (disponível no Brasil). Aí vem a questão: você sabe qual é a função principal de uma trilha sonora, certo? Pois bem, que ninguém espere então por nada parecido a um álbum do Opeth aqui, pois nem de longe é isso que terá. Temos ótima música, feita com o amor e o pluralismo de ideias que só Mikael é capaz no cenário atual, e a viagem que vai do progressivo ao jazz clássico é uma constante aqui. Se curte jazz, uma pedida rápida é *Rockefellers*, a quarta faixa. Se quer algo mais para a linha do prog rock experimental, que tal iniciar sua jornada com *Libertine Theme*, faixa de abertura? Ou ainda um fusion muito bem feito, como em *Druglord Panic?* Talvez *Wish You Were There* lembrará os fãs dos momentos acústicos do Opeth, mas você deve ter sempre em mente que a música aqui é muito bem feita, mas construída para ambientar e dar brilhantismo à trama que você assiste. Ou seja: uma experiência concebida diferente de um disco normal. Com a expectativa certa, confira sem medo.

Valtemir Amler

MACHINE HEAD

ØF KINGDØM AND CRØWN

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Lá se vão quatro anos desde *Catharsis* (2018), e com eles, esperamos que fique para trás também o sabor amargo que aquele álbum deixou. Pois bem, uma bela premissa de que vivemos tempos diferentes e melhores veio no ano passado com o EP *Arrows in Words from the Sky*. Então aqui estávamos nós, fãs dedicados, esperando lavar a honra em um belíssimo disco de thrash, ou ao menos um bom disco de groove metal. E o que aconteceu? Ufa, sem notícias trágicas dessa vez! O álbum começa com o clima denso e épico/melancólico de *Slaugther The Martyr*, que em seus mais de dez minutos mantém a aura dramática, mas ganha a força e a fúria que só os riffs thrash podem oferecer. Se a primeira causou boa impressão, a segunda, *Choke on the Ashes of Your Hate*, vem cuspindo fogo desde o primeiro segundo, esmigalhando qualquer lembrança ruim que insistia em se agarrar ao nosso cérebro. *Become The Firestorm* começa com um riff que arranha o black metal, e o disco segue em grande forma até a sua conclusão, com a também épica e dramática (e já bem conhecida) *Arrows in Words from the Sky*. Sim, que bom saber que um dos principais nomes do metal noventista ainda tem lenha para queimar.

Valtemir Amler

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

HELLOWEEN

CHAMELEON

O grupo alemão Helloween já havia dado sinais de mudanças em *Pink Bubbles Go Ape* (1991), mas com *Chameleon* (1993) os fãs se depararam com uma sonoridade que tendia para um estilo mais leve e pop. Não deu certo e foi um último registro, até então, com o vocalista Michael Kiske e o saudoso baterista Ingo Schwichtenberg. Produzido por Tommy Hansen, que também chegou a gravar partes de teclado, o trabalho foi gravado no estúdio Chateu du Pape em Hamburgo (ALE), mixado por Michael Wagener (Accept) e masterizado por Stephen Marcussen. Foram três singles lançados, começando por *When The Sinner*, seguido por *Step Out Of Hell* e *I Don't Wanna Cry No More*. "As composições do Roland (Grapow), ainda mais do que as minhas, deram um som completamente diferente a este álbum. Outra coisa que aconteceu foi que nós não trabalhamos nele como uma banda em um todo. A banda não estava dando às músicas a sonoridade que elas deveriam ter, e é por isso que ele não parece um álbum do Helloween. Mas é um disco muito honesto", declarou Kiske à ROADIE CREW. "Acho engraçado que se uma banda muda um pouco seu som, as pessoas têm a tendência de não gostar mais. Analisando o *Chameleon* por um ponto de vista musical, ele não é um álbum ruim", acrescentou.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **7,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **7,0**
Claudio Vicentin (editor): **7,0**
Daniel Dutra (colaborador): **3,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **6,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **7,5**
Heverton Souza (colaborador): **6,5**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
João Messias Jr. (colaborador): **10**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **7,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **7,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,5**
Maicon Leite (colaborador): **6,5**
Matheus Vieira (colaborador): **7,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **8,0**
Thiago Prata (colaborador): **6,0**
Valtemir Amler (colaborador): **5,0**

MÉDIA FINAL:

6,5

ARCH ENEMY

DECEIVERS
CENTURY MEDIA - IMP.

9,0

Outubro de 2021. Do nada, o Arch Enemy soltou uma nova música – *Deceiver, Deceiver* – sem dar sinal de que o sucessor de *Will to Power* (2017) estava a caminho. Mas o tempo e a sequência de singles e videoclipes seguintes – *House of Mirrors*, *Handshake With Hell* e *Sunset Over the Empire* – construíram o início da história de *Deceivers*, o 11º disco de estúdio do quinteto sueco. E Alissa White-Gluz (vocal), Michael Amott e Jeff Loomis (guitarras), Sharlee D'Angelo (baixo) e Daniel Erlandsson (bateria) entregaram mais um grande trabalho da era pós-Angela Gossow. Curiosamente, duas das quatro músicas antecipadas aos fãs fazem parte da trinca matadora que abre o álbum. A começar por *Handshake With Hell*, que leva a patamares mais altos o que a banda fez em *Reason to Believe*, do álbum anterior. Os vocais limpos de Alissa têm muito mais destaque e acabam sendo a cereja do bolo numa música espetacular – e o recurso não aparece mais somente no grito no início da ótima *House of Mirrors*, mas também em outros momentos ao longo da audição. Ponto para o quinteto, que adicionou uma ótima pegada punk rock a *Deceiver, Deceiver*, num contraponto perfeito a *In the Eye of the Storm*, cuja estrutura remete por completo ao heavy metal dos anos 1980 mais voltado às rádios. O resultado, com os vocais extremos, ficou simplesmente maravilhoso. E *Deceivers* mantém o nível lá em cima do começo ao fim, que traz *One Last Time* e *Exiled from Earth* numa dobradinha que nasceu para ser inseparável. Duas músicas que mostram que a soma de suas cinco partes é o que faz do Arch Enemy uma força singular, de identidade própria não somente dentro do death metal melódico que, diga-se, ajudou a moldar, mas do heavy metal em geral.

Daniel Dutra

DECAPITATED

CANCER CULTURE
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,0

Depois de todo o pesadelo que cercou o nome Decapitated após o lançamento de *Anticult* (2017), foi bom ver que a banda conseguiu dar a volta por cima, e até mesmo aparecer revigorada nesse seu mais novo álbum. E isso não é apenas 'maneira de dizer', já que Rasta (vocal), Vogg (guitarra) e James Stewart (bateria) realmente soam revigorados em *Cancer Culture*. Claro, não estão pisando totalmente em um novo território, tampouco retornando de forma pungente ao seu velho technical death metal, mas é bom perceber que mais elementos dele podem ser sentidos ao lado do groove em canções como a faixa-título, *Hours as Battlegrounds* (que parece algo noventista do Machine Head), e *Suicidal Space Programme*, com seus belos riffs e bateria intrincada. Destaques ainda para *Iconoclast*, com a participação de Robb Flynn (Machine Head), e *Just A Cigarette*, um dos cartões de visita desse registro. Com um som moderno, superpesado e tenso, eles não revivem os velhos tempos, mas mostram estar prontos para o momento atual.

Valtemir Amler

CASA DAS MÁQUINAS

BRILHO NOS OLHOS
MONSTRO DISCOS - NAC.

9,0

Mais que uma simples banda, o Casa das Máquinas pode ser considerado uma verdadeira instituição do rock brasileiro. Transitando com desenvoltura entre o rock'n'roll, o hard rock e o rock progressivo, a banda fez história nos anos 70, sobretudo com *Casa de Rock* (1976), mas encerrou atividades no ano seguinte. Voltou três décadas depois e só agora lança novo trabalho, 46 anos após o último disco. E é interessante notar que a essência da banda permanece intacta, apesar de todo o tempo transcorrido e de haver apenas um integrante da formação original, o tecladista Mario Testoni – apesar de o batera Marinho ter gravado mais da metade do repertório (completam o time atual Lucas Tagliari na bateria, Cadu Moreira na guitarra, Geraldo Vieira no baixo e Ivan Gonçalves nos vocais, que já cedeu o posto para Rodrigo Grecco). Assim, se o rock diz presente em faixas como *Tão Down* e *A Nova Casa (Sob Nova Direção)*, o progressivo surge sem disfarces em temas como *Tempo* e a interessante *Ponto de Luz*. Um dos destaques é Ivan Gonçalves, com afinação e alcance acabam sendo pontos altos do disco. A produção, a cargo de Testoni, está corretíssima e evidencia uma banda pronta para continuar a escrever sua rica história. Que venham os próximos capítulos!

Antonio Carlos Monteiro

THUNDERMOTHER

BLACK AND GOLD
AFM - IMP.

9,0

Antes de qualquer coisa, uma constatação: é incrível a quantidade de excelentes bandas dos mais variados estilos que a Suécia tem dado ao mundo ao longo dos anos. E dentre elas desatacam-se várias que, mesmo com uma sonoridade mais moderna, mostram-se claramente inspiradas pelo classic rock dos anos 70. O Thundermother, quarteto feminino que chega a seu quarto disco, é mais um excelente exemplo disso. Mas, ao contrário dos que preferem classificá-las como um "AC/DC de saias", prefiro chamá-las de "Runaways do Terceiro Milênio", já que suas influências mostram-se muito mais afeitas às que a turma de Joan Jett e Lita Ford mostraram na sua curta mas genial trajetória. Guernica Mancini (vocal), Filippa Nässil (guitarra), Mona Lindgren (baixo) e Emlee Johansson (bateria) trazem em *Black and Gold* um rockão movido a guitarras simples mas que transbordam eficiência, cozinha pesada e vocal estridente, como deve ser numa banda feminina – mulher cantando com voz natural de mulher, por mais óbvio que possa parecer. Isso fica evidente em *Raise Your Hands* e *The Light in the Sky*, para ficarmos apenas em dois exemplo. Filippa disse que "nós quisemos fazer um disco que agradasse tanto aos fãs de rock quanto a minha mãe." Conseguiram.

Antonio Carlos Monteiro

CRYSTAL VIPER

THE LAST AXEMAN - EP
LISTENABLE - IMP.

6,0

O EP *The Last Axeman*, da banda polonesa de heavy metal tradicional Crystal Viper, é mais um filho da destruidora pandemia de Covid-19. Impossibilitado de fazer shows e vivendo um ótimo momento artístico por conta do lançamento do elogiado *The Cult* (2021), o grupo liderado pela vocalista Marta Gabriel fez o mesmo que muitos artistas ao redor do mundo: foi para o estúdio. Mas digamos que o resultado não tem muito charme. Aqui, temos uma música nova, *In the Haunted Chapel*, *e* regravações de antigas composições, como *The Cult, Asenath Waite, Whispers From Beyond* e *Flaring Madness* – todas foram captadas ao vivo durante o RockOutSessions, cuja performance está disponível no YouTube, no canal Listenable. Há, também, um cover para *It's Electric*, do Diamond Head, e outro para *Ulitsa Roz*, dos russos do Aria. Mas e aí, isso lhe convence? Não seria melhor fazer um álbum inteiro de inéditas? Melhor deixar a resposta para os fãs. Vale dizer que o EP carrega o mesmo nome de uma coletânea lançada pelos poloneses em 2008 e que é recheada de covers, versões demos, entre outras coisas.

Matheus Vieira

TONY BABALU

NO QUARTO DE SOM
AMELLIS RECORDS - NAC.

9,0

Talvez quem conheça o guitarrista, compositor e produtor Tony Babalu por seu trabalho com Made in Brazil e Quarto Crescente se espante com o repertório de sua carreira solo. Só que Babalu nunca se prendeu apenas ao rock puro e simples, transitando por vários outros gêneros musicais em sua profícua trajetória – apesar de a pegada rockeira estar sempre à frente de tudo. O EP *No Quarto de Som* é só mais uma prova disso. Os cinco temas instrumentais deste trabalho mostram, mais uma vez, a competência de Babalu ao criar melodias – você nem sente a falta da voz porque a guitarra preenche também esse espaço. Já as composições vão do groove de *Tropical Mood* à pegada mais rocker de *Reflexo*, desembocando na curta e bela *Francisca*, escrita em homenagem a sua mãe. Como o nome do disco entrega, Tony Babalu gravou tudo em seu estúdio caseiro (guitarra, violão e programação dos demais instrumentos) e isso acaba conferindo um agradável clima intimista ao repertório. Belas harmonias, belos solos, belas composições. Assim é *No Quarto de Som*.

Antonio Carlos Monteiro

QUARTZ

ON THE EDGE OF NO TOMORROW
HEAR NO EVIL RECORDINGS - IMP.

8,0

Se você tem dúvida de que há ligação do Quartz com o Black Sabbath, vá direto para as faixas *Death or Glory* e *Master of the Rainbow*. Caso queira reafirmar as origens e a influência da banda na NWOBHM, coloque em *They Do Magic*, que vem com um quê de *The Prince*, do Diamond Head, e em *Angels At The Crossroads*, *Dirty Disease* e *World of Illusion*. Pronto, agora você vai entender como *On The Edge of No Tomorrow* serve como um tributo ao saudoso tecladista Geoff Nicholls, falecido em 2017, neste seu último trabalho como tecladista e guitarrista do Quartz. A formação traz os também fundadores Mick Hopkins (guitarra), Derek Arnold (baixo) e Malcolm Cope (bateria), além dos vocais de Geoff Bate, que gravou o álbum *Against All Odds* (1983) com a banda, e Dave Garner, que registrou *Fear No Evil* (2016), primeiro disco de estúdio após o retorno à ativa. Além disso, consta a participação especial de Tony Martin, com quem Geoff Nicholls dividiu grande parte de sua carreira, em mais uma faixa que é puro Sabbath, *Evil Lies*. Outros destaques do repertório vão para *Night of the Living Dead*, *Brainwashed*, *What Love Is* e *Highway to Madness*. Não deixe passar!

Ricardo Batalha

FIND ME

LIGHTNING IN A BOTTLE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Se você é um entusiasta ou saudosista da década de 80, pare tudo que estiver fazendo, pegue *Lightning In A Bottle* e coloque na segunda faixa. Trata-se de *Far From Over*, hit de 1983 composto por Frank Stallone e Vince DiCola, e que integra a trilha do filme "Os Embalos de Sábado Continuam". Inclusive, o próprio DiCola toca os teclados nesta releitura. Pronto, agora volte para conferir o quarto trabalho do Find Me, que conta com o vocalista Robbie LaBlanc (Blanc Faces), o que já é garantia de qualidade – ano passado, o álbum solo dele, *Double Trouble*, figurou na minha lista dos "Melhores de 2021". Além de LaBlanc, o projeto conta com Daniel Flores (The Murder of My Sweet), tocando bateria, baixo, guitarra e teclado – também participam Jonny Trobro, Michael Palace e Rolf Pilotti, além de Alessandro Del Vecchio como compositor em quase todas as faixas. O repertório traz diversos destaques para quem curte melodic rock, AOR e hard rock. Entre elas, as de tendência hard *Under A Bad Sign* e *Distant Echoes*, a abertura com *Survive*, além de *Sail Away*, *Remember (It's Me)*, *Give My Heart* e *On The Run*. Como é quase regra em discos desta linha, tem *Lightning In A Bottle* duas baladas. Divirta-se com tamanha nostalgia e classe, pois o nível aqui é alto e o resultado é agradável.

Ricardo Batalha

SAINTED SINNERS

TASTE IT
ROAR! ROCK OF ANGELS - IMP.

8,0

O redirecionamento que o guitarrista Frank Pané (Bonfire, Dark Blue Inc.) impôs no Sainted Sinners em *Unlocked & Loaded* (2020), diminuindo um pouco o peso do autointitulado trabalho de estreia (2017) e de *Back With A Vengeance* (2018), deu certo. O foco em um clima mais "rock'n'roll" está consolidado, como mostra *Taste It*, o novo álbum. E Pané dificilmente erraria a mão tendo ao seu lado os experientes Jacopo "Jack" Meille (excelente vocalista do Tygers Of Pan Tang), o tecladista Ernesto Ghezzi (Gotthard, Eros Ramazotti), o baixista Rico Bowen (Paul McCartney, Madonna) e o baterista Berci Hirleman, que também é remanescente da formação original do Sainted Sinners. Temos aqui mais uma dose de hard rock onde as influências de Deep Purple e Van Halen estão presentes, mas não são um sinal de música datada. É complicado ouvir, por exemplo, *Against The Odds*, *The Essence Of R'N'R*, *Good Ol' Company*, *Out of Control* e *Coffee, Whisky & Rock'N Roll* e não curtir. Por falar em experiência, gravar *Loosing My Religion*, clássico da banda pop R.E.M., e acertar "o ponto", dando a ela um ar hard rock, é para poucos.

Alessandro Bonassoli

ASHES OF ARES

EMPERORS AND FOULS
ROAR! ROCK OF ANGELS - IMP.

9,0

Quando Matt Barlow deixou o Iced Earth, em 2001 e 2011, os fãs ficaram sem rumo. Sua discreta participação no Pyramaze, entre 2007 e 2008, pouco acrescentou. Mas, desde 2013, com o Ashes Of Ares, que montou com o guitarrista Freddie Vidales, seu contemporâneo da banda que o fez famoso, e com Van Williams, batera do saudoso Nevermore, uma das mais poderosas vozes do metal está à disposição. Williams saiu em 2017, mas gravou *Emperors And Fouls*. E o terceiro álbum que vem com um nível acima do bom *Well of Souls* (2018). *I Am The Night* e *Our Last Sunrise* aparentam indicar o fim do mundo com altas doses de velocidade e agressividade. *Primed* inicia calma, mas vira outra cacetada, mesma linha de *Where God Fears To Go*. A faixa-título reduz o impacto, mas só para levá-lo à *By My Blade*. A pesada *The Iron Throne* traz solos de Wiley Arnett (Sacred Reich) e Charlie Mark (que, ao vivo, já foi o segundo guitarrista do Ashes of Ares). Mas o ponto alto é *Monster's Lament*. Além de contar o guitarrista brasileiro Bill Hudson (North Tale, U.D.O. e vários outros), ainda traz um dueto de Barlow com Tim "Ripper" Owens. Sim, dois ex-vocalistas do Iced Earth na mesma faixa. Imperdível!

Alessandro Bonassoli

SOILWORK

ÖVERGIVENHETEN
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

O que esperar do Soilwork depois de *Verkligheten*, um dos melhores discos lançados em 2019? O EP *A Whisp of the Atlantic* (2020) e sua épica faixa-título foram um indicativo, porque Björn "Speed" Strid (vocal), Sylvain Coudret e David Andersson (guitarras), Sven Karlsson (teclados), Bastian Thusgaard (bateria) e o recém-efetivado Rasmus Ehrnborn (baixo) voltaram a impressionar. *Övergivenheten* precisa de apenas uma audição para entrar no rol de grandes lançamentos de 2022. Senão vejamos: em *Is it in Your Darkness*, a parte mais brutal da canção remete ao Soilwork do início dos anos 2000, com uma característica acentuada, que são os blast beats acompanhados de guitarras e vocais melódicos. Nada mais Soilwork que isso, mas há músicas que dão um passo à frente no mundo sonoro único da banda. Como *Electric Again*, que destaca um solo de violino e desta vez traz riffs death metal em cima dos blast beats, recurso usado também em *This Godless Universe*, mas com o mesmo violino dobrando os riffs. E esta talvez seja a faixa mais emblemática de como o Soilwork sempre se mostra rejuvenescido: o último minuto de música é espetacular, indo do heavy metal para algo quase etéreo num progressivo levado por dois bumbos bem rápidos. Para completar, o grupo abraçou como nunca o lado mais hard rock, que não fica somente em *Nous Sommes la Guerre* (com um riff à la Scorpions), porque *Dreams of Nowhere* tem uma melodia de voz limpa brilhantemente pop/hard; e *Valleys of Gloam* é uma das mais acessíveis da banda, com um refrão que se sobressai entre os grandes refrãos do trabalho e, ainda, uma performance sensacional do Strid – aliás, ouça *Death, I Hear You Calling* e perceba todo o poder de fogo do vocalista. Não satisfeitos, os seis músicos devem ter pensado "vamos pegar todos os elementos do Soilwork e colocar numa faixa de sete minutos que vai ser foda", aí criaram *On the Wings of a Goddess Through Flaming Sheets of Rain* para fechar o CD. Criatividade sem limites.

Daniel Dutra

RATOS DE PORÃO

NECROPOLÍTICA
SHINIGAMI - NAC.

10

"Do buraco do escárnio. Gente tosca, ignorante. Ódio branco inoperante. Analfabeto funcional. Viram na besta assassina um criminoso ultrajante, o mal representante da mentira, dor e caos." Estas são as primeira palavras de *Alerta Antifascista*, música que abre *Necropolítica*, o 11º disco de inéditas do Ratos de Porão. Sim, a capa que remente à de *Sabbath Bloody Sabbath* é a referência menos óbvia do novo trabalho de João Gordo (vocal), Jão (guitarra), Juninho (baixo) e Boka (bateria), afina, a banda foi incisiva ao ilustrar a destruição em andamento promovida pelo governo federal, com trechos mais simples e didáticos "Sabotando a eleição e a Constituição", em *Passo Pano pra Elite*; "Milícia digital, ação robotizada pra enganar geral. (...) Espalhando desinformação, confusão, delírio e caos", em *G.D.O.*; e "Rachadinha podre pra golpista anti-China, privatizando a morte, comprando o centrão", em *O Vira-Lata* e outros enfiando os cinco dedos da mão da ferida. Musicalmente, os quase 32 minutos de *Necropolítica* são tão certeiros quanto o conteúdo lírico, num crossover de punk e thrash metal diretamente dos anos 1980. *Alerta Antifascista*, *Aglomeração*, *Necropolítica*, *Guilhotinado em Cristo*, *Bostanágua* e *Neonazi Gratiluz* massacram até o último talo do mosh pit, enquanto *Passo Pano Pra Elite*, *Entubado*, *G.D.O.* e *O Vira-Lata* as duas últimas com forte acento de Voivod só não vão empolgar quem leu no WhatsApp que o Brasil se livrou do comunismo. Assim como a Dorsal Atlântica fez com *Pandemia* (2021), o Ratos criou uma obra essencial também por seu contexto. Mas que a data de validade da mensagem de *Necropolítica* seja 31 de dezembro de 2022, para que daqui a mais de 30 anos não seja atual, como *Brasil* (1989) ainda é, infelizmente.

Daniel Dutra

STORACE

LIVE AND LET LIVE
INDEPENDENTE - IMP.

8,0

Com passagens por nomes como Deaf, TEA e Eazy Money, Marc Storace ficou mundialmente famoso como frontman do grupo suíço Krokus. Agora, aos 70 anos de idade, o vocalista maltês apresenta o seu primeiro álbum solo, gravado ao lado de Cyrill Camenzind e JP von Dach (guitarras), Marco Blöchlinger (baixo), Massimo Buonanno (bateria) e Chrigi Roffler (teclado). O tema central é o amor e *Live and Let Live* passeia por territórios conhecidos da musicalidade de Storace. A abertura vem com um hardão na energética faixa-título, seguida por *High on Love*, um hard'n'roll na linha AC/DC (claro!), e a intensa *Lady of the Night*. A dinâmica sobe com *Carry The Burden* e *Broken Wings* outros destaques do repertório junto com *No Place To Hide* e a citada faixa-título. Porém, o vocalista também apresenta uma bela performance na balada *Don't Wanna Go*, na bluesy *Time Waits For No One* e no encerramento com o tempero mais country de *Paradise*. Nenhum fã de Krokus vai reclamar. Coloque para rodar e divirta-se!

Ricardo Batalha

DEFORMED SLUT

AT THE INHUMANE CESSPOOL
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Tem bandas que você precisa de tempo para entender a proposta e absorver sua música, devido à sua complexidade e versatilidade, entre outros componentes que tornam a experiência cada vez mais prazerosa. E há aquelas que nos primeiros segundos te "joga a real" com um som potente e direto ao ponto. Em seu segundo full-length de estúdio, *At the Inhumane Cesspool*, o curitibano Deformed Slut desperta essas duas sensações. O início com *Asphyxiated and Beheaded*, *The Predator´s Lair* e *Eater of Convictions* evidencia um revigorado death metal. Só que a cada audição, você descobrirá um grau de sofisticação e técnica apurada. Se alguém aí pensou em Krisiun e Cannibal Corpse, sim, o Deformed Slut segue essa linha, só que com sua própria personalidade. E tudo feito por uma só pessoa. O responsável por essa antologia death é Alexandre Antunes, autor de todas as composições e que gravou todos os instrumentos e vozes do play, que tem ainda como destaques a maravilhosa *Forced to Puncture* e o encerramento com *Ruthless Malignancy*, esta tirada do EP de mesmo nome, de 2020 (*The Vilest Leech* vem do mesmo EP). Ouça!

Thiago Prata

ICONIC

SECOND SKIN
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,0

O chefão da Frontiers, Serafino Perugino, segue como um técnico montando times de ponta. Desta vez, com o Iconic, ele reuniu o vocalista do Inglorious, Nathan James, com Michael Sweet (vocal e guitarra), Joel Hoekstra (guitarra), Marco Mendoza (baixo) e Tommy Aldridge (bateria). Claro, quando você lê Frontiers, sabe que algo tem a ver com Alessandro Del Vecchio e, neste caso, ele produziu o material ao lado de Sweet e também

gravou teclados. Restava saber se o resultado seria "icônico" como indica o nome do projeto. Não chega a tanto, mas o repertório de *Second Skin* traz bons momentos. Após a hard'n'heavy *Run (As Fast As You Can)*, entra uma delas e que atende por *Ready For Your Love*, seguida pela instigante faixa-título que poderia servir de faixa de abertura. Na mesma linha mais hard temos *Nowhere To Run* e *All About*, enquanto *Worlds Apart*, *This Way* e *Let You Go* mostram o lado mais calmo e melodic rock. Vale conferir ainda *It Ain't Over* e o encerramento mais bluesy de *Enough of Your Love*. Sem soltar rojão e festejar. Apenas interessante, mas falta aquela malícia do hard americano.

Ricardo Batalha

THE DAMNNATION

WAY OF PERDITION
XANINHO DISCOS/SOULSELLER - NAC.

9,0

Quando a The Damnnation disponibilizou em março de 2022 *Grief of Death*, primeiro single do álbum de estreia, *Way of Perdition*, que viria a ser lançado em maio, o pensamento que me veio foi: "se as outras músicas estiverem no mesmo nível, teremos mais um grande disco nacional neste ano". A "previsão" se confirmou. O debute do grupo paulista traz dez músicas com um thrash metal vigoroso e variado, que não se limita a canções extremamente rápidas ou apenas cadenciadas. Há um equilíbrio neste sentido, assim como boas inserções de death e heavy clássico. A abertura com *Before the Drowning*, com dedilhados no início, seguidos por riffs e vocais agressivos de Renata Petrelli e a cozinha pesada de Aline Dutchi (baixo e vocais) e Lu Diniz (bateria), dá uma amostra da evolução da banda em relação ao também ótimo EP de estreia, *Parasite* (2020). A faixa-título, *Into the Sun* e *Slaves of Society* (todas com letras pungentes) são outros bons exemplos deste trabalho, produzido por Rogério Oliveira (Trend Kill Ghosts), mixado e masterizado por Martín Furia (Destruction) e com arte de capa assinada por Alcides Burn (Nervosa, Krisiun). Timaço! Sonzaço!

Thiago Prata

LONERIDER

SUNDOWN
ESCAPE MUSIC - IMP.

8,0

Attitude, álbum de estreia lançado pelo Lonerider em 2019, já tinha chamado a atenção não só pela escalação do time de primeira, mas pelo som contagiante. Agora, com as 12 faixas do repertório de *Sundown*, Steve Overland (vocal, FM, Shadowman e outros), Steve Morris (guitarra, Heartland, Shadowman e Ian Gillan), Brain J. Anthony (guitarra, Signal Red), Chris Childs (baixo, Shadowman, Thunder, Persian Risk e Tyketto) e Simon Kirke (bateria, Free e Bad Company) reafirmam a classe e competência, mantendo a mesma estrutura musical, focada no hard rock, melodic rock e até southern rock, como em *Cross the Border*. Óbvio que Steve Overland mantém sua classe habitual, mas se curte a fase do Bad Company com o saudoso Brian Howe pode ir direto para a faixa *Undefeatable*. Já o tempero bluesy vem mais intenso em *Prayer for the Lonely*, além de pitadas em *When You Got Nothing*, *Any Way the Wind Blows*, *Yesterday's News*, *Badlands* e *Wild River*. Destaques ainda para *Criminal Mind* e *Devil Road*. Um álbum que mesmo sem o mesmo impacto do debut, desce redondo.

Ricardo Batalha

DAVID REECE

BLACKLIST UTOPIA
EL PUERTO - IMP.

8,0

Resilient Heart (2018), *Cacophony of Souls* (2020) e *Blacklist Utopia* (2021). David Reece – ainda bem! – não para de lançar bons álbuns. O experiente vocalista, que já integrou Accept, Sainted Sinners, Bonfire e Bangalore Choir, mantém a tradição de misturar heavy metal com hard rock, sempre com muito bom gosto. No segundo trabalho consecutivo compondo com o guitarrista Andy Susemihl (ex-U.D.O. e ex-Sinner), Reece já mostra isso em *Utopia*, faixa de abertura com um refrão memorável e um daqueles riffs que ficam horas na memória. Se em *Red Blooded Hell Raiser* você se sente em alta velocidade na estrada, *Hindsight is 2020* é mais cadenciada. Juntas mostram como Reece, sua marcante voz e o estilo de Susemihl aliados com a competência do baixista Malte Frederik Burkert (Victory, ex-Sainted Sinners) e do baterista Francesco Jovino (ex-U.D.O., Primal Fear, Jorn e Voodoo Circle) conseguem acertar precisamente a receita para um disco equilibrado e de qualidade. Mas não deixe de ouvir as ótimas *Book of Lies*, *I Can't Breathe*, *Most of the Time*, *Down To The Core*, *Civil War* e *Before We Fade Away*, que confirmam isso.

Alessandro Bonassoli

OS KURANDEIROS

CIDADE FANTASMA
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Para alguns, nada é impeditivo para continuar criando e soltando músicas novas. Crise, pandemia, "morte" das mídias físicas, não tem desculpa para que essa turma deixe de trabalhar e produzir. Um dos principais nomes que adota essa saudável prática é o guitarrista, vocalista, compositor e produtor Kim Kehl, cuja história no rock remonta aos anos 70, quando liderou o grupo Lírio de Vidro. Após uma prolífica passagem pelo Made in Brazil, Kim criou Os Kurandeiros, com o qual atua desde os anos 90, e vem continuamente soltando novos trabalhos, como este recém-lançado *Cidade Fantasma*. Agora oficializado como quinteto com Kim, Phill Rendeiro (guitarra), Nelson Ferraresso (teclado), Luiz Domingues (baixo) e Carlinhos Machado (bateria), o grupo continua investindo naquilo que faz melhor: o rock setentista em todas as suas vertentes. Assim, neste EP tem espaço para o blues rock, balada bluesy (*Gasolina*), flerte com o jazz (*Cidade Fantasma*) e até um tema mais grooveado, como *São Paulo (Vai Sobreviver)*. Porém, o maior destaque é o rockão festeiro *Noite de Sábado*, que abre o disco. Riff legal, backing vocals certeiros, letra alto astral, enfim, tudo que um apreciador do rock de verdade procura.

Antonio Carlos Monteiro

TOXIK

DISMORTA
MASSACRE - IMP.

9,5

Uma dos grandes da década de 1980 que o destino não deixou chegar o topo, o Toxik lança – 33 anos depois – o sucessor do ótimo *Think This* (1989) e do espetacular *World Circus* (1987). Único da formação original, o guitarrista Josh Christian fez valer a espera e a ansiedade criada pelo EP *Breaking Class* (2017) e o box set *III Works* (2018). Com James DeMaria (batera, desde 2015) e Shane Boulos (baixo, desde 2017), o grupo estava praticamente estabilizado. A entrada de Ron Inglesias – um dos melhores vocalistas da nova geração –, em 2018, consolidou a formação que tem tudo para ser a mais consistente da banda. As críticas a políticos corruptos, lideranças religiosas questionáveis e a miséria humana autoimposta pela sociedade continuam afiadas, enquanto a música em si é peso e técnica. Tudo magistralmente guiado pela mistura de thrash, speed, jazz e fusion que somente Christian sabe fazer. As 10 faixas mereceriam análise aprofundada, mas não há espaço suficiente. Então, destaco *Hyper Reality*, *Straight Razor*, *Devil In The Mirror*, *The Radical*, *Creating The Abyss*, *Freeding Frenzy*, e *Power*. Um sonho realizado de todo fã e uma excelente porta de entrada para quem nunca ouviu a banda!

Alessandro Bonassoli

RELEASES

KILLSWITCH ENGAGE

LIVE AT THE PALLADIUM
METAL BLADE - IMP.

8,5

Depois de alguns anos meio agonizantes, em que boa parte do público não dava o devido valor à empreitada, os discos ao vivo voltaram a ser uma tendência nesses anos de pandemia, e nos mais variados formatos: com plateia, sem plateia, acústico, com orquestra, com hologramas, nomeie o que quiser, e certamente alguém fez. Com um repertório tão rico e tempo de sobra nas mãos, por qual razão o Killswitch Engage deveria ficar fora dessa festa? Pois bem, o novo trabalho ao vivo deles está aqui, com uma belíssima capa e nada menos do que vinte de suas melhores músicas enfileiradas em sequência! Só isso já valeria dizer que esse é um ótimo início para aqueles que ainda não conhecem a banda. Porém, mesmo para os fãs das antigas é um momento especial ter peças clássicas como *Irreversal, Soilborn* (*Killswitch Engage*, 2000), *Temple From The Within* e *Just Barely Breathing (Alive Or Just Breathing*, 2002) lado a lado com as composições recentes de *Atonement* (2019) – o mais recente de estúdio, executado na íntegra. Portanto, se gosta de boa música repleta de ótimas linhas de guitarra, eis aqui mais uma ótima opção.

Valtemir Amler

ANVIL

IMPACT IS IMMINENT
AFM - IMP.

7,0

Nada mudou no campo do Anvil e o estilo típico da banda canadense foi mantido em seu 19º álbum de estúdio. Os fundadores Steve "Lips" Kudlow (vocal e guitarra) e Robb Reiner (bateria), acompanhados desde 2014 pelo baixista Chris Robertson, até tentaram mas não conseguem, de fato, apresentar algo que fuja de suas características. Se isso é ruim por um lado, porque cai na mesmice de sempre e se afasta da ousadia, por outro mostra a integridade do trio. O problema é que aquela sensação de "já ouvi isso antes" ganha contornos gigantescos ao longo do repertório – veja, por exemplo, se *Ghost Shadow*, *Fire Rain*, *Bad Side of Town* ou *The Rabbit Hole* não caberiam em *Metal on Metal* (1982) ou *Forged in Fire* (1983), os grandes trunfos da discografia do Anvil. A produção, por sua vez, é muito boa e mais uma vez ficou a cargo de Martin "Mattes" Pfeiffer e Jörg Uken. Interessante notar a maior presença do baixo de Robertson, como na instrumental *Teabag*, e, claro, certificar mais uma vez a habilidade de Robb Reiner. Destaques para a rocker *Explos Gomez*, a única que muda algo do panorama e traz até naipe de metais.

Ricardo Batalha

DAN REED NETWORK

LET'S HEAR IT FOR THE KING
DRAKKAR - IMP.

8,5

Ainda que não tão falada, a banda americana Dan Reed Network, que estreou em 1986 com o EP *Breathless* e conta com alguns trabalhos de impacto em sua discografia, como *Slam* (1989) e *The Heat* (1991), sempre fez uma mescla pra lá de interessante de funk e hard rock. Estas são as vertentes principais, mas a musicalidade de Dan Reed (vocal e guitarra), Brion James (guitarra), Melvin Brannon II (baixo) e Dan Pred (bateria) sempre foi bem ampla, privilegiando o groove e as boas melodias – completa a formação o tecladista Rob Daiker. Mais coeso, agradável e criativo, o sexto álbum do grupo, *Let's Hear It for the King*, supera o anterior, *Origins* (2018), pois traz um repertório que conta com diversos destaques. Entre eles, *Are You Ready*, *Homegrown*, *Let's Hear It For The King*, *Pretty Karma*, *Starlight*, *Supernova*, *The Ghost Inside* e *Where's The Revolutioni*, esta última até com um aceno ao passado, revisitando parte da letra de *Fire in the House*, do EP *Breathless*. O incrível é como o timbre da voz de Dan Reed se assemelha em diversos momentos ao do agora aposentado Phil Collins – ouça *I See Angels*. Além disso, Dan Reed e Brion James sempre escreveram boas letras, colocando o dedo na ferida em questões sociais e políticas, bem como se preocupam em falar de segregação, racismo, polarização, falsas celebridades, religião e outros assuntos. *Starlight*, por exemplo, questiona o vício em caçar curtidas, seguidores, fama e fortuna nas mídias sociais. Indicado a quem curte o mix do hard rock e guitarras distorcidas com música pop, funk, soul, dub step, rap e black music em geral. O sarrafo aqui é alto.

Ricardo Batalha

DEVIL'S TRAIN

ASHES & BONES
ROAR! ROCK OF ANGELS - IMP.

9,0

A gravadora cita o Devil's Train como uma "resposta europeia ao Black Label Society, The Dead Daisies e Black Stone Cherry". Nem precisava desta frase "motivacional". Afinal, os alemães estão chegando aos 10 anos de estrada e com qualidade comprovada. Não poderia ser diferente em um grupo formado pelo vocalista RD Liapiakis (Mystic Prophecy, Steel Prophet), o guitarrista Dan Baune (Lost Sanctuary, ex-Monument), o baixista Jens Becker (Grave Digger, ex-Running Wild) e o baterista Jörg Michael (ex-Stratovarius, Saxon, Running Wild, Axel Rudi Pell e outros). Agora, se você nunca ouviu Devil's Train, tenha certeza que, apesar das raízes no metal tradicional e power metal, o que eles fazem é hard rock de alta qualidade. É até complicado decidir quais são as melhores das 12 faixas do repertório, mas se fosse um EP com apenas *Ashes & Bones*, a faixa-título, *The Devil and The Blues*, *Girl of South Dakota*, *More* e *Man With a Gun* já valeria a pena. Porém, ainda temos *Rock & Roll Voodoo Child* e a excelente versão para *Word Up*, do Cameo, grupo funk/R&B americano pouco conhecido no Brasil, mas que alcançou o sexto lugar nos 100 melhores da Billboard em 1986 com esta música. Ah, e o encarte é de autoria de Wanderley Perna (Genocidio). Confira!

Alessandro Bonassoli

ROD RODRIGUES

TALES OF A CHANGING LIFE PART 1
INDEPENDENTE - IMP.

8,5

Guitarrista e professor de música, Rod Rodrigues resolveu se radicar no Canadá e fez dessa mudança o tema do EP *Tales of a Changing Life Part 1*, em que trata das alegrias, dúvidas e perrengues que uma mudança como essa proporcionam. Mais que isso, abraçou a missão trabalhando apenas com temas instrumentais que levam títulos muito significativos, como *Changing Plans* e *Physical Distancing*. Só que, ao contrário do que se pode esperar em se tratando de um disco de guitarrista, Rod não cai na tentação de mostrar técnica exuberante em solos repletos de notas e à velocidade da luz. Pelo contrário, ele chega a dar espaço a outros instrumentos, como o teclado, que comanda a faixa de abertura, *D257*. Além disso, cercou-se de vários músicos para registrar o álbum, incluindo outros guitarristas. O resultado é agradabilíssimo. Os cinco temas que compõem o álbum são fluentes, bem estruturados e conseguem transmitir as emoções que Rod enfrentou nessa mudança de vida, ficando entre o hard, o fusion e até algo de heavy – mistura aparentemente impossível de funcionar, mas que Rodrigues consegue resolver com maestria e talento. Aguardemos o resto da história, já que vem uma "Part 2" por aí.

Antonio Carlos Monteiro

SATAN

EARTH INFERNAL
URUBUZ - NAC.

9,0

O Satan tem suas origens lá no final dos anos 70 e teve uma existência atribulada: chegou a dar duas longas paradas nas suas atividades e até trocou de nome por duas vezes (chamou-se Blind Fury e Pariah). Só que desde 2011 mantém-se em atividades ininterruptas e com um time que está junto desde o começo dos anos 80 – Brian Ross (vocal), Russ Tippins (guitarra), Steve Ramsey (guitarra), Greame English (baixo) e Sean Taylor (bateria). O mais interessante é que, além da formação, atitude e garra permanecem intactas. Algumas características sempre foram muito caras ao grupo, como o trabalho interessantíssimo das guitarras, a criatividade como compositores e o vocal único de Brian Ross, um dos melhores da sua geração e que também integra o Blitzkrieg. E eles atacam de novo! Com um título que ataca de maneira forte o aquecimento global e letras que não economizam nas críticas sociais, *Earth Infernal* traz praticamente uma (boa) surpresa a cada música, como a estrutura harmônica de *Luciferic*, a interpretação de Ross em *A Sorrow Unspent* e até a instrumental com violão (!) *Mercury's Shadow*. Eis aqui mais um caso de banda que o destino não brindou com o sucesso que merecia – mas que felizmente continua produzindo e mantendo a qualidade.

Antonio Carlos Monteiro

RADIOACTIVE

X.X.X.
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

O projeto Radioactive, conduzido pelo produtor, compositor e guitarrista sueco Tommy Denander, como de costume traz uma lista estrelada de convidados. Em *X.X.X.*, sucessor de *F4UR* (2015) e que tem a arte de capa assinada pelo brasileiro Jean Michel (DSNS Art.), estão nomes como os vocalistas Robin McAuley, Robbie LaBlanc, Jerome Mazza, Clif Magness, Christian Ingebrigtsen e Daniel Byrne. E tem mais, porque outros astros do quilate de Mutt Lange (sim, ele mesmo!) contribuíram no processo de composição. Mutt assina a coautoria e faz backing vocals nas faixas *Move It* (com Robin McAuley) e *I Have A Dream* (com Jerome Mazza, Pinnacle Point, ex-Angelica e outros), que também teve Erik Grönwall (New Horizon, ex-H.E.A.T.) como um dos autores. No entanto, duas das melhores do repertório são *Youman Unkind* e *Voodoo Queen*, ambas com uma vibe como se fosse o AC/DC fazendo um som com Robbie LaBlanc no vocal. Não deixe de ouvir também as faixas *Drag Me Through The Mud* com Daniel Byrne (Revival Black e Myke Gray) e a pegada Van Halen de *California Ways*, com Clif Magness, além de *The Deed Is Done*, com McAuley. Se a intenção de Denander, que gravou as guitarras, o baixo e o teclado, era celebrar os 30 anos do projeto, ele caprichou!

Ricardo Batalha

PRAYING MANTIS

KATHARSIS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Criado em 1973, o britânico Praying Mantis foi um dos pioneiros da NWOBHM e participou da primeira edição da coletânea *Metal for Muthas* (1980). Porém, o tempo fez com que sua sonoridade fosse se tornando mais hard e até AOR, como fica bem evidente neste seu mais novo lançamento. Após muitas mudanças de formação e algumas pausas na carreira, os irmãos e fundadores Tino (guitarra) e Chris Troy (baixo) conseguiram estabilizar um time que trabalha junto já há três discos, com Jaycee Cuijpers (vocal), Andy Burgess (guitarra) e Hans in't Zandt (bateria). E em *Katharsis*, 12º álbum de estúdio, a banda entrega exatamente aquilo que se espera dela: um repertório com vários rocks que mostram peso na medida certa, vocais bem colocados e arranjos grandiosos. Temos como exemplo como o ótimo rockão *Long Time Coming*, o riff e refrão grudentos de *Ain't No Rock 'N' Roll in Heaven* (a melhor do disco) e a interessante *The Devil Never Changes*, que fecha o repertório. Claro que também estão ali aqueles temas puxando para o pop, como *Non Omnis Moriar*, e as indefectíveis baladas, como *Find Our Way Back Home* e *Sacrifice*, com sua harmonia interessante. Mais um álbum que não vai mudar o mundo, mas se deixa ouvir com facilidade.

Antonio Carlos Monteiro

THE FLOWER KINGS

BY ROYAL DECREE
INSIDEOUT MUSIC - IMP.

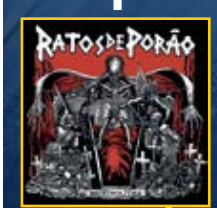
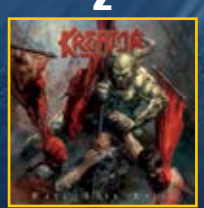
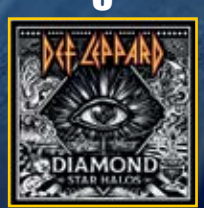
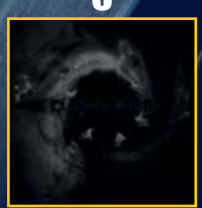
7,5

Se você acha que na Suécia só tem melodic death metal perdeu parte da história. Além de representantes de diversos outros estilos, há uma forte cena de rock progressivo que se desenvolve por lá desde os anos 70. E um dos principais nomes do gênero é o Flower Kings, criado em 1994 pelo vocalista, guitarrista e compositor Roine Stolt. Desde então, a banda já totaliza quinze discos de estúdio, sendo que o mais recente, *By Royal Decree*, é, como tantos outros, fruto da pandemia. Só que a banda não se limitou a compor novos temas, mas também vasculhou seus arquivos em busca material que pudesse fazer parte do trabalho. Assim, há no repertório desde músicas novas a regravações de composições que datam dos primórdios da banda. Mas essa mistura de músicas novas e antigas não transparece na audição, deixando claro que o Flower Kings é uma banda fiel ao seu estilo e que jamais se afastou dele. No decorrer do disco, dá pra perceber que o repertório alterna temas que dão destaque a algum instrumento, como *Revolution*, na qual quem manda é a guitarra, ou *Moth*, movida a voz e piano. Outras referências surgem em *The Big Funk*, que remete ao lado mais pop do Genesis e em *We Can Make it Work*, que lembra os últimos discos dos Beatles, influência assumida da banda. Perfeito para agradar a fãs do estilo.

Antonio Carlos Monteiro

ZIMER
Rock Store
&
Instrumentos
Musicais
zimers.com.br
Caraguatatuba/SP

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
RATOS DE PORÃO	KREATOR	DEF LEPPARD	AXEL RUDI PELL	CLAUSTROFOBIA
NECROPOLITICA	HATE ÜBER ALLES	DIAMOND STAR HALOS	LOST XXIII	UNLEECHED

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Divulgação

Bobby Gustafson, Christian Olde Wolbers, Sean Killian, Perry Strickland e Phil Demmel, a nova encarnação de uma lenda da Bay Area

VIO-LENCE

O PROVEDOR DEFINITIVO DO PECADO

Quase três décadas depois de *Nothing to Gain*, quinteto thrash retorna com novas composições em *Let the World Burn*

Por Valtemir Amler

Preste atenção na soma dos fatores: anos 80. Califórnia. Bay Area de São Francisco. Thrash metal. Todos os itens citados até aqui devidamente ticados, adicionando-se ainda os vocais de Sean Killian, as guitarras de Phil Demmel (que depois passaria muito tempo no Machine Head) e a bateria de Perry Strickland, isso apenas para ficar naqueles que continuam com a banda até os dias de hoje. Pois bem, quais eram as chances de álbuns como *Eternal Nightmare* (1988) e *Oppressing the Masses* (1990) não figurarem entre os grandes clássicos do thrash metal? Porém, a despeito de terem lançado alguns dos melhores discos de todo o cenário, o Vio-Lence nunca integrou o primeiro escalão do gênero e foi um dos muitos grupos a se dissolver durante os incertos anos 90. No entanto, a eterna pressão dos velhos fãs e uma conjunção de eventos inesperados acabou por levar ao retorno da banda, que desta vez ainda vem reforçada por dois outros músicos talentosíssimos. Ao lado de Killian, Demmel e Strickland, estão Bobby Gustafson (guitarra, ex-Overkill) e Christian Olde Wolbers (baixo, ex-Fear Factory). Em um cenário ideal, estaríamos diante de um novo álbum completo com dez novas faixas, mas vários fatores levaram *Let the World Burn* a ser um EP com cinco novas faixas. A saber: cinco devastadoras novas faixas. Conversamos com Sean Killian, que esclareceu os bastidores deste triunfal retorno de um dos gigantes do cult thrash.

É ótimo termos uma chance de falar sobre um novo registro do Vio-Lence após todos esses anos. Para começar, poderia nos dizer como esse retorno se solidificou?

Sean Killian: Claro, vamos lá. Depois que passei pela cirurgia (N.R.: Sean sofreu um transplante de fígado em 26 de março de 2018), eu estava internado no hospital em recuperação e comecei a pensar em todas as pessoas que tinham me ajudado: minha família, amigos e fãs, todos se unindo em campanhas para arrecadação de fundos e tal. Foram tantas pessoas se mobilizaram para me ajudar que eu queria recompensar elas de alguma forma e a única maneira que consegui imaginar era fazendo um show quando possível. Eu saí do hospital e ainda precisei de uns seis meses de recuperação até poder voltar ao trabalho, então nada realmente aconteceu até o início de 2019, que foi quando entrei em contato com Phil (Demmel). Na época em que fiz a cirurgia, ele ainda era parte do Machine Head, então eu não sabia ao certo em que pé as coisas estavam em janeiro de 2019. Basicamente, eu liguei para ele e disse que gostaria de fazer alguns shows com o Vio-Lence, e senti que ele estava meio incerto quanto a isso, pois também não estava seguro quanto às minhas condições de subir num palco. Bom, combinamos que faríamos alguns shows especiais, e ao menos nos dois primeiros eu ainda estava um bocado cansado, precisava ganhar peso, mas no

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

geral me sentia bastante bem, melhor do que havia me sentido em muito tempo. Fizemos aquelas duas apresentações no Oakland Metro em março de 2019 e então as coisas realmente começaram a ficar malucas. Os promotores viram as imagens gravadas, viram que o Vio-Lence estava de volta e começaram a nos ligar sem parar, todos queriam agendar nossas apresentações em todos os lugares.

Que bom que as coisas puderam seguir esse rumo.

Sean: Sim, foi diferente dessa vez. Quando retornamos em 2001 para a Thrash of the Titans (N.R.: evento organizado em 2001 em benefício de Chuck Billy, do Testament, e Chuck Schuldiner, do Death, que passavam por tratamento contra o câncer; as apresentações incluíram nomes clássicos do cenário thrash, como Sadus, Exodus, Heathen, Forbidden, Anthrax e obviamente Vio-Lence, entre outros) foi uma situação diversa. Na época estávamos cerca de nove anos sem tocar juntos e um amigo nos ligou para ver se gostaríamos de participar do evento. Chuck Billy sempre foi um dos meus melhores amigos, não tínhamos como dizer não. Nos reunimos, ensaiamos, tocamos e tivemos algumas ideias sobre o futuro, mas Phil logo em seguida se uniu ao Machine Head. Então, se você me perguntasse o que foi diferente agora, porque desta vez funcionou, a resposta seria simples: Phil não está mais no Machine Head (risos).

É, acho que isso faz uma grande diferença...

Sean: Porra, faz toda a diferença, não dá pra competir com aquilo! (risos gerais) Cara, a verdade é que desta vez tínhamos tempo para realmente nos concentrar e começar a pensar em música, em vez de só planejar e cogitar que seria legal escrever algo juntos no futuro. Dessa vez estávamos ali, na mesma sala, olhando uns nos olhos dos outros, exalando e compartilhando aromas estranhos dos nossos corpos (risos gerais), você sabe, são essas coisas que fazem uma banda ficar realmente unida e pronta para detonar (risos gerais).

Vocês começaram a compor já naquela época?

Sean: Acho que sim... Em 1º de junho de 2019 nós estávamos em Phoenix, no Arizona (EUA), para tocar com o Sacred Reich e enquanto relaxávamos durante a passagem de som, começamos a falar sobre como iriam soar nossas novas músicas caso começássemos a compor juntos após tantos anos. A curiosidade levou as coisas adiante, mas quase que instantaneamente concordamos que não trabalharíamos em um álbum completo, pois seria algo grande demais para uma banda que não trabalhava junta por tantos anos. Seria melhor dar um passo menor e mais cuidadoso do que tentar abraçar o mundo todo de uma vez e dar com a cara no muro, entende? Um EP seria o caminho a seguir, ao menos desta vez. Pensamos em criar quatro novas canções, acabamos com cinco, então as coisas estavam fluindo muito bem. Basicamente, estávamos ansiosos para tocar e compor músicas brutais novamente e foi isso que fizemos em *Let the World Burn*.

Phil ainda é o principal compositor do Vio-Lence?

Sean: Sim, com toda certeza! Ele é um cara que tem muitas ideias e um mestre dos riffs de thrash metal, sempre tem algo saindo dos dedos dele quando está com uma guitarra nas mãos, é impressionante. Mas ele não é um ditador, não é como se ele jogasse as ideias na mesa e não admitisse interferências, eu diria que é justamente o contrário. Para explicar melhor, eu diria que ele tem uma visão muito clara em sua mente sobre onde quer chegar com uma música, então costuma trazer coisas bem avançadas, mas sempre discutimos sobre como essa parte ou aquela deve ser. Para a faixa-título deste EP, por exemplo, ele apresentou duas opções para o riff principal e eu que escolhi o que achava melhor, que era misturar os dois em um só (risos). Depois disso, fizemos algumas mudanças e só então a música ficou pronta. Sempre foi assim entre nós e é ótimo sentir que a velha fórmula ainda está funcionando, mesmo após tantos anos.

LET THE WORLD BURN
Hellion - Nac.

Sim, e é interessante perceber que, além do núcleo clássico do Vio-Lence, temos hoje na banda duas outras lendas da música pesada, Christian Olde Wolbers e Bobby Gustafson. Embora ambos tenham gravado registros clássicos no passado, eles trazem novas possibilidades à fórmula thrash do Vio-Lence, certo?

Sean: Sim, e essa foi a razão deles terem sido escolhidos para a integrar a banda em primeira instância. Quer dizer, nós sabíamos que são músicos fabulosos, é como você disse, eles têm seus nomes gravados em álbuns clássicos. Então, toda a questão era: 'Como podemos usar essas habilidades em proveito da nossa música, para criar algo ainda mais denso e caótico?' Bem, Bobby é um velho conhecido de todos nós, tem uma bela história no thrash e o chamamos sem pensar duas vezes, sinceramente. Quanto ao baixo, Deen (Dell, baixista em todos os álbuns anteriores do Vio-Lence) não tinha tempo para se dedicar completamente à banda, estava muito ocupado com assuntos de família e coisas assim, então, quando chegou a hora de fazer a mudança, Phil logo pensou em chamar Christian, que naquela época morava em Venice Beach (N.R.: distrito a oeste de Los Angeles). Eles já se conheciam muito bem, pois o Machine Head havia feito turnês com o Fear Factory, então foi uma escolha bem segura.

Para encerrarmos, sempre gostei muito das artes que emolduram os álbuns do Vio-Lence e desta vez não foi diferente. O que pode nos falar sobre a capa do novo EP?

Sean: Bem, ela está diretamente conectada a uma das faixas do EP, a primeira delas, *Flesh from Bone*. Ela tem letra inspirada em um dos grandes personagens do século XV, Vlad Tepes, um dos governantes mais brutais de todos os tempos. Ele era chamado de Vlad Dracul e tinha o hábito de empalar os adversários, o que lhe valeu o nome de Vlad, o Empalador. E é justamente essa cena linda que você vê na nossa capa (risos). Vou ser sincero com você, um dia eu estava assistindo o filme 'Drácula de Bram Stoker' (N.R.: clássico de 1992, dirigido por Francis Ford Coppola) e tinha essa cena, quer dizer a capa é quase a exata cena do filme. Contratamos Emre Erkaplan, de Istambul (TUR), para fazer todo o diorama, ele mesmo encontrou um estúdio na cidade para fazer as fotos, que foram enviadas para meu primo, que trabalhou por anos como programador da Microsoft, e ele que fez tudo o que você vê atrás do diorama. Quer dizer, foi um trabalho diferente, bastante trabalhoso e com várias etapas, mas também acho que ficou uma capa ótima e que representa muito bem a nossa música.

Entre... t.me/BRASILREVISTAS

BLIND EAR

Texto e fotos: Thiago Prata

MARCELO LOSS (LOSS)

Black Sabbath
COUNTRY GIRL
MOB RULES

"*Country Girl*, do *Mob Rules*. Sou fãzaço do Sabbath e tive a oportunidade de tocar com Vinny Appice quando ele veio fazer esse show (N.R.: o Concreto tocou com Appice o *Mob Rules* na íntegra em BH). Sempre fui muito fã da fase Ozzy e também da fase Dio. Foi incrível tocar com o Vinny, cara gente boa, humilde. Foi muito legal porque tocamos duas vezes com ele. Na primeira, o Bruno Paraguay, do Eminence e que é videomaker também, registrou tudo e falou no fim: 'Galera, o Vinny Appice falou lá fora que vocês são a melhor banda com quem ele já tocou desde o Black Sabbath'. E o Bruno gravou ele falando isso. Claro que é muita generosidade dele, mas mostra que ele curtiu."

Budgie
CRASH COURSE IN BRAIN SURGERY
CRASH COURSE IN BRAIN SURGERY (SINGLE)

"Não conheço a música, mas o som é familiar. Vamos ver na hora em que entrar o vocal. Estou esperando o Dio cantar (risos). Será que é? (N.R.: a voz entra) Nossa! (RC: Este vocalista faleceu há pouco tempo). Ah é? (N.R.: a música continua e Marcelo curte o som). Muito bom, cara! Eu não estou reconhecendo, mas o vocal é rasgado, agudo, bom. Baixo e guitarra groovados juntos. Batera meio setentona. Mas não conheço, cara, porém curti demais. De fato, não conheço (RC: Esta banda é o Budgie). Putz, não conheço mesmo. Mas é sonzeira, bom pra caramba. Vocal lembra um pouco Rush, Led até Dio mesmo. O som é dos anos 70? (RC: Exatamente e o vocal é baixista também). Caralho!"

Rush
ANIMATE
COUNTERPARTS

"É Rush! Esta é dos anos 90, né? (RC: Isso mesmo, do *Counterparts*). Ah, massa! Precisa de uma frase da voz para saber que é Rush. Eu gosto demais, principalmente das fases dos anos 70 e 80, aquela coisa mais progressiva. Mas nesta fase dos anos 90 os caras estão musicalmente voando. Acho o Alex Lifeson meio subestimado. Todo mundo lembra do Geddy Lee como um dos maiores baixistas do mundo e do Neil Peart como melhor batera. E o Alex deu azar, porque toca com dois caras tão monstruosos que parece até que ele não toca tanto, mas toca para caralho. É 'a banda'! *Hemispheres* (1978) é o que mais ouvi."

Cartoon
UNTIL I FOUND YOU
UNBEATABLE

"Esse é o Khadhu cantando, é o Cartoon. Para mim, é um dos maiores vocais de Minas e do Brasil. Sou fã demais desses caras. Neste disco eles deram uma repaginada no visual, antes era mais 'hippão'. Acompanhei *Martelo* (1999) e *Bigorna* (2002), os primeiros discos deles. O Concreto fazia muita dobradinha com Cartoon, Somba e Cálix. E me lembro deste disco, sonzaço. Uma banda injustiçada, merecia ser muito mais reconhecida. Isso acontece muito na música, a gente vê muita gente foda que não está lá em cima. Toda vez que escuto aquelas músicas do início, me lembro de uma época e me emociono muito."

Rage Against The Machine
BULLET IN THE HEAD
RAGE AGAINST THE MACHINE

"Rage Against the Machine. Olha esse groove! É um baixão poderoso, uma batida de batera violenta, um guitarrista do 'mundo da lua' que faz umas coisas surreais. E um cara com um jeito de cantar único. Gosto demais. Na primeira vez que ouvi *Killing in the Name* e *Bulls on Parade* não acreditei na qualidade daquele som. Fiquei impressionado com essa banda. Eu também gosto do Audioslave, que são esses caras (instrumentistas) e um vocal sensacional também, que é o Chris Cornell e que é mais a minha praia. Quando juntou essa cozinha, o guitarrista e esse vocal, achei que o Audioslave era a banda dos sonhos (risos). Mas o Rage é imbatível, ninguém toca igual, ninguém faz isso."

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Rainbow
THE TEMPLE OF THE KING
RAINBOW

"Esse é o Dio com o Rainbow. Isso é demais, o primeirão. Eu conheci Dio cantando com o Black Sabbath, no *Heaven and Hell*, e ele já tinha aquela voz com mais drive e empostada. Só depois que fui ouvir Rainbow e Elf, quando ele tinha um jeito mais suave de cantar, bem diferente (RC: Você prefere o Dio em qual banda?). Acho que todas as bandas foram preparando ele para virar o vocalista que foi. Eu diria que minha favorita com ele é o Black Sabbath, porque é minha banda favorita de todos os tempos. Mas no início da carreira solo dele, com *Holy Diver* (1983) e *The Last in Line* (1984), ele está no auge."

Guns N'Roses
BETTER
CHINESE DEMOCRACY

"Som estranho, doido, meio eletrônico. Tem uma base pré-gravada. O cara canta para caralho. É o Axl Rose? (RC: Sim). Este é o disco que ele demorou quarenta anos para fazer? (RC: Isso mesmo). Nunca tinha escutado. Para você ver como a galera gosta de 'cornetar'. Bom, o cara não vai fazer mais *Welcome to the Jungle* ou *Sweet Child O' Mine*. Mas que sonzeira, vocal bacana, melodia... É *Chinese Democracy* que chama? Fui vítima do 'preconceito', porque muita gente falou mal deste disco. Gostei desta música (RC: O que achou do Axl no AC/DC?). Vi uns vídeos, mas não gostei. Há bandas com um vocal tão específico, como o AC/DC e o próprio Guns N'Roses, que é sempre complicado achar outro vocal. Ainda mais quando um vocal tenta imitar o anterior."

Sepultura
MEANS TO AN END
QUADRA

"Quebradeira total. É Sepultura. Esta é do *Quadra*. Acho um discaço. Eu gosto demais do Sepultura atual. Tudo tem sua época. Ouvi demais *Schizophrenia* (1987), *Arise* (1991), *Chaos A.D.* (1993), *Roots* (1996), tudo maravilhoso. Com o Derrick (Green) teve discos como *Quadra* (2020), *Machine Messiah* (2017) e o anterior (*The Mediator Between Head and Hands Must Be the Heart*, 2013), só discaço. Os caras estão tocando demais. Eloy Casagrande é um ET, acho que é o melhor baterista de metal do mundo. Derrick está cantando demais, ampliando o espectro com genialidade. Tem hora que canta com gutural, com melodia, limpo... Tocamos com o Sepultura, hoje em dia sou bem próximo do Paulo (Xisto), tomamos cerveja juntos, e os caras são muito massa."

Ozzy Osbourne
ORDINARY MAN
ORDINARY MAN

"Ozzy! Deixa eu tentar descobrir de qual fase (N.R.: Loss espera um pouco mais). Ozzy e suas baladinhas clássicas (RC: O pianista nesta música é monstro também). A melodia é bonita demais. Não conheço essa música (RC: *Ordinary Man*, com participação do Elton John). Massa. Cara, o Ozzy é minha principal referência para encaixar vocal em música. Quando pego um riff ou uma base, sem querer imitar, claro, sempre me passa na cabeça como o Ozzy faria. É o vocal que me emociona, tem um drive certo na hora certa. Gosto das linhas melódicas. Eu até me policio para não sair algo que eu já tenha ouvido antes (risos)."

Metallica
(ANESTHESIA) PULLING TEETH
KILL 'EM ALL

"Solo de baixo com distorção! É o Cliff Burton. Demais, distorção, wah-wah. Esse tocava demais. Mais um dos que foram embora muito cedo. Hoje o Metallica tem o Trujillo, que é fodástico; o Jason (Newsted) também é muito bom. E esse cara, o Cliff, imagino o quanto estaria tocando. O Metallica talvez fosse outra banda com ele hoje. Na verdade, não dá para saber como seria (RC: Curte Metallica?). Conheço os clássicos, os discos principais. Sei que tem gente que reclama do *St. Anger* (2003) ou do *Load* (1996) e *Reload* (1997). Eles fizeram o "Black Album" (1991) e depois fizeram algo mais 'pop'. Está tudo certo, não dá para exigir que o artista seja sempre o mesmo. A essência do artista é criar, inovar, ser diferente. Se fizer sempre a mesma música, perde a motivação."

WATAIN

NEM SOL, NEM HOMEM E NEM DEUS

Erik Danielsson fala sobre os novos elementos e a velha fórmula do black metal sueco em *The Agony & Ecstasy of Watain*

Por Valtemir Amler

Poucas bandas surgidas no final dos anos 90 conseguiram encapsular com tanta maestria o espírito caótico e tirânico típico da segunda onda do black metal quanto o sueco Watain. Desde que apareceram para o mundo com o seu primeiro álbum completo de estúdio, *Rabid Death's Curse* (2000), eles se mostraram um ato acima da média e com uma constante vontade de crescimento que cada vez os impulsionava mais adiante, seja nos palcos, seja no estúdio. Assim, não foi de estranhar que eles tomassem o mundo de assalto com *Casus Luciferi* (2003) e *Sworn to the Dark* (2007) – álbuns que imediatamente colocaram a banda como principal nome do black metal na época –, mas o sucesso costuma cobrar um certo preço em um microuniverso tão pequeno e fechado quando o black metal. Muitos dos velhos fãs viram com desconfiança as boas colocações nas paradas e o Grammy Sueco conseguido com *Lawless Darkness* (2010), e ficaram ainda mais temerosos quando a banda lançou o sublime *The Wild Hunt* em 2013, álbum que evidenciou referências ao heavy metal clássico. Para esses, a banda retomou seus melhores rumos já em 2018, com *Trident Wolf Eclipse*, e um passo ainda mais firme acaba de ser dado, com o lançamento de *The Agony & Ecstasy of Watain*, sétimo álbum completo de estúdio do trio sueco. Para compreendermos melhor o que se transforma e o que permanece imutável no mundo do Watain, conversamos com seu líder e idealizador, o vocalista Erik Danielsson.

A última vez que tivemos a chance de ver o Watain ao vivo foi ainda no início de 2019. Faz bastante tempo, muita coisa mudou no mundo desde então, mas isso não muda o fato de que aquele foi um belo show.

Erik Danielsson: Muito obrigado! É verdade, acho que tocamos em São Paulo em janeiro de 2019, estávamos em turnê do nosso álbum anterior, *Trident Wolf Eclipse*. Aquela foi uma turnê brutal, viajamos bastante, fizemos grandes shows e ainda lembro muito bem daquela noite em São Paulo. As bandas definitivamente têm ótimas razões para elogiar o público do Brasil, é difícil encontrar esse tipo de comprometimento com o metal extremo em outros lugares, sinto que é algo muito forte na América do Sul.

THE AGONY & ECSTASY OF WATAIN
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Apesar das dificuldades, imagino que seja realmente uma ótima sensação tocar por aqui.

Erik: Sim, definitivamente! Bem, não somos uma banda gigante, com uma planilha de turnês extremamente detalhada e fechada, nós vamos moldando as coisas conforme as oportunidades surgem e se tornam viáveis, e a América do Sul é uma viagem muito longa para nós, então é sempre uma realização muito grande, é algo que realmente nos empolga quando conseguimos tocar em um país como o Brasil. E sempre encontramos um público realmente quente e acolhedor aí, isso tem sido frequente em nossas visitas. Acho que, contando com a tour de 2019, já estivemos três vezes no Brasil, e todas foram ótimas. É como você disse, existem as dificuldades óbvias de organização, viagem, essas coisas, mas não precisamos nos preocupar com a apresentação em si, sempre que tocamos aí sabemos que teremos um belo show!

***Trident Wolf Eclipse* foi lançado em 2018, e vocês tiveram bastante tempo para promovê-lo antes de o mundo entrar em lockdown em 2020. Imagino que por isso não tenha sido um período tão duro para o Watain, certo?**

Erik: Certíssimo! Quer dizer, eu precisava dessa pausa, cara... Tenho estado em turnês ininterruptas desde que tinha 17 ou 18 anos, ou seja, mais de metade da minha vida eu passei na estrada, eu já praticamente não lembrava o que é estar em casa sem ter que viajar ao redor do mundo. Sim, foi excitante poder parar para observar o que aconteceria, que impactos eu sentiria em meu corpo e na minha mente durante uma pausa forçada em que meu estilo de vida tivesse que mudar tão abruptamente. Claro que existe muita energia fluindo quando fazemos nossas apresentações, isso meio que nos alimenta, então estava realmente curioso para saber como eu reagiria quando isso fosse tirado de mim.

Preciso admitir que essa é uma perspectiva totalmente nova para mim, não ouvi ninguém dizer nada parecido nesse tempo.

Erik: É, eu imagino que não (risos gerais). Mas veja, não estou dizendo que foi um momento incrível e especial para o mundo, mas eu sou uma pessoa muito curiosa e gosto de pensar em novas perspectivas. Não havia nada mais que eu pudesse fazer, então resolvi observar o que acontecia comigo, algo que nunca

antes tive a chance de fazer. Eu preciso assumir que eu curti esse período longe das turnês também porque acredito totalmente que é muito importante termos uma conversa constante sobre quem realmente somos, sobre os mistérios insondáveis que repousam dentro de cada ser humano, e foi isso que fiz. Basicamente, dediquei os dois últimos anos a pensar e observar, a tentar me conhecer ainda melhor, ver meus limites e potencialidades e então reunir todo esse conhecimento e utilizá-lo de forma efetiva na maneira como escrevo as minhas letras, algo que gosto de manter em constante evolução. Como uma mente criativa, não a pandemia em si, mas o tempo que ela proporcionou foi algo ótimo para mim.

Em outras palavras, você não usou esse tempo para descansar, mas sim para refletir e pensar no próximo passo, que viria a ser esse novo disco do Watain.

Erik: Exatamente, foi isso que fiz. Eu diria que tudo que você ouve em *The Agony & Ecstasy of Watain* foi influenciado pelas coisas que aconteceram comigo e com a banda nesses últimos dois anos. Por outro lado, eu não estou dizendo que esse álbum deve ser definido como um fruto da pandemia, pela simples forma como as coisas foram concebidas. A pandemia é uma coisa humana, ela pertence ao mundo dos homens, e a música que nos propomos a fazer é algo diferente, que vem de um outro lugar.

Manter esse distanciamento na hora de elaborar as letras foi uma preocupação sua?

Erik: Mais ou menos... Existem algumas coisas a serem ditas neste sentido. Neste novo álbum existem algumas letras que podem ser consideradas mais diretas para o estilo do Watain, que tratam de temas bem mais específicos, por assim dizer. Temos canções que são quase como 'preto no branco', muito claras. Estou pensando especificamente em *Leper's Grace* e na faixa que fecha o disco, *Septentrion*. Acho que isso é realmente importante para uma banda de black metal que lida com tantas ideias religiosas e espirituais, com tanto simbolismo e linguagem satânica e palavras que muitas pessoas não compreendem, acho que é importante de vez em quando mostrar para o público em geral que você não está se escondendo atrás de mistérios e segredos a todo momento, que você também é capaz de falar com clareza sobre o que você quer, sobre quem você é, sobre a razão de estar fazendo as coisas que faz.

Ir além da simples 'imagem mística', basicamente.

Erik: Isso! Eu sinto falta disso no cenário black metal atual, essa clareza de explicitar exatamente aquilo em que você acredita e faz. O black metal deveria ser radical, deveria ter coisas realmente fortes para dizer e não é isso que vejo quando começo a ler as letras de um monte de bandas contemporâneas. Ou elas estão simplesmente copiando algo que já foi feito antes ou estão se escondendo atrás de uma maquiagem, de roupas de culto ou de um monte de símbolos ocultos e assim por diante. Use os símbolos e todo o resto, desde que eles realmente queiram dizer alguma coisa. Essa é a minha forma de ver a questão: diga alguma coisa em suas letras, fale coisas que façam sentido para você e em que você realmente acredite, em vez de ficar repetindo as mesmas palavras e os mesmos discursos que já vêm sendo repetidos há décadas.

E isso vai ficando mais difícil ao passo que o cenário vai ficando cada vez mais infestado de hipsters...

Erik: Ah, é verdade cara (risos gerais). Eu acho que é muito bom que uma banda como o Watain exista. Em um momento tão bizarro da história humana, com tantas coisas esquisitas acontecendo culturalmente, especialmente na esfera do metal e do black metal, tenho grande orgulho em manter o Watain estritamente conectado às características mais tradicionais do estilo. É aquela velha história: não esqueça de onde você veio, nem o quão forte é a história desse estilo.

O que não significa que você não fará certos experimentos, certo?

Erik: Exatamente, sempre acreditei que é ótimo ser destemido como artista. É claro, você deve ser capaz de trilhar

Evelina Szrzesik

Alvaro Lillo, Pelle Forsberg, Erik Danielsson, Hampus Eriksson e Håkan Jonsson, prontos para levar o Watain de volta aos palcos

seu próprio caminho e descobrir novas coisas, a definição de arte traz essa compreensão. Por outro lado, sou fã de black metal e, com isso, um tanto tradicionalista naquilo que espero ouvir. Ao longo das últimas décadas, ouvimos muito daquilo que o black metal pode alcançar e oferecer quando combinado com heavy tradicional, thrash e outras coisas, tudo isso existe desde sempre e é ótimo, é real, é verdadeiro. Essas novas bandas hipsters tão cheias de ambientes e tal, cara, pessoalmente não me sinto nem um pouco conectado a isso. Estou conectado a Venom e Motörhead, é desta vertente que trago as minhas referências.

Sim, por isso trouxe a conversa para esse caminho. Em *The Wild Hunt*, o Watain fez alguns experimentos e duas das minhas favoritas até hoje, a faixa-título e *They Rode On*, trouxeram elementos diferentes, mas que vinham do metal clássico.

Erik: Sim, lembro que *The Wild Hunt* foi nosso quinto álbum e veio logo depois de *Lawless Darkness*, que foi um disco muito grande e muito importante para nós. Bem, nós queríamos continuar trilhando o nosso caminho, era o álbum número cinco e deveria soar assim, não apenas repetir o que tínhamos feito antes, entende? Tínhamos nos tornado uma banda muito grande, o Watain tinha se tornado maior que nós mesmos, ele consumia toda a nossa existência. Nós queríamos expressar esses sentimentos em um álbum, queríamos que ele refletisse a banda que fomos nos tornando ao longo dos anos, desde os primeiros dias até chegar àquele momento. Então, imaginamos que a única maneira de fazer isso de maneira correta e completa seria expandindo a nossa linguagem musical, incorporando elementos da música que tinha nos levado até ali. Nem todos os sentimentos que nutrimos no Watain são relacionados a violência, trevas e morte, temos conexões com emoções como tristeza, melancolia, beleza, coisas grandes e nobres. Essa foi a nossa ambição com *The Wild Hunt*, expandir a nossa linguagem, mas sem abandonar a paleta musical à qual estávamos e estamos agarrados. Mesmo assim, recebemos muitas críticas na época. Eu até entendo a maneira como algumas pessoas reagiram, mas acho que as coisas foram um tanto desproporcionais. Sim, *They Rode On* é uma música diferente das demais, mas eu duvido que o Metallica tenha sido tão duramente julgado por *Fade to Black* quando lançou *Ride the Lightning* (1984). Sim, era uma balada, mas as pessoas foram capazes de entender que aquela música era um momento no álbum, não o álbum todo! No fim das contas, nossas referências vinham de Bathory, Judas Priest, algo muito natural para uma banda como nós. E fico feliz de você ter tocado nesse ponto, pois sinto que retomamos esse caminho de exploração musical no novo álbum, apenas de uma forma mais sofisticada do que antes.

Como em *Black Cunt*, por exemplo.

Erik: Sim, essa tem algumas ótimas ideias musicais. É uma canção sobre mágica, sobre renascer como uma pessoa espiritual, é sobre magia e feitiçaria se tornando vivas. Com uma letra assim, acho que a música precisa soar empolgante e brilhante ao mesmo tempo, então naturalmente eu busquei por referências bem variadas. Tem algo do velho Morbid Angel aqui e ali, tem elementos do Von e um dos riffs eu praticamente roubei da banda mexicana de black metal Xibalba Itzaes (risos).

"Em um momento tão bizarro da história humana, com tantas coisas esquisitas acontecendo culturalmente (...), tenho grande orgulho em manter o Watain estritamente conectado às características mais tradicionais do estilo."

Evelina Sozonchik

DARK ECHOES [REMIX]

LANÇAMENTO EM AGOSTO DE 2022 EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · TIDAL

/eminenceband

www.eminence.com.br

/eminenceband

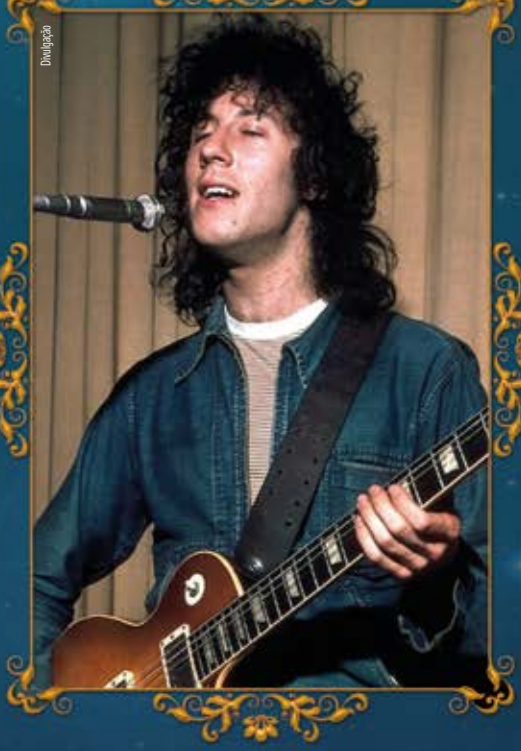
Foto por Suzana Oliveira. Anúncio por www.jduartedesign.com

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PETER GREEN

✶ 29/10/1946 † 25/07/2020

Por Antonio Carlos Monteiro


Divulgação

"Ele tem o timbre mais doce que já ouvi. Foi um dos únicos que me fez suar frio quando ouvi." Essa frase foi dita por ninguém menos que B.B. King. E ele se referia a Petter Allen Greenbaum, que o mundo da música conheceu pelo nome de Peter Green.

Nascido em Londres no dia 29 de outubro de 1946, era o caçula de Joe e Ann Greenbaum. Um de seus irmãos, Michael, era fã de skiffle e tinha um violão. Um dia, percebendo o interesse do irmão menor, deu um para ele. "Eu não sabia nenhum acorde, fiquei tocando as cordas abertas", lembrou Peter em entrevista à Guitar Player concedida em 2003, mas publicada apenas em novembro de 2020. Michael ensinou-lhe o básico e a partir daí ele passou a ser virar sozinho. Ele tinha 11 anos.

Começou a tocar profissionalmente aos 15 anos. Aos 17 ainda mantinha outra atividade para se manter. Tornou-se baixista de uma banda chamada Bobby Dennis and the Dominoes, que fazia covers de pop e clássicos de rock'n'roll.

Em outubro de 1965, teve a oportunidade de substituir Eric Clapton em quatro shows no John Mayall & The Bluesbreakers. Passou a ser membro fixo da banda em 1966, quando Clapton saiu em definitivo. Antes disso, tocou no Peter B's Looners, com quem fez sua primeira gravação, um single com as músicas *You Wanna Be Happy* e *Jodrell Blues*. Foi lá que conheceu o baterista Mick Fleetwood.

Já reconhecido como um dos principais guitarristas britânicos e aclamado até por Eric Clapton, assumiu também os vocais e uniu-se a Fleetwood e ao guitarrista Jeremy Spencer. Tentou convencer John McVie, baixista do Bluesbreakers, a participar da nova banda, mas ele recusou. Assim foi chamado Bob Brunning para o posto. Essa primeira formação recebeu o nome de Peter Green's Fleetwood Mac Featuring Jeremy Spencer. Não demorou a assinarem com o selo Blue Horizon. Com o nome já reduzido para Fleetwood Mac, lançaram o primeiro disco, homônimo, em fevereiro de 1968 – a essa altura, John McVie tinha mudado de ideia e se unido à turma. *Fleetwood Mac* foi direto para as paradas e lá ficou por 37 semanas.

Green gravou mais dois discos com a banda, *Mr. Wonderful* (1968) e *Then Play On* (1969), e no fim da turnê, em maio de 1970, resolveu sair. Lançou um disco solo, *The End of the Game* (1970), mas logo os demônios começavam a atormentá-lo... Dois meses antes, havia experimentando LSD numa espécie de comunidade hippie em Berlim e tiveram que ir lá resgatá-lo. Foi diagnosticado com esquizofrenia e passou até por tratamento de choque. "Fui forçado a tomar tranquilizantes", disse ele à Guitar Player. Foi internado e não trouxe as melhores lembranças do lugar: "O tempo todo que eu passei lá fiquei apenas tentando sobreviver. Sem prazeres, sem luxos. Era fila para pegar comida, andar de um lado para o outro e assistir televisão."

Em 1979, tentou se reerguer com a ajuda de seu irmão Michael, que conseguiu um contrato de gravação e produziu seu segundo disco solo, *In the Skies* (1979). A carreira solo engrenou e entre 1980 e 1984 soltou um álbum por ano. Ao mesmo tempo, era constantemente chamado para contribuir com vários artistas, aí incluído o próprio Fleetwood Mac. E, a despeito disso, continuava enfrentando seus problemas com drogas.

Em 1996, Green foi escolhido em votação promovida pela revista Mojo como o terceiro melhor guitarrista de todos os tempos.

No ano seguinte, criou o Peter Green Splinter Group, que teve participações de nomes como Nigel Watson e Cozy Powell. A banda durou até 2004, quando Green resolveu mudar-se para a Suécia. O grupo deixou oito discos, sempre trabalhando na linha do blues. Em 1998, junto com o Fleetwood Mac, foi aceito no Rock and Roll Hall of Fame, mas deu de ombros: "Ninguém consegue entender, afinal de contas, do que se trata esse negócio...", desdenhou.

Viveu recluso nos últimos anos, até que em 25 de julho de 2020 sua família comunicou que ele havia falecido "dormindo e em paz". Deixava o mundo da música o sujeito que influenciou gente do gabarito de Gary Moore – Peter doou sua guitarra Les Paul de 1959 a ele e hoje ela está com Kirk Hammett –, Joe Perry (Aerosmith), Andy Powell (Wishbone Ash), Mark Knppfler e Rich Robindson (The Black Crowes). O que, convenhamos, não é pouca coisa.

Fleetwood Mac
Fleetwood Mac (1968)

Fleetwood Mac
Then Play On (1969)

Peter Green
In the Skies (1979)

Peter Green Splinter Group
Time Traders (2001)

Peter Green Splinter Group
Reaching the Cold 100 (2003)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

BATE CABEÇA
O PODCAST DA ROADIE CREW

PODCAST ROADIE CREW BATE-CABEÇA

Apresentação de

RICARDO BATALHA
LUIZ TOSI

Toda quinta-feira
no YouTube às 18 horas
www.youtube.com/roadiecrewmagtv

E também via
Podcast no Spotify,
Apple Podcasts, Google Podcasts,
Amazon Music e Deezer.

O BAIXISTA LUIZ TEIXEIRA PRECISA DE SUA AJUDA

Ele precisa fazer uma cirurgia para voltar a ter qualidade de vida.

S.P. METAL

O Luiz foi baixista do Avenger (entre outras tantas bandas), com a qual gravou a pedra angular do heavy metal no Brasil, o disco SP Metal nos anos 80.

Bom, mais do que um mito do metal, ele é um grande cara de boa praça e um exemplar pai de família. Impossibilitado de se movimentar e trabalhar por um problema de saúde, estamos arrecadando recursos para que ele passe por uma cirurgia (dupla) de Artroplastia total do quadril bilateral, e assim voltar a ter qualidade de vida.

Querido fã da música e de gente do bem: acesse a Vaquinha www.vakinha.com.br/2632871 ou pelo PIX luizgreen@gmail.com e ajude nosso amigo Luiz. Ele, a família, seus amigos e a música agradecem.

vakinha

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Ângelo Ávila

Guedz, Kafer, Oliveira e Vasco, enfim lançando o tão aguardado primeiro álbum completo

The Troops of Doom

O CHAMADO DO Anticristo

Após o lançamento de dois EPs, Jairo "Tormentor" Guedz e companheiros alcançam a perfeição em seu primeiro álbum completo

Por Valtemir Amler

Reviver a estética e a sonoridade simples e brutal do death/thrash dos anos 80. Com uma proposta tão simples, talvez nem pareça que o The Troops of Doom tenha tanto a oferecer para o mundo da música extrema. Porém, basta você dar uma chance para qualquer um dos três registros lançados por Alex Kafer (vocal e baixo), Jairo "Tormentor" Guedz e Marcelo Vasco (guitarras) e Alexandre Oliveira (bateria) até agora para entender a razão de eles serem considerados uma das bandas mais promissoras do cenário. E Guedz já adianta que as trevas virão também para os palcos desta vez: "Temos agora em agosto dois shows que serão históricos, com os irmãos Cavalera, Max & Iggor, no show *Return to Roots*, que vão acontecer em Curitiba e no Rio de Janeiro", comentou. "Temos também outros shows esporádicos no Brasil já agendados, além de uma tour na América Latina que acontecerá nos meses de novembro e dezembro desse ano, e estamos começando a trabalhar em nossa primeira tour europeia, que é pra acontecer em 2023. Não vemos a hora!", complementou. Com tanto trabalho em vista, o guitarrista atendeu a ROADIE CREW para falar tudo sobre o primeiro full-length.

Em sua primeira entrevista para a ROADIE CREW (2020), você deixou claro que tinham claramente definida a estética que cercaria o universo do The Troops of Doom. Poderia nos falar como ela surgiu em sua mente?

Jairo "Tormentor" Guedz: Nós realmente já tínhamos uma ideia muito clara da forma com a qual gostaríamos de abordar toda essa estética do The Troops of Doom, tanto visualmente como musicalmente. A ideia básica era fazer tudo da maneira mais natural e orgânica possível, exatamente como era feito nos anos 80, de forma que a gente pudesse transportar o ouvinte para aquela época numa espécie de máquina do tempo. Queríamos oferecer para o público algo que fosse valioso para nós mesmos, enquanto fãs desse estilo de metal. Não é uma tarefa das mais fáceis de se executar, mas ao mesmo tempo é algo que corre em nossas veias, tornando tudo muito verdadeiro e prazeroso. No quesito mercadológico é basicamente como nadar contra a maré, e foi o que fizemos, sem as preocupações alheias e comerciais que existem no mercado musical de hoje.

Naquele mesmo 2020, veio a estreia com o EP *The Rise of Heresy*. Gostaria que nos falasse um pouco mais sobre a ambientação lírica daquele primeiro registro.

Jairo: O contexto lírico de *The Rise...* se ambienta também nas letras clássicas do metal dos anos 80, especialmente do death metal de bandas como o Slayer, Possessed, Hellhammer e o próprio Sepultura, que tinham essa abordagem mais direta e de rebeldia, de antirreligião, com temáticas mais obscuras e ocultistas. Esse foi um dos clichês que achamos necessário para dar o tom certo ao que nós estávamos trazendo de volta à tona.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

No ano seguinte veio outro EP, *The Absence of Light*, liricamente um avanço, conectado ao livro Leviatã, de Thomas Hobbes.

Jairo: Tudo foi tomando forma aos poucos. Eu havia lido o livro Leviatã, tinha adorado e ficou na minha cabeça que abordar aquele conceito nas letras das músicas seria algo interessante e que se conectaria bem com o nosso som. As músicas de *The Absence...* foram compostas antes das letras, mas já havia essa ideia de ser uma música dividida em dois atos, o que tornaria o EP mais conceitual também, fazendo com que as peças se encaixassem como em um quebra-cabeça. Então, quando estávamos com a parte instrumental toda pronta, trabalhamos nos encaixes de maneira mais rítmica, quase como se fosse um instrumento extra, e começamos a escrever as letras de acordo com esses encaixes.

Falemos agora sobre o primeiro full-length, *Antichrist Reborn*. Vocês pensaram nessa conexão entre os títulos dos lançamentos?

Jairo: Não posso dizer que tenha sido tudo milimetricamente planejado, mas já tínhamos ao menos 80% dessas ideias em mente, e estávamos estudando a melhor maneira de tirá-las do papel. O título do nosso primeiro álbum, por exemplo, já tínhamos escolhido praticamente desde antes do primeiro EP. Cada trabalho foi de fato uma ponte para o outro, conceitual e musicalmente. Foi como se cada um preparasse o terreno para o próximo. Nós sempre nos preocupamos muito com toda a estética do nosso trabalho, pois queríamos sempre entregar o nosso melhor.

Para *Antichrist Reborn* vocês decidiram recrutar o trabalho de Peter Tägtgren. Em conversa recente, ele me falou do quanto gosta de trabalhar com essa produção mais simples, pois ela permite evidenciar cada instrumento em um universo musical caótico e extremo.

Jairo: Escolhemos Peter exatamente por isso. Nós estávamos apreensivos com quem iria moldar sonoramente nosso primeiro álbum, que obviamente seria nosso cartão de visita mais importante. E não é nada fácil de encontrar produtores que consigam, em pleno 2022, entender e executar um trabalho nesses moldes, quase antimercado, buscando fugir das grandes produções que o lado comercial exige como padrão nos dias de hoje. Na nossa opinião, isso mata a arte, mata a música. Torna tudo muito plastificado e igual. Não é isso que queríamos para o The Troops of Doom. Precisávamos daquele som que já não se faz atualmente e ainda carregado de personalidade. Já éramos fãs do trabalho do Peter e quando vimos o que ele alcançou no novo disco do Possessed, *Revelations of Oblivion*, tivemos a certeza de que ele seria a pessoa certa para este trabalho. O disco tem aquela pegada mais primitiva, com suas imperfeições, o que o torna especial. É um álbum que respira! São apenas dois canais de guitarras gravados, como o Slayer fazia. Tudo de verdade, sem um trato rebuscado, sem plugins e com som tirado através de um mix de pedais analógicos. Explicamos para Peter sobre o que era The Troops of Doom e o que nós buscávamos, deixando-o completamente livre para mixar de acordo com a perspectiva dele. Ficamos incrivelmente satisfeitos com o resultado.

Além da referência óbvia ao passado no título e da sonoridade (música e produção) voltada à era clássica, a capa também é um belíssimo mergulho no passado... Em todos os sentidos!

ANTICHRIST REBORN
Voice Music / Rock Brigade - Nac.

Jairo: Com certeza! O álbum é uma experiência completa e com a arte de capa não poderia ser diferente. Não haveria pessoa melhor para esse trabalho do que Sergio 'AlJarrinha' Oliveira, que é meu amigo há muitos anos e foi o artista responsável pela capa do *Bestial Devastation* do Sepultura. Ele é muito talentoso e tem o traço orgânico e 'old school' que queríamos para a capa do disco. A ideia foi essa mesma, reviver a aura daquela capa do *Bestial Devastation* como se fosse uma espécie de continuação. Temos usado o clássico demônio do *Bestial...* em nossas artes desde o primeiro EP, quase como uma mascote.

Por favor, fale-nos um pouco sobre *Far from Your God*, uma das minhas favoritas, com sua ótima mistura de vocais brutais e riffs ríspidos melódicos.

Jairo: Ela também é uma das nossas preferidas por unanimidade. É rápida, pesada e tem uma energia muito boa. As partes rápidas foram inspiradas naquela pegada mais thrash metal do velho Kreator de *Pleasure to Kill*, também com umas pitadas óbvias de Slayer em *Hell Awaits*. Já as bases mais cadenciadas trazem um pouco do Death de *Leprosy* e do Celtic Frost de *To Mega Therion*, tudo misturado com nossa própria personalidade e nossa maneira de tocar.

Outras que gostaria que comentasse são *Pray into the Abyss*, especialmente pelo excelente trabalho nos vocais, e *Preacher's Paradox*, que adiciona muita dinâmica ao álbum.

Jairo: Esses vocais de *Pray into the Abyss* têm muita influência de Tom Araya naquelas narrações que ele faz no Slayer. A música em si começa bem porrada e frenética, pra depois buscar essa cadência mais *South of Heaven*, mas ela traz inspirações de várias bandas e discos de que gostamos muito, incluindo o próprio Sepultura em *Bestial...* e *Morbid Visions*, com riffs mais diretos e certeiros. Já *Preacher's Paradox* escolhemos para fechar o disco exatamente por ela oferecer esse dinamismo. Ela tem bastante clima, vai crescendo, mais ou menos como *Hell Awaits* do Slayer, com essa ambientação meio de filme de terror, até que chega no seu auge com riffs mais rápidos e agressivos, misturados a partes bem lentas na vibe de Celtic Frost e Black Sabbath. Achamos que ela fecha muito bem esse nosso primeiro trabalho.

E não poderia deixar de destacar a participação de João Gordo em *A Queda*. Como surgiu a ideia de ter uma canção em português no álbum e como rolou a participação dele?

Jairo: Quando estávamos compondo essa faixa, a gente já sentiu nela uma pegada mais crossover e pensamos instintivamente no Ratos de Porão e na voz do Gordo. Nós o convidamos para participar dividindo os vocais com o Alex e ele topou na hora. Somos amigos de longa data e fãs do trabalho dele e do Ratos, então ficamos muito felizes com essa parceria. Depois que ele aceitou, estruturamos melhor o instrumental e as ideias, e optamos por uma letra cantada em português, pois fazia mais sentido pra gente assim, além de destacar essa faixa das demais. Ela também é uma das nossas preferidas do disco, por isso que a escolhemos para ser nosso segundo single. Muito obrigado pelo apoio de todos e nos vemos na estrada muito em breve!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

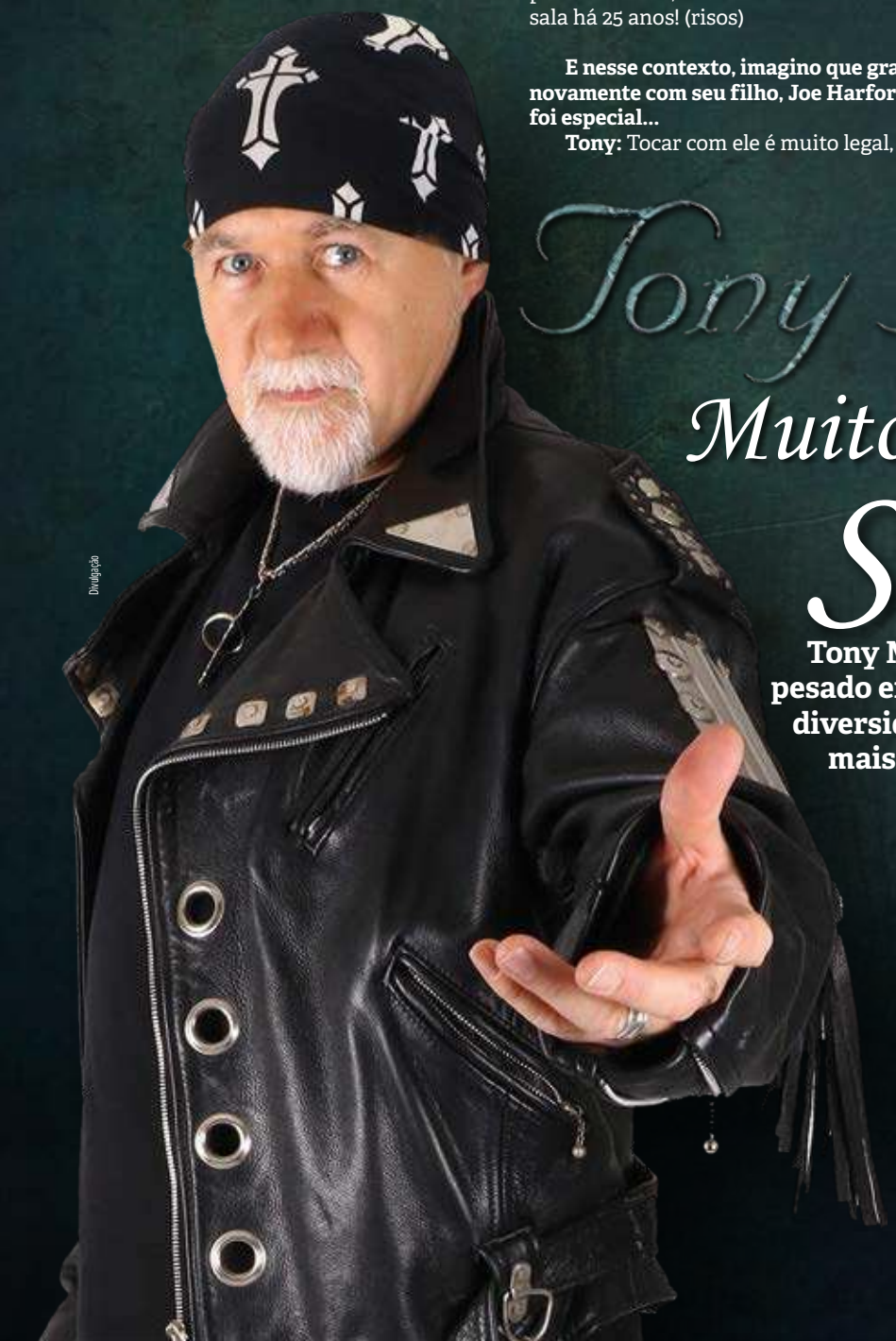
Tony Martin

Muito além do Sabbath

Tony Martin explica o caminho mais pesado em seu novo álbum solo; e por que diversidade como artista solo o faz ser mais do que um ex-Black Sabbath

Por Daniel Dutra

Dezessete anos depois de *Scream*, Tony Martin finalmente retomou a carreira solo, e o ótimo *Thorns*, terceiro álbum apenas com o seu nome, é o resultado não só da parceria com o guitarrista Scott McClellan, mas também da colaboração com músicos de ponta como Dario Mollo (guitarra), Magnus Rosén e Greg Smith (baixo), o brasileiro Bruno Sá (teclados) e Pamela Moore (vocal). E o resultado foi um trabalho surpreendentemente pesado, do qual o vocalista falou para a ROADIE CREW num papo de uma hora - que tornou difícil a edição para estas três páginas, de tão bom que foi. Incluindo opiniões bem sinceras e informações fora do comum sobre a sua passagem pelo Black Sabbath.



Divulgação

As coisas estão melhorando aos poucos, mas como você tem passado nessa pandemia?

Tony Martin: Nada mal! O meu trabalho e a minha carreira estão dentro do estúdio, então eu não saio muito e não tenho muito contato com pessoas. Tenho uma família vulnerável, então é importante nos mantermos a salvo. Meus pais têm 90 anos, por isso usamos máscaras, mantemos distância das pessoas e tomamos as vacinas. Eu entendo que a indústria da música foi fortemente prejudicada com a pandemia, mas eu fiquei aqui gravando o novo disco durante esse período... Aliás, eu estou nesta mesma sala há 25 anos! (risos)

E nesse contexto, imagino que gravar novamente com seu filho, Joe Harford, foi especial...

Tony: Tocar com ele é muito legal, um momento de orgulho. As pessoas passam por mudanças em suas vidas, como separações, e Joe é meu filho com a minha primeira esposa. Nós tentamos manter contato, mas era difícil por causa do divórcio, e creio que muitas pessoas entendem isso. Joe estava ficando muito bom na guitarra, e eu falava isso para ele, que é muito tímido, não confiava muito. Eu disse: 'Eu tanto acho que está muito bom que gostaria que você tocasse na minha banda!'. Ele surtou, não queria de jeito nenhum. Tive que insistir, e ficamos nisso durante um tempo (risos) até que finamente participou. Hoje em dia, ele tem um trabalho normal na indústria de TI, fazendo máquinas C&C, um computador que faz coisas bem detalhadas, como as partes para os carros da McLaren. Joe gosta de mexer com máquinas, por isso acabou optando pela Engenharia, mas ainda toca guitarra. Olho para ele agora, crescido, e fico 'Uau! Ele parece melhor do que eu!'. Minha filha, Laura, que também canta no disco, trouxe letras para mim, e eu perguntei: 'Como você consegue escrever letras assim? Eu não conseguia escrever letras como as suas até os meus 34 anos!' (risos) Ela é uma adolescente com perfeito entendimento da língua inglesa e da melodia. Os dois são músicos, embora não sejam profissionais, e os considero brilhantes, jovens maravilhosos. Joe e Laura são talentosos, e suas mentes, livres, sem barreiras, por isso eles ficam felizes de ir a qualquer lugar!

Vamos falar de *Thorns*, que tem seus momentos diferentes, mas não é tão diverso quanto *Back Where I Belong* (1992). É muito pesado, principalmente, e às vezes moderno, e não estou reclamando. Na verdade, foi uma agradável surpresa

Tony: Quando componho, não tenho

Entre em nosso Canal do Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

como saber se as pessoas vão gostar das músicas, mas eu gosto! (risos) Tudo o que posso fazer é o melhor. Eu queria um som melódico e pesado; e senti que estava chegando lá, como em *Book of Shadows*, que é meio gótica, acústica e com coral, então pensei em seguir nessa linha. Mas a parte pesada realmente ajuda a contar uma história nas músicas, e o álbum soa como um disco de verdade, não apenas como um apanhado de canções. Há momentos agitados e calmos, partes acústicas, peso, instrumentos e vozes diferentes, e é assim que os álbuns costumavam ser nos velhos tempos. Ainda me lembro como era ouvir um LP: quando alguém não gostava de uma faixa, tinha de levantar a agulha e colocar noutra parte, ou ouvir e aguentar até passar a gostar dela! (risos) E é assim que eu imaginei *Thorns*, porque acho mesmo que é um disco à moda antiga. Gosto dele por várias razões e acredito que é o meu melhor trabalho solo.

A bluesy *This is Your Damnation* mostra a diversidade específica de *Thorns*, e há, também, a questão das letras do álbum. Aqui, foi o que o me pegou de primeira.

Tony: E fará mais sentido quando você assistir ao videoclipe que iremos fazer para ela. A voz que fala de um cara comum que está raciocinando, aquela voz falante na música, é a voz dentro da cabeça dele. *This is Your Damnation* é sobre a Bíblia, e eu não sou um cara temente a Deus. Sei que muitas pessoas são assim, mas não funciona desse jeito para mim, e essa canção é meio que autobiográfica. Li a Bíblia e sei o que está escrito nela, mas, mesmo assim, não me convence. Então, como colocar isso numa música? O riff é básico e acústico, tem um groove, e aí encaixei as palavras. Eu gostei de verdade, mas em seguida fiquei bem assustado e pensei: 'Cara, essa nunca vai passar'. Perguntei aos caras da gravadora se deveríamos tirá-la do disco, e eles responderam: 'Não! Pode deixar'. Eu realmente quero fazer um vídeo para essa música, colocando Deus e o Diabo tentando convencer esse cara (risos).

Além de *Crying Wolf*, você alcança notas altas também em *Black Widow Angel* e outras músicas do álbum, e me lembro de quando as pessoas costumavam dizer que você emulava o saudoso Ronnie James Dio. Mas não é irônico que você realmente tenha uma voz distinta? Quer dizer, eu o ouço cantando e sei que é o Tony Martin...

Tony: É engraçado, porque não são muitos os cantores de heavy metal que têm essa melodia. Se você ouvir a minha versão de *Heaven and Hell* e a do Ronnie, elas não soam iguais, mas a minha voz faz com que as pessoas se lembrem do Ronnie e, por isso, pensem assim. Hoje, eu canto cinco notas abaixo de quando eu estava no Black Sabbath, porque esse é o meu novo alcance. No momento, canto em ré alto, enquanto no Sabbath eu cantava em sol alto. Desci cinco notas, mas funciona, e vou me manter nesse alcance por enquanto. Não adianta perseguir uma coisa que não dá mais para fazer. Vocalistas devem aprender a se adaptar à idade. Isso é ficar velho! Estou com 65 anos, e a idade realmente altera a voz. Se você já não alcança aquelas notas, encontre outra forma, use sua voz de outra forma para que funcione para você. Esse é um conselho que considero importante para as pessoas entenderem que elas não são super-humanas, que não podem continuar fazendo as coisas que faziam aos 20 anos de idade.

THORNS
Hellion - Nac.

Dito tudo isso, talvez algumas pessoas esperassem um trabalho mais Black Sabbath em *Thorns*, já que o álbum tem momentos muito pesados, mas acredito que seja mais uma questão de identidade, não?

Tony: Boa pergunta, e se trata do que as pessoas associam. Em uma banda, um baterista pode ser praticamente qualquer baterista, um tecladista pode ser basicamente qualquer tecladista, e o mesmo acontece com o baixista. Já com o guitarrista, você começa a reconhecer estilos: reconhece Eddie Van Halen, reconhece Tony Iommi... Mas em relação ao vocalista, as pessoas tendem saber automaticamente quem ele é. E se você se mantém fiel ao que canta, então elas vão esperar certas coisas de você enquanto vocalista. O meu problema, e é uma maldição, é que a minha cabeça é cheia de merda! (risos) A minha voz aparece em 80 discos ou projetos, em alcances que vão do reggae ao rock e à ópera. Eu fiz de tudo, e isso é resultado de eu ser um filho dos anos 1970. Em 1971, a música explodiu na Inglaterra, onde tudo aconteceu naquele ano. Eu ouvia Black Sabbath, Led Zeppelin, Jethro Tull, King Crimson, Yes e todas aquelas bandas que tínhamos aqui. Minha cabeça estava repleta de estilos diferentes, porque eu gostava de rock progressivo, eventualmente passei a ouvir Rush, e tudo isso me deteve de cantar apenas de uma maneira e apenas um estilo. O meu problema, como você percebe em *Thorns*, com toda a diversidade de estilos e músicas, é o resultado de eu ter crescido naquele momento de múltiplas bandas e múltiplos estilos. Entendo que as pessoas esperem ouvir algo tipo Black Sabbath, porque é como sou conhecido, mas a minha cabeça é uma bagunça. Se você pudesse entrar nela, honestamente, você morreria! (risos)

Perguntei isso, também, porque sou um grande fã da sua época no Black Sabbath. *TYR* (1990), por exemplo, é um dos meus álbuns favoritos de todos os tempos. Mas eu me pergunto como foi para você naquela época e como está agora, mais de 30 anos depois?

Tony: De muitas maneiras, foi uma época confusa para mim, porque fui demitido da banda. (risos) Na verdade, creio que fui a única pessoa a ser demitida do Black Sabbath duas vezes! (risos) Foi confuso, porque acreditava que estávamos indo bem. O *TYR* estava acontecendo, mas por trás das câmeras, se você soubesse a história do Black Sabbath, quando eu entrei na banda pela primeira vez... Ou, na verdade, quando eles me chamaram pela primeira vez, em 1986, porque eles estavam com Glenn Hughes fazendo a turnê do *Seventh Star*, e havia problemas com o Glenn. Ray Gillen entrou e saiu, e naquela época eles não tinham dinheiro e quase ninguém contratava o Black Sabbath. Shows estavam sendo cancelados, e a banda estava muito em baixa. Quando eu entrei, tivemos que reconstruir tudo. Estávamos fazendo isso com *The Eternal Idol* (1987), *Headless Cross* (1990) e *TYR*, então pensei: 'Estamos bem! Está dando certo, na direção certa, tocando para mais público!', e descobrir que eu havia sido demitido foi uma completa surpresa. Eu nem imaginava! Portanto, apesar de a música ser ótima, o que acontecia por trás era horrível. Para mim, estar na banda durantes esses discos tem uma sensação totalmente diferente da sua, ouvindo, mas eu fico muito feliz que as pessoas gostem desses discos.

E tem algo que sempre quis perguntar a você. Conheço fãs do Black Sabbath que amam *Forbidden* (1995), mas a maioria realmente não curte. Você acredita que uma mixagem e masterização adequadas poderiam fazer jus ao álbum?

Tony: Acho que uma remixagem talvez faça bem ao som de forma geral, mas não acredito ser possível consertar o conteúdo. Nesse disco, estávamos indo bem no processo de composição até que recebemos um telefonema dizendo que teríamos Ice-T cantando no disco, e eu fiquei pasmo: 'Como assim? O que ele vai fazer?'. Os empresários solicitaram uma reunião em Londres, onde disseram: 'Já está acontecendo', então perguntei o que ele estava cantando, e a resposta foi: 'Não sabemos'. Perguntei em quantas faixas ele iria cantar, e a resposta foi: 'Não sabemos'! Tive que voltar aos ensaios sem saber se eu estava gravando para mim ou para ele. Quando liguei para os empresários e perguntei se haviam decidido quem cantaria o quê, a resposta foi: 'Continue trabalhando aí. Decidiremos depois'. Chegamos ao estúdio de gravação para gravar o disco, e eu ainda não sabia se iria cantar, se Ice-T iria cantar, se ele iria cantar numa faixa, uma frase ou uma palavra! Desse jeito, eu não conseguia me concentrar, não conseguia dar o meu melhor naquele disco, porque minha cabeça não assimilava. Eu acreditava que não estava mais na banda, então falei: 'Já sei o que está acontecendo aqui. Estou sendo demitido de novo!', e foi horrível para mim! Não pude colocar o melhor Tony Martin naquele disco, e é por isso que, apesar de umas duas músicas funcionarem bem, eu o odeio. Se os fãs ainda acham algo que gostam nesse disco, ótimo, mas eles me perguntam 'Qual é o problema? O disco é ótimo!', e eu digo 'Não!' (risos). E devo dizer que trabalhar com Ice-T e sua equipe foi ótimo. São pessoas legais e divertidas, mas imagine só: na bateria estava Cozy Powell, e eles tentavam dizer a Cozy Powell como tocar! Você devia ter visto a cara do Cozy! Nós apenas pensávamos: 'Isso nunca vai dar certo!' (risos) Foi uma maluquice! Não deu certo para mim. Se eles conseguirem mixar melhor e colocar um som mais pesado, talvez melhore um pouco, mas eu não acredito. Tenho um mau pressentimento quanto a esse disco. É coisa minha.

Divulgação

Tony Martin: mais do que apenas uma das vozes do Black Sabbath

"(...) creio que fui a única pessoa a ser demitida do Black Sabbath duas vezes!"
Tony Martin

Dizer ao baterista que criou a introdução de *Stargazer* como ele deve tocar... Não dá (risos). De fato, há duas ou três boas ideias em *Forbidden*, mas nada soa bem acabado.

Tony: E o disco soa mal acabado porque foi mal acabado! Eu não conseguia me concentrar para fazer o que eu faço de melhor, como fiz em *Cross Purposes*, *Headless Cross* e *TYR*. Aliás, o *TYR* já estava ficando mais técnico, porque começamos a intercalar teclados com os solos de guitarra, várias harmonias, 50 vozes E eu não acredito que teríamos feito outro *TYR*, porque não dava para continuar adicionando coisas sem fazer a banda soar diferente do que é. É uma história muito longa. Dá para falar por uma semana, e ainda assim vai ficar faltando pedaço. Há muitos livros por aí sobre o Black Sabbath, mas nenhum deles tem toda a história.

Muito obrigado pela entrevista, Tony. Foi um prazer falar com você, e o espaço final é todo seu.

Tony: Eu gostaria de agradecer todos os que participaram do disco, claro, mas também quero agradecer a você por informar às pessoas sobre o que estou fazendo. Isso é muito importante. Os fãs são maravilhosos, eles nos convidam para suas casas, para seus carros, para seus headphones, e nós amamos isso. Amamos fazer parte de suas vidas, do seu dia a dia, e eles são parte de toda essa história. Agradeço aos fãs e pretendo voltar à estrada, mas a pandemia ainda está nos impedindo de fazer com que as coisas realmente aconteçam. Especialmente para mim, porque não tenho uma banda, então preciso contratar os músicos e ensaiar com todos eles desde o início para fazer um primeiro show e, aí sim, começar a divulgar. São necessários nove meses de planejamento até que a turnê aconteça, e nesse momento não podemos reunir todo mundo. Não creio que aconteça este ano, talvez no seguinte, mas já estou compondo o próximo álbum, então talvez tenha dois discos para a turnê. E eu adoraria poder voltar ao Brasil! Vivi bons momentos aí e desejo que todos estejam bem e fiquem bem.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

ARE YOU READY!?

January 30 – February 3, 2023 from Miami, Florida

THE WORLD'S BIGGEST THE ORIGINAL HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

Tel.: +1 305 777 4878

Udo Dirkschneider, celebrando 70 anos de idade com seu primeiro álbum solo

Eddi Bechmann

UMA JORNADA CLÁSSICA

Atuando pela primeira vez sob seu próprio nome, vocalista alemão celebra seus 70 anos revisitando clássicos da música

Por Valtemir Amler

Apenas alguns meses atrás, mais precisamente em 6 de abril, Udo Dirkschneider comemorou 70 anos de idade. O mais impressionante desse número é imaginar que ele dedicou mais de cinco décadas ao heavy metal, o que nos permite afirmar sem nenhuma reserva que Udo foi um dos fundadores de um dos mais importantes cenários do metal mundial, o alemão. Depois de iniciar sua trajetória em 1968 com a Band X, o vocalista viu as coisas rapidamente ganharem novos rumos em 1976, quando uma reformulação fez nascer o Accept. Desde então, a história é repleta de grandes clássicos do metal teutônico, e seja nas idas e vindas do Accept, seja com sua banda U.D.O., ele sempre impressionou pela qualidade do repertório e regularidade de lançamentos de estúdio e turnês ao redor do mundo, o que lhe valeu o apelido de "tanque germânico". Para comemorar sete décadas de avanço deste tanque, ele optou por um novo caminho, no qual simplesmente revisita uma série de canções clássicas (que, em sua maioria, ganham aquele tom "metal germânico" típico do vocalista) reunidos em um disco lançado sob seu próprio nome, deixando claro que se trata de um projeto, agora de fato, solo. Para maiores informações, acompanhe nossa conversa com um dos pais do cenário metal alemão.

Antes de começarmos, parabéns pelo seu aniversário e obrigado por todos esses anos dedicados à música. Você tem trabalhado com música pesada desde os anos 60, certo?

Udo Dirkschneider: Muito obrigado, é muita gentileza sua. Pois é, os anos estão passando, não é mesmo? (risos). Sim, tenho estado em bandas desde os anos 60, acho que desde 1967 ou 1968. Basicamente, tenho me dedicado à música pesada desde que conheci esse tipo de música. São muitos anos e tem sido muito bom para mim, em todos os sentidos.

Acredito que todos podemos dizer o mesmo. Ao longo das décadas, você se dedicou a várias bandas, como Accept, U.D.O., Dirkschneider e outras, mas esta foi a primeira vez que lançou um álbum sob o seu próprio nome.

Udo: Sim, é a primeira vez, de fato. A questão toda sobre isso é que desta vez eu quis deixar muito claro que se trata de um álbum solo, sem deixar nenhuma dúvida. Eu queria que as pessoas olhassem para esse disco e entendessem que não tem nada a ver com o Dirkschneider ou com o U.D.O., apesar de repetir aqui músicos de todas essas bandas (risos). Quer dizer, ia ficar confuso explicar que se trata de um álbum solo se as coisas não estivessem tão explicitas (risos). Mas, veja, o que realmente faz de *My Way* um álbum solo é o fato de que eu realmente estive envolvido em todas as partes do processo, a decisão sempre foi minha. Eu decidi que músicas entrariam nele, resolvi como as coisas seriam feitas, não precisei ouvir o guitarrista dizendo 'Ei, você poderia fazer essa parte assim?'...

Nada disso, esse álbum é meu, são minhas versões cover e tudo foi feito à minha maneira (N.R.: ele faz um trocadilho com o título do álbum), então, nada mais justo do que colocar meu nome nele.

De fato, essa é a abordagem típica de um álbum solo.

Udo: Sim, e a verdade é que esse disco foi bem menos planejado do que parece. A verdade é que nada foi planejado, você sabe, com as coisas que estão acontecendo no mundo, todos estamos com um pouco mais de tempo para lidar com as coisas, e eu estava em estúdio com Stefan Kaufmann (N.R.: guitarrista) e meus outros parceiros de banda gravando alguns vocais e tínhamos todo aquele tempo sobrando. Então, disse a Stefan: 'Que tal fazermos uma versão cover de alguma música realmente muito famosa que ouvíamos quando éramos garotos?' Foi uma coisa meio que no impulso e no improviso, só tivemos a ideia na hora de começar a trabalhar e só porque estava sobrando tempo. A primeira música que gravamos foi justamente *Faith Healer*, da Alex Harvey Band (N.R.: que abre o álbum). Logo que ouvimos, percebemos que o som estava muito bom e que a música soava muito bem, mas a ideia ainda era usar como faixa bônus em algum disco ou algo do tipo, nada além disso. Mas, quando o produtor (N.R: Martin 'Mattes' Pfeiffer, o mesmo que produziu os álbuns mais recentes do U.D.O.) ouviu, ele gostou tanto que me perguntou por que eu não seguia adiante com aquilo, escolhia um punhado mais de músicas e gravava um álbum todo de covers. Eu disse que poderia tentar, mas na minha cabeça já estava criando a lista de músicas que eu gostaria de revisitar (risos). Aí foi só questão de entrar em contato com a gravadora e ver se eles achavam a ideia viável, o que felizmente a Atomic Fire abraçou na hora, sem nem questionar do que se tratava ao certo (risos).

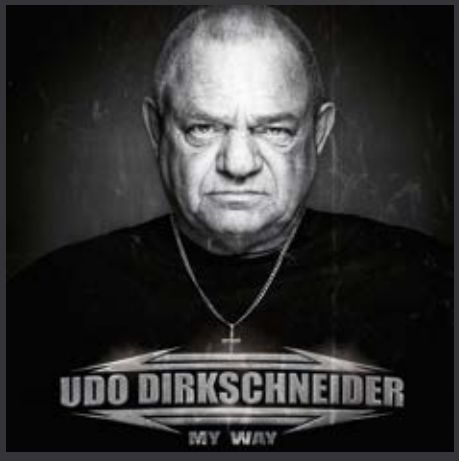
Confiança é tudo nesse ramo e, nesse caso específico, ambos os lados sabiam com quem estavam lidando.

Udo: É verdade. Já estou há algum tempo fazendo isso, e uma boa parte desse tempo Markus (N.R.: Markus Wosgien, fundador da Nuclear Blast e atual diretor-executivo da Atomic Fire Records) esteve de uma ou outra forma ao meu lado, ambos conhecemos a maneira do outro trabalhar. Essa confiança é fundamental, pode ter certeza disso!

Como vocalista, qual foi a sua grande preocupação quando começou a revisitar essas músicas?

Udo: Sinceramente, eu só queria me divertir com um punhado de canções que eu costumava ouvir quando garoto, e para isso acontecer eu sabia que precisava estar livre para soar como eu mesmo, tinha que ser completamente livre para cantar como Udo Dirkschneider. O que quero dizer é que não faria nenhum sentido, nessa altura da minha carreira, gravar uma versão do Scorpions e tentar soar como Klaus Meine. Já imaginou como seria, eu gravando uma versão para *Man on the Silver Mountain* (Rainbow) e tentando soar como Ronnie James Dio? Convenhamos, não parece uma boa ideia (risos gerais). E, de certa forma, foi um grande desafio repensar todas essas músicas à minha maneira, mas o que importa é que conseguimos fazer o disco e estou muito feliz com ele.

E é importante também para nós, que crescemos ouvindo sua voz em músicas que nasceram na sua mente, mas finalmente temos uma chance de conhecer a música que habita o seu coração.



MY WAY
Atomic Fire - Imp.

Udo: Poxa, obrigado, que bom ouvir isso (N.R.: ele pensa durante um breve momento). Sabe, é realmente legal que tenha dito isso, porque muitas pessoas têm me perguntado por que escolhi essa ou aquela música, se esse vocalista foi uma referência para mim, essas coisas. A verdade é que nenhuma dessas músicas foi escolhida por ter sido uma grande influência para mim como vocalista, elas foram escolhidas por serem músicas que eu amo, elas estão muito mais ligadas com quem eu sou como pessoa do que com o vocalista que sou. Elas têm uma conexão mais pessoal do que profissional comigo, por assim dizer. Eu ouço essas músicas e lembro de algo que eu fazia para me divertir há trinta ou quarenta anos atrás, lembro do tempo que passei com uma antiga namorada, de um amigo que tive e perdi, essas coisas. É muito mais emocional do que técnico. Não fiz esse álbum para mostrar de onde vêm o vocalista do U.D.O., fiz esse álbum para mostrar quem sou.

Cara, isso é mesmo muito legal! Alguma dessas canções foi mais trabalhosa do que as outras?

Udo: No fim das contas sim, teve uma canção que foi especialmente capciosa para mim, e é engraçado que foi justamente *Kein Zurück* (Wolfsheim), a única música em alemão do repertório. Eu sempre gostei dessa música e a escolhi especialmente por conta da sua letra, que meio que reflete minha carreira, algo 'sem volta', como diz o nome. Sempre foi assim que encarei minha carreira, mesmo diante dos momentos mais difíceis: não olhe para trás, mantenha seus olhos sempre à frente, colados na linha do horizonte. Bem, escolhi a música, passei para a banda, mas fiquei pensando que, por ser em alemão, boa parte do público talvez não compreendesse a mensagem. Comecei a trabalhar numa tradução para o inglês, mas boa parte do sentido daquelas palavras se perdia na tradução (risos gerais). Por fim pensei: 'Quer saber? Essa é minha língua-mãe, vou cantar em alemão mesmo, vai ser simples.' Não foi (risos gerais). Não é nada fácil cantar em alemão, é uma dinâmica totalmente diferente. É isso aí, aprendendo com a ação. Mas vou deixar esse trabalho com o Rammstein, eles são bem melhores nisso (risos gerais).

Para encerrar, uma curiosidade: você comentou a versão para a música do Scorpions (*He's a Woman, She's a Man*) e comumente consideramos Scorpions e Accept como os pais do metal teutônico. Como era a relação das bandas na época? Vocês tocaram juntos no mesmo palco?

Udo: Não. Nós nunca dividimos o palco! Você acredita numa coisa dessas?

Só porque você está falando...

Udo: Pois é, isso não faz sentido nenhum! Quer dizer, você está certo, nós e eles estávamos basicamente correndo juntos e criando uma coisa nova na Alemanha, cada um do seu jeito, mas quase que ao mesmo tempo. Claro que conhecíamos uns aos outros, gostávamos das músicas uns dos outros, acompanhávamos com atenção as conquistas uns dos outros, mas nunca ninguém nos reuniu no mesmo palco, e isso é inacreditável. Isso até hoje não aconteceu. Quer dizer, não sei em relação ao Accept hoje, mas comigo não aconteceu. Quer saber, isso seria algo legal que poderia acontecer daqui para a frente. Quem sabe nos próximos 70 anos? (risos gerais)

Em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILVISTA

CLASSICREW

1972 SCORPIONS
Lonesome Crow

"Nós éramos apenas uma banda de garotos tentando encontrar nosso caminho", afirmou Klaus Meine ao site Bravewords em 2010, referindo-se ao disco de estreia do Scorpions, *Lonesome Crow*. "Um bando de garotos talentosos que não tinha a menor ideia para onde ir", completou. De fato, se ouvirmos hoje o disco em questão ele não se parece em nada com o grupo que viria a ficar famoso na década de 80. Não havia as baladas pesadas, nem os riffs grudentos, muito menos os refrãos pra cantar junto. Na verdade, o que a banda fazia era rock psicodélico – algo bastante em moda na época – e se valia muito do talento do guitarrista Michael Schenker, um prodígio de apenas 16 anos de idade.

A banda, então formada por Meine, Michael, seu irmão Rudolf Schenker (guitarra base), Lothar Heimberg (baixo) e Wolfgang Dziony (bateria), já somava seis anos de estrada. O máximo que havia conseguido até então havia sido vencer um concurso e ganhar a gravação de uma demo com duas músicas – que acabaram aparecendo só décadas depois em coletâneas de raridades. De todo modo, esses dois temas, *I'm Goin' Mad* e *Action*, seriam regravados para fazer parte de *Lonesome Crow*.

Após muito insistir, o Scorpions conseguiu um contrato com o selo Brain, de Hamburgo (ALE), que escolheu o produtor Conny Plank para comandar as gravações. Tudo fluiu em tempo recorde o disco ficou pronto. As gravações aconteceram no Star Studios, também em Hamburgo, e o lançamento se deu no dia 9 de fevereiro de 1972. Em termos de vendas e de paradas de sucesso não aconteceu rigorosamente nada, apesar de Meine acreditar que "desde nosso primeiro disco influenciamos muitos músicos." É bem possível. Afinal, apesar de ser um pouco "difícil" em alguns momentos, o álbum mostra que o Scorpions não tinha medo de ousar, como prova a faixa-título, uma peça com mais de treze minutos de duração e diversos movimentos.

Anos depois, Michael Schenker manifestou seu descontentamento com o fato de as músicas virem todas assinadas apenas como "Scorpions". Ele alega que a maioria do material foi escrita por ele e Klaus Meine.

Após o lançamento de *Lonesome Crow*, o Scorpions saiu em turnê como UFO, que cresceu os olhos naquele guitarrista talentoso e acabou contratando Michael. Ele foi substituído por Uli Jon Roth, que ficou de 1974 a 1978 e foi substituído por Matthias Jabs. Aí tudo mudou: "Quando Matthias entrou, nós encontramos nosso estilo", disse Meine. "Começamos a investir nos riffs rápidos, grandes melodias e power ballads." E o resto da história todo mundo conhece.

Antonio Carlos Monteiro

1982 U.K. SUBS
Endangered Species

O vocalista Charlie Harper já era uma espécie de "cidadão bem-quisto" no cenário musical da Inglaterra em meados dos anos 70. Era do tipo que não bebia além da conta e animava os pubs londrinos com o rhythm'n'blues de sua banda, The Marauders. Porém, em 1976 tudo ganharia uma proporção inédita: após acompanhar 'in loco' a ascensão do punk britânico em shows furiosos no lendário clube The Roxy, foi como se uma chave tivesse sido acionada em seu cérebro. Dali em diante, ele dedicaria toda a sua vida ao punk rock.

O grande fruto dessa nascida paixão e devoção foi obviamente o U.K. Subs, cujo embrião começaria a germinar ainda em 1976. Mas o início do crescimento foi gradual e lento: mesclando rock'n'roll com algo do novo punk, eles ainda não tinham encontrado sua face mais ríspida nas primeiras demos, nem poderiam ser considerados um dos precursores do hardcore naqueles anos iniciais, algo que começaria a mudar em 1979, quando lançaram seu clássico debut, *Another Kind of Blues*. A partir de então, as coisas começariam a tomar caminhos cada vez mais ríspidos e diretos, passando pelo segundo registro, *Brand New Age* (1980) e pelo ao vivo *Crash Course* (1980), que ficaria registrado como seu campeão de vendas pelas décadas seguintes.

Assim como aconteceu com tantas outras bandas punk britânicas, o U.K. Subs também mostrou uma leve aproximação do metal na nova década. Nesse sentido, *Diminished Responsability* (1981) aproximou a banda de um público mais amplo, ao mesmo tempo em que encerrou o relacionamento do quarteto com a GEM Records. Sem se preocupar demais com as implicações do momento, eles rapidamente acertaram um novo acordo com a NEMS e partiram para o Jacobs Studio, um estúdio rural em Surrey (ING), onde gravariam *Endangered Species* ainda em 1981.

De cara, você percebe a preocupação em lançar álbuns com títulos em sequência alfabética, um recurso que seria usado por uma certa banda de death metal alguns anos depois. Porém, não é nesse detalhe e nem na capa "tosca mas bacana" que você deve prestar atenção. Mantenha seus sentidos ligados na música, pois ela reflete tudo o que acontecia na época: punk rock clássico em *Endangered Species* e *Fear of Girls*, hardcore em *Lie Down and Die* e até algo post-punk em *8x5*. Dali em diante, muitas coisas mudariam e este registro é o passo inicial para compreender essa mudança.

Valtemir Amler

1992 SADUS
A Vision Of Misery

Um dos fatores fundamentais para o momento incrível que o metal em geral viveu na década de 80 foi o senso de urgência que dominava o cenário, algo que impelia tanto fãs quanto bandas constantemente adiante e que não poucas vezes trazia consigo o desejo de fazer música cada vez mais pesada e intensa. Daí a razão de tantos subgêneros terem nascido justamente naquela década, como thrash, black e death metal, apenas para ficar nas camadas mais expostas desse universo. Juntando-se todas essas diferentes manifestações musicais, a necessidade de mostrar do que é capaz e o inegável fato de que muitos daqueles garotos ainda estavam apenas aprendendo a tocar seus instrumentos, não foi incomum o surgimento de bandas que mesclavam o melhor de vários mundos. Assim, elas criavam uma mistura brutal de subgêneros, como é o caso do death/thrash, tão perfeitamente encarnado pelo californiano Sadus.

Nascido em 1985 com Jon Allen (bateria), Rob Moore (guitarra), Darren Travis (vocal e guitarra) e o figurão Steve DiGiorgio (baixo), o Sadus nunca conseguiu estar somente nas areias do thrash. Da mesma maneira, nunca mergulhou totalmente no mar do death, e é justamente por isso que se tornou uma banda tão incrível. Depois de duas demos e um split, em 1988 veio a estreia com *Illusions*, mais tarde relançado com o título *Chemical Exposure*. Então, a banda seguiu pisando no acelerador com o imbatível *Swallowed in Black* (1990), que rendeu shows ao lado do Sepultura e Obituary (é fácil encontrar cartazes da turnê na internet). Porém, foi justamente aí que as coisas começaram a sair dos eixos.

Muito requisitado, DiGiorgio começou a ser sondado no cenário, e já em 1991 o Sadus teria um pequeno hiato enquanto ele gravava *Human*, com o Death. Pouco mais tarde, novas pausas para mais trabalho com o Death, e assim ao longo das décadas.

Ainda assim, entre uma e outra pausa, o Sadus produziu ótima música, como é o caso de *A Vision of Misery*. Gravado entre janeiro e fevereiro de 1992 com o produtor Bill Metoyer (D.R.I., Sacred Reich, Dark Angel e outros) no Future Disc de Hollywood, este terceiro álbum destaca faixas como *Through the Eyes of Greed*, *Slave to Misery* e *Deceptive Perceptions*. Ele encerra a era clássica do grupo, que ainda lançaria outros dois álbuns completos (novamente intercalados por pausas) sem o mesmo brilho, mas mantendo sempre o bom nome conquistado no underground.

Valtemir Amler

OPETH 2002
Deliverance

Depois de ouvir discos como *Orchid* (1995), *Morningrise* (1996) e *My Arms, Your Hearse* (1998) – ou mesmo ao ouvi-los novamente –, é difícil assimilar que o Opeth não fazia demos, tampouco pré-produções. E a situação não mudou muito em *Still Life* (1999), álbum que marca a estreia da formação da banda sueca mais festejada pelos fãs: Mikael Åkerfeldt (guitarra e vocal), Peter Lindgren (guitarra), Martin Mendez (baixo) e Martin Lopez (bateria).

Nada disso, no entanto, se compara ao fato de que o caminho de *Deliverance* quase fez um desvio rumo ao fim das atividades. Isso depois de o grupo ter, enfim, experimentado o sucesso comercial, digamos assim, com *Blackwater Park* (2001), seu trabalho mais emblemático e um dos grandes discos do heavy metal dos anos 2000 para cá. Åkerfeldt não precisava mais trabalhar numa oficina trocando pneus de carro, enquanto Mendez e Lopez já podiam dispensar empregos de meio período.

O Opeth teve a sua originalidade dentro do metal extremo reconhecida, despertando até mesmo a atenção do líder do Porcupine Tree, Steven Wilson, com quem a banda trabalhou e de quem Åkerfeldt virou amigo. Mas... "Eu estava física e psicologicamente doente. Tinha tontura e precisava, literalmente, me arrastar para sair da cama. Era uma sensação horrível: movia a cabeça e via as coisas com alguns instantes de atraso. Perdi o interesse em tudo. De repente, nada mais era agradável", contou o guitarrista e vocalista em "Opeth: Do death ao prog, como as faces da lua" (2014), biografia lançada no Brasil em 2021, pela Editora Estética Torta.

Líder e principal compositor do Opeth – na maioria das vezes, o único compositor –, Åkerfeldt vivia uma crise depressiva: "Havia tantos problemas no grupo, tudo estava desmoronando, e eu estava estressado e com a saúde ruim. Uma vez terminada as gravações de *Deliverance*, filmaram um documentário, e o diretor, depois de algumas entrevistas, me disse com toda sinceridade: 'Não acho que você quer colocar tudo isso em DVD, nem ouvir novamente o que disse sobre si mesmo'.".

Sob essas circunstâncias, Åkerfeldt compôs sozinho os quase 62 minutos de outra obra-prima do Opeth. Das seis

geniais músicas de *Deliverance*, a faixa-título, *Master's Apprentices* e *By the Pain I See in Others* ainda estão no rol dos melhores momentos do heavy metal. Seja de qual época for. E de que estilo, também. E se você considerar que o trabalho deveria ter sido um álbum duplo – o progressivo e belíssimo *Damnation* foi lançado seis meses depois, já em 2023 –, tudo fica ainda mais impressionante.

Daniel Dutra

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Golpe de Estado com Kiko Müller: poucos esperavam ver a banda com outro vocalista

GOLPE DE ESTADO

PARTE 3

DECISÃO INEVITÁVEL

A banda continuava em alta, mas os problemas internos acabaram forçando uma decisão radical

Por Antonio Carlos Monteiro

Em 1994, o Golpe de Estado já era uma banda consolidada, com nove anos de estrada e cinco aclamados disco no currículo. Porém, as coisas não andavam tão bem quanto se poderia imaginar. A começar pela estratégia de lançamento do então mais novo trabalho da banda, *Zumbi* (1994). O baixista Nelson Brito comentou na época em que saiu o álbum em entrevista a este redator: "Esse disco nem saiu direito. A gravadora cometeu um enorme erro de programação. Eles lançaram só duas mil cópias em outubro e perderam Natal, fim de ano, verão..." O vocalista Catalau reagiu com bom humor: "A gente está lançando o disco mais raro do mundo!" (risos) Até que Nelson deu a letra: "Os caras da gravadora são loucos! Sabem que a gente vende quinze mil cópias e lançam só duas mil. Eles são burros? Não. São incompetentes? Não. São irresponsáveis? Não. São apenas loucos..."

Loucuras à parte, havia outras questões afetando a banda. Uma delas estava diretamente ligada à agenda do batera Paulo Zinner. Como participava também da banda de Rita Lee, que fazia shows com enorme frequência, era comum datas coincidirem. Mas quando o Golpe foi lançar *Zumbi* em três shows nos dias 27, 28 e 29 de outubro de 1994 no Aeroanta, em São Paulo, o problema ficou mais sério. Acontece que uma das datas coincidiria com um show já agendado de Zinner com Rita e o Golpe firmou pé: "A gente não aceitou. Ou ele fazia os três ou não fazia nenhum", disse Nelson em entrevista para este Background. Impasse estabelecido (Paulo alega que Rita chegou até a mudar a data dos shows, mas o Golpe teria feito o mesmo e as datas voltaram a coincidir), o fato é que foi chamado Caio Dohogne para tocar bateria nas três apresentações. O que ninguém esperava é que Rita Lee fosse aparecer por lá – como ela havia participado na autoria e na gravação da faixa-título de *Zumbi*, todo mundo que a viu por lá pensou que ela fosse fazer uma participação no show do Golpe. Só que ela foi para mostrar sua revolta pela exclusão de Paulo Zinner do show.

Hélcio Aguirra

Fotos: Fausto Oliveira

Quem estava lá e lembra do que aconteceu foi Rogério Fernandes, vocalista que depois chegaria a fazer parte do Golpe: "Aí teve toda aquela história que ela chegou lá doidona e tudo o mais", resume ele. Nelson prefere dizer que ela estava "meio alegrinha". "Durante o show ficou jogando uísque no Catalau", lembra ele.

Já Paulo tem outra versão. Conversando com a ROADIE CREW para este Background, o batera começa lembrando que "o momento era bem delicado" por conta dos conflitos de agenda. Segundo ele, a banda não chegou a avisar a gravadora de que os shows seriam feitos por Caio ("um excelente baterista", nas palavras de Paulo) e isso gerou certo mal-estar. E, segundo ele, ficou mais estranho ainda o fato de Rita Lee estar no show do Aeroanta quando o motivo alegado para a ausência de Paulo foi justamente o fato de ele supostamente estar tocando... com Rita Lee!

Posteriormente, de acordo com o baterista, Rita até sugeriu que o Golpe de Estado abrisse a turnê que ela faria em seguida, percorrendo o Brasil inteiro. "Ela e o empresário dela fizeram essa proposta de convidar o Golpe pra abrir os shows. A gente ia ficar conhecido no Brasil inteiro, ia ser fantástico!" Segundo ele, a proposta foi apresentada numa reunião na própria gravadora Eldorado, que tinha o Golpe sob contrato, mas o guitarrista Hélcio Aguirra teria sido veementemente contra. As tentativas de convencê-lo de que seria uma boa divulgação para a banda não foram bem sucedidas e, de acordo com o batera, "a gravadora desanimou de continuar com a gente." E finaliza: "Eu fiquei inconformado com essa situação."

Ao vivo – e problemas

Nos meses seguintes, o Golpe não chegou a fazer muitos shows por conta da agenda apertada de Paulo e de outros fatores. "A gente estava cansando", resume Nelson. "Além disso, a situação do Brasil andava meio bagunçada, diminuíram os shows pra todo mundo." Só que aí surgiu a proposta: estava na hora de fazer um disco ao vivo. No papel, a ideia era perfeita. Afinal, quem acompanhou aque-

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Nelson Brito

la época sabe, as apresentações da banda eram avassaladoras, pra dizer o mínimo, e o relançamento dos dois primeiros álbuns da banda com faixas bônus ao vivo só reforçava a ideia. Só que Nelson não via bem assim: "Esse foi foda", resume ele. "Foi difícil!" A ideia surgiu através de Paulinho Toledo, o Paulinho Heavy, que havia sido executivo de gravadora, apresentador do programa Som Pop e vocalista da banda Inox. "Na época ele estava trabalhando na gravadora Paradoxx e queria que a gente fizesse o disco ao vivo com eles", afirma Nelson. Paulo completa informando que a ideia era "gravar duas músicas em estúdio para já antecipar o próximo disco de inéditas." Pra finalizar, a banda estava completando dez anos desde o lançamento do primeiro álbum, então tudo se encaixaria. Só que havia alguns dificultadores, a começar pela casa, um lugar chamado Adler, em Vinhedo, no interior de São Paulo. "Não tinha nada a ver gravar naquela casa gigante que não tinha perfil de rock", lembra Nelson, com

Paulo Zinner

razão – o lugar dedica-se a shows de música popular e eventos como formaturas. Ou seja, o público não chegou nem perto do esperado. Além disso, havia um outro grande problema rondando a banda: Catalau estava cada vez mais abusando de drogas, principalmente álcool, e seu comportamento vinha comprometendo o grupo. Nelson fica muito sério: "O cara era alcoólatra. Não era um lance engraçado. Essa é uma doença que tem que ser tratada todos os dias. Era pesado... Ele foi internado na reabilitação várias vezes. E ele parava um tempo, depois voltava, dava 'só um golinho' e acontecia tudo de novo."

Paulo também lembra dessa fase: "A gente tinha que ensaiar para gravar esse disco ao vivo e ele não tinha condições. Não aparecia nos ensaios e quando aparecia não estava em condições. Ele chegou a não aparecer em shows. Foi uma situação muito difícil."

No fim das contas, Catalau gravou o disco ao vivo, mas Rogério Fernandes foi chamado para registrar as duas faixas de estúdio, *Todo Mundo Tem Um Lado Bicho* e *Cada Dia Bate de Um Jeito*. "Chamamos o Rogério para fazer essa gravação e depois ele continuou com a gente", lembra Paulo. Nelson conta que a saída de Catalau era inevitável. "Já tínhamos fa-

Kiko se tornou a nova voz do Golpe

lado pra ele que não dava pra continuar. 'Mas agora eu tô bem', ele dizia, mas não dava, não dava. A gente falava que 'não queremos levar seu corpo pra sua casa e entregar pro seu pai'. A gente não queria ter um Brian Jones na banda. E aí ele se internou num rehab." Catalau só se livrou em definitivo das drogas e do álcool no ano seguinte, quando se converteu a uma religião neopentecostal. "Ele achou o caminho dele", resume o baixista. Em 2000, Catalau se tornou pastor e atualmente mora em Orlando, na Flórida (EUA).

Segurando a bomba

Rogério Fernandes já tinha tocado com Hélcio e Nelson em bandas cover e fez parte do Fickle Pickle. Então, foi uma escolha natural. "Toda vez que precisava, era o Rogério que segurava a bomba", diz Nelson. "E ele encarou várias buchas, inclusive com a galera xingando ele." Fernandes lembra bem disso: "Nos primeiros shows, tinha uma galera mostrando o dedo do meio para mim e perguntando do Catalau." Mas ele também entende que estava no lugar "do cara que era praticamente a marca registrada da

Nelson Brito, Kiko Müller, Paulo Zinner, Hélcio Aguirra

banda, durante toda a história do Golpe ele esteve lá."

Logo após sair da banda, Catalau lançou seu primeiro disco solo, que levava apenas seu nome (1997), pela Baratos Afins. Paulo e Nelson são diretos quando perguntados sobre suas impressões a respeito do trabalho. O baixista disse que ouviu "uma vez só e não gostei muito, não. Soou como se fosse uma resposta para nós." O batera é mais curto: "A gente estava mais focado nas coisas que tínhamos para fazer, então não tive tempo pra ouvir."

Após o lançamento de *10 Anos ao Vivo* (1997) e de participar dos poucos shows que se seguiram, Rogério conquistou os fãs do Golpe, se firmou à frente da banda, mas não chegou a gravar nenhum disco – apenas aquelas duas músicas que entraram no álbum ao vivo. E em outubro de 2000 foi anunciado que o grupo teria um novo vocalista: Kiko Müller.

Rogério afirma que saiu "porque não rolava mais". Segundo ele, havia alguns assuntos não muito bem resolvidos no Golpe que desembocavam em situações no mínimo estranhas, como não poder falar de Catalau nas entrevistas: "Eu estou entrando no lugar do cara e não posso falar dele? Que viagem, né?" Ele credita isso a "muitas coisas pessoais mal resolvidas entre os quatro." Porém, mesmo com essa ressalva, ele diz só ter lembranças muito boas dos anos que passou com a banda: "Tenho saudade de quando eu entrei na banda, do desafio que na verdade engran-

Ivan Busic substituiu Paulo em algumas ocasiões

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Rogério Fernandes também fez parte do Golpe

deceu minha carreira. Conheci muita gente bacana, ganhei muitos amigos e fãs, gente que acompanha meu trabalho até hoje no Carro Bomba e ajudou a tornar meu nome respeitado como cantor. Porque é um posto de muita responsabilidade ser cantor do Golpe de Estado! E lembro da arena do Centro Cultural lotada gritando meu nome em determinado momento."

A nova voz

Paulo lembra como a banda chegou em Kiko Müller, que assumiu o posto de novo vocalista: "A gente tinha um show que o Rogério não poderia fazer e ele indicou seu irmão, Nando Fernandes (N.R.: atual Sinistra e Brother Against Brother, ex-Hangar, ex-Cavalo Vapor), que também não pôde fazer e indicou o Kiko." Segundo Zinner, Kiko "mandou muito bem" nesse show, tanto que acabou sendo

Paulo Zinner e Marcello Pompeu no Estúdio Mr. Som

a estreia dele na banda – foi no dia 11 de novembro de 2000. Paulo acredita que o novo vocalista "deu uma equilibrada na banda em termos de energia. A gente estava cada um pra um lado e ele uniu a gente." Nelson conta que "a gente encontrava muito com o Kiko, sempre fazíamos um som com ele. E quando a gente viu já estávamos indo para o estúdio gravar." Ele concorda com Paulo dizendo que o vocalista "era um cara muito bacana, muito fácil de conviver, não tinha tempo ruim com ele. E isso amenizou o clima na banda como um todo."

Kiko Müller, que havia sido vocalista do Tomate Inglês, lembra que Hélcio o encontrou e perguntou se ele podia fazer o show em Itapecerica da Serra. Ele aceitou o convite, fez o show "e não saí mais da banda". Ele lembra que Rogério "levou muito mais pedrada do que eu quando entrou na banda; quando eu cheguei o Catalau já estava há três anos longe do Golpe."

Ele vai na mesma linha de raciocínio de Paulo e concorda que teria tido uma função de "algodão entre os cristais" no sentido de amenizar o clima tenso que havia na banda. "Eu tinha uma relação excelente com os todos", garante ele, "e fui mais ou menos o 'intermediário da paz' justamente por me dar bem com todos. Entre eles havia muito rosnado e eu cheguei a ver eles voltarem a se curtir. Com o tempo, voltou a se tornar mais prazeroso para todos."

A essa altura, Hélcio Aguirra havia montado o Mobilis Stabilis, banda de rock instrumental que contava com Alaor Neves (bateria), Ney Haddad (baixo), Nobuga (percussão) e João Luiz Braghetta (guitarra). Em 2001, saiu o primeiro disco, que levava o nome da banda. E o projeto contou com todo o apoio de Nelson Brito: "Era o que ele tinha que fazer. E não tinha nada a ver com Golpe, era um lance muito diferente, instrumental, tinha umas viagens... Ele gostava de fazer aquele tipo de som. E a banda era muito legal. Era algo saudável porque uma coisa não interferia na outra."

Enfim, disco novo!

A partir de 2002, o Golpe de Estado voltou a ter uma rotina intensa de shows. Segundo Nelson, isso também teve a ver com a entrada de Kiko: "Já que ele estava ali, vamos tocar! A gente passou a fazer shows até em locais em que normalmente não faríamos", garante ele. E, ao mesmo tempo, era hora de gravar o primeiro disco com a nova formação. Só que o processo foi muito longo. A gravação começou em maio de 2003 e só viria acabaria em julho do ano seguinte. Paulo diz que isso se deveu a "falta de foco e muitas distrações" ao longo do caminho, enquanto Nelson credita aos vários problemas enfrentados pelo grupo na época. "Aconteceu tudo que podia acontecer na vida de todo mundo da banda", resume ele. Esses problemas incluíam a saúde da mãe do baixista, que veio a falecer justamente durante a gravação.

Golpe de Estado com Syang

Paulo lembra de alguns detalhes que interferiram no processo. Ele diz que ficou "puto porque as guias de baixo e guitarra foram gravadas de forma muito displicente." Mas, apesar disso, ele aprova o resultado da gravação da bateria. "Nós gravamos no estúdio Mr. Som, do Marcello Pompeu e do Heros Trench, e nós três conseguimos trabalhar bem os timbres e a captação da batera. Fiquei bem contente com o som e acho que isso foi essencial para começarmos com o pé direito."

Nelson, Paulo e Hélcio

Fotos: Fausto Oliveira

A dupla do Korzus também recebeu elogios de Hélcio Aguirra, que comentou em entrevista concedida à época do lançamento do disco a este redator: "Nós gravamos no Mr. Som. pelo conjunto de benefícios que o estúdio oferecia. Nós ouvimos o disco do Baranga (N.R.: a banda havia acabado de lançar seu trabalho de estreia, homônimo) e gostamos muito do resultado. Também sabíamos do know-how deles de tirar um puta som em gravações de bandas pesadas. Ouça o próprio CD do Korzus, *Ties of Blood*

Dez Anos ao Vivo (1996)

Pra Poder (2004)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Golpe de Estado na Câmara Municipal de São Paulo

(2004), que foi gravado lá. É surpreendente", disse o guitarrista.

Por conta dos problemas enfrentados pelos músicos, a gravação em si acabou se alongando demais. No caso de Nelson, ele contou com o auxílio de dois amigos baixistas, Soneca (Baranga) e Luiz Domingues (atualmente no Kim Kehl & Os Kurandeiros). E lembra qual foi a ajuda deles: "Disponibilizavam equipamentos, ajudavam a avaliar a gravação... Os caras foram super cuidadosos, tudo que eu precisava, eles arrumavam pra mim."

Por sua vez, Kiko tem uma lembrança de um período mais leve em relação a todo o processo de produção do disco. Pra começar, ele diz que a demora aconteceu simplesmente porque "a gente não tinha pressa". Segundo o vocalista, a interação e a participação dele no processo de criação foram tranquilas: "Uma vez por semana a gente se reunia na minha casa em volta de uma mesa para discutir melodias, letras etc. Participei da composição de algumas músicas, outras o Hélcio já tinha escrito, trazia praticamente prontas."

Já no estúdio, ele lembra da parte descontraída: "Eu levei uma mesa oficial de futebol de botão e fizemos vários campeonatos. Foi legal pra caramba,

Evento promovido pela Galeria do Rock

não tinha aquela pressão de tempo para gravar. Era sempre muito relax, também jogamos muito videogame lá."

Voltando à parte musical, Paulo Zinner lembra que a mixagem também foi bastante demorada: "A gente chegava lá umas dez horas da noite e eu chegava em casa depois das dez da manhã. Aí ia dormir e às dez da noite voltava para o estúdio. Praticamente todo dia era assim."

Desgaste insolúvel

No fim das contas, *Pra Poder* saiu no final de 2004 pelo selo Unimar e trazia onze faixas, das quais seis eram assinadas por Hélcio – ao contrário do trabalho anterior, a ficha técnica voltou a mostrar as autorias individuais das músicas. Segundo Nelson, "já não estava mais funcionando a parceria de composição e a gente não queria mais brigar por causa desse assunto." Paulo completa quase na mesma linha: "Eu estava cansado de brigar. Então, nesse disco aí eu não quis me envolver nisso, simples assim."

O álbum ainda conta com participações especiais, como do sempre parceiro da banda Fernando Costa, de Marcello Schevano, que mais tarde viria a fazer parte do Golpe, e do saudoso baterista do RPM, Paulo PA Pagni. Zinner diz que "essas participações são importantes porque sempre trazem elementos e

No extinto Blackmore

ideias diferentes que acabam enriquecendo a música. Então, que sejam sempre bem-vindos!"

O passo seguinte era o natural: cair na estrada. "Por mais que fosse uma época difícil, era o Golpe do Estado", lembra Nelson. "A banda tinha uma história, tinha uma bagagem. Então, quando lança um disco é natural que atraia a atenção da mídia e do público. Aí você sai tocando." Os shows, no entanto, se concentravam basicamente no estado de São Paulo. O baixista nem imagina o motivo: "Queria saber, também. Toda vez que se armava algum show fora, inclusive na Argentina e no Chile, acontecia alguma coisa. Tem banda que um ano depois de lançar o primeiro disco está tocando na Europa e a gente nunca tocou no Nordeste... As empresas de empresariamento sempre tentaram pegar algum festival, por exemplo, mas não rolava. Uma loucura...", resigna-se ele.

As substituições de músicos também voltaram a acontecer. Em dezembro de 2006, por exemplo, no Novo Aeon Rock Festival, Ricardo Alpendre, vocalista da banda Tomada, substituiu Kiko Müller, que se recuperava de cirurgia. E Paulo Zinner também era eventualmente substituído por Ivan Busic (Dr. Sin), que se lembra bem da

O Centro Cultural SP era garantia de casa cheia

situação: "Inicialmente, tinha aquela história de que ele estava começando a ficar muito ocupado com a Rita Lee, então eu fiz alguns shows com eles. Obviamente, dava pra perceber que começava a ter um certo clima, né?" Ele lembra que sua ligação com o Golpe de Estado era antiga: "Eles tocaram com o Platina no teatro Artur Azevedo lá no início da banda. Éramos muito admiradores uns dos outros."

Mais para o final da parceria entre Golpe de Estado e Paulo Zinner a situação começou a ficar insustentável. "Não tinha mais muito o que fazer ali", comenta Nelson. "O clima não estava legal, era um desgaste geral. Tinha problema de agenda... E às vezes ele (Paulo Zinner) falava que não ia dar, a gente chamava o Ivan Busic e no dia ele dizia que ia tocar. A relação entre ele e Hélcio não tinha mais o que fazer, era um lance declarado, até no palco isso aparecia. Tinha que parar, senão aquilo ia acabar com o que a gente construiu."

Paulo também é direto quando trata do assunto: "As duas únicas coisas que ainda me mantinham no Golpe eram o amor que eu tinha por tocar para aquele público sensacional e o Kiko Müller, com quem eu tinha um puta prazer de tocar e de conviver. Como eu falei, ele conseguia dar uma equilibrada em termos de energia na gente." Ele ressalva, no entanto, que "vários motivos foram se acumulando ao longo dos anos e em vários momentos anteriores eu pensei em sair. Tinha gente até que me dizia que eu demorei demais para deixar a banda..."

E chegou o dia em que não deu mais pra adiar e o inevitável aconteceu... *Continua...*

Nelson, Paulo, Kiko, Hélcio: o fim se tornou inevitável

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

HEADPHONES IN FURY

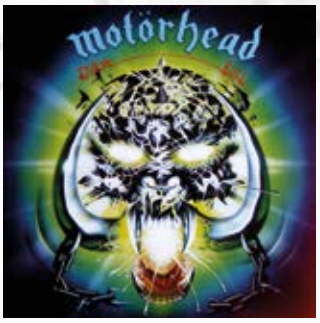
POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br alta fidelidade para todos

Por Thiago Prata • Foto: Divulgação

AC/DC

ÁLBUM: BACK IN BLACK (1980)
MÚSICA: HELLS BELLS

"A introdução de *Hells Bells* é de arrepiar qualquer rocker da face da Terra. E já seria motivo para destacar essa música, mas ainda temos a voz fantástica de Brian (Johnson) e toda a banda fazendo com que a faixa seja um hino. O álbum *Back in Black* foi o que me fez conhecer a banda, e até hoje para mim é espetacular, fantástico. Não só o álbum, como toda a carreira deles, tendo em vista ser uma banda que considero muito honesta e verdadeira em tudo aquilo que faz. Tive a oportunidade de assistir à turnê do *Ballbreaker* (1995). A experiência que tive foi de um espetáculo, não só de um show. Até os dias de hoje o AC/DC é muito verdadeiro no que faz. É uma banda que carrego comigo desde sempre. Acho fantástico o trabalho que fazem."



MOTÖRHEAD

ÁLBUM: OVERKILL (1979)
MÚSICA: OVERKILL

"Após conhecer várias bandas e álbuns diferentes, tive a oportunidade de conhecer o Motörhead, que se transformou na minha banda número 1. O álbum deles que me fez sentir isso foi *Overkill*, com aquela magia dos bumbos duplo do Philty 'Animal' Taylor, a forma ímpar de se tocar o baixo, com todo aquele timbre, aquela pegada marcante e forte, a questão da voz do Lemmy, as guitarras e a postura do Eddie Clark. Meu álbum preferido. Quero destacar a faixa-título, com o trio fazendo com que o Motörhead marcasse território, mostrando sua identidade musical e criando um estilo que serviu de inspiração para a formação de muitas bandas de renome. Motörhead é vida."

KISS

ÁLBUM: CREATURES OF THE NIGHT (1982)
MÚSICA: I LOVE IT LOUD

"A banda que para mim foi o começo de tudo e me introduziu no mundo do rock. O primeiro LP do Kiss que tive a oportunidade de ouvir foi *Creatures of the Night*. Esse álbum foi mágico. A *I Love it Loud* tem uma energia muito revigorante e é minha iniciação no estilo. Toda a química da música misturada ao visual da banda foi muito marcante para mim. Me apaixonei tanto pelo Kiss que na época eu fiz a coleção toda, desde o primeiro até *Revenge* (1992), em fita cassete. Como eu era novo e não tinha dinheiro para comprar os LPs, fiz a coleção em fita cassete. Para mim foi mágica essa minha experiência com a música e estou nesse mundo até hoje."

MANOWAR

ÁLBUM: LOUDER THAN HELL (1996)
MÚSICA: THE POWER

"Entre minhas bandas principais, embora seja de certa forma polêmica, mas que eu prefiro me restringir no que diz respeito à música e à postura de palco como músicos e banda, não fora do palco, está o Manowar com o álbum *Louder than Hell*. É fantástico, de ponta a ponta. E gostaria de destacar *The Power*, que, para mim, é um heavy metal veloz que me passa muita energia. Para mim, é perfeito. Simplesmente admiro demais esse álbum e a carreira da banda. Admiro muito o Manowar. É uma pena que sejam tão polêmicos. Mas em relação à música, é uma das minhas bandas preferidas."

KREATOR

ÁLBUM: COMA OF SOULS (1990)
MÚSICA: PEOPLE OF THE LIE

"*People of the Lie* é muito agressiva, os vocais do Mille são muito foda, e a bateria do Ventor é fantástica. *Coma of Souls* é um álbum sensacional, excelente trabalho, assim como o restante da carreira do Kreator, a melhor banda do estilo. Este foi um dos primeiros álbuns deles que tive oportunidade de ouvir. E também tem o Frank Blackfire. Um álbum muito importante para mim. É muito respeitado esse disco dentro do cenário mundial do thrash metal. Essa banda traz um elemento único, com riffs muito marcantes. Pegada muito forte, energia muito boa nesse álbum."

BLACK SABBATH

ÁLBUM: BLACK SABBATH (1970)
MÚSICA: N.I.B.

"Não só o álbum, como a banda toda: o Black Sabbath é fantástico. E olha que esse álbum foi gravado sem muitos recursos, de uma forma rápida. Com a química envolvente que tem esse álbum, é impossível para mim não os ter como uma das minhas bandas principais. *N.I.B.* é minha favorita, com o baixo fantástico do Geezer Butler e a pegada impar da bateria de Bill Ward. Uma música simplesmente impressionante como todo o álbum. Como precisava citar uma música, escolhi essa (risos)."

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

anúncio www.jduartedesign.com

MARILLION
AN HOUR BEFORE IT´S DARK
Questões sociais, políticas ou pessoais, tudo envolto com o som único conhecido por composições incríveis, melodias e musicalidade de alto nível.

TAMBÉM DISPONÍVEL

MARILLION
ALL ONE NIGHT LIVE AT ROYAL ALBERT HALL

MARILLION
FEAR

MARILLION
MARBLES IN THE PARK

MARILLION
WITH FRIENDS FROM THE ORCHESTRA

GAMMA RAY *EMPIRE OF THE UNDEAD*
'Empire of the Undead' oferece o padrão Gamma Ray com riffs espetaculares e um power metal de destaque. Kai Hansen mais uma vez mostrando sua genialidade.

TAMBÉM DISPONÍVEL

GAMMA RAY
30 YEARS ANNIVERSARY

ANNIHILATOR *METAL II*
Reedição batizada de Metal II - Jeff Waters acompanhado do vocalista Stu Block (Into Eternity, ex-Iced Earth) e do baterista Dave Lombardo (Suicidal Tendencies, ex-Slayer), além de diferentes convidados especiais. A mixagem ficou a cargo de Mike Fraser (AC/DC, Van Halen).

DEEP PURPLE
TURNING TO CRIME
12 releituras impressionantes de grandes nomes do rock incluindo Fleetwood Mac, Cream, Bob Dylan, Bob Seger, Yardbirds e muito mais. Imperdível!

TAMBÉM DISPONÍVEL

DEEP PURPLE
LIVE IN PARIS 1975

DEEP PURPLE
LIVE IN WOLLONGONG 2001

DEEP PURPLE
LIVE IN LONDON 2002

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Steve, Sr. Kalaca, Chorizo, Gio, Getse, Sick e Adam (agachado), banda californiana, alma mexicana

Denise Photography

ESMIGALHANDO FRONTEIRAS!

Ska, rock'n'roll, punk rock, hardcore, reggae, thrash metal e consciência social formam a rica dinâmica de *Fronteras*

Por Valtemir Amler

Talvez a forma mais clichê (e por isso também a mais rápida e fácil) de começar esse texto seria com o trivial "esqueça tudo o que você sabe sobre ska/punk". No entanto, em vez disso o que eu peço que faça é justamente o contrário: recorde tudo o que você sabe e talvez tenha esquecido sobre o ska/punk, lembre das imensas rodas de pogo dos anos 90, as muitas bandas que viajavam o mundo inteiro com sua música e mensagem entrelaçadas e dê a tudo isso não um novo sentido, mas um sentido atualizado. Se as mazelas que atormentavam o mundo nas décadas anteriores não foram extirpadas, mas apenas ganharam novas cores, é mais do que natural que surjam novas bandas que atualizem a velha fórmula para gritar aquilo que sentem e no que acreditam – e é justamente aqui que entra a banda californiana 8 Kalacas. Com seu primeiro álbum por um grande selo do underground (terceiro álbum completo no geral), eles parecem englobar ainda mais dinâmica em sua fórmula musical caótica e adicionam doses generosas de metal em canções calcadas no ska/punk noventista. Para saber mais sobre a história da banda e deste novo *Fronteras*, conversamos com o trompetista Chorizo e o vocalista Getse.

Para começar, gostaria de falar com você, Chorizo. Afinal, nestas quase três décadas de revista é algo extremamente raro, senão inédito, conversarmos com um trompetista. Gostaria então que nos falasse um pouco sobre seu passado e contasse como chegou ao mundo da música pesada.

Chorizo: Pois é, não são muitos os trompetistas no mundo do heavy metal e do punk rock e acho que menos ainda aqueles que chegam a ser convidados para uma entrevista, então me sinto muito honrado (risos). Bem, como você pode imaginar, eu tive uma conexão muito forte e muito longa com o jazz, nos tempos de escola eu toquei em bandinhas marciais e coisas do tipo, em qualquer coisa que conseguisse incluir meu instrumento (risos). Mas a verdade é que sempre fui um fã de metal. Cresci ouvindo Pantera, System of a Down e outras bandas muito pesadas e com bastante groove, isso realmente me atraia musicalmente. Ao mesmo tempo, estudava jazz diariamente, pois é ali que o trompete realmente brilha, além de ser outro estilo que amo muito. Juntar as duas coisas, o jazz e o mundo do metal, para mim foi o ambiente perfeito, mas não foi algo que aconteceu instantaneamente, levou um tempo. Primeiro me dediquei muito ao jazz e só depois tive a oportunidade de unir minhas paixões quando entrei para o 8 Kalacas.

Imagino que a sua história seja um pouco diferente, certo Getse?

Getse: Sim, pois eu não tinha um trompete me atrapalhando na hora de fazer amigos e conhecer garotas (risos gerais). Agora, falando sério, eu cresci ouvindo muito metal e hardcore, esses dois gêneros em especial marcaram a minha vida. Eu sou o cara que faz os vocais gritados, somos dois vocalistas na banda, eu e Sr. Kalaca. Eu grito e ele é o cara que

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

sabe cantar (risos gerais). Mas, você sabe, essa é uma dinâmica realmente necessária nessa banda, pois mesclamos hardcore e metal com ska, então é preciso ter essas diferentes nuances no vocal, não dá pra ficar fazendo a mesma coisa nas duas partes, perderia todo o sentido.

Definitivamente, e acho que isso é fundamental para diferenciarmos o 8 Kalacas de outras bandas que fizeram essa mistura no passado. Vocês acabam soando mais pesados.

Getse: Concordo com isso. Claro que existe muito do velho ska/punk em nossa fórmula, temos os instrumentos de sopro e os vocais típicos do reggae e do ska, mas também temos riffs bem pesados e cheios de groove, temos uma bateria bastante pesada e meus gritos para todos os lados (risos). Quer dizer, nós tentamos fazer nossa própria música, diferente daquilo que outras bandas fizeram.

E para isso vocês foram aperfeiçoando a fórmula da sua música ao longo dos anos, certo?

Getse: Sim, cada músico desta banda cresceu ouvindo gêneros musicais diferentes: jazz, cumbia, merengue, rumba, tudo o que você puder imaginar, mas todos temos em comum o hardcore e o metal, então existem muitas referências à mesa quando começamos a escrever. E as coisas também foram se aperfeiçoando com as mudanças que aconteceram na banda. Quando começamos, em 2002, ainda não tínhamos um trompetista na formação, era guitarra, baixo, os vocais limpos e dois trombones, era isso. Então, quando começamos éramos basicamente uma banda de ska, e mudamos nosso estilo quando comecei a cantar.

Como isso aconteceu?

Getse: Foi logo no início. Sempre que nos reuníamos para ensaiar, tínhamos o costume de colocar alguma música bem pesada para tocar enquanto nos reuníamos e eu ficava berrando junto com a música (risos gerais). Lembro que o Sr. Kalaca olhou para mim e disse: 'OK, já que sabemos que você pode gritar, que tal colocar isso a serviço da nossa música? Pode funcionar...' (risos) Depois disso, um dos trombonistas saiu e foi então que ouvimos falar de Chorizo. Achamos que incluir um trompete seria muito mais interessante, pois era algo fora do comum, como você mesmo disse. E foi o que faltava para conseguirmos ser a banda que somos, pois a inclusão do trompete abriu toda uma nova paleta de opções.

Foi bom para você ouvir isso, certo, Chorizo?

Chorizo: Com certeza! Nunca antes na minha vida me senti tão amado, não existe muito amor sendo espalhado aos trompetistas no mundo do metal (risos gerais). Eu me juntei à banda em 2010, então são cerca de doze anos em uma banda de rock pesado. Gravei dois álbuns com o 8 Kalacas (N.R.: *Kill the Radio*, de 2014, e o novo *Fronteras*; ele não gravou o debut autointitulado, de 2008). Tem sido uma experiência ótima, a realização de um sonho.

Bem, Getse, você falou sobre a importância da chegada de Chorizo para a sua música, mas vocês chegaram a ter um trompetista antes dele, na época de *8 Kalacas*, certo?

Getse: Ah, sim, é verdade. Na época do primeiro álbum, tínhamos dois trombones e um trompete, bem lembrado.

FRONTERAS
Atomic Fire - Imp.

Bom, o nosso antigo trompetista estava tendo alguns problemas de imigração, então acabou decidindo deixar a banda. Eu já conhecia Chorizo há algum tempo, então convidei-o para cumprir a agenda de shows. Ele aprendeu todas as músicas muito rapidamente, fez ótimas apresentações conosco e tinha muitas ideias para novas músicas, o que era muito bom. Então, acabei convidando-o a permanecer conosco, que foi uma das nossas melhores decisões em todos esses anos. Tivemos um trompetista antes, mas Chorizo é melhor.

E não estava sendo expulso dos EUA...

Getse: Sim, isso também contou muitos pontos a favor dele (risos gerais).

Estamos brincando, mas essa é uma questão bem séria nos EUA e que inclusive merece certa atenção de vocês no tocante às letras, certo?

Chorizo: Sim, isso é uma coisa que realmente nos preocupa. Veja por exemplo a faixa-título: todos nós somos vistos nesse país como imigrantes, todos somos latino-americanos, todos chegamos aqui pelas nossas próprias pernas ou trazidos pelos nossos pais, que buscavam uma vida melhor. É algo que vemos todos os dias, não importa o quanto a nossa situação aqui seja legal, nós sempre somos tratados como ilegais! Ninguém nos quer aqui, todos dizem que devemos voltar para nosso país, que estamos roubando seus empregos, não podemos ascender financeiramente que começam a desconfiar que tem a ver com tráfico de drogas, quer dizer, é uma luta diária. Eles não querem saber se você acabou de chegar ou se é a terceira ou quarta geração nascida aqui, você é um latino, um imigrante, você não deveria estar aqui. Sei que esse é um problema recorrente em vários países desenvolvidos, mas sinto que é realmente algo mais sério aqui nos EUA. Vemos essas coisas nas ruas, vemos no noticiário, todos os dias tem pessoas chegando do México, de Honduras e de outros países, pessoas que se arriscam cruzando a fronteira e que são capturadas e jogadas em celas como animais – e tudo isso por estarem buscando uma maneira de sobreviver. Elas são humilhadas, presas e enviadas de volta a seus países, essas pessoas não são tratadas como seres humanos. *Fronteras* é sobre isso, é um lembrete que todos somos humanos, que todos vivemos em um mesmo mundo e que não deveríamos ser julgados, classificados e separados por conta dessas linhas imaginárias a que atribuíram o nome de 'fronteiras'. Não deveríamos ser tratados melhor ou pior por conta de onde viemos. O mundo é um só e vivemos todos juntos nele. Já está na hora de entendermos isso.

Getse: Eu vivi e ainda vivo isso na pele diariamente. Tive uma experiência horrível quando vim morar nos EUA, foi realmente ruim, passei por maus bocados, mas estava tudo certo legalmente, eu podia estar aqui. Apenas não me queriam aqui. Até hoje acontece isso, recentemente fomos ao México tocar e quando voltávamos para casa não queriam nos deixar voltar... Mas é aqui que moramos! Onde mais deveríamos estar? É uma música sobre as batalhas que enfrentamos, sobre a nossa coragem, sobre a nossa força e sobre não sucumbir diante do preconceito. É sobre isso que escrevemos e esperamos de alguma forma ajudar as pessoas a superar os seus problemas e seguirem em frente. Destrocem as fronteiras e alcancem seus sonhos, não importa o quanto tentem impedi-los.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Jacob Hallegren, Erik Grawsiö e Markus Andé mantém a imersão no universo da história e poesia escandinava

Divulgação

O Destino do Clã dos Inglingos

Baseando-se novamente nas 'eddas' de Snorri Sturluson, Månegarm apresenta seu novo álbum, *Ynglingaättens Öde*

Por Valtemir Amler

Décadas atrás, quando foram feitos os primeiros experimentos aliando a música pesada e o tradicionalíssimo folk europeu, não se podia imaginar o tamanho da repercussão que tal movimento alcançaria nos anos seguintes. Antes limitado a uma pequena "incursão folk" em uma canção, ou na mais extrema das hipóteses uma canção folk ou um álbum devotado ao tema, nos anos 90 já existia toda uma legião de bandas completamente devotadas ao folk metal, desde aquelas que praticavam um som mais tradicional e acessível, até aquelas que apostavam todas as suas fichas na música extrema. Formado em 1995 na Suécia, o Månegarm desde o início foi uma dessas bandas, e sua música sempre manteve um ótimo equilíbrio entre o tradicional, o folk e o black metal. Sempre liderado pelo baixista/vocalista Erik Grawsiö e pelo guitarrista Markus Andé, o grupo sueco manteve uma regularidade impressionante em seus lançamentos, mas ganhou uma nova profundidade lírica quando o baterista de longa data Jacob Hallegren precisou assumir também o posto de letrista principal em *Fornaldarsagor* (2019). Segundo álbum com essa configuração, o recém-lançado *Ynglingaättens Öde* mantém viva a tradição do grupo, como nos conta Erik Grawsiö.

Já se passaram alguns anos desde que nos falamos pela última vez. Lembro que naquela época vocês estavam lançando o álbum *Månegarm*, em 2015.

Erik Grawsiö: É verdade, alguns anos se passaram desde então, meu amigo. Pois é, 2015 foi um ano interessante para nós. Estávamos completando vinte anos de banda e queríamos marcar a ocasião com algo especial. Então foi uma motivação extra para lançarmos um álbum autointitulado. É engraçado pensar que essa foi uma ideia de nosso ex-guitarrista Jonas Almquist e aquele foi justamente o último álbum que fizemos ao lado dele.

É verdade. E logo após o lançamento vocês vieram para o Brasil e fizeram shows especiais por aqui. Se bem me lembro, vocês tocaram o set acústico em uma noite e seu show usual em outra noite.

Erik: Sim, foi isso mesmo. Veja, em vinte anos de banda nós nunca havíamos visitado o Brasil e já fazia muito tempo que nossos fãs pediam que tocássemos no seu país. A verdade é que é uma viagem bastante longa, e se vamos fazer algo assim, precisa valer a pena, para nós e para os fãs. Então, queríamos fazer algo especial. Tinha que ser algo memorável, daí a ideia dos dois sets, algo que não costumamos fazer, foi especial para vocês. Tenho ótimas lembranças daqueles dias, chegamos no local do show e todos conheciam a gente, queriam fotos, autógrafos... Senti como se eu tocasse no Iron Maiden (risos), vocês realmente sabem como receber as pessoas, obrigado por serem tão receptivos.

Entre em nosso Canal no Telegram! t.me/BRASILRevistas

Alguns anos depois, em 2019, vocês já lançavam um novo álbum, *Fornaldarsagor*. E como você já adiantou, ele foi como um recomeço na sua jornada.

Erik: Sim, é verdade. Depois de ouvir aquele álbum, muita gente comentou que percebeu algumas diferenças na nossa música e acredito que estávamos um pouco mais pesados em *Fornaldarsagor*. Claro que parte disso se devia à mudança na formação, éramos um quarteto e desde então começamos a trabalhar como um trio. Jonas era um integrante muito importante dessa banda, era um dos fundadores, mas precisou sair principalmente por conta de algumas complicações de saúde, ele estava com um problema sério no estômago. Ele já não conseguia mais sair em turnê conosco, estava fazendo apenas shows aqui na Suécia, mas a maior parte das nossas apresentações acontece em outros países, então estava ficando muito difícil. Assim, em 2018 ele deixou a banda. Além de perdermos um membro fundador, também perdemos nosso letrista, então foi uma grande transformação. Jacob já tinha escrito a letra de umas duas músicas no álbum anterior, mas desde *Fornaldarsagor* ele precisou assumir o posto de letrista e fiquei muito feliz por ele ter dado conta do recado.

Sim, em uma banda em que letras e música são tão fortemente conectadas, essa situação poderia se complicar muito rapidamente, mas vocês tinham a solução em mãos, felizmente.

Erik: É verdade. Desde que fundamos a banda essa era a nossa premissa original: teríamos uma mistura musical de folk e black metal, e letras sobre a história e os mitos da era viking. Tinham que ser as duas coisas e elas tinham que estar plenamente conectadas, caso contrário nada disso faria sentido. Então, você está certo, as coisas poderiam ficar feias muito rapidamente se não achássemos uma solução. Felizmente Jacob desde a infância foi fascinado pela mitologia nórdica e as velhas sagas dos vikings, tanto que hoje é professor de História, então ele está ainda mais mergulhado nesse universo do que qualquer um de nós estava (risos). Assim, quando precisou assumir esse posto, ele fez sem pressão ou preocupação alguma, simplesmente pegou o lápis e seguiu de onde tínhamos parado, seguiu exatamente o mesmo caminho lírico. Porém, sinto que desde *Fornaldarsagor* nossas letras estão muito mais embasadas, existe uma perspectiva histórica muito mais pungente do que antes, simplesmente porque agora temos esse cara com todo esse conhecimento escrevendo nossas letras.

De fato, isso faz toda diferença.

Erik: Sim, sob todos os aspectos. E ele é obcecado, quando começa a escrever sobre alguma coisa logo busca um monte de livros e fica enfurnado neles até encontrar o que quer para não cometer algum erro (risos). Ele leva isso muito a sério e mostra um compromisso muito grande com a tarefa, o que me deixa muito feliz e orgulhoso. Mas é claro, continuamos usando lendas, contos e mitologia em nosso universo lírico, não é apenas História pura. Mas até aí é importante ter alguém como Jacob, é ótimo contar com alguém que realmente estudou essas lendas e contos antes de escrever sobre eles.

E um ótimo exemplo disso é o novo álbum, *Ynglingaättens Öde*. Vocês se debruçam sobre os textos de Snorri Sturluson e apresentam uma narrativa repleta de diferentes caminhos e expressões musicais, fazendo com que esse álbum soe ainda mais épico, emotivo e heroico que os anteriores.

YNGLINGAÄTTENS ÖDE
Napalm - Imp.

Erik: Obrigado, muito obrigado mesmo, meu amigo. Bem, a ideia de fazer um álbum sobre esse poema surgiu há alguns anos, ainda antes de gravarmos *Fornaldarsagor* (2019). Naquela época, acho que Jacob estava terminando sua graduação e ele assistiu a uma aula de um professor chamado Sundqvist, infelizmente não recordo o primeiro nome dele. De qualquer maneira, esse professor havia escrito uma tese nesse campo dos grandes poemas nórdicos e Jacob foi profundamente marcado por esse estudo. Porém, como ele já tinha algumas ideias escritas para o álbum anterior, a decisão foi de guardar a ideia para o futuro, sem um planejamento específico nesse sentido. Paralelamente, eu também trabalhava em algumas ideias musicais e quando mostrei algumas delas para Jacob, ele percebeu esse caráter mais épico e heroico das canções. Foi então que decidiu que essa era a hora certa de falar sobre a saga dos inglingos. Ele falou sobre essa ideia de um grande álbum conceitual, todo conectado lírica e musicalmente, e achamos que era uma ótima ideia. É um poema relativamente longo, são 24 versos que falam sobre os reis, suas leis e seus atos, existe uma imensa carga dramática nessa história, e Jacob fez um ótimo trabalho captando a emoção certa de cada um dos seus versos e transformando isso em letras de um álbum de heavy metal, algo que nunca é simples.

Especialmente porque uma história como essa sempre apresenta muitos caminhos possíveis. Você pode seguir os passos de um rei, de um guerreiro, de uma criança, de um aldeão, enfim, são possibilidades infinitas.

Erik: Exatamente, e Jacob me falou que teve que fazer algumas escolhas difíceis, pois ele tinha muitas ideias que variavam dentro desses caminhos e precisava encontrar a melhor maneira de criar uma história coesa e fiel ao poema original, tudo isso levando em conta a necessidade de cada música. Por exemplo, em *En Snara av Guld*, que é uma canção lenta, épica, atmosférica, você precisa de uma letra muito específica e emotiva para combinar com uma música assim sem arruiná-la, e ele fez um trabalho incrível.

Claro que tudo isso demanda ótimos vocais e aqui você tem vozes limpas, extremas e participações especiais para chegar ao resultado.

Erik: Sim, e eu simplesmente amo trabalhar nos vocais, cara! Para mim, é a melhor parte das gravações, é onde tudo de fato começa a fazer sentido. E dessa vez foi ainda melhor, já que foi o primeiro álbum com o meu estúdio caseiro pronto, o que me deu muito mais liberdade para procurar a melhor abordagem sem preocupação com o tempo. De verdade, não sei o que teria feito nessa longa pandemia se não tivesse meu estúdio como terapia, onde pude passar tantas horas trabalhando e pensando em coisas boas em vez do inferno que tomava conta do mundo. Os vocais limpos foram todos gravados aqui. Quanto às participações, minha amiga Ellinor Videfors nos deu uma grande ajuda nos vocais de *Hågkomst av Ett Liv* e minhas filhas participaram em *En Snara av Guld*. A mais velha, Tuva (16 anos), interpreta Skjalv no vídeo e a mais nova, Lea (14 anos), gravou os vocais. E como bom pai, essa é minha música favorita no álbum (risos gerais).

HIBRIA

A TRANSFORMAÇÃO

Abel Camargo fala da reconstrução da banda e do lançamento do sétimo álbum da carreira

Por Guilherme Spiazzi

O metal melódico no Brasil caminhava para uma grande fase de crescimento quando o Hibria surgiu em Porto Alegre no ano de 1996. Disposto a entregar o seu melhor, o grupo estreou de forma estrondosa com *Defying the Rules* (2004). Depois de consolidar uma carreira internacional, viu-se numa encruzilhada em 2018, quando quatro dos seus cinco integrantes resolveram sair. Entre parar e continuar, o guitarrista e cofundador, Abel Camargo, tratou de buscar substitutos à altura e, em 2019, lançou o single *Fearless Will*. Tudo certo... só que não. Veio a pandemia. Diante de mais esse desafio, restou a Camargo, Victor Emeka (vocal), Bruno Godinho (guitarra), Thiago Baumgarten (baixo) e Otávio Quiroga (bateria) encararem a situação e navegarem esse mar tempestuoso de reconstrução em meio a um cenário incerto. O resultado de tanto empenho é visto em *Me7amorphosis*, sétimo disco do Hibria. Conversamos com Camargo sobre esses desafios e o novo álbum, além de uma franca troca de ideias acerca do mercado nacional.

Considerando tudo que o Hibria passou nos últimos anos, *Me7amorphosis* é um símbolo de continuidade e perseverança. Como você encara esse lançamento?

Abel Camargo: *Me7amorphosis* não é apenas um álbum. Além de a banda ter passado por um grande processo de transição, ainda tivemos que encarar uma pandemia. É um orgulho imenso ver essa nova formação firme e conectada lançando um disco de altíssimo nível, tal como toda a nossa discografia. É muito fácil ter boas relações quando está tudo certo, quando você tem uma agenda cheia, tem grana e holofote, mas a galera que entrou na banda chegou num momento difícil. Tivemos que nos conhecer, entender o que havia mudado no nosso som, reconstruir a banda e sua imagem. Dá muito orgulho poder olhar para toda a história do Hibria e ver como encaramos esse momento de transição. Isso é para poucos. Foi exigida muita maturidade emocional de todos nós. Acho que essa prova de fogo foi excelente para essa maturação, pois, apesar das dificuldades, saímos mais do que vencedores desse processo de transformação.

Além da reconstrução e da pandemia, vale considerar que agora os integrantes são de diferentes partes do Brasil. Essa distância física entre vocês afetou o processo de entrosamento e de composição?

Abel: Realmente, antes a banda era toda gaúcha, mas vale lembrar que, exceto pelo primeiro disco e um pouco do segundo, tudo sempre foi feito de forma remota. Pensando na questão do entrosamento, nós mantemos uma reunião semanal em que compartilhamos ideias, esclarecemos algumas questões etc. Quanto às composições, o processo de fazer uma demo com as guitarras e apresentar para o restante de banda se manteve. Godinho e eu começamos a compor em 2019, mostramos as ideias para os demais e todos nós discutimos o direcionamento das músicas. Veja, eu sou o cara responsável por metade da discografia do Hibria, mas assinamos tudo juntos porque todos contribuem com a música. Temos isso como um consenso. É uma coisa pessoal e que cada banda tem o seu entendimento a respeito. Enfim, eu passei muito do meu conhecimento de mercado em relação ao Hibria para os caras e também quis saber como eles enxergavam a banda quando a viam de fora. Eu passei a visão do que é o Hibria no Japão, de como ele se tornou o que é no Brasil e por que o continua crescendo com força total. Passei todas essas questões para que se entendesse como isso influencia dentro da música. Os nossos discos se diferem uns dos outros e isso foi proposital. Para nós isso é ótimo. Não temos por que nos repetir. Conseguimos conversar bastante para chegar a um denominador comum, que é o lance do DNA do Hibria. Disso surgiu o single *Fearless Will*, que é realmente uma vontade sem medo. O artista tem que fazer aquilo que gosta e fará bem para ele. É isso que faz o cara tocar com tesão no palco. Fazer um disco para agradar fã é um erro mortal porque você tem que pensar em evolução.

ME7AMORPHOSIS
Voiza Records - Nac.

***Me7amorphosis* é diferente, mas dessa vez eu percebi uma grande diferença na estética sonora da banda. O DNA citado por você permanece, mas sonoramente a banda mudou. Você enxerga isso?**

Abel: Quando nos sentamos para conversar sobre o direcionamento em termos de estética sonora, como você mencionou, ou seja, os arranjos, a mixagem, a masterização e tudo mais, o objetivo era buscar um equilíbrio entre a manutenção do nosso DNA – a velocidade, as melodias cativantes em primeiro plano, o virtuosismo dos músicos – e integrar a ele as novas influências dos cinco integrantes. Assim como dois grandes músicos pratas da casa também produziram discos do Hibria (N.R.: Diego Kasper e Renato Osório, ex-guitarristas), desta vez a função ficou nas mãos de Godinho. Assumir a produção é uma responsabilidade gigante, pois é essa pessoa que coordena toda a gravação. Eu

sempre falo sobre a importância de o músico desenvolver habilidades no mercado da música. Enquanto todos os nossos discos foram produzidos por integrantes da banda, muitas pagam uma fortuna para botar o carimbo do produtor 'X'. Obviamente temos ótimos produtores no mundo, mas alcançar um nível de excelência com prata da casa é um sentimento diferente. Outra coisa que contribuiu para a sonoridade foi repetirmos a dupla que trabalhou em *Silent Revenge* (2013), Benhur Lima (ex-baixista) na mixagem e Lima e Mike Couzzi na masterização. Sabíamos que apostar nos dois seria sucesso garantido. Além de serem excelentes profissionais, são pessoas fáceis de trabalhar. Isso é importante, pois muitas vezes o artista quer uma coisa e o profissional não quer fazer.

Dentre as novidades, chama a atenção a balada *Meaning of Life*, que saiu em videoclipe recentemente. Ter uma balada assim é algo inédito para o seu catálogo. Como ela surgiu?

Abel: Essa música foi uma iniciativa que veio de Emeka e Godinho e nós a complementamos. Eu diria que não existe um livro de receitas, acho que o processo de composição é algo orgânico e coletivo. Não existiria essa faixa se na banda houvesse aquele líder que quer mandar em tudo ou ser o único compositor. Eu vejo muitos trabalhos que não são legais justamente porque fica tudo na mão de apenas um cara, mas ele não tem todo esse poder. Na verdade, ele só tem um ego muito grande. O cara pode ser um ótimo músico, mas não ser um ótimo compositor. São coisas bem diferentes. Agora, sabendo que você tem ótimos músicos, deixe-os contribuírem com coisas diferentes. Todos no Hibria têm voz, temos um lance cooperativo que enrique o som da banda.

É inevitável não mencionar a escolha de um substituto para Iuri Sanson. O que tinha em mente e como foi o processo de seleção do novo vocalista?

Abel: A primeira questão era o sujeito ser capaz tecnicamente. Nós chegamos a fazer um concurso para escolha e dele participaram caras com excelentes timbres, ótimas interpretações; mas não eram músicos que se encaixariam no som do Hibria. Nossa música tem passagens com notas muito altas, então isso demanda uma grande extensão vocal. Além da técnica, eu me atentei à personalidade. Eu não buscava por um segundo Sanson. Até porque só existe um, assim como só existe um Emeka. Tem tanta banda que troca de vocalista, mas o substituto soa igual. Eles procuram um substituto com as mesmas características, entende? Eu acho isso um sacrilégio. Entendo que os fãs sejam um combustível para a banda, mas temos que tomar o cuidado de não fazer música para agradar aos outros. Emeka é tão apto quanto Sanson para as nossas músicas, mas ele traz um timbre, uma interpretação e uma vivência de música completamente diferentes. Tudo é diferente entre eles e eu acho isso do caralho. Pegue Van Halen, Helloween, Black Sabbath... Essas bandas tiveram colhão de mudar e o Hibria também teve. Com certeza você perderá fãs, só não sei se muitos ou poucos, mas também ganhará. Eu acho que a mudança é uma grande oportunidade de crescimento.

Já que você falou de crescimento, no Hibria você dividiu as guitarras com Kasper, depois com Renato Osório e agora Godinho. Como foi o seu crescimento

Abel Camargo, Bruno Godinho, Victor Emeka, Thiago Baumgarten e Otávio Quiroga: prontos para levar o metal nacional para o mundo

Fernando Maza

Nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

enquanto guitarrista ao lado de músicos tão diferentes?

Abel: Nós quatro somos muito diferentes mesmo e aprendemos muito uns com os outros. O estudo da técnica, a forma de pensar música e composição deles é diferente. Isso faz com que aprender músicas compostas por cada um deles seja como aprender uma outra linguagem. É a maneira como o cara segura a palheta, a mecânica de mão direita... Eu acho isso uma coisa enriquecedora. O Hibria não repete figurinhas. Tudo isso só agrega e faz com que o som da banda consiga evoluir e trazer coisas novas. Eu acho que temos que estar prontos para receber críticas. O que incomoda o artista não é a crítica, mas a crítica maldosa.

Lá no início, nos primeiros anos de banda, vocês receberam essas críticas, não foi?

Abel: Cara, foram críticas maldosas vindas de pessoas maldosas... Tem muita coisa que pode ser dita numa crítica... Você pode dizer o que faltou, o que poderia ser melhor ou o que não agradou, agora só dizer que aquilo é bom ou ruim, ou pior, fazer chacota, é diferente. Quando lançamos *Metal Heart* (1997), nossa primeira demo, estávamos aprendendo a tocar e a ser banda, mas sempre tivemos muito cuidado com o que fizemos. A demo foi muito bem-feita. Usamos todos os recursos para gravar num bom estúdio e investimos numa capinha colorida. Buscamos entregar o melhor que podíamos entregar naquele momento da nossa vida. Só não entregamos mais porque não tínhamos o que entregar. Nós enviamos essa demo para revistas e fanzines. Naquela seção de demos da Rock Brigade (N.R.: Demo Assault), que era uma chacota atrás da outra, escreveram que o vocalista (N.R.: Sanson) desafinava sem dó. Basta pegar as edições antigas dessa revista e ver que as bandas eram caçoadas. Tipo assim, dê uma esperança, pois é muito foda ser músico no Brasil. É tudo muito caro, é tudo muito difícil. As pessoas não te respeitam. Até certo patamar elas te tratam como vagabundo. Finalmente você consegue gravar uma fita demo, manda para a revista e na hora de comprar ela na banca vê que o cara te tirou para palhaço? A única fonte de informação que tínhamos na época eram as revistas e a seção de demos dessa aí era uma chacota. Os caras faziam essa maldade. O dono da revista era empresário de quem? Do Angra. Eu vivia isso.

Certamente o que vocês passaram não deve ter sido fácil, mas felizmente é passado. Antes de finalizarmos, gostaria de saber se o respaldo que vocês vêm recebendo já o faz imaginar como será o próximo disco do Hibria?

Abel: Olha, já começamos a conversar sobre isso. Com certeza a ideia é extrapolar os limites e trazer coisas novas. Estamos absorvendo tudo que vem desse disco.

Agradeço a franca entrevista. O espaço é seu para deixar um recado para os nossos leitores.

Abel: Muito obrigado mais uma vez pela oportunidade e pelo papo, que é sempre de altíssimo nível. Isso faz toda a diferença. Quando o cara se sente à vontade para conversar é que saem as entrevistas legais. Agradeço a todos que estão nos dando a oportunidade para falar de *Me7amorphosis* e da transformação do Hibria. Estamos muito felizes com o lançamento do sétimo álbum. Também agradeço ao público que está comprando o disco, que está divulgando, comentando e passando o material para os amigos. Fiquem ligados nas redes sociais do Hibria e de cada um dos seus integrantes também.

ANDRE MATOS MAESTRO DO ROCK

AINDA NÃO ASSISTIU A PRIMEIRA PARTE DO DOCUMENTÁRIO ANDRE MATOS, O MAESTRO DO ROCK?

AGORA POR R$ 23,00

O documentário está disponível de 3 maneiras!

VENDA NA LOJA DA ROADIE CREW
ROADIECREW.COM/ROADIE-SHOP

pix
VOCÊ TAMBÉM PODE FAZER UM PIX PARA
ANUNCIOS@ROADIECREW.COM

Depósito
DEPÓSITO BANCÁRIO BANCO BRADESCO
AGÊNCIA 0670 E CONTA 44875-3
EM NOME DE ROADIE CREW EDITORA LTDA

Enviar o comprovante do PIX ou DEPÓSITO para **andrematos@roadiecrew.com** para receber seu código e acessar o filme pelo Vimeo

ROADIE CREW

Alugue o documentário agora mesmo!
ROADIECREW.COM/ANDREMATOS

ROADIE CREW

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

Roberto SantAnna

O FIM

Eu estava no show do Kiss em São Paulo. Provavelmente, você também estava. Mais algumas dezenas de milhares de pessoas estavam lá, também. E foi muito mais do que um simples show. Afinal, foi a primeira grande apresentação de rock que aconteceu na capital paulista em mais de dois anos. O chapa Ricardo Batalha falou a respeito na resenha que publicou sobre o show no site desta ROADIE CREW e teve gente que foi além: segundo ouvi, parecíamos crianças que ficaram uma temporada presas no apartamento e que finalmente foram liberadas para brincar no playground. Nesse sentido, a última apresentação do Kiss no Brasil foi cercada apenas de coisas boas – e que se dane se Paul Stanley dublou *Tears Are Falling* do começo ao fim; ele já fez tanta coisa legal, com a cara pintada ou não, que a gente finge que não reparou, canta junto e bate palmas até a mão arder no final.

E aqui chegamos no ponto. Há três coisas no mundo da música que me chateiam muito: músico talentoso que abandona a carreira (o cara que mal sabe segurar um instrumento nem devia ter comprado um), casa de shows legal que baixa as portas (aquele muquifo fedorento nem precisava ter aberto) e banda boa que encerra atividades (a ruim sequer devia ter começado). Acho essas três coisas um desperdício de talento, uma verdadeira maldade com quem curte ouvir uma música legal, tocada por bandas/músicos talentosos em um lugar bacana e agradável. Mas sabemos que as coisas não são tão simples assim e que há uma série de fatores que levam as pessoas a tomarem decisões radicais como essas. No caso do Kiss, a coisa fica óbvia. Paul e Gene Simmons estão na casa dos 70 anos e, além da vida extremamente cansativa que é estar constantemente na estrada, temos que levar em conta que as indumentárias que a banda usa acabam sendo um dificultador a mais – como disse Gene recentemente, "Beyoncé e Mick Jagger desmaiariam em meia hora usando minha roupa de palco".

Além disso, há o que acabamos de falar: a condição vocal de Paul. Dono (antigamente) de voz cristalina e potente, parece hoje uma imitação do grande vocalista que foi. Ou seja, temos que nos conformar com o fim do Kiss. Mais que isso, temos que nos preparar para vários outros veteranos que em breve certamente vão pendurar palhetas, baquetas e microfones. Faz parte da vida. Por sorte, há toda uma geração de nomes novos e extremamente talentosos que vão substituir esses medalhões – quem acompanha a ROADIE CREW já conheceu vários aqui. Resta a nós dedicar a eles a mesma atenção que sempre demos aos nomes clássicos do rock. E agradecer a esses por tanta coisa legal que nos proporcionaram.

DISCOS BONS ÜBER ALLES

Vou misturar quatro vieses jornalísticos dentro deste espaço: crônica, resenha, jornalismo literário e artigo. Não sei que bicho dará. Portanto, conto com sua compreensão. Tudo partiu do 15º álbum de estúdio do Kreator, *Hate Über Alles*, e a possibilidade de entrevistar o guitarrista Sami Yli-Sirniö e o baixista Frédéric Leclerq em entrevista coletiva. Topei participar e comecei a matutar sobre como poderia apresentar o processo todo a quem se interessa pela banda. Aí decidi por tudo ao mesmo tempo até para que você que me lê saque como funciona o bastidor.

Ao aceitar, recebi um link para escutar o disco. Tarefa que executei com muito gosto, já que o Kreator sempre foi minha segunda banda do coração. E isso gerou a primeira das perguntas que fiz durante a coletiva: "Ao saber que o Kreator está para lançar disco novo, não consigo conter a ansiedade sobre o que virá. Felizmente, desde 2005 vejo uma subida constante de qualidade, algo que é bem raro. Cada lançamento tem sido melhor que o anterior. Como enxergam isso na banda?"

O guitarrista concordou, disse que eles encontraram o som meio que definitivo do grupo e que isso explica minha impressão. Já o baixista afirmou que nota a evolução, mas que acha que o 'turning point' (momento da virada) veio com *Violent Revolution* (2001) e não com *Enemy of God* (2005).

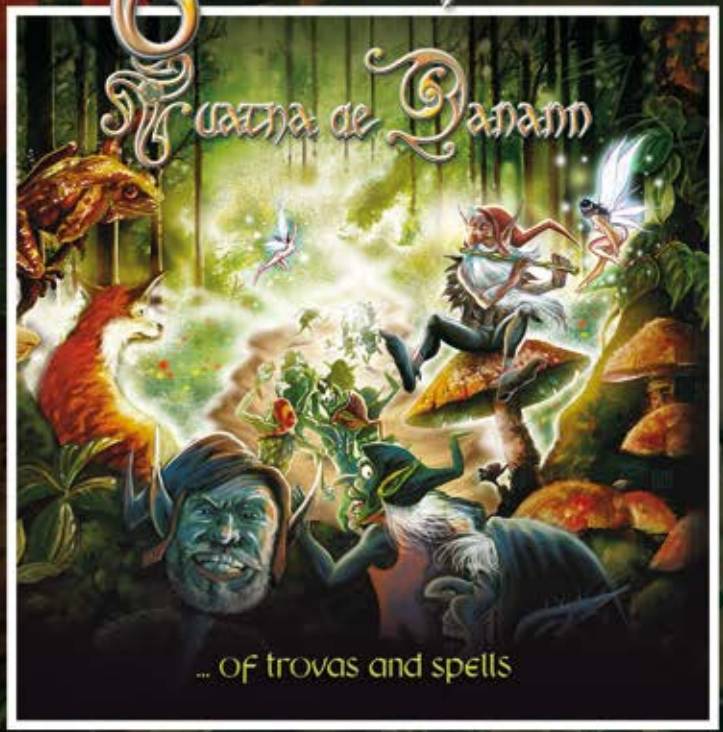
Fui sincero na pergunta, apesar de considerá-la pouco crítica. Pois o disco é uma sapatada fenomenal. Se você acompanha o Kreator e gosta dessa fórmula de precisão + agressividade que estabeleceram lá nos anos 1980, vai pirar com o novo trabalho.

Já a segunda pergunta a que tinha direito foi mais para o lado sociológico, pois entendo ser ousado lançar disco com o título (traduzido para) "ódio acima de tudo" em um momento social de quase obrigação de positividade sobre qualquer manifestação artística. Meu argumento foi que entendo que os headbangers não precisam se preocupar tanto com a correção política por terem lugar de fala desde os primórdios do gênero ao tratarem de críticas religiosas, temas de guerra, violência e injustiças em geral.

"É como você falou: nós adquirimos maturidade para falar sobre tudo isso com propriedade. Concordo com seu jeito de pensar o tema", respondeu o guitarrista.

Ainda falamos sobre a presença do grupo na série "Dark", como uma "pergunta bônus track", e já que o espaço serve igualmente como resenha, dou nota 9 ao álbum. Merece mais, só que a culpa do 9 e não 10 é da própria banda, que subiu a altura do sarrafo de qualidade lá em 1986, quando soltaram *Pleasure to Kill* (que merece nota 12).

Tuatha de Danann



... of trovas and spells

ANTOLOGIA QUE CELEBRA OS 25 ANOS DOS PIONEIROS DO FOLK METAL
COM 16 FAIXAS DE SEUS 7 PRIMEIROS ÁLBUNS

In Nomine Éireann

ÚLTIMO ÁLBUM DOS BARDOS MINEIROS HOMENAGEANDO A CULTURA E MÚSICA TRADICIONAL IRLANDESA.
Uma obra singular! Participações especiais de Keith Fay (Cruachan), Daisa Munhoz (Vandroya e Soulspell), John Doyle (Solas), entre outros. Em CD e vinil.

OUÇA AGORA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER MUSIC Google Play

foto: Rodrigo Barbieri ad: www.JDuarteDesign.com

PROFILE

RENATO GIMENEZ (VAZIO)

Por Ricardo Batalha • Fotos: Dani Moreira

Primeiro disco que comprou:
"*Metallica* - Metallica (1991)."

Melhor disco de heavy metal:
"*Screaming for Vengence* - Judas Priest."

Último disco que comprou:
"*Untrodden Corridors of Hades* - Varathron."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Thorns* - Thorns."

Música que mais gosta de tocar:
"*Elementais da Matéria Escura* - Vazio."

Música que melhor define sua carreira:
"*Nascido do Fogo* - Vazio."

Disco que mudou sua vida:
"*From Slavement to Obliteration* - Napalm Death."

Disco que mais ouviu na vida:
"*Abbey Road* - Beatles. Meu pai era beatlemaníaco, foi ele que me ensinou a tocar. Então ouvi muito o 'Fab 4.'"

Melhor capa de disco:
"*To Mega Therion* - Celtic Frost. Giger é insuperável."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Não daria nenhum disco, inimigos não merecem nada além da derrota."

Disco que gostaria de ter gravado:
"*Silêncio Fúnebre* - Armagedom."

Música que gostaria de ter composto:
"*Astronomy Domine*, do Pink Floyd. Syd Barrett era genial."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Rising* - Rainbow".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Horse Rotovator* - Coil."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*The Great Annihilator* - Swans."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
Mispyrming (ISL), Sinmara (ISL), Skid Raid (MÉX) e Indian Nightmare, que é uma banda de metal formada por imigrantes que vivem na Alemanha.

Três hinos do rock/metal:
"*In League with Satan* (Venom), *Ace of Spades* (Motörhead) e *Guerreiros de Satã* (Vulcano)."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:7
"*Lonely is the Night*, do Air Suply". Essa derrete o coração e encomenda o seu caixão..."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Nação Zumbi."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Angus Young."

Site:
www.vazio.bandcamp.com

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Atualmente não tenho aspiração de tocar em outra banda, concentro todo o poder de fogo no Vazio."

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"*Noite Preta*, da Vange Leonel."

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Bateria, mas definitivamente não nasci pra isso. Sou um desastre."

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"*Planet Caravan*, do Black Sabbath, ou *Eye in the Sky*, do Alan Parsons Project."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Minimal techno, noise industrial e pirações eletrônicas em geral."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Dono de um bar de rock bem barulhento, mas eu provavelmente beberia todo o estoque com meus amigos, então não daria certo. Vamos deixar como está."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Em 2012, na Suécia, eu estava tocando guitarra no Social Chaos e após o show um rapaz me pediu pra autografar um disco. Reparei que era um que eu não havia gravado (*Ciclo da Traição*), pois a banda tinha outra formação. Tentei explicar que naquele disco o guitarrista era Alex Bucho (R.I.P.), mas o cara não quis saber e disse: 'Just sign it!' (risos)."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Consigo pagar as minhas contas com música. Laroyê exu!"

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

16ª EDIÇÃO

17ª EDIÇÃO

18ª EDIÇÃO

19ª EDIÇÃO

20ª EDIÇÃO

21ª EDIÇÃO

22ª EDIÇÃO

23ª EDIÇÃO

24ª EDIÇÃO

25ª EDIÇÃO

26ª EDIÇÃO

27ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management, Booking, Press & Promotion

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELI-TONTOMASI

arte: www.polarvetdesign.com

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Edu Lawless

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

EORGE LYNCH

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Canal Telegram: t.me/BRASILHQS

ed Brain

Maledictus

Seventh Storm

OUT 12.08!

Ex-Moonspell drummer Mike Gaspar returns with his stormy new band! Melancholic metal with thunderous riffs and depth

CD Digipak I Colored Vinyl I Digital with 3 bonustracks!

primal fear

New edition of this classic. Deluxe edition with enhanced booklet, rare photos, linernotes and three bonustracks. A must-have!

OUT 15.07!

SINNER is back! 12 great hardrock-hymns, with guests from Eclipse, Evergrey, Rainbow, Benediction and more!

OUT 15.07!

CD digipak I Colored vinyl I Digital
Limited edition box with vinyl and CD

ATOMIC FIRE

Exclusive editions and merchandise:

www.atomicfire-records.com

www.facebook.com/atomicfirerecords | www.instagram.com/atomicfirerecords

ada

Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/Brasiljornais

Clique aqui!

Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!